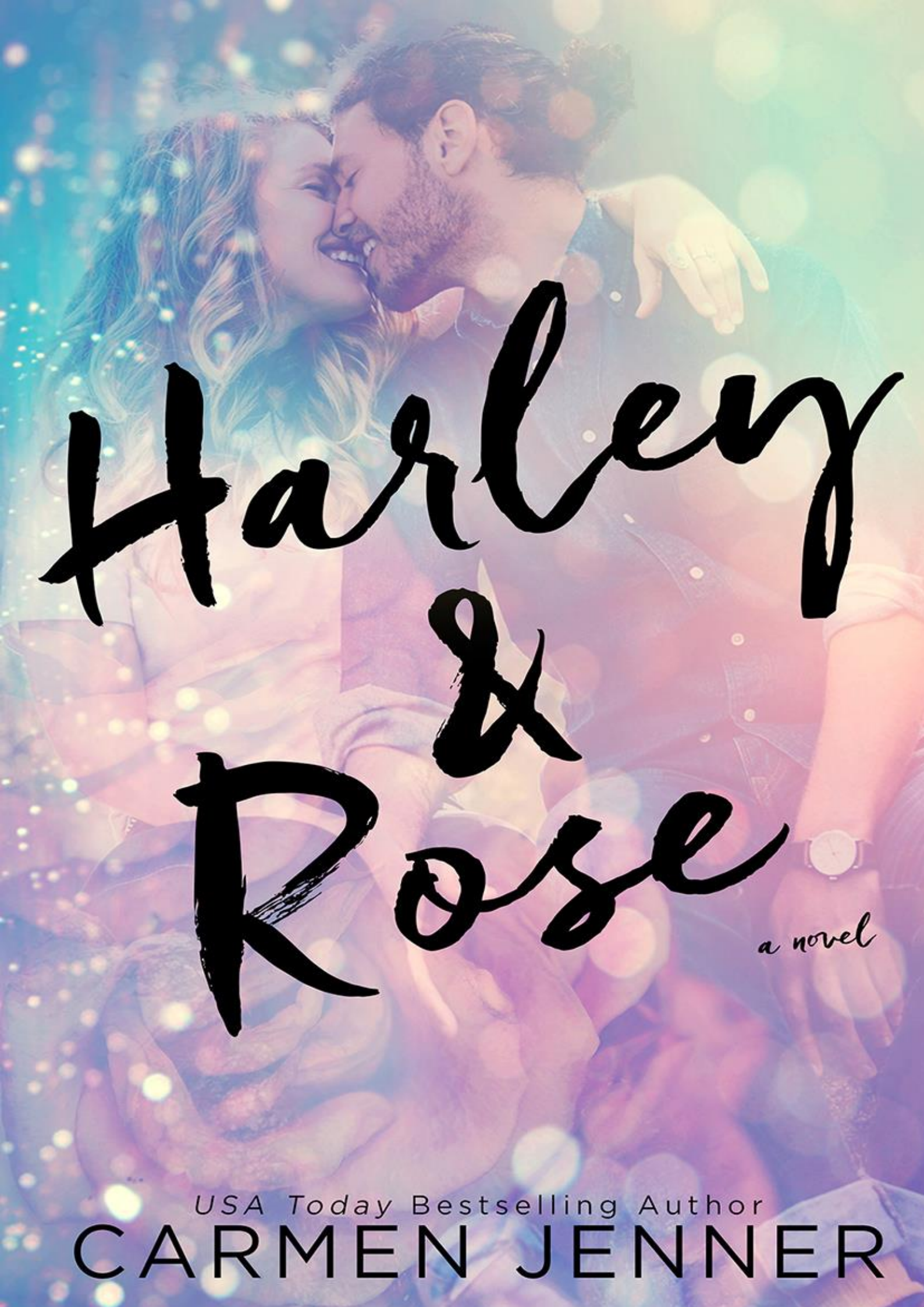
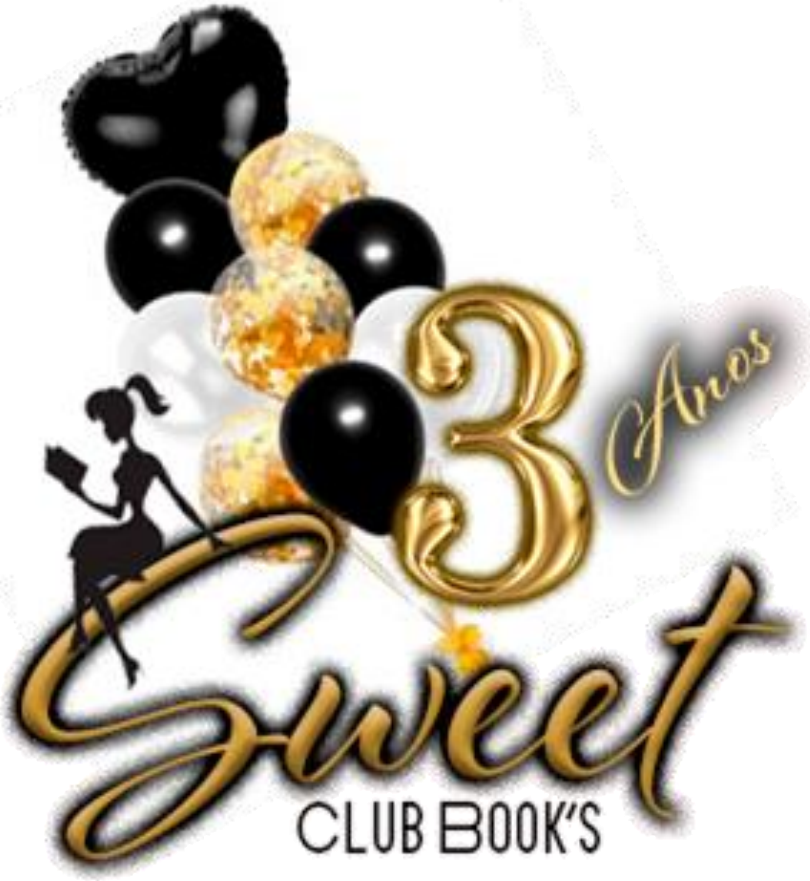

Harley & Rose
a novel
USA Today Bestselling Author
CARMEN JENNER



Disponibilizaçao: Eva Pride

Traduçao: Ester, Fabiana, Juliana, Maria Clara

Revisao Inicial/Final: Faby Pride

Leitura Final: Perpetua Batista

Formataçao: Eva Pride

Fevereiro/2020

Desde pequena Rose, de 30 anos, sonha com o dia em que Harley a levará através do limiar da porta na lua de mel. E daí que este não é o dia do seu casamento de verdade e ela só está aqui porque Harley foi deixado no altar algumas horas antes?

Trocando São Francisco pelo paraíso e trocando o buquê de dama de honra por um drink Blue Hawaii, Rose espera poder finalmente escapar da zona de amizade.

Era uma vez... eles sendo mais do que amigos, mas a vida atrapalhou. Ela passou todos os dias desejando que Harley percebesse.

Ela sempre foi sua melhor amiga.

Ele sempre foi dela.

Ela está apaixonada por ele.

Ele não... está apaixonado por ela.

Ele está.. se casando com outra pessoa.

Ele está... escondendo alguma coisa.

Ele está... bem, é complicado.



Apenas sempre espere por mim.

— JM Barrie, Peter Pan.

Capítulo um

Rose

Os casamentos são um momento de alegria, de celebração e amor. O que eles não deveriam ser é miseráveis. Eu sonhei com esse dia desde os cinco anos de idade, e se você perguntasse a pequena Rose como eu via este dia, gastar meu tempo bêbada e seminua enquanto meu melhor amigo lamenta a morte de seu relacionamento na suíte presidencial do nosso hotel, não foi uma dessas formas.

É verdade que eu também não estaria vestida de amarelo canário. Eu não teria escolhido a flor jasmim-manga que atualmente viola a santidade deste quarto com seu cheiro enjoativo e seus rostinhos felizes e amarelos, e eu não estaria sentada ao lado do meu melhor amigo enquanto ele soluça no meu decote após a cadela com quem ele pretendia se casar, deixá-lo pelo instrutor de Krav Maga cinco minutos antes do casamento.

Ok, então Harley não está chorando, e não é como se eu tivesse acabado de mostrar meus seios e dissesse: “Aqui, deixe minhas meninas serem seu conforto nesta hora de necessidade.” *Okay*. É tudo muito mais inocente que isso. Harley está simplesmente descansando seu rosto glorioso nos meus seios enquanto eu afago seus cabelos castanhos para trás.

Completamente inocente.

Ainda assim, o casamento do meu melhor amigo não deveria ser assim. Eu deveria ter sido a mulher deslizando em sua direção no altar. Eu seria uma visão em um vestido de baile da Vera Wang com um corpete drapeado, um decote coração e uma saia de tule fofa. Meu buquê seria composto de peônias coradas, rosas brancas

grandes e um toque de astilbes cor de rosa. Mas o melhor de tudo é que diríamos 'sim' na frente de nossos amigos e familiares em uma cerimônia de inspiração vintage em uma tarde de abril. Haveria uma van de sorvete de prontidão para convidados com fome e um bolo *Gourmet dos sonhos de* quatro camadas com rosas, peônias e hortênsias em cascata delicadamente cobertas por toda parte. Dançaríamos nossa música favorita de Jeff Buckley — Lilac Wine — sob um mar de estrelas e lanternas de papel no Conservatório de Flores de San Francisco.

Obviamente, eu havia pensado muito em nosso casamento.

Felizmente para nós dois essa monstruosidade amarelo-canário não foi o *nosso* casamento, e louvado seja o bebê Jesus, a Puta Malvada da Costa Oeste se foi. Infelizmente, Harley não está feliz com esse fato.

Em algum lugar do meu cérebro confuso pelo champanhe, estou completamente ciente de que não adianta Harley chorar no meu decote duas horas depois que foi tão sem cerimônia despejado no altar, mas a bêbada Rose não se importa que ele esteja usando meus peitos no lugar de um lenço de papel.

"Ela se foi. A cadela me deixou no altar", ele diz pela milionésima vez, e eu tento não bater na cabeça dele do jeito que fazia quando éramos crianças. *Claro que ela o deixou*. Ela é uma prostituta caça-fortunas e tem mais garras Gucci do que bom senso.

"Eu sei Pan", tento acalmá-lo.

"Você é a única, sabe disso, certo?"

"Eu sei." A única que o entende? A única que está sempre lá e nunca vacila? A única que ele ainda ama depois de todo esse tempo? *Sim, se meus desejos fossem cavalos, eu teria um haras*. Não importa qual 'a única' ele quer dizer, porque tudo isso é verdade, exceto a última. Eu seria a única dele pelo resto dos

meus dias se ele me deixasse. Se ele tivesse tentado abrir seus malditos olhos.

Traço as linhas do seu rosto, o inchaço ao redor dos olhos, a ponte do nariz, os ângulos suaves de suas maçãs do rosto e sua mandíbula afiada com sua barba grossa. É bom poder tocá-lo assim novamente, sem a Barbie Puta atirando punhais em mim. Além disso, não é como se nos tocar fosse algo novo para nós. Harley e eu estamos juntos desde os cinco anos de idade. Bem, não *juntos* — obviamente, porque ele ia se casar com outra pessoa — mas juntos no sentido de que somos melhores amigos desde o primeiro dia do jardim de infância.

Os Hamilton se mudaram para a casa geminada de arquitetura Eduardiana ao lado da nossa, em Noe Valley, San Francisco, dois dias antes do início do ano letivo, e o quarto de Harley ficava em frente ao meu. No dia em que eles se mudaram, ele acenou pela janela aberta. Eu mostrei minha língua e fechei minhas cortinas.

No primeiro dia de volta às aulas, Bryson Hopper me empurrou na areia. Harley me ajudou a levantar, e depois eu o empurrei. A partir desse dia nós pegávamos no pé um do outro. Também tocamos em outras coisas que não envolvem botões ou qualquer tipo de roupa, e sim algo como uma falta definitiva disso.

Ele balança a cabeça. “Porra. Gastei uma maldita fortuna neste casamento. O fornecedor ainda precisa ser pago por toda a porcaria da comida que não comemos, sem mencionar o local, os músicos e as flores.”

“As flores foram um presente meu e se você pensar em tentar me dar dinheiro por elas vou te machucar, Harley.”

“Elas eram lindas; você sabe né?” Sua cabeça está no meu colo agora, fazendo com que os músculos da minha barriga e outras coisas mais abaixo se contraiam e doam. “Suas criações sempre são.”

“Bem, eu posso ter cedido aos jasmins-manga da festa nupcial, mas de jeito nenhum deixaria que ela escapasse cobrindo todas as superfícies do local com eles. Você consegue imaginar olhar para essas fotos daqui a dez anos?” Pergunto exasperada. Harley não responde, porque ele sabe como eu fico com as noivas e suas escolhas erradas de flores. Você quer que o dia mais feliz da sua vida pareça atemporal e bonito, não como se tivesse participado de um luau brega da Barbie em Malibu. E se é isso que você gosta, então precisa de uma coisa nova... e possivelmente da ajuda de alguém como Dale Tutela. Esse homem é um deus com planejamento de eventos.

“Se eu tivesse tudo do meu jeito, seria maravilhoso”, digo sem fôlego, sonhando com o casamento que planejei mais da metade da minha vida. Olho para Harley, cuja expressão parece tão vazia, seus brilhantes olhos azuis tão assombrados que partem meu coração em um milhão de pedaços. Por outro lado, alguns pedaços do meu coração despedaçado estão pulando de alegria. Isso me faz uma amiga horrível, porque não deveria estar feliz agora. Eu não deveria estar, mas estou. Meu melhor amigo está com o coração partido, largado no altar e estou bêbada e feliz. Devo salientar que ele também está bêbado, por isso não é como se eu estivesse bebendo garrafas de champanhe e brindando a vida dele sozinho, mas mesmo assim, a culpa invade meu interior porque esse dia começou como o mais feliz da vida dele e o pior da minha, e de alguma forma tudo ficou de cabeça para baixo.

“O que eu devo fazer?” Harley sussurra.

“Não há nada que você possa fazer. Exceto abrir outra garrafa deste champanhe fino que os pais da puta pagaram.” Levanto a bebida em questão e a aperto fortemente contra a mão, que na maioria das vezes permanece intocada. “Então, você vai lamber suas feridas e pegar um voo para o Havaí, onde pode passar a semana inteira do que deveria ser sua lua de mel esparramado naquela grande e linda cama. Você pode dormir o dia todo, comer comida deliciosa, tomar coquetéis e, quando decidir se mudar para

lá permanentemente, nem se queixará quando sua melhor amiga for morar no seu quarto de hóspedes."

"Venha comigo."

Eu inspiro profundamente. "O que? Ah não. Não, isso é uma péssima ideia."

"Por quê? Como é diferente de nós dois passarmos o fim de semana de carro dirigindo até Big Sur ou irmos à cabana sem nossos pais?"

"Tudo bem, para começar, isso não é Carmel ou Big Sur, é o Havaí." Eu descanso minha mão livre em seu peito. Seus batimentos acelerados sob minha mão fazem com que meu próprio coração pule algumas batidas. "Em segundo lugar, é sua lua de mel, Pan. Não posso ir à lua de mel com você.

"É meio difícil ter uma lua de mel sem uma noiva."

Eu dou um tapinha na lateral do seu rosto e ele se inclina na minha mão. "Ninguém entenderia. Você precisa fazer isso sozinho, Harley."

"Foda-se todo mundo. Eu não quero fazer isso sozinho", Harley retruca. Eu me encolho um pouco e ele exala alto. Seus olhos se fecham e sua voz é suave e infeliz quando ele diz: "A última coisa que preciso é ficar sozinho agora."

"Você não pode levar outra mulher em sua lua de mel. Dá... azar. Além disso, eu tenho a loja e duvido muito que conseguirei um quarto em tão pouco tempo."

Seus olhos se abrem e ele olha para mim. "Por que diabos você precisaria de um quarto?"

"Porque não podemos dormir juntos."

"Por quê?"

Meus olhos percorrem a luxuosa suíte, procurando por algo, qualquer coisa que constitua uma desculpa válida. Mais uma vez, meu foco se concentra nos meus seios. “Sou autoconsciente.”

Harley ofega. “Sobre o que? Seu ronco? Essa merda não é novidade, Rose. Dormimos juntos várias vezes.”

“As coisas são diferentes agora...”

“O que é diferente? Que você tem um par de peitos matadores? Eu vi tudo. Não é como se eu fosse surtar porque você tem partes femininas. Estive lá e aproveitei, lembra?”

“Sim, eu lembro.” *Oh Deus, eu lembro.* Suas mãos hábeis, lábios macios, barba por fazer, o peso de seus quadris enquanto pressionavam os meus e o deslize deliciosamente úmido de nossas respectivas partes de menino e menina se unindo. A maneira como sua boca se inclinou no canto em um sorriso satisfeito logo depois que ele gozou. Lembro-me muito bem, e é exatamente por isso que é uma má ideia.

“Por favor?” Ele implora, e sua voz está cheia de emoção. Meu coração aperta. “Não posso fazer isso sozinho. Venha comigo.”

Oh eu quero. Eu quero ir e gozar... maldito seja ele. Estou prestes a cometer o maior erro da minha vida, porque nunca posso dizer não a Harley, e ele sabe disso. Ele inclina a cabeça e me dá esses estúpidos olhos de cachorrinho que sempre foram minha ruína — eles sempre me levaram a um desastre após o outro. É por isso que eu o chamo Pan. Ele é o garoto perdido original, e sempre foi muito bom em fazer com que eu o siga como uma Wendy apaixonada por Peter.

“Por favor?” Ele sussurra, e me entrego. *Bastardo manipulador.*

Balanço a cabeça e solto um suspiro resignado. “Quando vamos?”

Harley olha para o relógio. “Porra, tipo em quatro horas.”

“Você me deve”, aviso.

“Sim, eu devo a você. Vou te dar o que quiser — construirei para você um maldito monumento no Golden Gate Park por ser a melhor amiga que um homem pode ter, por favor, Rose, por favor, não me faça ir sozinho.”

“Tudo bem”, digo, sorrindo. “Mas eu pego o assento na janela.” O empurro do meu colo e lentamente e com muito cuidado — em outras palavras, bêbada — eu me levanto.

Harley resmunga e deita a cabeça no chão. “Aonde diabos você vai?”

“Minhas malas, idiota. Eu tenho um avião para pegar.”

“Não vá”, ele lamenta, passando a mão em volta do meu pé. “Nós vamos comprar essas porcarias para você quando chegarmos lá. Tudo o que precisa é de dois biquínis.”

Afasto-o e lanço um olhar que diz que ele deve calar a boca rapidamente. Ele sorri por um momento antes que se perca na sombra do desespero que sufoca a luz de seus olhos. “Em uma hora passo para buscá-lo. Não adormeça.”

“Não adormeça”, ele murmura. “Ok.”

“Você tem tudo o que precisa, certo?”

“Tudo, menos minha esposa.” Ele levanta a garrafa de champanhe em um brinde. “Um brinde a isso.”

Por dentro eu me encolho, mas por fora apenas sorrio e digo: “Pan, quando terminarmos essa pseudo lua de mel, você terá esquecido tudo sobre a mulher que o deixou no altar. Vou me certificar disso.”

Com outro aviso sobre ele adormecer, arrumo meu vestido, aliso meus cabelos e saio do quarto. Eu praticamente caio sobre o

camareiro que está carregando um carrinho com champanhe, morangos e o que parece ser um quilo de chocolate para o quarto 317. “Oh, merda. Ninguém cancelou esse pedido, hein?”

“Desculpe-me?” O camareiro pergunta. Ele tem um rosto de bebê e cabelos loiros avermelhados, e é fofo do estilo de *garoto que mora ao lado*. Bem, talvez não do *meu* jeito garoto que mora ao lado, porque o garoto que morava ao meu lado era e ainda é — obrigada, Jesus — um completo nocaute.

“Você está levando isso para 317, certo?”

“Sim, o Sr. Hamilton pediu que fosse prontamente entregue na sala às 20h.”

“Sim, mas é o seguinte”, eu digo. “Quando o Sr. Hamilton ordenou isso, não sabia que sua futura noiva era uma mentirosa e trapaceira que o deixaria no altar. Então, correndo o risco de ele perder a cabeça e destruir o quarto do hotel, provavelmente é melhor se você apenas se virar e levar isso de volta para a cozinha.”

O garoto olha para mim como se eu tivesse acabado de chutá-lo na canela. “Mas já foi pago pelo...”

Pego o cartão branco perolado da bandeja escrito *parabéns* e tiro uma caneta da minha bolsa. “Eu te digo o que fazer, por que não leva isso para o quarto 313? Os pais dela estão no final do corredor.” Faço um gesto preguiçoso com a mão na direção da suíte, embora eu saiba que poderia estar apontando em direção ao elevador de serviço porque o homem-menino de macacão está olhando para o corredor, parecendo confuso. “Talvez eles possam tomar uma bebida depois que a filha acabou com um casamento de cinquenta mil dólares.”

“Eu não acho que posso fazer isso...”

“É claro que pode.” Coloco o cartão recém-editado de volta na bandeja e tiro algumas notas, empurrando-as no bolso da camisa dele. Ele hesita quando lê minha letra rabiscada desfigurando o cartão.

Parabéns!

Sua filha é uma vaca.

"Eu não posso dar isso a eles." O filho homem balança a cabeça, e eu abaixo a minha para poder ler seu crachá. É possível tornar-se de repente disléxico? Porque acho que isso pode ser uma coisa. Bran (Farelo). Esse é um nome esquisito e, em uma cidade cheia de descolados, você ouve muitos nomes esquisitos.

"Bran", eu digo, e jogo um braço em volta do ombro dele, como se fôssemos amigos de longa data.

"É Brian, na verdade."

"Bra-in", corrijo e enrugo o rosto, perguntando-me por que seus pais escolheriam um nome tão difícil para o filho. "Vou lhe dar todo o dinheiro da minha bolsa, se levar esse cartão e o carrinho para o quarto 313."

"Senhora..."

Eu suspiro alto. O som ecoa pelo corredor vazio. "Você não acabou de me chamar de senhora. Não é legal, cara. Eu sou jovem. Sou descolada e tenho seios totalmente ótimos." Pego os peitos em questão e os agito para provar meu argumento.

Ele lambe os lábios no que parece um gesto nervoso, seu olhar dispara para o meu decote e volta para o meu rosto como se ele estivesse com medo de que eu pudesse dar um tapa nele por seus esforços. "Você... você é. Você tem seios totalmente ótimos."

"Não é?" Eu concordo. "Você não pode chamar uma mulher que tem ótimos peitos de 'senhora'. Vai destruir a sua alma."

"Desculpe", ele diz, mas Bran não parece arrependido.

Pego um morango da bandeja e mergulho no chocolate, então enfio tudo na boca, enquanto faço o sinal universal com as sobrancelhas levantadas e a cabeça balançando para os meus

ótimos peitos. “Vamos lá, cara. Apenas leve o carrinho para 312, por favor?

“Eh... você disse 313.”

“Exatamente.” Levanto as mãos em concordância exasperada, tropeço em torno da homem-menino não tão brilhante conhecido como Bran, e ando pelo corredor até o elevador, sorrindo o tempo todo porque eu estaria mentindo se dissesse que não estou feliz que meu melhor amigo não está usando uma aliança no dedo agora.

Quem se casa em fevereiro, afinal? Isso pode ser bom se você mora no Canadá e não tem problema em congelar as partes da sua dama em um casamento de inverno branco, mas em um casamento em San Francisco? Não. A menos que esteja esperando que sua noiva apareça e flutue na próxima grande rajada de vento. Acontece que não precisamos do clima de San Francisco para perder a noiva de Harley, mas isso não importa, porque não era para ser o dia do casamento dele. E ele não foi feito para andar pelo corredor com aquela desleixada ao seu lado.

Um dia, serei eu observando como seus olhos se enrugam nos cantos e se enchendo de lágrimas enquanto ando em sua direção. Um dia, será meu anel que ele usará e eu, usarei o dele. Um dia vou me casar com meu melhor amigo.

Eu só preciso de um pouco de tempo para convencê-lo disso.

Capítulo dois

Rose

Viro a chave na fechadura e tropeço pela porta da frente da minha loja, Darling Buds. Sim, o nome pode ter sido inspirado por nosso amor compartilhado por *Peter Pan*, de JM Barrie, mas dez anos interpretando Wendy Darling com o Peter de Harley fizeram isso com uma garota, suponho. Só para irritar o sempre apaixonado idiota do meu melhor amigo, gosto de dizer que veio do romance de HE Bates, The Darling Buds of May. Eu acho que ele sabe que isso não é verdade.

A Darling Buds é uma pequena loja 24th Street. com um apartamento na parte de cima. Está entre uma boutique de decoração de casa cafona e uma livraria independente, e fica a apenas meia quadra de um dos menores supermercados Wholefoods que você já viu. E a melhor parte de morar onde trabalho? Sem deslocamento diário. Também fica a algumas portas do apartamento de Harley, e é por isso que nunca vou me mudar. A menos que ele se mude.

Eu sempre amei flores; eu amo colocar as mãos no solo e cultivar coisas desde que era criança. Quando Harley passava seus caminhões Tonka pela terra, eu plantava folhas de grama e imaginava que elas floresceriam em botões de rosas gostosos e cheirosos ou em um pé de feijão que chegaria ao céu. Para o desgosto de minha mãe, quando chegou à hora de me despedir no funeral do meu avó, fui encontrada reorganizando as guirlandas e a coroa de flores do caixão — porque todo mundo sabe que você não coloca narcisos em um buquê misto, e se não sabiam, eles descobriram naquela hora.

Recolho meus produtos para o rosto, escova de dente e pasta de dentes e alguns itens de maquiagem de baixa manutenção, colocando-os em uma mala de viagem e jogando na cama, depois tiro minha mala do armário e começo a jogar aleatoriamente artigos de maquiagem. Roupas. Estou escolhendo entre dois pares de maiôs quando uma chave desliza na fechadura no andar de baixo. Meus pais são os únicos com uma chave, então não penso muito no que eles estão fazendo aqui e continuo fazendo as malas.

"Bem, ela deve estar aqui; as luzes estão acesas," minha mãe diz, presumivelmente para meu pai.

"Mãe?"

"Oh, Rose, que bom que você está aqui. Ela está aqui, Herb."

"Eu ouvi", papai diz com naturalidade, enquanto os passos de minha mãe ecoam pelas escadas. "Tudo bem, traga-os."

Eu corro para fora e quase colido com minha mãe na escada de frente para a loja. Ela trocou o vestido de coquetel de renda bordada com cordão azul marinho Tadashi Shoji para um conjunto de veludo rosa quente com Juicy estampado na bunda. Para uma mulher que possui basicamente todos os vestidos que Diane Von Furstenberg já exibiu, surpreende-me que os dois itens coexistam pacificamente em seu guarda-roupa. Fora as roupas de lazer embaraçosas, minha mãe tem um gosto impecável; ela é como a Blythe Danner de SF. Meu pai, por outro lado? Não muito. Ele usa coletes xadrez argyle o ano todo, a menos que haja uma reunião a participar, e depois troca o argyle por tweed. Hoje ele está com um agasalho da Adidas. *O que está acontecendo com meus pais agora?* Alguém colocou LSD no meu champanhe? Noto que meu pai também está pedindo que os entregadores tragam todos os arranjos do casamento. Casamento de Harley.

"Ah, o que está acontecendo?" Exijo enquanto minha mãe para na minha frente no alto da escada.

“Nós pensamos em trazer isso de volta. Parece um desperdício terrível não os revender.”

“Eles eram um presente, mãe”, explico. Não tenho tempo para entrar em detalhes sobre o fato de não poder revender flores que já foram cortadas e enfeitadas, ou as peças centrais que começarão a cair em algumas horas.

“Sim, e o casamento foi cancelado. Tradicionalmente, se um casamento não acontece, as pessoas recebem seus presentes de volta.”

“Mãe, você não pode devolver os arranjos de flores. Eu não posso vender isso. Eles estiveram no hotel o dia todo e começarão a morrer em breve.”

“Oh, relaxe.” Ela me acena com um gesto de mão preguiçoso. “Rochelle disse para trazê-los de volta para cá. Eles estão arrasados, a propósito. Como está o Harley?”

“Bem, vamos ver, a noiva dele o deixou no altar e ele foi humilhado na frente de duzentos amigos, parentes e estranhos. Como acha que ele está?”

“Pobre garoto. Ainda assim, ele desviou de uma bala se você me perguntar. Eu sabia que a prostituta não passaria por isso; pude ver que ela tinha medo pré-casamento a um quilometro de distância.”

“Mãe!” Eu grito.

“Bem, é verdade.” Ela volta pelas escadas e, porque eu conheço meus pais, e sei que não há como impedir o desastre acontecendo lá embaixo, eu me arrasto de volta à minha mala e continuo a enchê-la com coisas. Não sei de que coisas, porque até agora estou decidida pelo fato de ter produtos de higiene pessoal na minha bolsa e possivelmente uma camiseta — todo o resto, não tenho certeza.

Há um estranho lá embaixo. Eu escuto um pouco. Não ouço palavrões abafados ou gritos de pânico porque alguém caiu pela janela, então continuo fazendo as malas, mas dou a minha mãe um olhar severo. “Por favor, diga ao papai para não quebrar nada?”

“Onde você está indo?” Minha mãe olha para a mala com desconfiança. “E por que não está com Harley?”

“Estou fechando a loja por alguns dias. Preciso de um descanso e não posso confiar em ninguém para administrar este lugar sem mim, então vou...”

“O que eu sou, um zero à esquerda?” Ela interrompe.

“Como assim, você está fechando a loja?” Meu pai explode lá embaixo. “Tempo é dinheiro, querida. Você acha que a Saks da 5th Avenida fecha suas portas porque precisam de um dia de folga?”

“Uma loja de flores é um pouco diferente da Saks, pai. Tenho uma clientela regular de vinte e cinco pessoas; eu nem estou no mesmo universo que a Saks.”

“Ainda assim, só há uma maneira de eles serem tão grandes.”

Suspiro e esfrego minha têmpora. “Ahhh. Eu não... não tenho tempo para nada disso.”

“Bem, qual é a pressa?” Mamãe pergunta, franzindo a testa enquanto olha em volta do meu pequeno apartamento. “Por que está saindo no meio da noite como um fugitivo? Por que você não pode sair amanhã?”

“Porque nosso voo sai daqui a três horas e eu levarei 45 minutos para atravessar a cidade.”

“Nosso voo? Com quem vai embora?”

Fecho os olhos porque sei o que está por vir.

Quando os abro novamente, minha mãe está me olhando com uma expressão horrorizada. “Oh Rose. Você não vai fazer isso não é?”

“Ele pediu. O que eu deveria fazer?”

“Ele perguntou se poderia colocar o pênis na sua vagina quando você tinha cinco anos também, mas você deixou? Não.”

“Por favor, não fale sobre a vagina da minha filha”, papai murmura lá de baixo. “Espere, você conheceu um homem?”

Enfio os dedos nos cabelos, bagunçando o penteado cuidadoso que um cabeleireiro passou quase uma hora fazendo. Ainda não estou completamente sóbria e já tenho uma ressaca. “Eu irei com Harley, pai.”

“Oh, tudo bem então”, ele murmura, e volta a instruir os homens que fazem barulho na minha loja.

“Ele está indo em lua de mel”, minha mãe grita, como se eu não estivesse de pé a um metro de distância. “Você não pode fazer isso, Rose. Herb, por favor, coloque algum sentido em sua filha?”

“Você está fazendo um grande negócio por nada.” Volto para a minha cômoda para evitar seu olhar que tudo vê. A mulher é mais negativa do que as rainhas no *Drag Race* de *RuPaul*. “Ele é meu melhor amigo e está com o coração partido. Não quer ir sozinho.”

“Então diga a ele para levar Rochelle.”

“Ok, a única coisa pior do que não sair de lua de mel com sua nova esposa é ir com sua mãe.”

“Por que ele não apenas troca as passagens?”

“Porque talvez ele precise de um descanso de todas as perguntas que está prestes a enfrentar. Mãe, eu nunca disse nada quando você se meteu na minha vida, mas vou ser inflexível sobre isso. Harley é meu amigo; vou com ele em um nível

amigável. Seremos apenas dois amigos no Havaí, tomando banho de sol, bebendo Mai Tais na praia e tentando esquecer tudo sobre a puta que partiu seu coração."

Quanto mais tento convencê-la, mais me convenço. *Nós precisamos disso*. Nós dois trabalhamos muito e, desde que Alecia se colocou entre nós há um ano, Harley e eu fomos lentamente nos afastando. Umas férias no paraíso é exatamente o que precisamos.

Minha mãe passa por mim e pega minha mão, levando-me para a entrada da minha cozinha. "Eu até poderia acreditar nisso, se fosse outra pessoa. Mas eu te conheço, Rose Perry, e sei que está apaixonada por esse garoto desde o primeiro dia do jardim de infância."

Isso não é exatamente verdade. Não sou apaixonada por Harley esse tempo todo — quase todo. Eu tive outros namorados, e tive períodos em que nem gostava de Harley, muito menos o amava. Tudo bem, agora não é um desses momentos, mas ela está muito enganada. Ok, talvez ela não esteja *tão* enganada, apenas e principalmente enganada.

"Já pensou sobre o que isso fará com você?"

"Já saímos em muitas férias juntos. Somos adultos." Argumento, mas meus protestos soam frágeis, até para mim. "Ele está com o coração partido."

"E você está como?"

"Estou bem", digo, com um decibel muito mais alto do que o necessário. "E realmente preciso fazer as malas."

"Então faça as malas. Não me deixe te parar."

E não deixo, embora eu deseje, porque todo maiô que coloco na minha bolsa, minha mãe torce o nariz sobre a cara taça de vinho que ela pegou da minha cozinha. O mesmo que eu planejei abrir e me embriagar depois desse casamento horrível.

Pego a garrafa da mesa de cabeceira e a viro diretamente na boca. Precisarei de toda a coragem que possa conseguir, se vou passar as próximas horas desta noite sem pensar muito nas palavras de minha mãe.

Capítulo três

Rose

Depois que minha mãe consome metade do vinho e eu praticamente inalo a xícara de café que meu pai me faz na máquina de café expresso da loja, que custa o dobro do meu aluguel por mês, saio da loja em um táxi e meu coração e minha corrente sanguínea, já sóbrios, no caminho para pegar Harley. Quando tento despertá-lo — o bastardo de fato adormeceu — ele não está mais entusiasmado com a viagem agora do que há uma hora. Embora tenha ficado um pouco mais entusiasmado com o champanhe que eu deixei porque ele estava frio, e com uma garrafa vazia sobre a mesa de café e outra derramando sobre o tapete. Pego suas roupas do chão e as jogo em sua mala. E então o jogo no chuveiro e desço para pegar um café e pagar o extra da conta da limpeza.

Quando chego à sala com dois cafés a tiracolo, Harley sai milagrosamente do chuveiro, mas a água quente não o deixou sóbrio. Ele se senta, apenas de toalha, na beira da cama, tirando a garrafa de champanhe que estava vazando por todo o chão.

"Ok senhor, vamos guardar a bebida, porque o champanhe nunca foi seu amigo e temos um avião para pegar." Ponho meu café no lugar e substituo a garrafa na sua mão por um copo de papel fumegante.

Ele o coloca na boca, mas não o bebê. "Ela me deixou."

Meus ombros caem em derrota. "Eu sei querido."

"Não posso dizer que a culpo, mas ainda assim, ela disse para sempre, sabia?"

Sento-me na cama ao lado dele e envolvo meu braço em seu ombro. Gotas de água de sua pele escorrem pelas minhas mangas, mas apenas o seguro mais forte. “Então ela não era certa para você. Eu sei que dói agora; vai doer por mais um tempo ainda...”

“Quem é?”

“O que?”

Ele se endireita, fazendo meu braço escorregar de sua pele molhada e me olha nos olhos quando diz: “Quem é a certa para mim?”

Eu. Sou certa para você. Eu sou a mulher com quem você deveria se casar.

Olho para o café que estou bebendo. “Não sei, mas tenho certeza de que ela está lá fora em algum lugar.”

Harley me entrega seu copo de papel e fica de pé. Ele ajusta a toalha, vai até a mala e fica olhando para seus pertences, mas não se mexe para vestir nenhuma das roupas. “Talvez essa não seja uma boa ideia.”

Não, não, não. Esta é uma ótima ideia. A melhor ideia de todos os tempos.

“Vamos. Você precisa disso. *Eu* preciso disso. Vamos apenas nos divertir. Você se lembra de diversão, certo? Costumávamos ter muito antes de começarmos a pagar impostos e brunch com nossos contadores, e antes dos noivos aparecerem.”

“Noiva”, ele corrige. “Não é como se você estivesse se casando e fugindo do altar.”

Ai.

“Certo, bem, antes de ela aparecer, costumávamos nos divertir. Vamos voltar a isso. Beberemos Mai Tais na praia, nos bronzearemos até parecermos com lagostas, e depois ficaremos à

beira da piscina o dia todo e fingiremos que todo esse casamento não existe."

"Sim", ele diz com um pequeno aceno decisivo. "Foda-se Alecia."

"Esse é o meu garoto. Agora se vista. Ou vamos nos atrasar."



Depois que fizemos o checkout e organizamos a entrega das caixas de champanhe para o apartamento de Harley, pegamos um táxi, passamos pela segurança e chegamos ao nosso portão com trinta minutos de sobra. Depois que embarcamos, Harley se senta, levanta o apoio de braço entre nós e dorme em questão de minutos. Passo às duas horas seguintes do voo cheia de culpa e ruminando sobre o fato de ter tido a chance de convencê-lo para sair disso e o rejeitei por razões puramente egoístas. Eu sou uma melhor amiga horrível. Eu sou a pior das piores.

Viro-me na minha poltrona, tentando me sentir confortável. Pego um livro e leio um pouco, mas é uma daquelas histórias violentas, mas estranhamente satisfatórias, de um clube de motocicletas com um enredo complicado, e não tenho paciência para isso agora, então fecho o livro e acaricio o peito tatuado do modelo na capa. Eu tento fechar os olhos, mas estou mais preocupada com Harley entrando em coma do que com as olheiras que terei sob os olhos amanhã, então fico acordada e o vejo dormir. Em uma escala das coisas esquisitas que se pode fazer para ganhar o título de psicopata quando se trata do objeto de seu desejo, acho que estou no nível oito. Embora esteja me perguntando se o fato de o convencer a me levar em lua de mel significa que eu bati dez antes de deixarmos a cidade. De qualquer forma, assisto Harley dormir até que também adormeço, e me vejo sendo gentilmente sacudida por uma mão no meu ombro.

"Rose, acorde."

Abro os olhos e me aconchego ao seu calor, esfregando minha mão contra seu abdômen sólido. Harley deve ter malhado mais do que o normal. Ele sempre esteve em ótima forma, mas isso parece... diferente. Como ele fez quando jogou futebol no time do colégio. A mão de Harley agarra minha mão e aperta com força. Ele geme e sussurra no meu ouvido, “Porra, Rose.”

E eu percebo que não é o abdômen dele que estou acariciando, mas a sua virilha, e é ainda pior que sua própria mão esteja presa entre as minhas coxas. Ele não está me tocando de maneira inadequada como eu estou tocando nele, é claro, mas parece que enquanto dormimos, nossos corpos conspiraram contra nós e decidimos assumir nossas antigas posições de dormir.

Porque passar férias no paraíso não seria tortura suficiente para a minha buceta triste e faminta por um pau.

Afasto-me de seu alcance e olho até que retire sua própria mão de entre as minhas coxas, o que ele costumava chamar de ‘seu lugar’. “Eu sinto muitíssimo.”

Ele apenas ri e se endireita em sua cadeira. “Não se preocupe com isso; não é como se não tivéssemos feito isso antes, certo?”

Ele tem razão. Nós acordamos assim várias vezes no passado, quando ele adormecia na minha casa ou eu na dele. É sempre embaraçoso, e toda vez que acontece eu fico aterrorizada, ele vê mais sobre meu constrangimento do que quero que ele veja.

Sorrio nervosamente e digo: “Sim, acontece o tempo todo.”

“Lembra-se daquela vez quando...”

“Sim, Harley, eu lembro”, o interrompo, porque não importa a que incidente ele esteja prestes a se referir, todas as nossas viagens pela pista da memória doem.

“Certo”, Harley diz, e assim o humor dessa situação se vai, substituído pela amargura da rejeição e pela tristeza da

oportunidade perdida. É um ciclo interminável conosco, e ele não deveria desenterrar isso.

Capítulo quatro

Rose

Chegamos ao hotel por volta do meio dia e logo achamos à suíte. Harley me entrega a chave e eu a coloco na porta, abrindo-a bem. Não dou dois passos antes de largar minhas malas e correr para a varanda. Eu grito como uma criança entrando nos portões da Disney quando abro a porta e admiro a vista. Nada além de resorts, águas cristalinas e praias de areia branca por quilômetros, até o grande e belo Diamond Head Volcano.

"Puta merda! Venha aqui e olhe para esta vista, Pan." Viro e me inclino contra o parapeito da varanda, esticando a cabeça para trás. Fecho os olhos enquanto o sol beija meu rosto e os gritos animados das crianças chegam até nós vindos das piscinas do resort abaixo.

"É realmente algo", ele concorda. Sua expressão é sombria quando se senta no enorme colchão king-size, e sinto meu coração doer quando percebo o quão insensível estou sendo. Rosas estão espalhadas por todo o edredom branco e uma garrafa de champanhe está em um balde de gelo ao lado da cama. Não estou aqui de férias com o homem por quem estou apaixonada, estou aqui como sua melhor amiga, a mulher encarregada de elevar seu ânimo — ou comprá-lo — já que sou eu quem deve buscá-lo bêbado e ajudá-lo a esquecer tudo sobre como tomar a pior decisão de sua vida.

"Merda, me desculpe. Não estou ajudando aqui de jeito nenhum, estou?" Jogo a bolsa na cama ao lado dele e pego a garrafa, estourando a rolha no champanhe. Pego uma das taças de haste longa antes de perceber que devo apenas lhe entregar a coisa toda. Então eu faço. Ele aceita, seus dedos roçam os meus e seu

olhar fixa nos meus. As borboletas kamikaze giram e batem dentro da minha barriga enquanto eu o encaro. O momento se prolonga, nossas mãos se tocam brevemente, nossos olhos dizendo tudo enquanto nossas bocas permanecem bem fechadas.

O telefone do hotel toca, o feitiço é quebrado e desapareço no banheiro, onde me tranco para recuperar o fôlego. Não é disso que ele precisa agora. Precisa de tempo, precisa de uma amiga e precisa de bebidas — muita, mas muita bebida mesmo. Quando termino de me dar bronca, saio do banheiro e vou direto para minha bolsa.

“Precisamos de álcool”, digo, como se estivesse loucamente reunindo suprimentos para o apocalipse e esquecendo a coisa mais importante. “Vou procurar bebidas. Muita bebida.”

“Ok.” Harley assente. “Eu só vou tomar um banho e dormir um pouco.”

“Oh. Bem, eu poderia ficar, se você quiser?” Pergunto, esperançosa.

Ele beija o topo da minha cabeça quando caminha para o banheiro. “Eu estou bem. Vá.”

“Você tem certeza? Eu não me importo.”

“Rose”, ele diz, e eu sei que está chegando ao fim de sua paciência comigo, porque é isso que significa quando ele diz meu nome e soa como uma maldição.

“Ok, acho que vou tomar um coquetel na piscina, se você mudar de ideia.”

“Vejo você mais tarde.” E assim ele vai, desaparece no banheiro e toma um banho.

Tiro a roupa, imaginando que só tenho alguns minutos porque Harley não desperdiça água. Vasculho minha bolsa e encontro um dos poucos maiôs que minha mãe aprovou. É um maiô preto estilo Marilyn Monroe dos anos 50, com a parte frontal

fechada que esconde todas as minhas falhas. Não é como se eu tivesse uma barriga ou algo assim, mas como mencionei anteriormente, não estou ficando mais jovem, e a gravidade é uma puta que precisa ter uma morte muito lenta e muito dolorosa nas mãos de uma cirurgia malfeita.

Eu visto o maiô, um vestido e pego uma toalha, e depois saio do quarto e desço para a área da piscina. Existem corpos por toda parte, toneladas de crianças com bóias brilhantes de neon, seus pais se bronzeando a beira da piscina. Vou direto para o bar, peço um Blue Hawaii e peço que continuem vindo. E então me jogo em uma espreguiçadeira e tomo sol como se não houvesse insolação e câncer de pele.

Depois que esvazio meu terceiro coquetel, alguns idiotas bloqueiam meu sol. Abro os olhos, preparada para pedir à pessoa que siga em frente, é claro, mas depois fico pingando e já que não posso dizer se é água ou suor — ou se Deus proíbe algum outro tipo de fluido corporal — sinto-me mais ousada do que normalmente sobre expressar meu aborrecimento.

“Ei, idiota”, digo, deslizando meus óculos de sol na cabeça. Minha boca cai aberta.

“Rose, eu pensei que era você”, diz uma voz muito familiar.

Eu sei quem é esse sem olhar para o rosto dele, e a razão pela qual ainda não olhei para o rosto dele é porque estou presa. Meus olhos estão literalmente colados à protuberância delineada contra seus shorts de banho molhado. Realmente não ajuda quando meu olhar fica um pouco mais alto e sou recebida com um abdômen sarado muito bom. Vagando um pouco mais alto agora, vejo dois peitorais perfeitamente definidos, bronzeados com mamilos adoráveis e em forma oval. Eu tenho uma coisa sobre mamilos. Muito pequenos, é algo muito estranho. Grande demais, penso se poderei ou não amamentar meus filhos quando eu os tiver. Mas esse cara? Tem o Santo Graal dos mamilos, nem muito grande, nem muito pequeno, nem todo encolhido, mesmo que ele

tenha simplesmente deslizado para fora da piscina, e certamente não aqueles que provam sua idade.

Eu sei a idade dele, ou algo assim, porque é um cliente regular meu. Assim como eu sei que ele é casado, porque sou a garota que organiza, para sua esposa sortuda, um enorme buquê de lírios toda semana.

"Oh Deus, Sr. Carter. Sinto muito", digo, sentando e dobrando as pernas debaixo de mim.

"Está tudo bem." Olhos castanhos quentes me estudam enquanto ele sorri. Carter parece que acabou de sair do set de um comercial da Hugo Boss. Ele está sempre vestido impecavelmente em um terno feito sob medida, seus cabelos escuros são grisalhos nas têmporas. Ele pode estar mais perto dos cinquenta do que trinta, mas o homem está bem, e vê-lo abandonar o terno por um short de banho? Uau. Quando digo a Izzy — minha funcionária há um ano e a coisa mais próxima que tenho de uma amiga — sobre isso, ela vai perder a cabeça. "Eu vim e joguei água por todo o lado; fui um idiota."

Uma risada nervosa sai da minha garganta. "Eu... eu sinto muito mesmo."

"Relaxe, Rose, e quantas vezes devo dizer para você me chamar de Dermot?"

"Dermot, certo. Desculpe. Novamente." Desloco minha espreguiçadeira, ansiosa para pegar meu vestido, porque, embora eu saiba que ele esteja feliz e casado, e que eu posso ser uns quinze anos mais nova que ele, eu ainda fico nervosa com essa raposa prateada. Ver o corpo fantástico sob o terno não ajuda na minha autoconsciência, e faço uma nota mental para comprar um aparelho de ginástica quando chegar em casa e o usar. Muito.

Desde o amanhecer até o anoitecer, o trabalho me mantém ocupada. Há baldes de água a serem cheios e ramos de flores a serem ordenados, e com todas essas viagens para dentro e fora da

van, não é como se eu ficasse sentada o dia todo, deixando-a minha bunda crescer, mas não há nada como férias tropicais quando você vai para lojas no inverno comprar um pote de Ben & Jerry por dia para realmente aumentar sua autoestima.

"Então, o que você está fazendo aqui?" Pergunto ao mesmo tempo em que ele diz: "O que a traz a Waikiki?"

"Estou aqui com um amigo." Enfio o cabelo atrás da orelha e protejo os olhos para vê-lo melhor.

Dermot se agacha ao lado da minha espreguiçadeira. "E onde ele está?"

Dou uma risada nervosa e rezo para que ele não tenha visto as manchas vermelhas brilhantes de cor nas minhas bochechas. "Ele está no quarto."

As sobrancelhas de Dermot se erguem, mas ele estuda seus traços e diz educadamente: "Ele é um amigo?"

Embora eu saiba que não é da conta dele, me pego respondendo de qualquer maneira. "Meu melhor amigo, na verdade."

"Um tipo de destino romântico para amigos, não é?"

"Na verdade, estamos em lua de mel."

Ele ri e seus olhos se arregalam quando percebe que não estou brincando. "Precisarei que você repita isso para mim."

"Eu sei, parece totalmente duvidoso, mas realmente não é. A noiva o deixou no altar, e ele está realmente triste agora, então..."

"Então você pensou em acompanhá-lo na lua de mel e atormentá-lo um pouco mais?"

"Eu mal o estou atormentando", protesto, mas ele me interrompe.

“Confie em mim, se ele a viu nesse maiô, então ele está definitivamente atormentado.”

Agora pode ser o sol batendo sobre nós, as três bebidas que tomei, ou o fato de que o álcool mal teve tempo de deixar minha corrente sanguínea antes de eu começar a tomar novamente, mas isso realmente me deixa um pouco tonta. Eu sei que é a fala de um homem casado, mas é um homem, um homem muito bonito, e faz uma vida desde que alguém me elogiou assim. Então essa cadela vai aceitar isso como uma prostituta na igreja na segunda vinda de Cristo, e ninguém pode dizer nada sobre isso.

“Não é nada disso.”

“Se é o que você diz, Srta. Perry”, ele diz, com a mínima sugestão de um sorriso se formando em seus lábios. Ele passa a mão pelos músculos úmidos e rígidos de seu abdômen e meus olhos seguem lentamente o movimento. “Bem, é bom te ver, mas eu deveria me lavar e me preparar para o jantar.”

E eu subirei para tomar um banho bem frio. “Aproveite”, digo a ele.

“Vamos beber enquanto estivermos aqui, ok? Você traz seu *amigo* que não quer te foder.”

Eu suspiro com a brusquidão de suas palavras. Não me interpretem mal — eu xingo como um maldito marinheiro, mas é tão inesperado de Dermot, tão rápido e primitivo que faz com que minha cabeça se encha automaticamente de visões dele me empurrando de quatro em sua suíte de hotel e me fodendo por atrás. *Jesus*. Aperto minhas coxas para afastar a dor entre as pernas.

“Vou avisar minha esposa e ela pode finalmente conhecer a mulher que cria lindos buquês para ela toda semana.”

“Claro, parece ótimo.” Coloco um sorriso falso. Não consigo pensar em nada pior do que conhecer sua adorável esposa quando

acabo de fantasiar sobre o marido dela entrando em mim. *Quem diabos faz isso*?

Com um aceno de cabeça, Dermot sai e prendo a respiração enquanto o observo ir, até que desaparece no saguão do nosso hotel.

Um tanto culpada, lanço meu olhar para a nossa varanda. Harley está lá me olhando, e embora eu não tenha cem por cento de certeza por causa da distância, ele parece chateado. Dou-lhe um aceno nervoso e ele se vira e volta para o quarto. Ok. Claramente, não está se sentindo melhor depois de um banho e uma soneca. Eu quero ir até ele, mas sei que precisa de tempo, então deslizo meus óculos de sol de volta no lugar e fecho os olhos.

Quando tomo muito sol e o barulho dos outros turistas me deixa maluca, pego minhas coisas, vou para o bar, peço algumas margaritas congeladas para viagem e subo as escadas. As cortinas estão fechadas, o ar condicionado está soprando ar fresco pelo quarto e Harley está deitado na cama completamente nu.

Puta merda. Não vejo nada além de sua bunda firme, torso longo e musculoso e cachos castanhos que estão espalhados ao redor dele enquanto ele está deitado de bruços no travesseiro, mas é o só isso. Ele nem se deu ao trabalho de puxar o lençol para cima, e enquanto fico boquiaberta para ele, engulo metade da minha margarita de uma só vez.

Meu olhar desliza por seu corpo e recuo, pulo quando percebo que ele está me encarando. Também babo um pouco da minha margarita congelada. “O que você está fazendo?” Ele sussurra.

“Ehh... eu...” decido que as palavras não são mais minhas amigas e abafo qualquer outra desculpa patética que poderia dar, engulo o resto da minha margarita e bebo metade da dele. Coloco o copo vazio no balcão acima da geladeira e meio bêbada ofereço a margarita.

“Eu te trouxe uma bebida”, digo alegremente, quando recupero minha compostura. Harley se senta para pegar a bebida da minha mão, e ele não é a única coisa que se senta porque seu pau está acordado, duro e praticamente acenando para mim. “Oh.” Protejo os olhos. Posso ou não ter espiado por entre meus dedos abertos. “Você está...” aponto para sua virilha com a outra mão. “Você está... é... você está...”

“Jesus, Rose. Está bem; você pode dizer que tenho uma ereção. Você deveria saber melhor do que ninguém que não morde.”

“Por que você está nu?”

“Eu estava dormindo. Você sabe que não consigo dormir com roupas.”

“Sim, mas eu estou aqui.”

“E já o viu antes.” Ele encolhe os ombros. “Você estava bem perto dele no avião algumas horas atrás, mas está realmente surtando com o meu pau agora?”

“Eu não estou surtando.”

“Tem certeza?” Ele sorri, e eu tenho que lutar contra o desejo de jogar algo em sua cabeça. “Porque parece que está surtando.”

“Eu não estou surtando. Eu vejo paus o tempo todo.”

“Sério?” Ele se levanta, e eu encontro muito interesse no meu telefone sobre o balcão, porque posso ver na minha visão periférica que ele está chegando mais perto. “Quando foi a última vez que você tocou em um?”

“Não faz muito tempo”, estalo. “Você pode colocar algumas roupas, por favor?”

“Jesus, você é tensa.”

“Eu não sou tensa.” Estamos nos tocando agora, seu corpo encostado no meu, sua ereção quente enquanto pressiona contra o meu vestido, e eu acho que nem precisava sair do quarto para molhar o meu maiô.

“Você sabe que pode tocar se quiser?” Harley sussurra. “Como nos velhos tempos?”

“Eu não quero tocar”, digo. *Ah, mas eu quero*. Quero tocá-lo tanto que minha mão praticamente contrai. “Coloque algumas roupas, Harley.”

“Você sabe que sempre fica fofa quando está perturbada.” Ele pressiona um beijo na minha têmpora.

Eu o empurro. “Cale-se.”

Harley pega o short que ele usava mais cedo da pilha de roupas no chão e o veste. “Vamos precisar de mais bebidas.”

Sim, nós vamos.

Capítulo cinco

Rose

Treze anos

"Ei", Harley diz, caminhando pela porta dos fundos em vez de escalar a cerca que separa nossos quintais da maneira que ele normalmente faria. Eu o ignoro enquanto minhas mãos cavam o solo rico, peneirando-o entre os dedos como se os pequenos pedaços de terra fossem grãos de areia. Acabando. O tempo está sempre acabando. "Sua mãe me contou sobre sua avó."

"Ela disse que eu queria ficar sozinha?"

"Os pais nos dizem alguma coisa útil?"

Dou de ombros. "Minha mãe me contou uma vez sobre os pássaros e as abelhas; foi assim que aprendi que as abelhas eram pequenas violadoras de flores e fiz minha a missão de matar com as bastardas toda vez que vejo uma."

"Eu sabia que você odiava abelhas por uma razão." Ele ri, sentando-se ao meu lado na grama macia e pegando uma vagem. "O que estamos plantando?"

"Narcisos, vovó sempre os amou."

"Eu lembro."

Harley usa as mãos para suavizar a camada superior do solo e limpa as raízes antes de colocá-la na cama rasa que ele criou. Eu amo que ele saiba como fazer isso sem ser avisado, porque me

observa plantar bulbos da família dos narcisos há anos e prestou atenção, mesmo quando eu pensei que não estava olhando. Às vezes acho que ele gosta tanto de jardinagem quanto eu, embora nunca o admita. Pego um bulbo, rompo as raízes e o coloco no solo ao lado da dele.

Trabalhamos em silêncio até que todos os bulbos estejam plantados e me sento com lágrimas nos olhos, porque em trinta dias teremos flores que minha avó adoraria, só que ela não estará aqui para vê-las. “Você acha que sabemos quando estamos prestes a morrer?”

“Jesus, Rose”, ele diz suavemente. Um pouco depois, ele se levanta com as mãos nos quadris e com seu melhor sotaque de Peter Pan — o que é sempre perfeito, porque assistimos esse filme mais vezes do que pulamos da varanda dos meus pais para o trampolim logo abaixo — ele diz: “Eu nunca vou morrer.”

“Sim, você irá. Um dia todos nós vamos morrer.” Pego o regador e dou um banho nos bulbos para que as raízes tenham uma chance maior de crescer. “Só espero ir primeiro.”

“Por quê?” Harley olha para mim com uma sobrancelha levantada e uma expressão perturbada.

Coloco o regador na grama e limpo as mãos nas roupas. Não me preocupo em entrar para lavá-las, porque sempre amei a sensação de terra se acumulando nos sulcos das minhas impressões digitais. “Porque eu não gostaria de estar aqui se você não estivesse.”

“Então vamos morrer juntos”, ele proclama, me colocando de pé e subindo no trampolim, forçando-me a ir com ele ou perder um braço no processo. Ele nos vira para o quintal vazio e grita: “Morrer será...”

“Uma aventura muito grande”, nós dois terminamos, quando ele cai no trampolim e eu caio ao lado dele.

Harley me puxa sobre o seu ombro e beija o topo da minha cabeça. “Sinto muito pela sua avó, Wendy.”

Eu empurro seu peito por me chamar desse nome estúpido, mas, assim como me lembro de ser tão indiferente quanto Peter e tão corajosa quanto a *Princesa Tigrinha*, caio em prantos. Harley me abraça. Eu gosto da sensação de seus braços ao meu redor.

Através dos cílios molhados, eu o encaro, e ele faz a coisa mais surpreendente de todas: ele me beija. No início, nada mais é do que a pressão suave de seus lábios contra os meus, mas em segundos ela se transforma em mais. Sua língua empurra em minha boca e desliza contra a minha, persuadindo enquanto eu estou ali paralisada de medo. Por anos eu sonhei com esse momento. Sonhei que ele me beijaria, e que pareceria com fogos de artifício explodindo. Mas agora que o momento chegou, estou congelada.

Ele coloca a mão na minha bochecha e esfrega o polegar para frente e para trás. Gosto da sensação, desse toque terno, tão novo, tão diferente. Faíscas se formam na minha barriga, disparando em todas as direções até que eu sinta — os fogos de artifício que todo filme de Hollywood me prometeu. Pego o rosto dele em minhas mãos e forço seus lábios de volta aos meus, mas um suspiro estraga tudo.

Eu corro para uma extremidade do trampolim. Harley corre para o outro e minha mãe ri a sua risada leve e estridente. “Não parem por minha causa, queridos.”

Mortificada, enterro o rosto nas mãos e sinto o peso de Harley sair do trampolim. Sujeira mancha suas bochechas por causa das pontas dos meus dedos, e isso me faz sorrir porque elas parecem uma marca. “Tudo bem, Evelyn. Eu tenho que ir treinar de qualquer maneira. Vou fazer o teste para o time na segunda-feira.”

“Você fará?” Não sei por que, mas há um tom duro na minha voz quando faço essa pergunta. Harley costumava jogar na liga

juvenil na escola primária, mas machucou o joelho aos nove anos e Rochelle o forçou a desistir. Ele não fala sobre isso desde então, embora eu saiba que deve sentir falta. Eu acho que não é realmente uma surpresa que volte agora que está mais velho, é só que ele geralmente fala comigo sobre essas coisas.

"Sim. Você virá assistir, certo?"

Concordo, mas não digo outra palavra. Não quero que ele volte a jogar futebol. É um esporte perigoso na melhor das hipóteses, sem mencionar que os jogadores mais jovens que levam vários golpes na cabeça. Não digo nada disso, porque enquanto Harley observa minha reação, sei que não gosta do que vê, e acho que é por isso que ele não me contou antes.

"Vejo você mais tarde?"

"Sim, mais tarde", concordo, e o vejo se virar e subir os degraus em direção a minha mãe.

Mamãe segura o ombro de Harley, parando-o antes que ele possa passar. "Oh querido, você tem uma coisinha aqui na sua bochecha."

Ela está falando das minhas impressões digitais enlameadas no rosto dele. Para meu horror absoluto, mamãe lambe as pontas dos dedos e começa a limpar o rosto dele com saliva. "Mãe, não!"

"Oh, silêncio! Harley é praticamente um filho para mim."

Oh meu Deus, ela não acabou de dizer isso.

Ele sorri enquanto olha para mim, mas o sorriso não alcança seus olhos. Harley pula a cerca em vez de atravessar o portão como uma pessoa normal, e imediatamente depois minha mãe grita e se joga no trampolim ao meu lado. Harley provavelmente ainda nem saiu do quintal e mamãe está me humilhando ainda mais, balançando os pés no ar e anunciando em voz alta ao mundo que sua filha acabou de dar seu primeiro beijo.

Quero me enterrar no solo ao lado dos narcisos da vovó até ficar velha demais para o constrangimento dos primeiros beijos, mães embaraçosas e garotos que moram ao lado e que roubam a respiração com um único olhar.

Ok, talvez eu nunca seja velha demais para essa última.

Capítulo seis

Rose

“Acorde, esposa!” Harley grita. Rastejando para cima da cama, ele bate nos meus quadris. Gemo e fecho os olhos, e não apenas porque a luz que sai da cortina aberta faz com que danos permanentes aos olhos sejam uma possibilidade real, mas também porque ele está esmagando minha bexiga minúscula.

“Saia”, resmungo.

“Bem, eu pensei que guardaríamos isso para hoje à noite, mas tudo bem...” ele se levanta e começa a desatar o botão da calça.

“Você é nojento.” Empurro seu peito e giro meus quadris em um esforço para derrubá-lo, mas isso só o aproxima, até que seus braços formam duas fortes barricadas em ambos os lados da minha cabeça. Ele se inclina e coloco meu braço entre nós e enterro os olhos na dobra do cotovelo. Não que não seja bom vê-lo de bom humor — o homem tem sido difícil desde que chegamos, impassível e irracional um dia, emocionalmente esgotado e quase carente no dia seguinte. Eu tentei o meu melhor para ser o que ele precisa, mas sinceramente não tenho ideia do que é isso. Eu também não acho que ele saiba. Mesmo assim, de bom humor ou não, bebi muito vinho no jantar e não posso lidar com o palhaço prático no momento. “Vá embora, Pan.”

Felizmente, ele sai de cima de mim, e minha bexiga praticamente faz uma música e dança com alívio, e então o lençol é arrancado e sou atingida por uma rajada de ar gelado do ar-condicionado.

“Jesus”, Harley murmura. Eu descubro os olhos para encontrá-lo olhando para mim. Estou usando uma camiseta da Mulher Maravilha equipada com calcinhas combinando com estrelas. Eu também usaria calça de pijama, se não estivesse gesticulando loucamente com minha taça de vinho ontem à noite enquanto nos sentamos na varanda, mas considerando que Harley dorme completamente nu, não achei que ele tivesse problemas comigo ficando sem calça.

“O que?”

“É como se minhas fantasias de onze anos tivessem se tornado realidade.”

Reviro os olhos. “Cale-se. Suas fantasias de onze anos de idade envolviam Tammy Druitt.”

“Aquelas sobre as quais eu falei, talvez”, ele diz. Eu lanço um olhar incrédulo e ele sorri. “Eu não poderia dizer exatamente à minha melhor amiga que estava me masturbando enquanto imaginava a boca dela em volta do meu pau.”

“Você não teve nenhum problema em me dizer isso quando tínhamos dezoito anos”, provoco, tentando me cobrir com o lençol novamente. Harley o tira do meu alcance e o joga longe, então agarra meu tornozelo e me puxa para a cama. Eu grito e chuto sem sucesso e ele paira sobre mim novamente, desta vez inclinando-se muito perto enquanto me prende com seu olhar.

“Porque eu não pude me conter. Não foi uma escolha. Eu tive que te foder, possuí-la e garantir que o mundo inteiro soubesse que você era minha. Tenho que lhe dizer, Rose, que você acordando na minha cama assim — é algo com o qual eu poderia me acostumar novamente.”

Uau. Não sei com qual Harley estou lidando agora, mas é muito diferente do homem que vi nas últimas semanas, mas vou comprar o que ele está vendendo. E a calcinha que ele gosta tanto

está arruinada porque esse pequeno discurso macho alfa garantiu que ela fique molhada por horas a fio.

"Agora se levante. Vou pegar um café para nós e você vai colocar isso." Ele joga uma sacola de papel na cama e eu olho duvidosamente.

"O que é isso?"

"Pensei em você quando o vi."

Franzo a testa desconfiada, mas me sento, batendo palmas de qualquer maneira, porque sempre amei os presentes do Harley. Eu rompo o lacre da sacola e vasculho o papel de seda azul-marinho, mas logo encaro o conteúdo. "Um biquíni branco?"

Ele sorri. "O que? Você não gosta?"

Puxo os minúsculos pedaços de tecido nos quais, de alguma forma, devo encaixar meu corpo e minha carranca se aprofunda. No que diz respeito às roupas de banho, é fofo: um top de babados com ilhoses brancos com uma calcinha lisa. Ok, então a coisa é realmente muito bonita, mas eu não uso biquíni e, especialmente, não uso biquíni branco. "Não vou vestir isso."

Ele encolhe os ombros. "Tudo bem, não use, mas você não receberá sua outra surpresa."

Olho para ele. *Maldito seja*. Ele sabe que não posso resistir à promessa de uma boa surpresa. E suas surpresas são sempre boas. Exceto pela época em que ele apareceu no último Dia de Ação de Graças com Alecia a reboque e uma grande pedra brilhante no dedo dela. Essa não foi uma surpresa feliz para ninguém. Curiosamente, nem ele parecia feliz com isso.

"Idiota, idiota", murmuro, pego o biquíni da cama e vou para o banheiro. Sua risada me segue muito tempo depois que bato a porta.

Depois de fazer xixi, escovar os dentes e tomar banho, fico na frente do espelho, olhando para o biquíni revelador. Eu brinco com o babado e sorrio para mim mesma porque ele o viu e pensou em mim, e mesmo que a ideia de tentar me enfiar nele praticamente me faça explodir de raiva, sei que não há maneira de contornar isso.

Harley bate na porta. “Rose, qual é o problema?”

“Cale a boca, cara de bunda”, digo, fazendo uma careta na direção dele.

“Você ainda nem o vestiu, não é?” Ele ri, inclinando-se contra o painel de vidro fosco. “Vou lhe dar cinco segundos, querida.”

Sei que ele também não está brincando com isso, então deixo a toalha cair no chão e pego o biquíni. Estou apenas encaixando a parte de baixo quando ele bate novamente.

“Acabou o tempo.”

“Eu não posso usar isso”, digo enquanto ele abre a porta. Meu corpo está virado para ele, mas apenas porque metade da minha bunda está pendurada no biquini atrevido. Harley não precisa que eu me vire para ver quanta pele ele expõe. O enorme espelho sobre a bancada está fazendo um bom trabalho em mostrar para ele. Harley toma um gole lento da xícara de café de papel em sua mão.

“Então?” Pergunto, arranco o copo das suas mãos e bebo um gole enorme. Queima minha língua e garganta e traz lágrimas aos meus olhos, mas não estão relacionadas ao fato de ele não ter dito nada ainda.

“Você quer saber o que eu acho?” Ele dá um passo em minha direção e reflexivamente dou um passo para trás, só que não tenho para onde ir porque minha bunda bate na bancada do banheiro, e engulo com força e aceno. O braço de Harley serpenteia em volta da minha cintura, seus dedos deslizam para o tecido da minha

calcinha e pela minha pele exposta. Meu corpo lateja. Prendo a respiração e ele se inclina para perto da minha orelha e sussurra: “Eu acho que é sorte sua que não seja minha esposa, porque você andaria mancando pelo resto da nossa lua de mel.”

♥

Quando se trata de surpresas, Harley é um vencedor sempre. Toda essa lua de mel foi planejada nos mínimos detalhes e nosso tempo foi dividido igualmente entre passeios e explorar nossas opções de coquetel com um dia de descanso no meio. Tento não pensar em quais atividades ele planejou para a esposa naqueles dias em que ficamos no resort, prefiro focar nas coisas incríveis que fizemos até agora. Em nossa segunda noite na ilha, fomos levados para o luau à luz das estrelas com artistas de Hula kahiko, vimos o fogo girar, participamos de competições de sopro de conchas — não tão sujas quanto parece — e comemos em um buffet tradicional havaiano. Era ridiculamente turístico, e eu adorei cada segundo, mas tenho a sensação de que nada do que fizemos até agora se comparará à surpresa de hoje.

Depois que ele me deixa no banheiro, babando como uma idiota, eu visto um vestido estampado floral azul e branco, jogo um protetor solar na minha bolsa e partimos, eu com o café que ele comprou para mim e Harley carregando minha bolsa Liberty London que está cheia de roupas. Não pergunto por que precisamos de uma troca de roupa, porque ele costuma fazer coisas assim para me deixar louca pela surpresa, mas quando pegamos em um táxi e entramos no porto de Honolulu meia hora depois, olho para ele, exigindo respostas. Também espero que ele tenha trazido uma troca de roupa de baixo porque a ideia de velejar me assusta.

Descemos a doca, passamos por uma mistura uniforme de pequenos e grandes veleiros e que parecem lanchas, todos balançando suavemente na água. Um homem com boné de beisebol, camisa polo branca e um par de shorts marrons caminha

em nossa direção com a mão estendida. 'Vocês devem ser o Sr. e a Sra. Hamilton?"

Harley aperta vigorosamente a mão do homem e assente. "Eu sou Harley. Esta é minha esposa, Rose."

Dou uma segunda olhada, encaro Harley como se ele tivesse perdido o juízo, mas acho que faz mais sentido dizer que somos casados, do que explicar nossa situação a um completo estranho, então deixo passar e aperto a mão do homem também.

"Sou Ken. Serei seu capitão hoje." Ele aponta para um adolescente parado no convés do barco ao nosso lado. Ele é fofo daquele jeito estranho que os garotos que estão apenas ganhando seus corpos adultos são. Por um breve segundo, enquanto ele sorri e me oferece uma mão, vislumbro seu futuro como um capitão Playboy das Ilhas Havaianas. "Esse é o meu garoto, Chip."

Devo dizer que o nome arruína essa imagem em um piscar de olhos, e agora, já que as únicas palavras que conheço associadas à vida na água são ahoy e mateys, desejo os biscoitos de chocolate. Aperto a mão dele, e ele me puxa para o barco dizendo: "Cuidado com os degraus."

Sei que isso deve ter custado a Harley um bom dinheiro, porque o veleiro é enorme. Não sei quase nada sobre veleiros — você pode chamá-lo de veleiro quando não há velas à vista? Estou ansiosa para saber para onde vamos, e é bom sentir a presença de Harley nas minhas costas. Uma mão repousa na minha espinha enquanto a outra se estende para apertar a mão de Chip, mas além desse pequeno gesto, Harley não tira as mãos de mim. Ele deve sentir a ansiedade saindo de mim em ondas.

Somos levados a um assento voltado para trás na parte traseira do barco e Chip pega a bolsa de Harley e nos diz que a colocará na suíte. Ele se oferece para pegar minha bolsa também, mas eu escolho mantê-la comigo, caso precise fazer uma fuga rápida assim que o motor arrancar. Em pouco tempo, Chip volta

com uma bandeja nas mãos e, abençoe o doce garoto, ele nos oferece mimosas.

Pego um copo da bandeja e Chip se assusta quando engulo metade da mimosa de uma só vez. Harley levanta uma sobrancelha para mim. “Nervosa, amor?”

“Essa é uma grande surpresa, Pan.”

“Você nem viu a melhor parte ainda.” Ele sorri e encosta seu copo contra o meu.

As próximas palavras da minha boca seriam: *“Eu mudei de ideia e não estou mais tão interessada em surpresas”,* quando Ken interrompe, diz que devemos esperar por uns dez minutos e que nosso destino será alcançado em algumas horas, dependendo dos ventos alísios.

Rapidamente olho para Harley. “Horas?”

“O que? Você tem outro lugar para estar?”

Respiro fundo, inspirando o ar salgado e inclinando o rosto para o sol. Seu ombro robusto me apoia. Não. Enquanto ele não se mover do meu lado, não tenho mais nenhum lugar para estar.

Momentos depois, Ken liga o motor, que na verdade é muito mais silencioso do que eu esperava, e saímos da doca. Sinto os olhos de Harley em mim, a parte externa da sua coxa corada colada na minha, e não nos movemos para colocar espaço entre nós. Na verdade, ele faz o oposto e desliza um braço sobre o assento atrás de mim, e inclino minha cabeça contra ele. Tantos dias e noites nós nos tocamos assim — é tão incidental e, no entanto, significa muito. Pelo menos para mim. Em pouco tempo, minha ansiedade é esquecida, pois nós dois observamos os pontos de referência da costa de Oahu enquanto navegamos sem problemas.

♥

Paramos em uma enseada e um almoço leve é trazido para nós na frente do convés. Há vinho, queijo brie e bolachas, azeitonas e hummus, e um monte de deliciosas comidas havaianas para escolher.

Depois que comemos, respiro fundo e viro para Harley. Já tomei vinho demais, nenhuma surpresa nisso, então provavelmente não deveria dizer nada que está passando sem controle em minha mente. Ainda assim, não consigo resistir, porque não consigo pensar em um lugar melhor que o paraíso para dizer a alguém o quanto você o ama.

"Eu..." expiro lentamente e perco a coragem, agradeço a Deus, porque não posso dizer que estou apaixonada por ele depois de cinco dias que Alecia o deixou. Não posso fazer isso com ele. Ele pode flertar, provocar e brincar de fingir, mas isso é tudo — fingimento. Além disso, tenho certeza de que Harley já sabe como me sinto, e colocar isso sobre ele não é justo. "Deixa pra lá."

Harley me dá um olhar confuso. "O que?"

Posso não ser capaz de dizer a ele que o amo, mas deixá-lo saber o que esse tempo com ele significa para mim não é errado, certo? "Tenho algo a dizer."

"Você tem, amor?" Ele sorri ironicamente.

Concordo. "Sei que uma parte de você não aceita tudo isso e deseja que Alecia estivesse aqui agora, e por isso eu sinto muito." Ele balança a cabeça, como se dissesse que não quer falar sobre isso, mas estendo a mão e agarro a dele, forçando-o a olhar para mim. "Eu odeio que seu coração esteja quebrado, mas enquanto eu viver, nunca esquecerei este dia ou o que estar aqui com você significa para mim."

Meus olhos brilham com lágrimas e, por um momento, fico envergonhada porque não deveria ter dito nada. Ele pode ver demais.

Ele não diz uma palavra, apenas estica a mão e passa o polegar sobre minha bochecha, mas seu humor muda dramaticamente quando olha para a bela enseada.

E com isso dito, levanto-me e vou até a parte de trás do barco onde Ken e seu filho estão almoçando. “Nós podemos nadar aqui, certo?”

“Claro”, Ken diz. “Zarparemos novamente em cerca de quinze minutos, então...”

Antes que ele termine a frase, desço as escadas e subo na plataforma do convés na parte traseira do barco. Olho para as águas cintilantes do Pacífico Norte e tiro meu vestido.

“Jesus”, Harley diz.

“Puta merda”, Chip murmura, e eu sei que cada par de olhos naquele barco está em mim. Há um breve segundo em que me sinto culpada por dar uma olhada no filho menor de Ken, mas mergulho na água fria e cristalina e esqueço tudo sobre eles. Não demora muito para que Harley mergulhe atrás de mim. Quando aparece, ele me puxa para si e eu grito e me debato, mas seu braço está apertado em volta da minha cintura, sua frente nas minhas costas, e ele quase rosna em meu ouvido: “Você fez da sua única missão na vida me torturar, amor?”

Paro de lutar e sussurro: “Você comprou o biquíni.”

“Sim, e estou começando a pensar que isso foi um erro.”

Eu me liberto de seu aperto e nado para longe, apenas para ser pega pelo braço e arrastada de volta para ele, e começamos uma luta na água, coisa que não fazemos desde crianças na praia de Carmel. Toda a tensão dos últimos minutos desaparece levada pela brisa morna da ilha.

Brincamos por mais alguns minutos, Harley me esconde sob a superfície, pulando de costas como um macaco-aranha molhado. Enquanto me preparo para nadar, ele me pega pela

cintura e me puxa para ele. Por um instante, Harley olha para os meus lábios, eu o encaro, e o calor surge entre nós como se a água de alguma forma atingisse o ponto de ebulição. Eu respiro, ele respira, mas viro minha cabeça, porque não serei sua segunda opção. O feitiço é quebrado. Despojado pelo destino, medo ou bom senso. Não sei ao certo qual, mas isso não importa, porque esse é um terreno perigoso para nós.

Ken se inclina sobre o sofá, lembrando-nos de nossa agenda apertada. Harley me solta e, deslizando para fora da água, ele se levanta no convés de uma maneira que parece tão fácil. Nado devagar até o barco, querendo prolongar o momento, porque a visão dele de pé, molhado da cabeça aos pés, o cabelo livre do coque masculino pela primeira vez e escorrega para trás enquanto riachos de água descem sobre seu corpo. Ele oferece uma mão e eu a pego porque sei que minha ascensão do oceano será tão graciosa quanto a de um bebê elefante tentando escapar de uma banheira. Seus dedos apertam os meus enquanto a outra mão segura meu antebraço, e em segundos eu sou catapultada no ar e meu corpo molhado bate com força contra o dele. Suas mãos imediatamente vão para minha bunda, porque ele sempre foi um pervertido completo, e eu o golpeio enquanto subo as escadas para o convés. Quando chego ao topo, olho para trás e encontro seu olhar colado no meu corpo. Reviro os olhos e volto para o convés da frente, estendo uma toalha ao sol enquanto o motor liga novamente e Harley se deita ao meu lado.

Passamos as próximas horas nos bronzeando no convés, dormindo e apontando todos os locais incríveis que vemos. Quando estamos balançando de um lado para o outro no mar aberto no Pacífico, fico dividida entre sorrir como uma tola e gritar como uma garotinha. Aperto a balaustrada com força, porque a brisa do mar atinge meu rosto e o sal endurece minhas mãos, e o balanço do nosso barco enquanto atravessamos as ondas é a coisa mais assustadora e emocionante que já experimentei.

Quando finalmente atingimos águas mais suaves, perto da costa de Kauai, respiro mais facilmente, e meu estômago também não está tão ruim. A luz do sol brilha no oceano no início da tarde, fazendo tudo brilhar como se estivesse aceso. Atracamos no porto de Nawiliwili e leva alguns minutos para que o peso volte às minhas pernas agora que estamos em terra. Percebo que Harley não traz minha bolsa e, quando estou prestes a voltar, ele me diz para não me preocupar. Sei que ele entende a importância dessa bolsa porque foi um presente de Natal dele no ano passado, então isso significa que voltaremos para o barco em algum momento hoje. Agora, meu estômago não tem certeza de como se sente sobre isso.

Nós pegamos um táxi para outro lugar que eu nunca ouvi falar e paramos em um hangar no que parece um pequeno aeroporto. A placa no prédio diz: 'Passeios de helicóptero pelo Havaí', e meu queixo cai quando olho para o helicóptero azul brilhante que espera na pista.

"Não", digo incrédula. O sorriso de Pan confirma minha emoção e eu dou-lhe um forte empurrão no peito. "Não brinca, é sério?"

"Sério", ele grita sobre o barulho dos motores rotativos. Estou tão animada que estou tremendo. Eu sempre quis andar de helicóptero, quero dizer, quem não gostaria? Mas o fato de conseguirmos fazer isso na Ilha Garden? Estou completamente sem palavras. Não é de surpreender que eu corra para subir lá e tente ouvir o que o piloto tem a nos dizer sobre o nosso passeio. Não consigo parar de sorrir. *Essa é minha vida agora?*

"Feliz?" Harley pergunta, sua voz suave vem através dos fones de ouvido e causa arrepios na minha pele como se ele estivesse sussurrando no meu ouvido. Ele parece um pateta com seus enormes fones de ouvido, o cabelo é uma bagunça do sal do Pacífico, e eu sei que tenho a mesma aparência.

"Você não tem ideia", digo.

“Eu tenho um pouco.” Ele alisa uma mão grande ao longo da sua coxa, que novamente está nivelada com a minha, mas não a mantém lá ou a coloca no colo. Em vez disso, ele passa os dedos longos sobre o meu joelho, afastando o tecido do meu vestido para que sua palma quente encoste em minha perna, pele com pele. Ele a descansa lá, e tento ignorar a maneira como cada parte do meu corpo vibra por mais de seu toque.

Nosso piloto nos diz que estamos prontos e o helicóptero sacode um pouco quando nos levantamos no ar. Meu estômago se contrai. Pego a mão de Harley, aquela que traça suavemente os padrões na minha coxa, e a agarro com força enquanto o piloto nos diz que estamos voando sobre a pequena cidade de Lihue. Deslizamos através do vale de Hanapepe e seguimos para as ‘Cataratas do Parque Jurássico’. De lá, parece que há uma cachoeira gloriosa atrás da outra, todas intocadas e escondidas onde o homem não pode destrui-las. As colinas afiadas e incrustradas da costa de Na Pali roubam meu fôlego, e eu gostaria que pudéssemos aterrissar para poder afundar meus pés na areia e olhar para aquelas dobras afiadas na Terra e ficar obscurecida por sua beleza e mágica disso tudo. Passamos pelos penhascos de Bali Hai e pelas águas cristalinas da Baía de Hanalei, e por algum resort que desaprovo por arruinar a ilusão de que este lugar é intocado, da maneira que a natureza pretendia. Pouco tempo depois, chegamos ao Monte Waialeale e entramos no centro de uma cratera vulcânica, e enquanto Harley e eu olhamos as paredes de dois quilômetros de altura com olhos tão redondos quanto discos, vejo Deus. Vejo como somos todos insignificantes e compreendo que essas colinas, árvores e montanhas ao nosso redor já estavam aqui muito antes de estarmos, e estarão aqui muito tempo depois.

Nunca em um milhão de anos eu achei que chegaria tão perto do céu, mas ele está aqui, ao nosso redor, se apenas abrirmos os olhos.

Quando voltamos para o aeroporto, fico tão impressionada com tudo que acabei de ver e experimentar que desabo no segundo

em que desço do helicóptero e ando rápido para me afastar dos rotores e do barulho. Harley me alcança e me puxa de volta. Não sei como ele sabe dizer — como sabe o que estou pensando? —, mas me envolve em seus braços enquanto choro silenciosamente contra seu peito.

"Eu... isso..." gaguejo. "Aquilo foi..."

Ele se inclina e pressiona seus lábios nos meus. Não é um beijo apaixonado; não é romântico; é como se estivesse pressionando seus lábios na minha testa. É uma coisa de Harley e Rose, então quando me afasto porque é demais e estou com uma sobrecarga sensorial completa, ele sabe o motivo. Podemos não falar livremente sobre nosso passado ou como nos sentimos um pelo outro agora, mas no fundo ele sabe e tem uma ideia do que isso significa para mim. Mas é mais do que apenas compartilhar uma experiência única na vida com meu melhor amigo — é tudo. É a majestade dessas ilhas, a magia dele e o fato de que, se as coisas tivessem sido diferentes naquele dia, seria sua esposa aqui com ele e não eu. Esse é o pensamento que continua me incomodando como um mosquito zumbindo implacavelmente na minha orelha: cinco dias atrás ele ia se casar com outra mulher, e agora não está com ela.

O caminho de volta para o barco é um borrão, e quando embarcamos e zarpamos, a brisa morna quase desapareceu e o jato do mar bate no meu rosto como gelo. Sento-me na frente do iate enquanto Harley fala brevemente com Ken e seu filho, e então ele vem e se senta atrás de mim. Seus braços e coxas fortes me envolvem enquanto me inclino para trás no calor dele. É perfeito, pura tortura, e não consigo pensar em nenhum outro lugar em que prefiro estar.

Mais tarde, depois de vários outros vinhos e horas e horas olhando o mar de estrelas, desço para tomar banho e tirar o sal do meu corpo antes de dormir. Harley e eu exploramos o salão, o quarto de hóspedes e a suíte VIP mais cedo, e estou muito impressionada. Eu poderia viver confortavelmente com Harley

neste espaço por vários dias antes de pensar em estrangulá-lo. De fato, chego à conclusão de que o espaço de vida neste barco é maior que o do meu apartamento. O quarto em que dormiremos certamente é grande o suficiente para nós dois, e Harley nem precisa se esquivar tanto por causa do teto de um metro e oitenta. O chuveiro está um pouco apertado e me secar no equivalente espacial a uma caixa de sapatos vertical se mostra difícil, então me enrolo em uma toalha e corro para o quarto, então bato direto nas costas de Harley enquanto o barco balança sobre as ondas. Meus braços envolvem firmemente os lados dele para me firmar e não cair.

"Ooh, garota nua", Harley murmura, puxa minhas mãos de seu antebraço e me segura na vertical enquanto ele se vira para mim. "Se soubesse que você estava tão molhada por mim, teria descido mais cedo."

"Engraçado, imbecil." Mostro minha língua e me afasto de seu aperto, virando para a bolsa na cama. Depois de vasculhar várias vezes e esvaziar o conteúdo no edredom de plumas coberto por pétalas de rosas vermelhas, percebo que não tenho roupas. Há um suéter para cada um de nós, uma camiseta, uma cueca e calça jeans para Harley e uma única calcinha de renda para mim. *Eu vou matá-lo.* Viro-me e o encontro avaliando minha pele queimada pelo sol.

"Alguma ideia de por que minhas roupas não chegaram à sacola que você arrumou esta manhã?"

Ele finge indiferença, mas há um sorriso no canto da boca, então pego a bolsa e bato nele. "Ei, ei, não me machuque. Como eu deveria saber o que você precisava?"

"Ah, eu não sei, Harley, talvez perguntando?" Abandono meu ataque e me viro para a cama, estudando as peças de roupa que ele trouxe. "Não posso deixar de notar que você conseguiu trazer o suficiente para você."

Ele encolhe os ombros. “Eu sabia quais eram minhas necessidades.”

“Não vou dormir nua ao seu lado”, afirmo. Não menciono que qualquer um de nós pode ir para a cama no outro quarto, principalmente porque, embora eu saiba que velejaremos a noite toda, tenho certeza de que Ken e Chip precisam de um lugar para descansar em algum momento e, embora ajam como profissionais completos esse tempo todo, eles ainda são estranhos para mim. Eu não acho que Harley sequer pensou que essa seria uma opção, e se pensou, não diz muito.

“Tudo bem, pegue minha camisa”, ele diz, pega e a joga para mim da pilha amarrotada que acabei de fazer na cama.

“Vire.”

“Rose”, ele protesta. “Eu já vi tudo isso antes.”

“Apenas faça.”

Ele se vira e estuda o colchão, brincando com as pétalas de rosa espalhadas por ele. Coloco a camisa dele, que é muito grande para mim, visto a calcinha de renda que ele não se esqueceu de trazer, e então subo na cama, limpando as pétalas de rosa em meu aborrecimento. “O que há com todo mundo e suas malditas pétalas de rosa? Não é romântico quando você precisa remover a flora e a fauna da cama antes de se deitar.”

“Diz a mulher que ganha a vida vendendo romance através da flora e da fauna.” Harley ri, afastando-se da cama. Ele tira suas roupas a caminho do banheiro. Tento não olhar quando ele desaparece no chuveiro. Ainda estou tentando não olhar cinco minutos depois, quando ele sai completamente nu, apaga as luzes e se deita ao meu lado. E não digo uma palavra quando seu grande corpo desliza atrás do meu e ele me vira para encará-lo — estou muito ocupada prendendo a respiração enquanto ele enfia a mão no espaço entre as minhas coxas. Acordar assim é uma coisa, mas o destino me tentar com isso intencionalmente faz meu coração

apertar dolorosamente porque é tão familiar. Tenho certeza de que ele pode sentir como estou molhada com seus dedos encostados nas minhas partes de mulher, mas ele também não comenta sobre isso, então deslizo minha mão sobre sua barriga e me aconchego, permitindo que o movimento do balanço do barco me embale para dormir.

Capítulo sete

Rose

Dezessete anos

"Ei", Harley diz, atravessando a rua e subindo os dois degraus da minha varanda. Ele se senta ao meu lado, esmagando a saia de tule do meu vestido. Mais cedo, quando o vesti, e passei pelo meu quarto em metros de tecido azul gelo e miçangas prateadas, eu me senti como a Cinderela, apenas o príncipe encantado não deve ter recebido o memorando, porque ele está atrasado.

"Nada ainda do Alex?" Harley pergunta casualmente, como se estivesse apenas perguntando a hora, ou se eu poderia emprestar um lápis. Ignoro o fato de que meus olhos estão formigando porque não tenho intenção de estragar essa maquiagem.

"Riley disse que se atrasará também. Talvez devêssemos ir juntos e encontrá-los lá." Harley começou a namorar Riley um pouco mais cedo nesse ano. Ela é uma líder de torcida bonita, popular e uma vadia completa. Naturalmente, ele se apaixonou como um idiota.

"Ele virá." Digo, e Harley assente. Eu nem tenho certeza se acredito nisso. Alex é um cara chapado de cabelos pretos desgrenhados, surpreendentes olhos verdes da cor do mar e seu próprio carro. Ele também não dá à mínima, e é disso que eu gosto

nele. Principalmente, é isso que eu gosto nele. Esta noite? Não muito.

Olho para as duas caixas transparentes na mão de Harley. “Por que você trouxe dois corsages?”

Ele encolhe os ombros e morde o lábio inferior. “Eu não sabia se ele traria um para você, e minha mãe diz que é um rito de passagem, então...”

É então que, apesar de todos os meus esforços contra isso, eu choro.

“Merda, Rose, me desculpe. Eu não quis dizer...”

“Você coloca em mim?” Enxugo as lágrimas com as pontas dos meus dedos recém-cuidados e espero, pra caralho, que eu não tenha olhos de panda.

“Claro.” Ele pousa a outra caixa, e fico olhando por um breve segundo o corsage dentro. O de Riley é uma rosa amarela com florzinhas baby breath e folhas cerosas verde-escuras. É horrível, muito parecido com a garota a que pertence.

“Rose”, Harley diz, puxando-me do meu devaneio. Ele segura o corsage nas mãos e sorrio tristemente e ofereço meu braço. Uma vez que a pulseira está no lugar, ele traça o interior do meu pulso com as pontas dos dedos.

“É lindo”, sussurro.

“Rose”, Harley diz, mas morde o lábio antes de dizer mais alguma coisa. Seus olhos procuram os meus, e parece que há algum tipo de debate interno em sua mente quando ele diz: “Não durma com ele.”

“Harley.”

“Apenas me ouça, eu sei que não é justo da minha parte dizer isso, mas...”

“Você está certo, não é.” Puxo minha mão dele e o olho.

“Ele não é o cara para você. Está bem?” Harley suga uma enorme quantidade de ar. “Ele não te merece.”

Inspiro profundamente também, não porque o que ele diz seja uma grande surpresa — Alex tem sido um namorado muito ruim —, mas porque Harley está tão irritado com isso. Harley não se irrita.

“Por favor?” Ele diz sem fôlego. “Rose, estou te implorando para não fazer isso.”

“Deus.” Exasperada, jogo as mãos para frente e me levanto. “Você não pode dizer coisas assim Harley. Você está com a Riley!”

“Eu sei.” Por um instante, ele não diz nada, eu não digo nada, e então o telefone toca no seu bolso, ele o puxa e olha para o visor. “Merda.”

“Você deveria atender isso.”

Ele não atende e toca mais algumas vezes antes que a mensagem seja enviada para o correio de voz. Não há sequer uma pausa de cinco segundos antes de tocar novamente.

“Você deve ir antes que a princesa de gelo tenha um colapso.”

Ele franze a testa, mas permanece firmemente enraizado na minha varanda da frente. Harley sempre teve que forçar os limites. Se houvesse um céu noturno acima dele, ele encontraria uma maneira de empurrá-lo de volta e deixar o sol passar. Se alguém dissesse que não, ele trabalharia até que eles não apenas dissessem sim, mas acreditassem que sim era ideia deles.

Eu sou inteligente o suficiente para perceber que ele está tentando fazer a mesma coisa comigo. Só não sei por que ele se importa. “Você já vai?”

“Ele não é para você, Wendy”, Harley diz suavemente, levantando-se.

“E quem é, você?” Pergunto. Ele não tem uma resposta para mim, o que é revelador, pois Harley sempre sabe exatamente o que dizer na hora certa.

Eu me viro e entro em casa, batendo a porta atrás de mim.

Mamãe leva vinte minutos para consertar meu rosto depois que termino de chorar. Não digo a ela o que ele disse ou por que fiquei tão chateada quando Harley foi embora — afinal, ela é minha mãe e provavelmente teria gatinhos se eu dissesse que estava pensando em sexo pela primeira vez com meu namorado drogado. Ela não me pressiona por informações e não as forneço, mas tenho certeza de que ela sabe que tem algo a ver com Harley.

Quando Alex finalmente chega, ele está uma hora e meia atrasado e não sai do carro, apenas buzina para mim na rua. Mamãe não gosta porque não tiramos fotos, mas eu decido que não quero que imortalizem o colossal estrago que esta noite tem sido até agora. Eu só quero passar por isso, trocar meu maldito cartão V e seguir em frente com minha vida.

Quando entro no seu cupê Javelin SST preto e surrado, ele cheira a bebida e cigarros. Normalmente, isso pode me fazer sentir loucamente crescida, como se eu fosse espontânea e divertida e gostasse de viver dessa maneira. Hoje à noite, isso me irrita.

O olhar de Alex rola sobre mim da cabeça aos pés, e ele levanta as sobrancelhas e diz: “Belo vestido. Mal posso esperar para tirar você dele.”

Tenho que resistir a vontade de dar um soco no nariz dele. Não há desculpas por ele estar atrasado, e Harley estava certo — também não havia corsage, além daquele que meu melhor amigo me deu. Quando chegamos ao baile, não há sinal de Harley e a princesa de gelo, e assim que entramos, parece que Alex está se escondendo para fumar.

Vou ao banheiro e entro em uma cabine. Sinto vontade de chorar, só que não consigo reunir uma única lágrima. É o que é. O ensino médio é péssimo, a vida como uma senhora dos gatos maluca será ainda pior, e então eu vou morrer. Fim.

Momentos depois, enquanto tento não fazer xixi no meu vestido, um bando de meninas entra no banheiro e, presumivelmente, afofam os cabelos e retocam o batom. Não consigo ver por conta da porta na minha frente, mas nenhuma das portas do box se fecha.

"E então eu tive que pagar o hotel no cartão de crédito da minha mãe", reclama uma das meninas, e reconheço a voz como a de Riley. Isso significa que os outros murmúrios de desaprovação pertencem àquelas em sua ninhada de putas, Callie e Lisa.

"Você está brincando?"

"Quero dizer, que tipo de homem não reserva o hotel para a noite do baile? Honestamente, às vezes os meninos são tão ignorantes. Ele tem sorte de ser gostoso, ou então eu o largaria quando descobri que ele é realmente amigo dessa aberração Rose."

"Meu Deus, você viu o encontro dela?" A voz alta e aguda de Callie ricocheteia pelo banheiro. "Ele é totalmente fofo, mas parece um sem-teto. Tipo, coloque um smoking já e escove o cabelo."

"Eles são tão estranhos. E por que Harley é amigo dela? Eles já tipo, dormiram juntos?" Lisa pergunta, e eu acho que Riley é quem ofega.

"Oh não! Ela é uma perseguidora total; ela o segue como um cachorrinho perdido. Harley disse que simplesmente não entende."

Isso não é verdade. *Certo?* Harley nunca diria isso sobre mim. Harley é a única pessoa na terra que me entende, e eu a ele. Além disso, não sou eu quem comprou corsage para ele e implorou para ele não dormir com a namorada. Riley está sendo uma puta, e essa cadela vai pagar.

Afasto a porta e me preparo para atacar e arrancar o cabelo dela pelas raízes, mas Riley e sua pequena brigada de cadelas já estão saindo do banheiro, nenhuma delas olha para trás antes de se perderem nas luzes selvagens e música trágica do baile.

Olho para o meu reflexo, para minhas bochechas coradas e meus olhos tristes, e franzo a testa porque tenho certeza de que o baile de formatura deve ser muito mais divertido do que isso. Suspiro, lavo as mãos e as seco cuidadosamente, e decido voltar para casa. Eu nem me preocupo em procurar por Alex — qual é o sentido? Mas ele me encontra de qualquer maneira, enquanto ando em meus saltos altos demais em direção aos portões da escola. Ele se afasta da parede e me segue, agarrando meu braço e me puxando para ele.

“Ei, qual é a pressa, baby?”

“Não me chame de baby.”

“Jesus, você acabou de ter seu cachorro chutado ou algo assim?” Ele joga o cigarro no chão e não se incomoda em apagá-lo adequadamente. Claro que ele não faz. Alex se importaria se meu vestido muito caro subitamente pegasse fogo? Ele provavelmente faria isso deliberadamente apenas para me deixar nua.

No início desta noite, eu poderia ter aproveitado a chance de ficar nua com ele. É o caso das adolescentes — a menos que sejam fanáticos religiosos cujos pais lhes comprem anéis de castidade — eca, nojento —, nenhuma garota de dezessete e quase dezoito anos quer se apegar à virgindade. Especialmente quando seu namorado se parece com Alex Dean. Não é preciso ser um gênio para descobrir que estou guardando minha virgindade para outra pessoa, alguém que lembrarei daqui a dez, vinte, quarenta anos e sei que fiz a escolha certa. Tenho guardado minha virgindade para o meu melhor amigo, e é por isso que, senhoras e senhores, estou destinada a morrer virgem.

Alex envolve um braço em minha cintura e me puxa para perto. “Você está pronta para sair daqui e finalmente me mostrar sua doce buceta?”

Eu piso no filtro do cigarro e o encaro. “Estou pronta para sair daqui, mas não vou lhe mostrar minha doce buceta.” Juro por Deus que é preciso tudo o que tenho para não rir como uma garotinha quando repito essas últimas palavras para ele.

“Que porra é essa, querida?” Ele se aproxima, ocupando meu espaço. Alex se esfrega contra mim, e por um momento quero vomitar, porque a verdade é que ele pode ser gostoso, pode ser muito, muito mais sexy que eu, mas Harley estava certo — ele não é digno de mim. E não estou investindo em algo acima de mim — ele está.

“Saia de cima de mim.”

“Você sabe o que? Foda-se isso. Eu poderia entrar naquele ginásio e ter qualquer uma daquelas cadelas comendo meu pau antes mesmo de deixarmos o estacionamento.”

“Você está certo, você poderia”, sussurro contra sua orelha e dou um passo para trás. “Mas não terá essa.”

Alex se afasta de mim, seu sapato chuta o meu no processo. Perco o equilíbrio e oscilo nos calcanhares. Não foi intencional, eu sei disso. Eu também sei que ele não vai tentar me ajudar, mas tudo bem, porque alguém o faz. Harley me ajuda e empurra Alex com força enquanto ele se afasta. “Que porra é essa, cara? Agora você está batendo em garotas também? Bater neles não foi suficiente?”

“Sai fora, garoto bonito. Isso não diz respeito a você.”

“O inferno que não”, Harley diz, encarando-o. “Você a toca novamente e eu vou quebrar a porra do seu pescoço.”

“Harley”, chamo. Nunca vi esse lado dele antes, e estou em partes iguais, abismada e com medo.

“Foda-se isso. A buceta dela nem vale...”

O punho de Harley se conecta com o rosto de Alex. O som é terrível — um esmagamento surdo. Isso faz meu estômago revirar e causa medo no meu coração quando Harley não para de uma só vez e Alex rebate. Ele dá os golpes em Harley e depois volta com um soco direto na mandíbula de Harley.

“Pare com isso!” Nenhum dos dois me escuta, e quando estou prestes a me jogar na briga para separá-los, sou puxada por enormes braços me levantando no ar enquanto chuto meus pés. “Coloque-me no chão.”

“Eu peguei você, Rose. Você está bem.” Sussurra uma voz baixa no meu ouvido e me coloca no chão novamente, mas seus braços fortes não soltam. Eu me viro e encontro Kordell Green, um imenso jogador de defesa, com pele negra e olhos escuros cor de chocolate sorrindo para mim. “Eu peguei você, e meu garoto dará um jeito nisso.”

Eu giro a tempo de ver Harley dar outro soco que faz Alex cambalear, mas Alex é um lutador de baixa qualidade. Ele cresceu em Tenderloin, e esta não é sua primeira briga. Sei que Harley entrou em algumas brigas quando saiu com os caras, mas Alex está acostumado a lutar, e Harley não.

Em questão de segundos, Alex retorna e seu gancho esquerdo atinge Harley bem na têmpora. Eu grito. Harley cambaleia para trás, mas não cai, o que obviamente não é o que Alex queria, então ele se joga nele novamente, mas Harley não é leve. Eles caem no chão, golpeando um ao outro com punhos e mão abertas. Todo o seu treinamento de futebol deve valer a pena, porque Harley vira por cima e dá um soco na cara de Alex que o derruba. Harley se levanta e fica sentado, montado em Alex, respirando por um momento.

“Viu? Nosso garoto tinha tudo sob controle”, Kordell diz. De todos os companheiros de equipe da Harley, eu gosto mais dele. Ele

tem que ter mais de cento e trinta quilos, mas é um gigante gentil, a menos que esteja em campo.

Uma multidão se reuniu ao nosso redor, e tenho certeza de que os professores não ficarão muito para trás, mas Harley olha para mim, exausto e sangrando, com os olhos inchados, e cubro a boca para que meu grito agudo não seja ouvido. Ele lentamente se levanta e tropeça em minha direção. Minhas mãos voam automaticamente da minha boca para o pescoço dele enquanto meus olhos percorrem seu rosto. “Você está bem?”

Ele assente, o sorriso abre ainda mais o lábio cortado. Os colegas de equipe de Harley parecem sair da quadra de uma só vez, e sou atraída por seus corpos musculosos enquanto o felicitam por um trabalho bem feito. Isso não parece certo para mim, e embora ele tenha sido um idiota completo a noite toda, estou preocupada com Alex, que ainda está deitado de bruços na calçada. Olho para Kordell, que não foi pego pela testosterona.

“Obrigado pelo apoio, cara”, Harley diz, e Kordell apenas assente como se isso fosse algo comum, o que eu suponho que seja. A equipe é família, eles se cuidam, mas essa mentalidade também significa que as coisas podem sair do controle rapidamente.

“É melhor você sair daqui antes que o treinador perceba isso”, Kordell adverte. Harley assente e desliza sua mão quente na minha, entrelaçando dedos longos com os meus, e sou puxada pela multidão de jogadores de futebol barulhentos.

“Watson, me dê suas chaves”, Harley grita, e o grande receptor de cabelos ruivos enfia a mão no bolso, pega um conjunto de chaves e as joga na nossa direção. Harley pega as chaves no ar e, pela primeira vez, percebo como sua mão está estourada. “Vou levar você para casa.”

“Você não precisa fazer isso.”

Como se fosse uma sugestão, a princesa de gelo grita por trás da multidão, e ela e o grupo de putas empurram a parede de jogadores de futebol bloqueando seu caminho. “Oh meu Deus! Você está falando sério, Harley? Entrou em uma briga no baile? Por ela?” Ela pergunta com desgosto, olhando para mim. “Ela nem é seu encontro.”

“Não, mas ela deveria ter sido”, ele sussurra, tão baixo que acho que ouvi errado. Quando seus olhos encontram os meus, sei que ouvi tudo com cem por cento de clareza. “Ela é minha amiga. O namorado dela estava sendo um babaca fodido e precisava aprender uma lição.”

“E você precisava fazê-lo.” Ela zomba, e depois zomba de mim com um gritinho irritante. “Pobre Rose. Ela é tão solitária; ela é tão triste; ela é tão patética. Se eu não cuidar dela, quem cuidará?” É uma representação terrível de Harley, mas tem o efeito desejado, porque me acerta perfeitamente, do jeito que ela pretendia. Harley *sempre cuidou* de mim. *É isso que ele realmente pensa?*

Seus dedos se soltam dos meus e ele dá um passo na direção dela. “Pare de ser uma vadia, Riley. Vou levando Rose para casa. Voltarei para você depois.”

“Você sai com ela e eu não estarei aqui quando voltar”, a princesa de gelo diz e se vira.

Harley pega minha mão novamente e me leva pelos portões da escola até a caminhonete de Watson. Ele ainda está cuidando de mim, como se eu fosse uma criança fraca, incapaz de se virar sozinha, e as palavras de Riley se reviram no meu interior como uma faca. Harley descansa a mão na minha bunda e me ajuda a subir, então ele tenta afivelar meu cinto de segurança, mas bato nas mãos dele para fazê-lo sozinha. As sobrancelhas de Harley estão enrugadas. Ele fecha a porta, caminha para o lado do motorista e entra, vira a chave e rapidamente liga a música. Harley

coloca o pé no chão e passa a dirigir como um maníaco por toda a cidade.

Não dizemos uma palavra quando paramos na minha casa. Apenas retiro meu cinto e viro para abrir minha porta quando a mão dele pousa no meu joelho. Sinto o peso dela, o calor através das camadas de tule.

Eu olho para ele. “Você quer entrar e deixar meu pai dar uma olhada nisso?” Pergunto, referindo-me ao seu lábio partido. Meu pai é cirurgião pediátrico no Hospital Infantil de Benioff, em Oakland. Ele poderia consertar Harley em alguns minutos.

“Não. Garotas gostam de cicatrizes, certo?”

“Certo.” Eu meio que sorrio de volta, mas todo o humor me deixou horas atrás. De fato, não houve nada de bom nessa noite — bem, exceto pela minha estupidez em pensar que Alex deveria ser o meu primeiro. “Bem, obrigada por espancar o Alex por mim.”

“Você não precisa me agradecer. Eu estava querendo bater no rosto daquele idiota desde o segundo em que vocês dois ficaram juntos.”

Concordo, porque isso não é novidade para mim, mas ainda não descobri o porquê. Por que ele se importa se eu durmo com Alex? Terminou entre ele e Riley agora? “Desculpe por arruinar o baile. Aposto que Riley não está muito feliz com nenhum de nós agora.”

“Riley pode esperar. Ela não é importante.”

Minhas sobrancelhas franzem em surpresa e um pouco de aborrecimento. Se ela não é importante, por que diabos ele a levou para o baile? Antes que eu possa ler muito sobre isso, Harley se inclina para o meu espaço pessoal, tão perto que respiramos o mesmo ar. Fizemos isso cem vezes desde os treze anos, mas nunca cruzamos essa linha novamente.

“O que você está fazendo?” Sussurro.

“Ele está errado sobre você, sabia?”

“O que?” Pergunto, mas minha pergunta é interrompida por seus lábios quando eles se chocam com os meus. Sua língua entra na minha boca e um gemido surpreso me escapa, mas é engolido por ele. As mãos de Harley seguram meu rosto e as minhas deslizam para a parte de trás de sua cabeça. Eu o beijo de volta, quente, úmido e cheio de necessidade, e então os fogos de artifício explodem atrás das minhas pálpebras, como fizeram na primeira vez que nos beijamos. Do jeito que deveria ter sido todo esse tempo com Alex.

Muito cedo, Harley quebra o beijo e encosta a testa na minha. “Rose”, ele sussurra sem fôlego.

“Sim?” Suspiro, sem fôlego. Eu gostaria que ele calasse a boca e voltasse a me beijar, mas Harley se afasta e seu rosto fica branco como um lençol.

“Merda.”

Meu coração se parte porque só posso imaginar o que isso significa. Ele não tinha a intenção de fazer isso, e eu... *tinha*.

Meus pensamentos são interrompidos por uma batida na minha janela, e pulo cerca de seis metros no ar quando vejo meu pai parado do outro lado daquele vidro fino. Por um momento, sou tentada a dizer a Harley que se esconda no chão, mas então eu estaria com mais problemas ainda. Nós dois estaríamos.

Meu pai faz o símbolo internacional de ‘abaixe sua janela’ e eu obedeço porque ele não apenas parece tão surpreso quanto eu agora, mas também parece bravo. Muito, muito bravo.

“Oh merda, ele está chateado”, Harley diz.

“Sim.” Abro a janela.

“O que diabos vocês dois estão fazendo aqui fora?”

“Harley me trouxe para casa.”

“Sim, eu posso ver isso.” Papai faz uma careta. “Quero dizer, o que vocês dois estão fazendo aqui, neste carro, beijando como um monte de...”

“Eca, papai, beijando”, eu digo. “Sério?”

Obviamente, isso não me conquista nenhum ponto com ele, porque sua carranca se aprofunda.

“Desculpe, senhor”, Harley diz, e a parte de mim que não tem pavor do meu pai cortar Harley em pedacinhos com sua serra de osso está em êxtase porque meu melhor amigo me beijou e aqueles lábios eram tão quentes e macios como travesseiros exatamente como eu me lembrava, e oh meu Deus, agora não é realmente o momento de encarar o Harley como se eu quisesse outra vez.

“Agora é senhor, não é?” Papai diz. Harley nunca o chamou de ‘senhor’ um dia em sua vida. Papai é um livro aberto, e um cavalheiro total. Normalmente, no minuto em que alguém liga para o meu pai, senhor, ou para o doutor Perry, todas as negligências são perdoadas. Mas isso não acontecerá aqui. “O que aconteceu com o seu rosto?”

“Alex aconteceu”, eu digo, pegando a maçaneta da porta, mas desde que meu pai está encostando no carro, parece que estou presa e vou exatamente a lugar nenhum.

“E ele fez isso porque você estava beijando minha filha?”

“Harley bateu nele porque Alex estava sendo um idiota. Só isso, pai.” Eu puxo a maçaneta novamente, entrando em pânico, apesar da minha angústia adolescente, porque sei que meu pior medo está prestes a acontecer, e então, como se ela fosse convocada, minha mãe abre a porta da frente da nossa casa e grita: “Herb, quem é?”

“É Rose”, papai responde, e então olha para Harley. “E seu muito bom amigo Harley. É melhor você entrar, e eu darei um jeito nesse corte.”

“Pai, ele está bem.”

“Não. Eu tenho que voltar...”

“Eles já estão em casa?” Minha mãe grita na varanda da frente porque está de pijama e não pode ser vista na rua de pijama, mas ficar de pé na varanda é aparentemente bom. “Bem, o que eles estão fazendo sentados no escuro? E de quem é esse carro?”

“Ele vai entrar para eu dar uma olhada em seu rosto.”

“O que aconteceu com o rosto dele?”

“Sinto muito”, digo, embora eu saiba que ele sabe como eles são.

“Aparentemente, Harley espancou o namorado da Rose”, papai interrompe, nunca tirando seu olhar mortal de nós.

“Alex? Bem, esse merda merecia. Quem ele pensa que é, chegando atrasado para pegar minha filha? Você viu o rosto dela? Ela ficou arrasada.”

“Mãe!” Eu grito, e então desisto, porque justamente quando acho que não poderia piorar, tudo é bola de neve a partir daí. Meu pai envia a Harley outro olhar mortal e, para piorar ainda mais, Rochelle e Dean saem andando pela porta da frente e atravessam o nosso quintal para ver o que é toda essa comoção. Isso reforça a coragem da minha própria mãe e ela desce as escadas cambaleando com seus chinelos fofos de salto gatinho, seu roupão de cetim ondulando atrás dela.

“Harley, o que aconteceu com o seu rosto?” Rochelle pergunta.

Mamãe responde por ele: “Ele bateu no encontro da Rose.”

Harley joga a cabeça para trás no assento e exala alto. Eu sei exatamente como ele se sente. “Ele foi um idiota.”

“Olha a linguagem”, Rochelle alerta.

“Ele foi um completo idiota, mãe.”

“Bem, o que ele fez?”

“Não importa.”

“Filho, isso pode ser um processo em potencial esperando para acontecer.” Isso vem do pai de Harley, Dean. “Agora, se vou receber uma ligação do pai desse garoto pela manhã, ou pior, um mandado de prisão, vou precisar de todos os detalhes.”

“Jesus Cristo”, Harley murmura baixinho, e Rochelle o castiga novamente. “Ele a estava pressionando por sexo, ok?”

Dean murmura uma maldição. O rosto do meu pai se torna completamente assassino. As mães ofegam simultaneamente, como se nunca tivessem sido adolescentes. Meu coração fica pesado dentro do meu peito e meu estômago aperta com as reações deles. Sinto-me uma otária. Por que estou mais indignada por mim mesma e por que vivemos em uma sociedade em que os meninos pressionam as meninas por sexo? Por que as meninas só são valiosas para os meninos se elas fizerem sexo? E por que eu estava tão disposta a dar minha virgindade a algum idiota que poderia ter me substituído por qualquer uma dessas garotas naquele ginásio e não se importar nem um pouco?

“Graças a Deus Harley salvou o dia ao trazer Rose para casa e beijá-la no banco da frente de um carro emprestado”, papai grita, e eu sei que levará um tempo para ele superar o fato de que me pegou beijando o garoto que ele achava que podia confiar com a filha.

“Beijar?” Mamãe e Rochelle dizem ao mesmo tempo, e as duas parecem felizes demais. O calor lambe minhas bochechas, e posso morrer porque não tinha a intenção de contar aos meus pais sobre a situação com Alex, e certamente não estava pensando em contar a eles sobre Harley e eu. Sei também agora que mamãe e Rochelle nunca desistirão de garantir que isso se torne algo. Estou

surpresa que elas ainda não tenham enviado convites de casamento.

"Ok, por mais divertido que isso seja, vou para a cama." Fecho a janela nos rostos expectantes de nossos pais, e sorrio para Harley. "Obrigada por me trazer."

Ele não responde, apenas inclina o queixo na minha direção enquanto abro a porta, praticamente expulsando meu pai do caminho, que ainda está dando a Harley um olhar feio. Desço da caminhonete e passo pelos meus pais. Embora saiba que papai está ansioso para colocar as mãos em Harley e fazê-lo pagar um pouco com álcool e possivelmente alguns pontos, Harley diz a seus pais que está bem e ruge noite adentro.

Dentro do meu quarto, mamãe paira como um mosquito enquanto me ajuda a abrir o zíper do meu vestido. Ela me pergunta várias vezes sobre Alex, e se estou bem ou não, e até que ponto ele foi, e o alívio está estampado em todo o seu rosto quando digo que Harley interveio antes que Alex causasse algum dano. Acho que ela sabia que eu não estava tão interessada em Alex, então sabe que não estou de coração partido. Ela tenta várias vezes reunir detalhes sobre meu beijo com Harley, mas escolho mantê-lo para mim. Sinto que se falar sobre, de alguma forma isso tornaria menos especial, e para sua decepção mantenho minha boca bem fechada.

Depois de tirar os grampos do cabelo e remover a maquiagem, sento na minha cama e leio enquanto espero Harley voltar para casa e esgueirar-me pela janela aberta, mas ele não volta. Pelo menos não antes de eu adormecer, e na manhã seguinte, quando finalmente encontro coragem para entrar pela sua janela, encontro sua cama vazia e intocada. Ele não dormiu aqui a noite toda. Meu coração se quebra quando percebo onde ele ficou. Ele passou a noite com Riley, em um quarto de hotel cobrado no cartão da mãe dela. E sou tola por pensar que o beijo significou algo para ele só porque significou tudo para mim.

Capítulo oito

Rose

Tomo um gole do meu Mai Tai e olho para o oceano enquanto o sol se põe. A garçonete Brittany me olha de novo, porque estou ocupando um espaço precioso em uma das mesas para casais sem pedir nada além de alguns coquetéis. Harley deveria se juntar a mim para jantar, mas depois da magia de Kauai ontem, é como se ele tivesse completado cento e oitenta anos quando voltei da compra dos nossos cafés da manhã. Não sei se foram más notícias em casa ou se Alecia tentou entrar em contato, mas ele jogou o telefone contra a parede e invadiu o banheiro enquanto eu passava pela porta da suíte do hotel.

Eu o bombardeei com perguntas, mas ele não respondeu. Harley não fez muita coisa além de ficar bebendo pelo quarto. Normalmente, eu teria sido a favor disso, mas sei quando meu melhor amigo precisa de espaço, então beijei sua bochecha e o deixei com sua miséria. Isso foi há horas, e eu voltei para o quarto duas vezes desde então, mas ele não estava em lugar nenhum. Enviei uma mensagem, lembrando-o da nossa reserva para o jantar, mas enquanto estou sentada sozinha à nossa mesa evitando os olhares de Brittany, não tão doce de temperamento, que fica aparecendo a cada dois segundos para perguntar se estou pronta para pedir, sei que onde quer que esteja, ele não vem.

Vir aqui foi uma péssima ideia, e quando estou me preparando para sinalizar para sempre vigilante Brittany sobre a conta, ouço uma voz familiar por trás.

“Um momento”, Dermot diz a Brittany enquanto ela se prepara para levar a conta da minha mesa. Levanto-me para cumprimentá-lo, e ele me puxa para um beijo desajeitado na

bochecha. Isso é novo para nós. Dermot é um cliente e, embora eu sempre saiba que ele é um flerte colossal, nunca interrompemos nosso relacionamento vendedor/consumidor com toques de qualquer tipo. “Sozinha novamente?”

“Parece”, eu digo com um sorriso tenso.

“Você sabe que estou começando a pensar que está inventando esse noivo fugitivo.”

Eu realmente gosto de Dermot. Meu talão de cheques e meu contador gostam muito de Dermot e sua contribuição regular para os meus negócios, e sim, mesmo que meu coração esteja pendurado no meu melhor amigo inatingível, as minhas partes de senhora realmente apreciam Dermot — em um nível puramente estético, é claro. No entanto, isso foi uma coisa extraordinariamente babaca a dizer.

Como se eu fosse para uma lua de mel no Havaí, sozinha.

“Você sabe que estou começando a pensar que você está inventado uma esposa para cobrir o fato de que você é gay. O que eles dizem sobre os homens bem-sucedidos e bonitos de San Francisco? Eles são casados ou gays.”

“Oh Rose, eu definitivamente não sou gay”, ele murmura, seu olhar corre sobre mim da cabeça aos pés e, embora eu estivesse apenas brincando, estou inclinada a acreditar nele.

Sentindo-me seca e um pouco abalada, levanto meu copo em um brinde. “Você é casado embora.”

“Você me pegou.” Ele sorri e aponta para o assento desocupado na minha mesa. “Posso?”

“É claro”, eu digo, e atiro a Brittany — que está assistindo nossa troca esse tempo todo com os olhos esbugalhados — um olhar. Ela volta sua atenção para Dermot, colocando o guardanapo de pano no colo dele e perguntando se ele gostaria de algo para beber. Ele agradece a ela e pede um Jameson, enquanto eu peço

outro Mai Tai, e Brittany então deixa menus para nós dois e se afasta para atender nosso pedido com seu rabo de cavalo balançando.

“Então, onde está esse melhor amigo misterioso?”

“Eu não tenho certeza.”

“Você não deveria ficar de olho nele, fazendo-o não se sentir tão sozinho?”

“Esse era o plano, embora não esteja funcionando tão bem hoje.” Tento esconder a mágoa da minha voz, mas sei que Dermot ouve porque, quando olho para o meu esmalte de unha lascado, ele está me estudando de perto. Seus profundos olhos castanhos penetram nos meus, e eles parecem procurar mais do que estou disposta a dar. “E a senhora Carter?”

“Dia difícil no spa. Ela quis pedir no quarto.”

“Você não deveria pedir com ela?”

“Se você conhecesse a Sra. Carter, estaria perguntando por que eu me incomodo em voltar para a suíte”, ele diz, não olhando para mim, mas para o oceano. “Fico me perguntando por que fazemos isso — comemoramos aniversários quando não podemos ficar sozinhos juntos por uma única noite.” Ele ajeita o colarinho e olha para o bar. Claramente, este é um homem que precisa de uma bebida forte. “Desculpe-me. Você foi deixada sozinha pelo seu melhor amigo, que ainda não quer transar com você, e minha esposa prefere transar com seu ginecologista a transar com o marido, então onde isso nos deixa, doce Rose?”

Pobre Dermot. Eu acho que nós dois estamos perseguindo pessoas que não querem ser pegas. A única diferença é que a Sra. Carter disse ‘sim’. Cara, ela parece uma vadia completa.

“Miseráveis no paraíso, e pagando por bebidas muito caras.” Sorrio, porque realmente se não risse, choraria.

“Touché.”

Brittany finalmente volta com as nossas bebidas, batendo os cílios flertantes para Dermot. Ele não lhe presta atenção; parece que o Sr. Carter só tem olhos para o Jameson e... eu? “Bem, eu gosto demais de bebidas caras.”

Ele levanta o copo para o meu em um brinde. “A um amor não correspondido, então.”

Paro com a bebida a meio caminho da minha boca. “Eu não disse que estou apaixonada por ele.”

“Você não precisou.”

Touché, de fato.

♥

Dermot é um homem que gosta de assumir o comando. Aprendi isso quando ele tomou a liberdade de pedir o jantar para mim. Eu também dei um escândalo sobre isso, e assim segui um desafio de beber como nenhum outro. Pedi a ele um coquetel horrivelmente frutado após o outro, e ele, por sua vez, me pediu todo tipo de uísque que o restaurante servia. Isso era muito álcool. Bebi, provavelmente mais do que a maioria das mulheres da minha idade, e muito mais do que seria bom para mim, mas isso é outra coisa.

Mandão ou não, eu me divirto muito com Dermot. Ele é charmoso e engraçado, e não dói que seja bom aos olhos. Sob diferentes circunstâncias como, ele não ser casado e eu não estar apaixonada pelo meu melhor amigo — Dermot Carter é o tipo de homem pelo qual eu poderia me apaixonar. Ele é um cavalheiro, doce, bem-sucedido e tão carismático que me deixou completamente presa em sua teia. Há uma corrente de perigo nele também, como se aqueles grandes olhos castanhos conhecessem todos os seus movimentos antes de você fazê-los e você não tem certeza se amaria ou odiaria o castigo que ele aplicaria se você

errasse. *Aposto que eu adoraria.* Não que isso seja algo que eu possa experimentar, mas uma garota pode fantasiar, e ninguém nunca se machucou com minhas fantasias, exceto, talvez, meu vibrador, e é por isso que comprei um novo top de linha Lelo Olga em prata pura. *Chega de borracha derretida para mim.*

É tarde quando finalmente nos levantamos para sair, e eu tive muito mais do que posso suportar. Tropeço um pouco quando me levanto e dou a Brittany um sorriso falso. Dermot descansa a mão nas minhas costas enquanto me leva para fora do restaurante. É bom, e fico feliz que ele não tenha escrúpulos em tocar a sua florista.

Quando se trata de caminhar pelo bar pouco iluminado, perto do restaurante, eu decido que este parece um lugar fantástico para me aconchegar em um dos sofás e adormecer, e me pego gravitando em direção a eles, mas Dermot gentilmente me afasta para mais perto das escadas. Não sei como ele está melhor; ele bebeu tanto quanto eu, embora suponha que ele deva ter bebido pelo menos 20 litros a mais que eu. *Ainda assim, não é justo.*

Quando chegamos à escada de mármore, Dermot pega meu cotovelo, e esse tipo de gesto cavalheiresco automático faz minha buceta ficar em alerta vermelho. Sério, se eu estivesse usando uma saia mais curta, aposto que você poderia ver uma luz vermelha piscando vindo do meu clitóris com uma pequena sirene gritando sobre como havíamos encontrado um guardião. Dou outro passo e quase caio dos meus sensíveis sapatos de gatinho.

Os dedos de Dermot afundam na minha carne enquanto me firma, e nossos olhos travam. E isso pode ser apenas a quantidade abundante de combustível de foguete no meu corpo, mas... caramba, ele é bonito. Não da maneira como Harley é, pronto para levá-la para qualquer lugar, mas da maneira bem-sucedida e bonita do CEO, eu tenho tudo sob controle, o que é sexy. Sério...

O chão sai de debaixo de mim quando dou o próximo passo e vacilo. Meu sapato voa e aterrissa em uma das várias lagoas ao

redor do resort. Estou voando, caindo no chão enquanto Dermot tenta me pegar, só que eu o trago comigo. Em cima de mim. Minha cabeça bate na calçada e gira quando meu olhar lentamente volta ao foco. O hálito quente e o pós-barba forte de Dermot me envolvem. Solto uma risada chorosa. “Eita.”

“Você está bem?” Ele pergunta, rindo. É então que eu percebo que ele também está bêbado. *Ha!* Minhas bebidas frutadas o alcançaram. Ele é muito melhor em esconder isso do que eu.

“Não-não”, eu digo enquanto balanço minha cabeça. Dermot sorri e seu olhar cai na minha boca. Minhas mãos de alguma forma se enredaram nos gostosos cabelos grisalhos de Dermot. Eu brinco com os fios na nuca, ele se inclina e... “Oh Deus! Você é casado!”

“Eu sou”, ele concorda, como se isso fosse um fato de que ele apenas se lembrou. Empurrando-se sobre os cotovelos, ele tira seu peso de mim ao mesmo tempo em que tento me soltar, mas isso só serve para empurrar nossos corpos para mais perto. Ele está duro. Não apenas semiduro, mas *duro* demais. Como aço ou diamantes. Quão duros são os diamantes? Quero dizer, obviamente, eles são duros, mas você pode realmente compará-los com carne, não importa quão impressionante seja o tesão?

Dermot molha os lábios, aqueles lábios carnudos e bonitos, e olha para mim com arrependimento. Como se eu fosse o último pedaço de bolo de chocolate e alguém chegou lá antes dele.

Oh, isso é ruim. Isso é muito, muito ruim.

“Você é casado”, digo novamente, embora desta vez minha voz seja um sussurro, e Deus me ajude, é cheio de decepção. Eu sou uma pessoa horrível. Não há volta a partir deste momento. Só há uma vida onde tiro minhas roupas por dinheiro, prostituição e possível pornografia B. Será que eu poderia trabalhar com Danny Mountain? Não. Ele também é casado. *Eu vou para o inferno.*

“Sim, você está certa”, ele diz, mas não se move. Em vez disso, Dermot olha para onde nossos corpos estão unidos no quadril. “Eh... eu posso ter um pequeno problema.”

“Não tenho certeza se chamaria isso de pequeno.” E não chamaria mesmo, porque o homem parece enorme pressionado contra mim.

“Você é muito boa para o meu ego, Rose, mas é terrível para o meu autocontrole.” Ele beija minha bochecha e fica de pé. E embora eu tente dizer a mim mesma para não olhar, é tudo o que posso fazer. Meus olhos se concentram na protuberância em suas calças. Minha mãe me ensinou a mostrar apreço por coisas bonitas quando você as vir. De alguma forma, eu não acho que ela estava falando sobre o pau do meu cliente — embora ela fique um pouco tonta quando Dermot chega para tomar seu café da manhã.

O homem em questão oferece sua mão, e eu a pego e deixo que me puxe para cima. *Bem, isto é constrangedor.*

“Eu deveria voltar.” Aponto para a Rainbow Tower acima de nós. Se eu olhasse para cima, sem dúvida seria capaz de ver o nosso quarto, mas minha cabeça está muito tonta para isso, então apenas olho sem jeito para Dermot. *Espero que ele não decida ir à outra florista agora.*

“Sim, você deveria.” Seus olhos ficam presos nos meus. “Eu me ofereceria para acompanhá-la, mas não tenho certeza se isso seria bom com seu colega de quarto.”

“Provavelmente não.” Sorrio e tiro o sapato que ainda tenho. Não posso correr o risco de tropeçar de novo, por que quem sabe? Desta vez, posso cair sobre um pau aleatório. “Então... obrigada pelo jantar e pelo passeio.”

Ele sorri, e isso faz uma reação química acontecer no meu interior. “De nada. Se ao menos tivéssemos visto mais.”

“Pois é.” Começo a andar para trás e apenas não quero cair no lago das carpas. Eu realmente preciso estar longe, longe de

homens bonitos... e peixes... aparentemente, porque tenho certeza de que pelo menos um deles foi atingido em sua grande cabeça bulbosa pelo meu salto rebelde. “Bem, boa noite.”

“Boa noite, Rose.”

Desapareço às pressas antes que eu possa me tornar ainda mais idiota, ou você sabe, corrompa meu cliente em seu aniversário de casamento no meio de um resort caro.

Capítulo nove

Rose

Segurando meu único sapato com força no peito, deslizo a chave na fechadura e silenciosamente entro na suíte. A luz do banheiro está acesa e a cama está amarrotada, mas vazia. Harley está sentado na varanda no escuro com uma garrafa de uísque na mesinha ao lado dele, as pernas apoiadas na cadeira vazia. Acho que ele não me ouviu entrar, porque há uma porta de vidro entre nós. Eu o observo um pouco enquanto ele gira o uísque restante em seu copo, e então o coloca sobre a mesa intocada. Ele abaixa a cabeça. É difícil ver claramente daqui, mas seus ombros tremem um pouco quando ele enterra o rosto nas mãos. É tudo o que precisa para eu estar do outro lado da sala. Abro a porta e sou atingida pelo perfume do oceano e do álcool. Harley não se vira — apenas respira irregularmente enquanto o envolvo com meus braços. E então seus ombros tremem incontrolavelmente enquanto o seguro. Em pouco tempo, ele está chorando alto.

Eu nunca o vi assim e tenho vergonha de dizer que isso quebra algo dentro de mim, porque eu o amo. Encontros bêbados com charmosos CEOs à parte, eu o amo, e testemunhá-lo desmoronar por uma mulher que não o merece? Bem, dói pra caralho.

Quando se torna aparente que ele ainda não vai falar, agarro sua mão e o conduzo de volta para dentro do quarto. Eu o empurro no colchão, esperando ir ao banheiro e trocar esse vestido estúpido, mas não chego tão longe porque Harley puxa minha mão com a sua e caio na cama ao lado dele.

Ele não diz uma palavra, apenas vira meu corpo tão facilmente quanto pode mover uma boneca de pano e me puxa para

perto. Deitando a cabeça nos meus seios, seu hálito quente de uísque se mistura com o meu enquanto afago seu cabelo. É estranho vê-lo tão vulnerável, esse homem enorme que me supera, meu Harley, que sempre foi tão sólido, tão forte. A culpa me atravessa. Eu deveria estar aqui; deveria ter pressionado por respostas; deveria tê-lo forçado a falar comigo. Em vez disso, jantei com um homem casado, um homem que quase beijei.

Em pouco tempo, a respiração de Harley desacelera e se torna mais profunda e então, quando sei que ele está dormindo, traço suavemente as linhas do seu lindo rosto. *Há quanto tempo eu quero isso?* Há quanto tempo sonho em tocá-lo da maneira que estou tocando nesta semana, de abraçar na cama, de olhares roubados, e a maneira inteligente que ele me provoca e que simultaneamente me faz querer machucá-lo e beijá-lo de uma só vez? Eu o quero há tanto tempo, mas todos esses toques não significam nada agora, porque mesmo que seus braços estejam bem apertados ao meu redor, eu não o tenho. Outra pessoa o tem. E agora, ela é a cadela mais sortuda do mundo, porque eu daria tudo para que ele se sentisse assim por mim, e daria qualquer coisa para que ele me olhasse como Dermot me olhou esta noite.

Capítulo dez

Rose

Dezessete anos

Passo a manhã chorando. É estúpido, eu sei, mas não posso evitar. Aquele beijo significou tudo, ouvi-lo dizer que Riley não era importante significou tudo, e ainda assim o babaca passou a noite do baile com ela... em um hotel. Fazendo sexo.

Entediada e sozinha, afogo minhas mágoas no chocolate e me entrego a uma maratona de *Buffy* — a segunda temporada em que Buffy dorme com Angel e ele perde a alma, muito obrigada. *Sexo*. Se Angel mantivesse sua calça, eu não teria que assistir sua alma destruir o final da temporada com seu rosto de vampiro esburacado. Enfio um punhado de doces na boca e jogo outro no rosto generosamente irritante de Angel.

"Idiota, idiota sexy!" Eu grito para a TV, exatamente quando Harley sobe na minha janela e cai na cama ao meu lado. Movo-me alguns centímetros e ele chega mais perto, e então enfia sua grande mão carnuda — que está coberta de hematomas e pele rasgada — nos meus M&Ms.

"Ei", ele diz, colocando um punhado de doces na boca.

Ei? Ei? Sério? Ele bate no meu namorado, me beija na noite do baile e depois volta para a princesa de gelo para passar a noite com ela, e tudo o que recebo é um maldito *ei*? "Ei."

"Ok, você está brava."

Olho para ele.

"Onde está seu pai?" Harley olha para a porta. "Ele não vai me dar um sermão, não é?"

"Eu não sei. Ele está jogando golfe, salvando crianças ou algo assim." Harley se inclina e acaricia meu pescoço com o nariz. Eu me afasto. "O que você está fazendo?"

"Vamos, levante-se."

"Não. Estou assistindo", digo, porque é verdade. Das sete temporadas de *Buffy*, esse episódio ainda é o meu favorito — mesmo com Angel sendo um idiota sexy e malvado. Também tenho certeza de que tenho chocolate no rosto e um super mau hálito infernal, então não pretendo ir a lugar algum agora.

"Você não está assistindo, está se afundando e já viu esse episódio." Ele desliga a TV e o quarto fica escuro.

O anoitecer cai, o sol se põe sobre a cidade em um dos seus lindos pores do sol alaranjados e, pela primeira vez, não há neblina para mascará-lo.

"Eu não estou afundando", digo a ele com naturalidade, colocando mais doces na boca para esconder meu hálito mortal.

"Nós vamos conversar sobre isso? Ou você vai continuar enchendo sua cara com chocolate para não precisar falar comigo?"

Maldito seja.

"Eu te ensinei esse truque, lembra?" Harley sorri, e então me puxa para que meu corpo fique nivelado com o dele enquanto passa os dedos pelo meu braço para cima e para baixo. Fecho os olhos, porque mesmo magoada e com o coração partido, nunca senti borboletas explodirem dentro da minha barriga quando Alex me tocou. Nem mesmo quando ele deslizou a mão dentro da minha calcinha e tentou me tocar. Eu me senti nervosa e incerta, com

certeza, mas não senti como se minha respiração dependesse da sua próxima carícia.

“Wendy?” Harley me chama, e meus olhos se abrem. Eu tento disfarçar. Isso não funciona.

“Não me chame assim. Não somos mais crianças.” Murmuro. Ele apenas sorri.

“Eu nunca vou crescer, e você também não deveria. Agora vamos lá.” Ele desliza para fora da cama e se levanta, agarra meus braços e me coloca de pé quando a tigela de doces cai no chão e os M&M se espalham pelo meu quarto.

“Eu realmente não quero ir a lugar algum, Harley.”

Ele leva minha mão aos seus lábios, beijando-a suavemente e escondendo aquele sorriso travesso contra a minha carne. “E se eu te dissesse que seria uma aventura muito grande?”

“Então eu pediria para você parar de citar Peter Pan. Você tem seis anos?”

Ele franze a testa e depois parece estudar meu corpo pela primeira vez. “Você não pode usar essa roupa.”

“O que há de errado com isso?” Eu pergunto, olhando para as minhas leggings negras e estampadas e a camiseta de grandes dimensões.

“Você parece uma mendiga.” Ele caminha pelo quarto até a minha cômoda, puxa uma calça jeans e uma camiseta preta dos Goonies que eu usei até a morte quando criança e que deveria ter jogado fora antes. É esfarrapada e se encaixa tão confortavelmente que eu não preciso usar um sutiã para esconder...

Faço uma careta, porque, embora ame essa camisa, não é tão confortável quanto minha roupa de mendiga, e eu quis dizer o que disse — eu realmente não quero ir a lugar nenhum. Com um suspiro resignado, entro no closet para me trocar, porque sei que

ele não vai se virar. Quando termino, saio e tranço o cabelo por cima do ombro, então pego um casaco de lã porque, independentemente da época do ano, o clima de San Francisco pode ser uma vadia temperamental, e é uma boa maneira de esconder meus mamilos super excitados nesta blusa.

Eu o sigo e balanço a cabeça enquanto ele sobe pela janela e entra na prancha de madeira entre o espaço entre as soleiras. “Você sabe que meu pai não está em casa; pode entrar pela porta da frente.”

“Onde está à diversão nisso?”

“Oh, eu não sei; deve ser bom ser um dos garotos comuns que usam as malditas escadas.”

“Você vem ou não?” Ele estende o braço para mim, e suspiro porque nós dois sabemos que irei. Eu o sigo para qualquer lugar, e ele sabe disso tão bem quanto eu.

♥

Harley não diz exatamente para onde vamos. Eu pergunto, é claro, mas ele apenas me dá esse sorriso irritante e ignora minhas perguntas e liga o rádio em sua caminhonete. Ainda estou brava com ele, então inclino meu corpo em direção à minha porta e finjo que ele não está lá, o que é meio difícil de fazer com seu canto desafinado.

Dez minutos depois, quando viramos para o sul, na estrada 01, sei exatamente para onde estamos indo. Eu simplesmente não sei o porquê.

“Estamos indo para a cabana?”

Quando Harley e eu tínhamos oito e sete anos respectivamente, nossas famílias passavam férias em Carmel-by-the-Sea, uma pequena cidade litorânea na Península de Monterey, na Califórnia. Nossos pais se apaixonaram pelo lugar naquele verão e decidiram que comprariam uma cabana na praia juntos

durante os verões longe da cidade. Com 150m quadrados, a casa térrea é pequena e, quando fizeram o investimento, não acho que todos planejavam ficar lá de uma vez, mas é assim que sempre funciona — uma família não fica em Carmel sem a outra, e certamente nunca estivemos lá sem nossos pais.

Harley encolhe os ombros. "Eu pensei que poderíamos brincar de capitão Gancho e sair por aí, como nos velhos tempos."

"Certo", digo com um aceno de cabeça e me sinto estúpida, porque por que faríamos qualquer coisa além de sair... como nos velhos tempos? "Mas nossos pais estavam conosco. E eu não disse a minha mãe para onde estava indo; eu não tenho roupas."

"E daí? Vista a minha."

Faço uma careta e coloco o cabelo atrás da orelha. Eu sei que ele não voltará por nenhuma das minhas coisas e eu não trouxe dinheiro, o que significa que estou presa usando essa roupa ou roupas que são enormes demais para mim.

Eu sempre amei a espontaneidade de Harley. Muitas vezes desejei ter um pouco disso, e ele é ótimo com surpresas, mas como um planejador muito organizado na fronteira com o TOC, às vezes é difícil não o estrangular. "Dê-me seu telefone. Eu preciso ligar para minha mãe."

Ele sorri para mim do outro lado da cabine. "Eu não trouxe."

Eu bato no braço dele, provavelmente não é a melhor atitude, porque Harley é um motorista tão ruim quanto um planejador, e ele desvia para a pista ao nosso lado, assustando algum viajante aleatório. "O que? Por quê?"

"Eu não sei. Esqueci. Podemos encontrar um telefone quando chegarmos lá."

"Sim, tudo bem", eu digo, e passamos o resto das duas horas de carro ouvindo clássicos como *Superunknown,* do Soundgarden, e *Californiacation*, do Red Hot Chili Peppers, que são

apenas os melhores álbuns de viagem na história de todos os tempos. Tenho uma sensação muito desconfortável e não sei o que é. Eu nunca me senti assim com Harley antes, mas ele está agindo de forma estranha... mais estranha do que o habitual, e é perturbador.

Paramos em um posto de gasolina, pego lanches e estico minhas pernas enquanto Harley enche o tanque. Tento usar o telefone público, mas está quebrado e o caixa me lança um olhar assassino quando peço emprestado o dele, então pego minhas coisas e saio. Quando finalmente chegamos à cidade, são quase nove horas da noite. Antes mesmo de chegarmos à cabana e abrirmos o portão privado, vejo algo errado. Nossos pais contratam um jardineiro para passar uma vez a cada duas semanas para manter os jardins, que não muito maiores que a casa, mas são espetaculares, e parte da razão pela qual eu amo tanto esse lugar. Com sebes esculpidas, pedras cobertas de musgo e glicínias, parecem um jardim de fadas da vida real. A luz piscando através da cerca de privacidade do gramado me chama como uma mariposa para a luz e eu estou fora do carro e abrindo o portão antes que ele sequer tenha a chance de desligar o motor.

Pisco várias vezes, incapaz de entender o que estou vendo. Alguém colocou lanternas de papel e luzes cintilantes, e cem potes cheios de velas iluminam o caminho para a porta da frente. Estou sem palavras. Eu literalmente não tenho palavras. Harley está atrás de mim agora e eu me viro para olhá-lo, perguntando-me por que não está tão impressionado quanto eu, mas ele está usando um dos seus sorrisos Pan, então sei que isso é tudo coisa dele.

“O que é isso?” Olho para as suas mãos. Ele está segurando uma sacola de roupa limpa e enfiada em segurança dentro está o meu vestido de baile. “Por que meu vestido está aqui?”

“Porque eu sou um idiota.”

“Bem, sim, mas, o que isso tem a ver com o meu vestido de baile? Vamos queimá-lo? Porque tenho que dizer que não ficaria triste, mas minha mãe pode matar nós dois.”

“Nós não vamos queimar o seu vestido. Você vai colocá-lo.”

“Por quê?” Eu me viro para o jardim, incapaz de tirar meus olhos da beleza dele por muito tempo.

“Você teve um baile péssimo”, ele diz, escovando as mechas de cabelo que se soltaram da trança no meu ombro. Ele pressiona um beijo no meu pescoço, e um arrepio me percorre da cabeça aos pés. “Eu pensei que talvez pudéssemos melhorar.”

“Mas... você voltou para Riley...”

“Sim, para terminar com ela.”

Viro a cabeça e o encaro, incrédula. “Na noite do baile?”

Ele faz uma careta. “Sou um namorado meio ruim, não é?”

“Só meio?” Não posso fingir que essa notícia não me emociona. Na verdade, estou praticamente radiante, porque talvez agora ele possa ser meu namorado, só depende dele. “Então, onde você estava ontem à noite?”

“Com Kordell, elaborando um plano.”

“Então você esteve aqui o dia todo?”

Seus braços envolvem minha cintura, e inspiro e prendo a respiração, com medo de deixá-lo ir pelo medo de estar sonhando ou de ter perdido a cabeça ou de não estar realmente aqui e, de fato, estar completamente enlouquecendo. Seus lábios escovam minha orelha e minha cabeça flutua. Não, estou definitivamente aqui, e definitivamente não é loucura. “Bem, alguns de nós não ficaram na cama o dia todo fazendo beicinho.”

“Eu não estava fazendo beicinho.”

“Sim, você estava”, ele sussurra, e morde minha orelha. Meus braços deslizam automaticamente em volta da nuca dele. “Eu não fiz tudo isso, no entanto. As mães ajudaram.”

“Elas sabem que estamos aqui?” Todo o meu corpo treme quando ele beija aquele ponto sensível debaixo da minha orelha, e minha respiração fica um pouco mais rápida. “Oh cara, meu pai vai te matar.”

“Você não acha que eu deixaria todas essas velas acesas, acha? Enviei uma mensagem para elas antes de subir na sua janela. Passamos por elas duas ruas atrás, mas você estava fazendo aquilo onde finge ser o Chris Cornell enquanto canta ‘Black Hole Sun’.” O braço em volta da minha cintura serpenteia sob a bainha da minha camiseta, mas ele não leva muito longe, e por isso sou grata porque ele se esforçou muito para criar esta noite para mim, e embora eu queira apenas levá-lo para dentro e deixá-lo me tocar em todos os lugares, estou nervosa e assustada como um potro recém-nascido, e posso precisar de um pouco de tempo para relaxar com a novidade de suas mãos e boca no meu corpo. “E seu pai acha que você está na casa de uma amiga, então, correndo o risco de manter todos os meus apêndices, eu gostaria que continuasse assim.”

Eu me viro nos braços dele. Seus olhos estão iluminados como as velas e as luzes cintilantes, e não posso deixar de sorrir timidamente com a maneira como ele olha para mim. Eu abaixo meu olhar para o seu peito e minhas mãos que estão espalhadas contra ele e sobre os batimentos cardíacos trovejantes. “Eu não sei o que dizer.”

“Diga que você vai ao baile comigo.”

Eu balanço minha cabeça em descrença. “Sim. Eu vou ao baile com você.”

Com um braço, ele me puxa e beija meus lábios. Assim como ontem à noite, não demora muito para eu me empolgar, e agarro a parte de trás de seu pescoço como se fosse uma tábua de

salvação. Harley geme e se afasta. “Deus, eu quero tanto você, porra”, ele diz, segurando meu rosto com a mão. E sinto como essa afirmação é verdadeira. Isso me assusta. Ele empurra o vestido em minha direção e respira fundo. “Aqui, coloque isso antes que eu estrague tudo.”

Atordoada, pego o vestido e ele coloca as mãos nos meus ombros e me vira para encarar a cabana. A porta da frente está fechada, mas através da janela vejo um fogo queimando lentamente na lareira de pedra e mais velas alinhadas no balcão da cozinha e na mesa de jantar.

Encontro meu caminho no quase escuro para um dos quartos e visto o vestido. O corpete é fechado com um zíper nas costas que não consigo alcançar, então corro de volta para fora com o cabelo em uma trança frouxa e os pés descalços contra o caminho frio de pedra. Harley prende meu zíper com movimentos agonizantemente lentos, e eu sei que é só para que ele possa tocar a pele nua das minhas costas. É pela mesma razão pela qual eu não digo para ele se apressar, porque a antecipação é bonita e torturante.

Eu giro lentamente para ele, sentindo-me um pouco constrangida com o cabelo desgrenhado e os pés descalços, mas está claro que Harley não vê essas imperfeições porque ele me puxa para perto e sussurra: “Você é tão bonita.”

E assim é o meu baile. Sob um céu repleto de estrelas, dançamos lentamente ao som das ondas quebrando na praia próxima e, mais tarde, quando ele me leva para dentro e nos enrolamos em um cobertor macio junto à lareira, deixo que ele me leve a outro lugar em que nunca estive. E mesmo que doa pra caralho, é mágico, e são fogos de artifício, e quando fecho os olhos uma supernova acende o mundo inteiro.

Capítulo onze

Rose

"Ah, merda", Harley diz enquanto olha para o telefone depois que ele toca. Ele o deixa o tempo todo quando faz paisagismo na cidade e, felizmente, a capa para serviço pesado funciona como um tanque; portanto, além de alguns arranhões, ele funciona bem, apesar de o ter jogado na parede ontem. Não conversamos sobre a noite passada. Eu não o que o levou a ficar tão ruim, e ele não perguntou onde eu estava ou por que tropecei no quarto parecendo uma bêbada cega, mas talvez ele estivesse muito distraído para perceber. Em vez disso, acordamos e tomamos café da manhã em um dos restaurantes do térreo e ficamos na praia por várias horas bebendo daiquiris — sem álcool, muito obrigada, porque nenhum de nós está disposto a enfrentar o álcool hoje. Terei que seguir a melhor dieta de desintoxicação após essas férias, porque meu fígado não está feliz no momento.

"Qual é o problema?" Seco meu cabelo recém-lavado vigorosamente com a toalha. Hoje é o nosso último dia na ilha e, por mais que eu sinta falta da vista e do cheiro do oceano salgado e da areia quente, meu cabelo não sentirá.

"Esqueci a massagem para casais que reservei." Harley olha para o telefone, evitando o meu olhar.

"Oh", eu digo baixinho. "Isso."

Como se eu pudesse esquecê-lo me perguntando se eu achava uma massagem romântica para casais uma boa ideia. Ok, então eu realmente esqueci, mas culpo muita areia, sol e Havaí azul. Estávamos saindo do apartamento dele em San Francisco e ele me perguntou sobre isso. Com lágrimas nos olhos e bile

queimando como ácido na boca do estômago, eu disse a ele para não poupar despesas e reservar a massagem para casais. *Por que eu me importaria?* Eu estaria a milhares de quilômetros de distância, em San Francisco, fazendo amor com uma garrafa de Bombay Sapphire e começando minha loucura com o meu vibrador Lelo Olga, que estranhamente ganhou o apelido de George Clooney, porque eu tenho uma queda por caras mais velhos.

"Nós podemos ir", ele diz.

Eu o olho. "Para uma massagem de casais?"

Harley encolhe os ombros. Aparentemente, isso não é grande coisa para ele. "Por que não?"

"Por causa de todas as coisas românticas que constituem uma lua de mel, então tenho certeza de que isso constituiria uma atividade que devemos evitar."

"É apenas uma massagem", ele argumenta. "Não é como se eles sairão da sala para que possamos foder."

"Certo." *Oh Deus, mas o jeito que ele diz foda ainda faz minhas entranhas ficarem líquidas e derretidas.* "Tenho certeza de que isso só acontece em pornôs."

Harley levanta uma sobrancelha e sorri para mim. "E eu que pensava que a única coisa que você assistia era *Meu Casamento dos Sonhos*. Faça-me um favor e me ligue da próxima vez que estiver sentada assistindo pornô. Vou trazer a pipoca."

Reviro os olhos, mas o pensamento de Harley assistindo pornô comigo no meu sofá é incrivelmente sexy. "De qualquer forma, ainda é uma má ideia."

"Não, é uma ideia brilhante. Vamos fazer isso."

"O que? Não. Não, não é; é uma péssima ideia."

Harley olha para mim através de cílios grossos e escuros e uma expressão séria. "Por favor, Rose? Por mim?"

♥

Eu vou matá-lo.

Sigo aquele bastardo manipulador para o SPA, com os braços cruzados sobre o peito. Somos recebidos por uma doce mulher havaiana que confirma a reserva de Harley e nos explica os procedimentos antes de nos levar a uma sala privada enquanto explica como eles têm o melhor tratamento de lua de mel na ilha. Mais uma vez, ele não se incomoda em corrigir a mulher quando ela me chama de noiva.

Não é que eu não goste, ou que não quero receber massagem de casais de lua de mel havaiana com Harley ao meu lado — é só que eu não quero isso assim. Eu não quero fingir. Quero o vestido, o bolo, os cento e cinquenta e dois convidados e uma sala inteira cheia de flores. Quero a coisa toda e quero isso com ele. Inferno, eu jogaria todos os meus anos de planejamento pela janela apenas para ter o anel dele no meu dedo, mas não tenho nada disso — apenas a inclinação patética de cumprir todos os caprichos selvagens do meu melhor amigo e a incapacidade de dizer não para ele. *Ah, e não vamos esquecer a paixão louca que tive desde os cinco anos de idade.*

Quando nos aproximamos de uma porta no final do corredor, Harley abre minha mão, entrelaça seus dedos nos meus e sussurra: “Você está pronta?”

“Não”, eu brinco. De qualquer maneira, sou puxada para dentro da sala com murmúrios animados de boas-vindas e parabéns de nossas massagistas. Olho para Harley, mas ele apenas pisca para mim e beija as costas da minha mão antes que eu possa puxá-la. *Bem, pelo menos ele não está mais bebendo.*

As mulheres se apresentam como Margaretta e Kailani, e nos dizem para tirar nossas roupas assim que saírem do quarto, mas Harley, sempre o idiota, decide deixar o problema ali na frente de todos, para grande diversão e desgosto das mulheres. Eu poderia

ter tido a noção de tirar sarro dele ou ficar envergonhada também, se eu não estivesse ocupada olhando para o pau dele pela segunda vez em uma semana. Juro por Deus que é como tentar não olhar para um eclipse solar — você sabe que está lá, essa visão maravilhosa que realmente não aparece tanto assim e, por causa disso, você olha, mesmo que esteja totalmente ciente de que pode perder um olho. É o pau do Harley, um eclipse solar e, a julgar pela maneira como cresce sob meu olhar, eu não ficaria tão surpresa se perdesse um olho. *Mas... mas... é tão bonito.*

"Rose."

"Hã?"

"Você está olhando, amor."

"Oh", eu aceno e saio do meu estupor, percebendo pela primeira vez que Harley e eu estamos sozinhos na sala. Franzo a testa quando saio do meu devaneio e me sento na sala de espera da Realidade. "Para onde foi todo mundo?"

"Sério? Meu pau ainda tem o poder de deixar você sem palavras?" Ele pergunta.

"Bem, só porque você está duro agora", protesto, dando um passo para trás até minha bunda encontrar a mesa.

Harley avança novamente até que há a menor sugestão de espaço entre nós sem ele me tocar. "Estou duro porque você está olhando para ele."

Engulo, molho meus lábios e tento não estender a mão e acariciar o bonito com as pontas dos dedos. "Cale a boca, idiota. Faz muito tempo."

"Quanto tempo?" Ele pergunta, mas seu tom passou de provocador a sério.

Há uma batida na porta, impedindo-me de responder a essa pergunta. Harley pega uma toalha da maca e a envolve na cintura,

depois se inclina para mim e puxa meu corpo para o dele. Eu solto um gritinho. Não consigo ver o rosto da mulher enquanto ela enfia a cabeça pela porta e pergunta se estamos prontos para ela, porque meu melhor amigo está de pé na minha frente com um tesão furioso, e eu estou vermelha como uma beterraba e tentando pra caralho não implorar para ele me inclinar e me foder na mesa de massagem no segundo em que ela sair.

"Vocês não estão prontos", Margaretta diz, um pouco desaprovadora.

Harley balança a cabeça, voltando o olhar para o meu quando diz: "Minha esposa é um pouco tímida com o corpo dela."

Franzo a testa. "Não, eu não sou."

"Por quê?" A mulher pergunta. "Você é tão bonita e magra."

"Ela é linda, certo?" Harley pergunta à mulher, mas ele olha para mim enquanto diz isso, e afasta o cabelo loiro grosso do meu ombro.

Estou longe de ser magra, mas estou bem com isso, e isso não é um problema com meu corpo, mas é uma questão de se despir na frente da Harley. Eu nunca estive nervosa por ele me ver no passado, mas isso é diferente. Eu estou mais velha agora; a gravidade não é tão gentil como era antes, e as coisas se arredondaram um pouco desde a adolescência e o começo dos vinte anos. Não tenho vergonha do meu corpo; Só não tenho certeza se quero os olhos de Harley vagando por mim enquanto estou me despindo. É um terreno perigoso, e ele pode ter flertado com o perigo durante toda a viagem, mas eu vejo pelo que é. Ele precisa sentir algo diferente de solidão. Eu o quero, mas quero mais dele do que uma rapidinha nas férias.

"Agora, apresse-se, apresse-se, tire a roupa", Margaretta pede e fecha a porta novamente. Fico em pé no abraço de Harley, seu corpo nu pressionado firmemente contra o meu e seus lábios pressionados contra minha têmpora. Eu me permito encostar nele

por apenas uma fração de segundo. Por um momento, é como se estivéssemos de volta no tempo e nada mudou. Seu outro braço envolve firmemente meus ombros, e ele me aperta com tanta força que não consigo respirar, e então ele se afasta, me dando as costas enquanto sobe na mesa e descansa a cabeça nas mãos. Eu me viro para tirar minhas roupas. Dobro-as e as coloco na cadeira. E então enrolo a toalha no meu corpo. Não posso olhar para ele enquanto subo na minha própria maca de massagem, porque tudo é muito cru, muito familiar e muito parecido com a última vez que ficamos lado a lado em seu quarto de infância em San Francisco, nos abraçando.

Outra batida suave soa na porta e Kailani e Margaretta entram. Elas explicam os tratamentos que iremos receber: massagens havaianas com Lomi, esfoliações corporais e um tratamento de parafina para aliviar a dor e ajudar a suavizar a pele. Tudo soa como o paraíso, mas eu aprendo rapidamente que o paraíso não é o que foi anunciado na propaganda, porque sinto como se estivesse sendo espancada. Margaretta não se mexe, e depois de trinta minutos esfregando meu corpo com o que parece ser uma lixa, amaciar meus músculos com os cotovelos e joelhos e dar um tapa em cera quente nas costas, virar-me em um filme plástico como um burrito e me deixar cozinhar, eu acho que desmaio de dor.

♥

Acordo com toques leves no meu ombro e pisco em confusão. Harley está ao meu lado enrolado apenas em uma toalha, seu corpo brilha com óleo, as pontas dos dedos traçam círculos sobre a minha pele lisa. “Ei”, ele diz. “Você apagou há vinte minutos.”

Eu gemo e tento empurrar meus cotovelos, mas meu corpo dói por toda parte. “Sério?”

Ele continua seus toques, deslizando os dedos pelo meu ombro, pela espinha até a parte inferior das minhas

costas. Empurrando a toalha de lado, ele agarra um punhado da minha bunda e aperta. Tremores seguem em seu rastro. Estou paralisada pelo seu toque, desesperada por mais, e aterrorizada com tudo de uma vez. Uma emoção corre através de mim, mas eu a afasto. *Não, não, não*. Isso não está autorizado a acontecer agora. Sete dias depois de sua noiva o deixar no altar. Não quando o desgosto ainda está fresco, e eu vejo o desespero todas as manhãs, então me viro e encontro seu olhar. *Eu não serei sua garota rebote*.

"Harley", sussurro, enquanto ele abaixa a cabeça e pressiona um beijo no vinco macio onde minha bunda encontra a coxa. Sua língua se lança e rasteja através da minha carne lisa, e eu gemo e jogo minha cabeça para trás.

Não vou deixar que ele faça isso comigo novamente. Eu não vou... oh Deus, isso é bom.

Engulo em seco, e meu corpo inteiro enrijece com antecipação enquanto a língua dele roça a carne macia dos meus lábios externos. E então tudo para quando a imagem dele em pé naquele altar, esperando por uma mulher que não era eu, abre caminho em minha mente. Seus olhos encontraram os meus na igreja lotada quando a dama de honra de Alecia sussurrou em seu ouvido que sua noiva não viria mais. Ele respirou fundo, voltou-se para os convidados reunidos e disse, tão indiferente quanto alguém poderia dizer que comeu uma salada no almoço: "Desculpem trazer todos vocês aqui hoje, mas parece que minha noiva não pode ser encontrada em lugar algum."

O local se encheu de suspiros e sussurros atordoados, e com mais um olhar em minha direção, Harley saiu pelo corredor e foi embora. Eu o encontrei na suíte do hotel trinta minutos depois com o champanhe que ele confiscou do salão do hotel.

Agora, mãos hábeis que conhecem cada centímetro do meu corpo agarram meus quadris e me puxam para mais perto, mas me afasto de suas mãos e deslizo para fora da maca. É claro que eu

não considero o fato de estar coberta da cabeça aos pés por óleo e completamente nua, então caio com força no chão de madeira.

"Oh, merda!"

Harley me olha por cima da maca, e quero tanto ir até ele e fazê-lo terminar o que começou com aquelas mãos, lábios e língua. Eu também quero apenas derreter direto no chão. "Rose, o que diabos você está fazendo?"

"Não." Estendo minha mão para afastá-lo. "Não chegue mais perto."

"O que?"

"Você foi largado no altar sete dias atrás. Agora eu sei que ela era uma vadia, mas você estava se preparando para se casar com essa mulher. Você deu a ela sua palavra e um anel, e ela fugiu com outra pessoa, e agora está aqui comigo, se preparando para rasgar meu coração mais uma vez."

"Rose..."

"Cala a boca e ouça. Não posso fazer isso com você novamente depois de tudo, depois de todos os anos em que trabalhamos para voltar a sermos nós. Não posso deixar que você destrua isso porque decidiu que quer um rebote."

O olhar de Harley passa de derretido para gelo em segundos. "Mas pode beijar esse seu cliente? Não é irônico que você faça os arranjos para enviar à esposa dele toda semana, e ainda assim não tem nenhum problema em esfregá-lo à beira da piscina?"

"Você nos viu?"

"Sim, eu vi. Eu o vi tentando enfiar a língua na sua garganta, então como isso é diferente?"

"Você está brincando comigo?" Levanto as mãos em exasperação. "Ele é meu cliente, e casado. Sim, foi errado da nossa

parte beber demais no jantar e paquerar como se estivéssemos livres para fazê-lo, mas isso foi o mais longe possível. Nós dois paramos essa merda antes mesmo de começar, e isso é muito diferente de você e eu...”

“Por quê?”

“Porque você partiu meu maldito coração, Harley. Mais uma vez. Você pediu em casamento outra mulher e isso me destruiu.” Eu respiro fundo e cubro a boca, mas as palavras foram ditas e posso perceber pelo olhar assombrado em seus olhos que o estrago está feito.

“Eu não... eu não sabia”

“Você não sabia? Sério?” Limpo minhas lágrimas e faço um som sufocado no fundo da minha garganta. “Deus, eu sei que você não é tão estúpido.”

“Eu pensei que você tinha superado isso.”

“Superado?” Sorrio, mas não há humor no som. “Eu gostaria de poder colocá-lo de lado tão facilmente quanto você parece ser capaz de me colocar, mas não posso, porque amo você há tanto tempo que não sei como parar.”

Envolvo a toalha em meu corpo e pego minhas roupas. Harley estende a mão para me parar. “Por favor, não me toque.”

“Rose, não vou deixar você sair daqui assim. Eu estraguei tudo.”

“Sim, você fez”, sussurro e abro a porta. Do outro lado, Margaretta está com a mão levantada para bater, mas aperta o peito como se eu tivesse acabado de lhe dar um ataque cardíaco.

“Existe algum lugar onde eu possa colocar minhas roupas?”

Ela aponta na direção dos banheiros do outro lado do corredor. Eu sigo e abro a porta, ignorando os apelos de Harley.

Fico pelo menos vinte minutos no banheiro. Choro por um bom tempo, espirro água no meu rosto, enxáguo e repito. Não sei como vou enfrentá-lo agora. Não sei como desfazer as coisas que disse. Não posso. Em vez disso, decido bater no bar à beira da piscina, porque voltar para o nosso quarto significa ter que conversar com ele, e estou muito zangada com a gente para manter uma conversa e nos comportar como adultos agora.

Dermot foi embora esta manhã, então eu sei que não há chance de encontrá-lo novamente. Aqui eu estou mais sozinha do que nunca estive em San Francisco, só que desta vez tenho uma vista do paraíso para compensar isso e um barman conversador chamado Mick, um belo homem negro com dentes brancos e um sorriso contagiante.

Mick será meu novo melhor amigo, decido, quando tiver bêbada e o sol havaiano se pôr. A brisa morna desliza do oceano, e depois do que eu acho que é meu quinto coquetel e um punhado de amendoins, finalmente começo a relaxar. Até que o babaca se senta ao meu lado. Fecho os olhos e respiro o cheiro dele. É algum tipo de tortura bonita estar tão perto. *Sempre foi.*

"O que eu posso pegar para você?" Mick pergunta, e Harley abre a boca, mas eu falo primeiro.

"Ele não está aqui para beber." Giro meu guarda-chuva no meu copo quase vazio. "Ele está aqui apenas para me dizer que é hora de partir."

"Você está cuidando da minha garota esse tempo todo..." Harley faz uma pausa, lendo o crachá preso na camisa do meu novo amigo. "Mick?"

"Eu não sou sua garota." Deslizo o antebraço através do bar pegajoso e deito minha cabeça.

"O inferno que você não é", ele diz, calmamente. "Goste ou não, você sempre foi minha garota, Rose."

“Rose?” Mick diz, olhando-me desconfiado. “Você me disse que seu nome era Alecia.”

“Ops”, eu brinco.

Harley faz uma careta. “Quantos ela tomou?”

“Seis.”

“Jesus.” Ele puxa a carteira e joga algum dinheiro no bar para gorjeta. Debitei todas as minhas bebidas no número do quarto, e não tenho nada comigo, somente um biquíni e um vestido de verão. “Vamos. Vou levá-la de volta para a suíte.

“Não, você não vai. Mick, outra bebida, bom senhor.”

“Desculpe, doce menina, mas eu tenho que cortar você.”

“Oh, vamos lá.” Jogo as mãos para cima, chateada. “Por quê? Por que meu marido falso mandou? Pensei que você e eu éramos amigos, Mick.”

“Ele não é seu amigo, é um barman que está sendo gentil com você, porque suas grandes gorjetas o manterão alimentado por uma semana”, Harley diz friamente. “Ou manteria, se você o pagasse.”

“Você acabou de dizer seios?” Questiono, e talvez meus dois melhores amigos estejam certos — talvez eu tenha bebido demais.

“Vou levar você de volta para o quarto.” Harley se levanta e pega meus braços, mas eu me afasto de suas mãos.

“Não. Vou sair com o Rick. Ele vai me ensinar a surfar.”

“Mick”, Harley enfatiza demais o nome do meu novo melhor amigo, como se estivesse tentando provar algum argumento. *Deus, ele é um idiota tão burro e bonito.* “Ele não te ensinará a fazer nada, porque você vai voltar para o quarto comigo, e nós vamos conversar sobre essa merda.”

Estreito os olhos para ele. “Você é um marido falso realmente de merda, sabe disso, não é?”

“Eu sei, e você ainda está me incomodando como se tivesse meu anel em seu dedo por anos.”

Suspiro em choque. *Oh não, ele não fez isso*. Antes que eu possa me recuperar, Harley me puxa do banquinho e me joga por cima do ombro como um bombeiro faria.

“Coloque-me no chão”, eu grito, estendendo a mão para o barman na esperança de que ele venha em meu socorro. “Dick, me salve.”

O homem apenas acena e me dá aquele sorriso ridiculamente doce quando Harley me leva embora, pendurada por cima do ombro. Ele grunhe quando meus punhos batem em suas costas, mas nos vira e se dirige para a saída. Eu bato contra o corpo dele por todo o caminho até o elevador, e então, quando estamos sozinhos dentro de uma caixa de metal gigante e em movimento, meu estômago revira e murmuro: “Coloque-me no chão. Eu vou vomitar.”

“Boa tentativa, amor.”

“Harley, eu vou...” Meu estômago se contrai quando eu vomito por todas as suas costas e no chão. Ele endurece embaixo de mim e então gentilmente me coloca de pé quando o elevador para e as portas se abrem.

“Sente-se melhor agora?” Ele pergunta sarcasticamente, e eu o encaro. Harley pega minha mão e me leva para fora do elevador, mas está andando engraçado por causa do meu vômito cobrindo sua camisa e jeans.

Estou mortificada, mas não peço desculpas porque, na verdade, ele trouxe isso para si mesmo. Se tivesse me deixado no bar com meu novo amigo... “Qual era o nome dele?” Pergunto, quando ele para do lado de fora da porta e desliza o cartão de plástico na fechadura.

Harley me ignora e me puxa para dentro do apartamento. Eu vou direto para a cama, mas não chego muito longe antes que ele me puxe para o banheiro e eu me incline sobre o sanitário, vomitando minhas entranhas e assistindo todo aquele álcool perfeitamente bom ser desperdiçado. Ele tira a faixa do próprio cabelo e amarra o meu para trás, e então, enquanto me inclino contra os azulejos frios do banheiro, ele toma banho e entra, completamente vestido. Depois de tirar a roupa encharcada, ele se inclina, envolve um braço em minha cintura e me puxa com ele.

"Saia de cima de mim", reclamo.

Harley tenta tirar meu vestido, mas dou um tapa nele. No entanto, estou cansada demais para afastá-lo, e ele continua até minhas defesas serem reduzidas a nada e eu finalmente levanto meus braços. Harley não tenta me livrar do meu biquíni, ele apenas me puxa de volta contra seu corpo e somos tragados pelo spray quente. Segundos passam enquanto ele me segura em seus braços. "Eu não fiz isso para machucá-la."

"E ainda assim aconteceu", murmuro.

"Rose, eu odeio me sentir assim", ele diz contra o meu ouvido. "Odeio saber que não importa o que eu faça, vou partir seu coração."

"Não seria a primeira vez, e não será a última." Não há raiva nas minhas palavras, nenhuma amargura agora, apenas verdade, e para minha surpresa, ele assente como se concordasse com isso. "É isso que o amor faz — destrói você até não sobrar nada. Nós não somos diferentes."

"Eu não acredito nisso."

"Claro que não", sussurro. "Porque você nunca teve alguém que ama rasgando o seu coração."

"Isso não é verdade. Você se afastou de mim uma vez, lembra?"

“E você se apaixonou por outra pessoa”, digo e depois cito J.M. Barrie, porque acho que se eu falar um idioma que ele conhece, finalmente entenderá: “Ausência faz o coração ficar mais afeiçoado... ou ser esquecido.”

“Isso não significa que eu parei de amar você.”

“É exatamente o que isso significa.” Dou um passo para trás e saio da banheira enquanto Harley me observa, então tiro meu biquíni molhado, arranco uma toalha da grade e a envolvo em meu corpo. Saio do banheiro, evitando o olhar dele o tempo todo. Nem termino de me secar completamente antes de entrar debaixo das cobertas. Eu deveria olhar a minha mala e encontrar roupas para dormir. Eu deveria fazer as malas, mas não me importo com nada disso.

Sinto falta da minha cidade com o nevoeiro e o pôr-do-sol cor de fogo, o cheiro de bolinhos e pãezinhos de porco que saem do *Golden Dragon*. Sinto falta de flores recém-cortadas e da padaria do outro lado da rua, cujo chef me traz o ‘cupcake do dia’ antes de fechar. Sinto falta de quão descomplicados éramos quando ele estava se casando com outra pessoa.

Ignoro o fato de Harley estar dormindo a alguns centímetros do meu corpo nu, e adormeço sem derramar outra lágrima. Tudo o que eu disse a ele era verdade — algumas pessoas estão destinadas partir seu coração, como se fosse sua única missão aqui na terra ensiná-lo a não se apaixonar pela pessoa errada. Algumas pessoas partirão seu coração repetidamente, porque alguns de nós nunca aprendemos.

Capítulo doze

Rose

Dezoito anos

Com a cabeça baixa contra o vento de maio, vou da classe para o campo de futebol. Estamos atrasados hoje com o anuário porque é o último dia para finalizar o layout antes da impressão, e eu não tive chance de encontrar Harley mais cedo, então ele mandou uma mensagem dizendo que está em campo.

O último mês de aula estava terminando, e desde que Harley e eu nos tornamos oficialmente algo, eu passei bastante tempo com o time de futebol. Na verdade, eu gosto deles, então vê-los se juntarem como uma equipe nos últimos meses de suas vidas foi meio especial. Mas o futebol terminou, meu aniversário de dezoito anos chegou e se foi em um piscar de olhos, e eu não me sinto diferente. Estou mais velha, um passo mais longe da infância, e não importa para onde eu vá daqui, nunca recuperarei esses momentos. Então, enquanto o ensino médio não foi exatamente o meu lugar favorito no mundo, eu não me importo tanto com ele ao meu lado.

Até que se trate de cenas como a que estou testemunhando acontecer diante de mim. Harley fica na arquibancada com Kordell, Watson e um grupo de garotas, todos amontoados. Jaycee Grainier — uma vadia do segundo ano que não fez nenhuma tentativa de esconder seu interesse por Harley — tem cinco garras longas e rosas descansando em seu antebraço enquanto ela ri de algo que ele disse. Não me considero uma pessoa ciumenta, mas quando ela

empurra o peito para frente e se aproxima dele, o tempo todo mantendo a mão firmemente fixada no seu antebraço, vejo vermelho e sigo em direção a eles.

Eu não dirijo minha raiva para ela, no entanto. Em vez disso, meu olhar de *inferno-em-fúria* se volta para Harley.

Ele se afasta da *Garras*, me encontra no meio do caminho e me abraça, colocando beijos enormes e fortes na minha bochecha e pescoço. Seu cabelo está úmido, ele cheira a suor de menino e campo verde, e sua camisa gruda nele como se ele tivesse acabado de jogar uma partida. Eu tento segurar minha raiva, de verdade, porque, embora ela tenha colocado as patas sujas em cima dele, ele permitiu, mas nunca consigo ficar brava com ele por muito tempo.

"Coloque-me no chão." Eu me contorço em seus braços.

"Beije-me."

"Não, todo mundo está assistindo."

"Oooh, parem com isso", Watson diz, e Harley me envia um daqueles deliciosos sorrisos maliciosos. Suspiro e pressiono meus lábios nos dele em um beijo casto, mas ele os separa e aprofunda a língua dentro da minha boca. Solto um gemido e me perco rapidamente com a sensação. Suas mãos deslizam dos meus quadris para a bunda, e eu me afasto com um grito antes que possamos fazer um espetáculo ainda maior de nós.

"Ok senhor. O que é? Você só fica animado depois de vencer."

Ele sorri contra os meus lábios. "Não é verdade. Eu fico excitado toda vez que você tira a calcinha para mim também."

Eu coro e o afasto. Então olho mais de perto para Watson e Kordell e vejo o suor na testa e na camiseta deles também. "Vocês jogaram esta tarde?"

“Nós jogamos? Rose, aquilo foi um inferno”, Watson diz, fazendo gestos com a mão excessivamente expressivos. Caminhamos em direção ao estacionamento dos alunos. *Garras* fica conosco, apesar de suas amigas rapidamente sumirem. “Seu garoto aqui estava pegando fogo. Cara, nunca pensei que veria Nick Raban realmente torcer por um jogador que ele está de olho. Eu li em algum lugar que olheiros não deveriam fazer isso. Deveriam agir com toda maldade e mau-humor.”

Viro minha cabeça na direção de Harley. “Olheiros?”

“Eh, sim.” Ele pega minha mão e a beija antes de entrelaçar os dedos nos meus. “Apenas um cara procurando por recrutas atrasados.”

“Um cara?” Kordell diz com uma risada profunda. “Irmão, você não pode chamar Nick Raban de ‘só um cara’.”

“Espere”, eu digo, as peças finalmente se encaixam. Eu paro, e a vadia do segundo ano esbarra em mim. Eu me viro e a encaro antes de estreitar meu olhar para Harley. “Ele não é o recrutador do Estado da Louisiana?”

Ele encolhe os ombros. “Não é nada. Ele gostou de como eu joguei.”

“Sim, gostou tanto que decidiu vir até aqui fora da temporada para ver você jogar pessoalmente”, Kordell diz.

“Há quanto tempo você sabe disso?” Questiono enquanto Harley me puxa na direção de sua caminhonete.

“Não muito.”

“Harley, esses caras não saem aleatoriamente para escolas de ensino médio em todo o país, principalmente nesta época do ano. A menos que sejam trazidos para cá por um motivo.”

“Vamos lá, vamos para casa”, Harley diz.

Puxo minha mão do seu alcance. “Eu não quero ir para casa.”

“Uh-oh”, *Garras* fala, e juro por Deus que estou prestes a derrubar essa cadela em grande estilo.

“Você não tem um boquete ou dois para dar atrás do banheiro masculino?” Estalo, e até eu fico chocada com o quão duro isso foi. Sua boca se abre, e me encolho por dentro porque não sei o que aconteceu comigo. *Oh espere, sim eu sei.*

“Tudo bem então, essa é a nossa sugestão para deixar vocês dois em paz”, Watson diz, pegando Jaycee sob suas asas e afastando-a de mim. *Muito esperto*. “Vamos querida. Vou te dar uma carona.”

Kordell dá um tapinha nas costas de Harley com o que parece ser pena e diz: “Vejo você amanhã, irmão.”

Então estamos sozinhos. Suavizo meu tom, porque sei que estou sendo irracional. Isso é uma coisa grande, uma coisa enorme. Isso é inédito, e ele estava muito feliz antes que eu estragasse tudo. “Há quanto tempo você sabe que ele viria?”

“Algumas semanas.” Harley chuta uma pedra no estacionamento, observando-a deslizar pela calçada. “O treinador enviou minha gravação. É por isso que ele está me treinando tanto.”

“Algumas semanas antes de nos reunirmos, ou algumas semanas como quando você me disse no chalé que tiraria um ano de estudo para poder ficar em San Francisco?”

“Eu não sabia que ele viria com certeza até a semana passada.”

Franzo a testa. “Por que você não me contou?”

Ele suspira e se dirige para a caminhonete. “Porque sabia que você reagiria assim.”

Isso me interrompe. Não posso ignorar o martelar do meu coração, ou o nó que se formou na minha garganta com o simples pensamento de ele estar a quilômetros de distância, mas estou sendo egoísta. Realmente malditamente egoísta. Este é Harley, e jogar futebol profissional é o seu sonho. É um sonho que ele achava inatingível, apesar de todo o trabalho que fez para ser o melhor.

“Sou uma idiota.” Eu me movo para ele, envolvendo meus braços em seu pescoço e brincando com as mechas de cabelo lá. Ele desliza as mãos pela minha cintura e encosta a testa na minha, e embora eu sinta vontade de chorar por dentro, sorrio para ele. “Estou tão feliz por você.”

“Você está?” Ele pergunta, não com sarcasmo ou intenção maliciosa, mas como se realmente quisesse saber, então eu aceno e beijo seus lábios.

“Você tem que me contar tudo. O que ele disse? Você acha que tem uma chance?”

“Não sei.” Ele encolhe os ombros. “Eu realmente não quero pensar sobre isso.”

Eu sorrio, porque certamente ele está brincando. “Harley, Nick Raban, da Universidade da Louisiana, veio assistir você jogar. Como você não está morrendo de emoção agora?”

“Eu simplesmente não estou.”

“Por quê? Que possível motivo você não tem para ficar feliz com isso?”

“Porque isso significa deixar você para trás”, ele retruca.

E aí está, a verdade que nunca superaremos. A verdade que poderia nos destruir. Fui aceita em Berkley — uma extensão da UC Berkley — uma das melhores universidades de negócios do país, e a melhor parte é que não preciso sair da cidade para ir à universidade, porque estudarei no campus de San Francisco. Também me ofereceram um estágio com a designer

floral mais cobiçada de San Francisco, Sara Lau. Eu quis esse estágio por um ano inteiro e venci várias outras esperançosas por ele. Não posso desistir disso para me mudar para o outro lado do país.

"Nós nem sabemos se isso vai acontecer." Harley segura minha mão e me leva até o lado do passageiro da caminhonete. Ele abre a porta e eu entro. "Vamos esperar e ver, ok?"

"Esperar e ver. Claro", concordo, mas o medo torce se retorce em meu interior como uma minhoca no anzol. Não preciso esperar para ver, porque não é uma questão de saber se ele receberá uma bolsa de estudos para fazer parte do time da universidade agora que Nick Raban veio observá-lo — é uma questão de para qual universidade ele irá. Para qual ele dirá sim. Ele é bom assim. "Seus pais sabem?"

"Não", ele diz, liga o veículo e sai do estacionamento. "Eu não queria a pressão; você sabe como papai fica na noite dos jogos. Se eu tivesse contado a ele sobre isso, eu não deixaria o campo por semanas."

"Bem, você tem que contar a ele agora. Eles ficarão tão animados. É isso, Harley, você está no limite e todos os seus sonhos estão prestes a se tornar realidade."

"Eles já se realizaram, amor. Essa coisa com a universidade da Louisiana é apenas uma fantasia. Apenas os melhores dos melhores são escolhidos, e eu sou apenas... eu."

"Oh, por favor. Se soubesse o que você é..."

"Eu teria uma cabeça muito maior." Ele pega minha mão e dá pequenos beijos do pulso até as pontas dos meus dedos, e então coloca nossas mãos entrelaçadas em seu joelho enquanto dirige. "Chega de conversa de futebol — eu prefiro falar sobre o que vou fazer com você quando esgueirar-me pela janela do seu quarto hoje à noite." Coro da ponta dos dedos dos pés às raízes do meu cabelo quando encontro o seu olhar travesso. Ele sorri. "Ou

podemos apenas dirigir para algum lugar agora e nos ocupar na caminhonete."

Reviro os olhos e dou uma cotovelada na sua barriga. Ele finge estar machucado, mas sei que meus cotovelos dificilmente machucam essa parede muscular.

"Não diga a meus pais sobre a universidade", ele deixa escapar quinze minutos depois, quando vira da Noe Street para 29th. "Eu não quero ter muita esperança. Não há mais conversa."

"Chega de conversa", concordo, embora meus pensamentos tenham outras ideias. Quando estacionamos, Rochelle sai correndo de casa, gritando de alegria. Olho para Dean, que está sorrindo para nós através do para-brisa, e meu coração para. Eles sabem. O treinador Reinhart deve ter telefonado para eles.

Harley sai da caminhonete e os dois o agarram em um abraço enorme. Eu lentamente saio do carro e atravesso a calçada para minha casa.

"Vejo você mais tarde, Harley", digo, mas não acho que ele me ouve sobre os gritos de Rochelle. Meus pais ainda não estão em casa, pelo que sou grata porque acho que não poderia lidar com as perguntas da mamãe agora, quando não tenho respostas para nenhuma delas, então subo as escadas para o meu quarto e me tranco, afastando-me, caindo na cama e me jogando nos trabalhos da escola.

Uma hora depois, há um ping na janela aberta e um pedaço de papel amassado cai no chão. Coloco meu lápis atrás da orelha, levanto-me e vou até ele, desdobro o papel e leio o texto escrito em um ousado marcador preto.

Wendy,

Me perdoa?

Pan.

Sorrio tristemente com a nota. *Não há nada a perdoar.* Quando olho para cima, Harley está de pé na janela, vestido com uma camisa de botão azul que está enrolada nas mangas e esticada firmemente contra o seu peito largo. Quando crescíamos, ele sempre foi mais alto que eu, mas entre a puberdade e o futebol ele foi preenchido por toda parte. Já se foi o garoto alto e levemente rebelde que eu conhecia, que poderia ser soprado para longe com um forte vento de San Francisco. Em vez disso, aos dezoito anos, ele é um homem, um atleta em seu auge físico, com muitos músculos conquistados com força, um rosto requintadamente esculpido e seu cabelo, uma mecha bagunçada de cachos castanhos sobre sua cabeça. Às vezes é difícil lembrar que o rapaz ao lado já foi um garoto.

Coloco as mãos contra o peitoril e me inclino, avaliando-o. “Chique.”

“Jantar no The Dragon. Você quer vir?”

“Não, eu tenho trabalho escolar para fazer”, digo, e sorrio sem entusiasmo. “Além do mais, seus pais esperam esse momento desde que você começou sua ilustre carreira no futebol juvenil; deveria dar isso a eles.”

Ele franze a testa, passando a mão na nuca. “Sim. Eu acho.”

“Aproveite, Harley”, o encorajo, embora quebre meu coração fazê-lo. “Com que frequência você pode dizer que todos os seus sonhos se tornaram realidade?”

“Todos os dias quando você me deixa entre suas lindas coxas.” Ele me dá um daqueles sorrisos travessos, e o medo bate em meu coração porque me pergunto se um dia em breve ele olhará para outras garotas assim. *E se não conseguirmos fazer funcionar quando estivermos separados por três mil quilômetros?*

“Saia daqui”, eu digo, jogando meu lápis nele. O lápis bate em seu peito e cai no pequeno espaço entre as nossas casas. Não sei contar quantos lápis perdi desse jeito; eu meio que esperava

que eles se acumulassem ao longo dos anos, de modo que tudo o que eu tinha que fazer quando precisasse de um era pegar pela janela.

Rochelle o chama do andar de baixo e ele se vira para a porta, gritando: “Só um segundo.”

Ele volta sua atenção para mim e se inclina sobre a abertura com os lábios contraídos. Eu me inclino também até meus lábios encontrarem os dele em um beijo tenso e inebriante. Cair dessa altura sempre foi um medo meu.

“Eu voltarei mais tarde e assistiremos a um filme.”

“Tudo bem”, eu digo, e dou a ele um olhar severo quando sua mãe o chama pela segunda vez. “Vai.”

“Eu te amo, Rose Perry”, ele canta como um louco. Reviro os olhos e recuo da janela. “Rose, diga.”

“Vá”, faço um gesto de ‘xô’ com as mãos. “Antes que sua mãe tenha gatinhos.”

“Não até você dizer.” Ele mexe no telefone, e acho que não pode ser tão sério com isso, porque só tenho metade da atenção dele.

“Tudo bem”, digo com impaciência. “Eu também te amo.”

“Diga direito.”

Jogo as mãos para cima, irritada. “Oh meu Deus, você é irritante.”

“Diz.”

“Eu também te amo, Harley.”

“Eu também te amo, Harley”, seu telefone ecoa para nós.

Dou-lhe um olhar mortal, porque ele sabe que eu não suporto o som da minha voz quando gravada. “Vou excluir no segundo em que colocar as minhas mãos nisso.”

Ele enfia o telefone nas calças. Cruzo os braços sobre o peito e me afasto da janela, então volto aos meus estudos.

“Você me ama. Eu tenho isso registrado.” Ele canta. Segundos depois, Rochelle o chama novamente e ele grita: “Estou indo!”

“Vai logo!”

“Com pressa para se livrar de mim, hein?” Ele sorri tristemente, e é então que sei, ele já se decidiu. Louisiana, Alabama, Ohio State — não importa qual universidade ele aceite. O treinador Reinhart enviou suas gravações para todas elas. Harley vai deixar San Francisco para sempre, porque não há como ele não se tornar um dos jogadores mais cobiçados da NFL.

♥

Pela manhã não acordo com beijos em meu rosto e pescoço, como costuma ser. Em vez disso, meus peitos estão congelando enquanto uma brisa fresca de San Francisco se infiltra na minha janela aberta. Minhas cobertas se foram, provavelmente arrancadas no meio da noite, e como eu não tinha um corpo aconchegado atrás de mim na cama estreita, pareço ter acordado assustada. Levanto-me para fechar a janela quando algo chama minha atenção — a janela dele. Ou, mais especificamente, suas cortinas fechadas. Ele nunca fecha as cortinas. Nunca.

Eu desço para tomar café da manhã com um humor tão desagradável que até meu pai parece ter medo enquanto espia por cima do jornal da manhã de sábado, sentado à mesa. “Dormiu bem?”

Apenas olho para ele. É infantil, eu sei. Mas, porra, é meu direito adolescente, e eu quase nunca jogo a carta de adolescente,

prefiro falar o que penso, independentemente das consequências. Mamãe e papai compartilham um olhar trêmulo do outro lado da mesa e grito algo para eles, como eles não entendem como é ser uma garota geniosa com pais irritantemente básicos. Embora minha mãe seja meio exuberante agora, antes de deixar sua carreira para ser uma mãe que fica em casa, ela foi curadora em uma das galerias de arte mais bem-sucedidas de San Francisco, e meu pai não se tornou chefe de cirurgia pediátrica em Oakland, com base em sua aparência. Então, naturalmente, os dois caem na gargalhada quando subo as escadas e me jogo no meu quarto, batendo a porta atrás de mim.

Harley está na minha cama, apoiando a cabeça nas mãos enquanto olha para mim com a mesma expressão confusa que meus pais usavam apenas alguns segundos atrás.

"Ei", ele diz, batendo no colchão ao lado dele.

Estou com muita raiva para me sentar agora, então ando de um lado para o outro. "Olá pra você."

"Você está com raiva de mim", ele diz, e não é uma pergunta.

"Eu não estou brava. Só tenho coisas a fazer."

"Em um sábado? Sou idiota, eu sei... Você pode parar de andar? Está me dando dor de cabeça." Fico parada, meus braços cruzados contra o peito e meu olhar praticamente queimando um buraco em seu rosto irritantemente bonito. "Ok, eu não tenho certeza se isso é melhor, mas você é muito fofa quando está brava."

"Cale-se."

"Desculpe-me, eu não vim. Por acaso, o treinador esteve no The Dragon ontem à noite, junto com Nick Raban; e me convidou e aos meus pais para nos juntarmos a ele. Juro por Deus, você teria vomitado com o jeito que eles falavam de mim. De qualquer forma, depois do jantar, encontrei Watson e Ben, e eles me arrastaram para uma festa para comemorar."

“De quem era a festa?” Pergunto.

Ele engole em seco e olha para a janela como se estivesse procurando uma saída de emergência. “Riley.”

Todo o meu corpo simplesmente se torna leve, e não significa que estou aliviada. “Você foi a uma festa na casa da sua ex-namorada sem mim?”

“Vamos lá, Rose, não foi assim.”

“Como foi então?”

Ele passa a mão pelos cabelos em um gesto frustrado. “Apenas aconteceu.”

“Oh, você está realmente fazendo isso muito melhor.”

Ele balança a cabeça, sua expressão está tão irritada quanto eu tenho certeza de que a minha está. “Não foi isso o que eu quis dizer. Nada aconteceu.”

“Você sabe o que? Eu tenho... coisas, então se você puder ir...”

“Rose”, ele diz suavemente.

“O que?”

Ele dá um passo em minha direção e eu dou um para trás. Repetimos essa dança mais três vezes até que eu pulo sobre a cama na tentativa de fugir, e ele me pega e me joga no colchão macio. “Foi apenas uma festa.”

“Sim, e ela é apenas sua ex. Sua ex sexy, de pernas longas, mais perfeita que eu.”

“Você está tentando me convencer a não sair ou a voltar com ela? Estou confuso.” Ele sorri, e uma parte de mim quer dar um soco em seu rosto bonito.

“Odeio você.”

“Não, você não odeia. Tenho isso gravado.”

“Dane-se.”

“Tudo bem”, ele sussurra no meu ouvido e depois beija meu pescoço.

Eu sei que não deveria pensar assim, mas já sinto como se ele estivesse saindo. Nick Raban que veio até aqui para se encontrar com ele é possivelmente a melhor coisa que já aconteceu com Harley, e estou muito orgulhosa. Estou feliz por ele, mas também estou morrendo. *Nós estamos morrendo*. Pouco a pouco, estamos chegando mais perto do fim. Uma parte de mim quer gritar que tínhamos planos, que ele está quebrando todas as promessas que fizemos um ao outro nessas últimas semanas inebriantes, e que tudo o que sonhamos está indo embora por causa de algum jogo de futebol estúpido.

Eu sei que isso não é justo, no entanto. Eu sei que se a situação fosse invertida, Harley faria nada além de me apoiar, mesmo que o matasse, mesmo que isso partisse seu coração, e por isso reprimo esses sentimentos. Reprimo a frustração e o medo e a raiva e sorrio, mesmo que meu coração esteja partido.

Eu o deixo empurrar a blusa pelo meu corpo até que seus dedos escovam meus mamilos e causam arrepios por todo o meu corpo, e eu lhe dou um beijo longo, lento e doce. Louisiana está a três mil quilômetros de distância e vou precisar de tantas lembranças quanto puder para me manter aquecida à noite, quando ele não estiver aqui para pular pela minha janela.

Deixo que ele faça amor comigo, mesmo com meus pais no andar de baixo e minha porta destrancada porque, que se dane as consequências. Eu o amo, e o peso em meus ossos me diz que o que temos, o que fizemos aqui, tem uma data de validade e, embora esse pensamento parta meu coração, agarro o tempo que temos e não solto. Eu sei que ele pode sentir meu desconforto, porque também sinto o dele. Não tenho dúvida de que ele me ama, e se mudar pelo país não significa necessariamente o fim para nós, mas

sei que ele sente a grande e assustadora indecisão de tudo, tão pesadamente quanto eu.

Depois que meus pais saem, papai para jogar golfe e mamãe para sua reunião no clube do livro, Harley e eu passamos o dia nos escondendo no meu quarto assistindo a filmes antigos. Nossos beijos são lentos e deliciosos, e nossas mãos são frenéticas em nossa exploração um do outro. É um dia perfeito, mas não tenho dúvida de que será um dos últimos.

Capítulo treze

Rose

Estou de ressaca. Estar de ressaca enquanto lidamos com a segurança do aeroporto nunca é divertido, e mesmo que ridiculamente não tenhamos que esperar nessas longas filas internacionais, eu ainda preciso fazer isso com um buraco na cabeça. Estou inquieta, irritadiça e ainda não estou falando com Harley.

Talvez seja infantil, mas não sei mais como lidar com a situação. Eu não tenho uma única coisa a dizer para ele. Eu o amo. Depois da noite passada, ele sabe disso agora com cem por cento de certeza, mas, em algum nível, ele sabia que eu o amava naquela época e ainda assim escolheu se casar com outra pessoa. Não o culpo por não estar apaixonado por mim; eu o culpo por pensar que poderíamos fazer sexo sem sentido nas férias sem eu perder a cabeça. Eu o culpo por me fazer querer esquecer minhas decisões e seguir em frente de qualquer maneira, mesmo que isso me destrua em longo prazo. E o culpo por me colocar em uma posição em que tive que dizer não a ele, mesmo que o desejasse tanto, porque, se não o fizesse, não restaria nada para salvar quando tudo terminasse.

O oficial de segurança acena pelo portão e eu pego meu telefone, levanto e puxo a mala com o carrinho transportador. Atravessamos o aeroporto, então Harley pega nossas malas na catraca e subimos em sua caminhonete. Sinto a tranquilidade lentamente se aproximar enquanto atravessamos o Glen Park, e a névoa do fim da tarde cobre a cidade.

Harley parece estar desacelerando quanto mais chegamos ao meu apartamento, e quando chega ao meio-fio, ele se vira para mim. “Então, ouça, obrigado por vir na minha lua de mel comigo.”

E toda a minha tranquilidade se vai, substituída por raiva e mágoa, injustiça e muitos sentimentos desgastados. “Claro, sem problema.” Pego a maçaneta da minha porta, mas a mão de Harley agarra a minha e viro para encará-lo.

“Rose, eu sei que estraguei tudo em mais de uma ocasião, mas precisamos conversar sobre isso. Vou lhe dar um tempo para se refrescar e amanhã à noite eu virei e...”

“Não.” Puxo meu braço livre, cansada das liberdades que ele constantemente toma comigo.

Um vinco duro se forma entre suas sobrancelhas e posso dizer que ele está tentando não perder a paciência. “Como assim não?”

“Eu preciso de um pouco de espaço. Eu preciso clarear minha cabeça e descobrir o que é melhor para mim, e não posso fazer isso com você por perto, então... não. Eu ligo para você quando *eu terminar*.” Digo essas duas últimas palavras com o máximo de veneno que posso reunir em relação a esse homem. Se eu fosse capaz, empurraria a faca mais para o fundo, mas nunca quis machucá-lo um dia na minha vida.

Afogar a vida dele, talvez...

Saio da caminhonete e vou para a parte de trás, onde minha mala está ao lado da dele. Harley fica no carro por mais um momento, como se estivesse recuperando o fôlego, depois sai e dá a volta na caminhonete para me encarar. Pego a alça da mala e tento levantá-la, mas ele coloca a mão contra ela e a bate de volta.

“Espere um minuto, Rose. Não vou deixar você se afastar de mim de novo, entendeu? Está chateada; compreendo. Eu te machuquei e sinto muito, mas não vou deixar que me afaste. Amanhã à noite, você e eu faremos isso, goste ou não.”

“Não, não vamos.” Dou um passo para trás, porque meu sangue está fervendo e não confio em mim mesma para não dar um soco em seu rosto perfeito.

“O inferno que não vamos.” Ele pega meu braço e me puxa para perto, até que sinto seu hálito quente no meu rosto quando ele diz: “Eu não vou deixar você foder isso indo embora.”

“*Eu* foder isso?” Grito, puxando meu braço e empurrando seu peito largo. “Eu? Foda-se. Não fui eu quem mudou por causa da primeira bunda que encontrei.”

“Jesus.” O tom de Harley ferve quando ele diz: “Doze anos depois e você ainda está jogando isso na minha cara, hein?”

“Não se atreva a fingir que não tem culpa aqui. Posso ter ido embora para a Louisiana, mas foi você quem nos deixou morrer, então não me diga que sou eu quem nos ferrou.”

Eu nem sequer me preocupo com o meu caso neste momento. Sei que isso só vai lhe dar uma desculpa para cuspir mais coisas na minha cara. Se eu ficar aqui discutindo com ele na rua, vou perdê-lo completamente — vou me destruir e desistir porque é o que sempre faço, é o que sempre fiz com ele e, em algum momento, isso precisa parar.

Então vou embora. Procuro na minha bolsa as minhas chaves e abro a loja, e bato a porta na cara dele.

É claro que Harley nunca me deixou ter a última palavra e, irritantemente, enquanto subo as escadas em espiral para o meu apartamento, ele abre a porta e entra.

“Eu não quero brigar com você, mas preciso que você saiba que não é única que perdeu alguma coisa”, ele diz, e sua voz é tão irregular com emoção e mágoa que paro de andar e apenas escuto de costas para ele. “Eu nunca parei de te amar, Rose, nem por um único dia.”

Eu sorrio, incrédula, um som amargo e irônico. “Então você tem uma maneira incrível de mostrar isso.”

Subo as escadas, meio que esperando que venha atrás de mim, mas ele não o faz, e estou aliviada. Não posso continuar fazendo isso com ele. Não posso simplesmente seguir em frente ou superar isso. Ele me fez uma promessa quando partiu para a universidade e uma parte de mim sempre pensou que cumpriria. É realmente estúpido, por que como você pode confiar nas promessas feitas por crianças apaixonadas? Você não pode. Aquele homem quebrou todas as promessas que me fez, e eu deveria ter visto isso porque um leopardo não muda suas pintas.

Capítulo quatorze

Rose

Dezoito anos

Sento-me no degrau da frente de Harley. Os músculos tensos de suas costas se contraem sob sua camiseta enquanto ele carrega o resto de seus pertences para a traseira da sua caminhonete. Nossos pais se aglomeram ao redor do carro, conversando entre si — principalmente, acho que nossos pais estão conversando sobre futebol e minha mãe consola Rochelle, que sente como se estivesse perdendo o bebê.

Harley vem e se senta ao meu lado. É de manhã cedo, mas já está quente, e o suor brilha na sua testa e encharca a camisa. Ele bate seu ombro no meu, e respiro fundo, inalando o perfume cítrico de sua colônia. Ele estende a mão e eu entrelaço meus dedos com os dele, o tempo todo engolindo minhas lágrimas. Eu não quero chorar hoje. Parece que choro sem parar a semanas. Estou amarga e com o coração dolorido, me afogando na minha solidão antes que ele se vá, e não quero que sua última lembrança de mim seja manchada com lágrimas feias e desespero.

Acho que Harley sente tudo isso, porque ele aperta minha mão. Não consigo olhá-lo; se eu fizer, vou acabar perdendo o controle.

“Rose, olhe para mim.”

“Eu não quero”, digo com minha voz cheia de emoção.

Ele levanta meu queixo até encontrar o seu olhar. “Vamos. Deixe-me ver esse lindo rosto.” Sua respiração é irregular, da mesma maneira que na noite passada, quando nos deitamos em sua cama pela última vez e ele disse que seu único arrependimento nos últimos cinco anos foi esperar tanto tempo para me beijar novamente. Havia lágrimas em seus olhos então, e elas agora brilham quando ele segura minha bochecha. “Eu amo você, Rose Perry.”

E é isso — todo o meu autocontrole voa pela janela e lágrimas feias e grossas derramam e deslizam pelo meu rosto. “Eu também te amo.” Mal consigo expressar as palavras, estou chorando tanto.

“Eu sei. Tenho isso gravado, lembra?” Ele tira as gotas salgadas da minha bochecha e pressiona os lábios nas minhas pálpebras molhadas. “Eu voltarei antes que perceba. Quatro anos não é muito tempo e você terminará a faculdade e o estágio, e depois falaremos sobre para onde vamos a partir daí.”

“É uma vida.”

“Volto para o Dia de Ação de Graças e conversamos todos os dias até lá. Será como se eu ainda estivesse subindo na sua janela e tirando você do sério.”

“Não, vai parecer exatamente com você indo embora.”

“Sim, você está certa, será péssimo.” Ele me puxa em pé e me leva pelas escadas. Deslizando um braço em volta da minha cintura, Harley abraça minha mãe e aperta a mão do papai, o tempo todo mantendo um braço ao meu redor, como se estivesse com medo de que eu desapareça se ele a remover. Saio de seu abraço e permito que Rochelle e Dean se despeçam adequadamente do filho deles, e então ele passa o braço em volta do meu ombro e me puxa para si. Eu o seguro enquanto nós dois choramos, e então ele limpa a garganta e sussurra, “Eu sentirei tanto a sua falta.”

Com um último beijo na minha testa, ele se vira e entra na caminhonete. O rugido do motor o torna de alguma forma mais final, e soluço incontrolavelmente quando ele avança para a rua.

Ele não chega a cinco metros antes que a caminhonete pare, as lanternas traseiras vermelhas piscam, me provocando no início da manhã. Ele não está se mexendo, mas estou no piloto automático. Um passo, dois passos, meus pés engolem o chão entre nós, e então ele sai da caminhonete, me pega em seus grandes braços enquanto me envolvo em torno dele e bato meus lábios nos dele, beijando-o de uma maneira que nossos pais provavelmente desejavam não ver.

Quando nossos beijos retornam a beijinhos tristes e gentis, eu me afasto e sussurro: “Eu te amo, Pan.”

“Wendy, minha Wendy”, ele diz sem fôlego. “Espere por mim. Espere por mim ou vou voltar e estripar o idiota que tomar o meu lugar.”

“Ninguém jamais poderia tomar seu lugar”, digo a ele. Harley assente, coloca-me de pé e alisa os cabelos da minha testa.

“Rose, quando eu chegar em casa, vou colocar um anel nesse dedo.” Ele segura meu rosto com as duas mãos, procurando meu olhar como um homem desesperado em busca de salvação. “Então é melhor você esperar por mim. Promete que vai esperar?”

Eu aceno e sorrio através das minhas lágrimas. “Para sempre, se for preciso.”

“Para sempre é um tempo muito longo.”

“Sim, é”, eu concordo.

Capítulo quinze

Rose

Faz uma semana inteira desde aquela briga violenta com Harley, e não tenho visto ou ouvido falar dele desde então, o que acho que não é tão surpreendente, já que sou eu quem disse que precisava de espaço. Os negócios na loja estão crescendo, mas apesar do que disse a ele sobre precisar de tempo para descobrir quem sou sem ele, ainda não fiz muita coisa. Sinto falta dele como um drogado sente falta de uma dose. Meu mundo está incompleto sem ele, como se toda a cor tivesse sido arrancada. É o melhor, porém, porque sempre termina da mesma maneira conosco — com Harley partindo meu coração.

O telefone toca e eu olho para Izzy e Ginger — a nova garota que estamos testando esta semana. Ambas estão ocupadas com os clientes, então coloco as rosas em cima do balcão e limpo uma mão no meu avental antes de pegar o telefone. “Darling Buds, como posso ajudá-lo?”

“Rose, querida, sou eu”, minha mãe diz no meu ouvido.

“Mãe, agora é um momento ruim. Estamos apressados; obrigada por ter vindo hoje para ajudar com isso, como você disse que faria”, digo causticamente.

“Eu estarei aí mais tarde. Estou fazendo umas coisas e decidi parar naquele lugar de Zuni, na Market Street? Você já esteve aqui?”

Considerando que os restaurantes aparecem nesta cidade e desaparecem alguns meses depois o tempo todo, eu não ficaria surpresa se não soubesse do que ela está falando. Mas eu sei. Eu já tinha ouvido falar do Zuni antes, e é quase impossível conseguir

uma reserva lá. Pelo menos toda vez que tentei, era esse o caso. “Não, mãe, não estive lá.”

“Bem, venha me encontrar agora. Vamos almoçar.”

Não escondo a surpresa da minha voz. “Você está almoçando aí? Eu não posso fugir agora. Tenho trabalho, e é a primeira semana de Ginger, lembra?”

“De que adianta ter seu próprio negócio quando você não pode sair a qualquer hora que quiser?” Mamãe reclama. “Você sabe quem administra o próprio negócio e arranja tempo para almoçar com a mãe? Harley.”

Minha mandíbula aperta. “Bem, por que você não liga para ele?”

“Não seja assim, querida. Só acho que você está trabalhando demais.”

“Você tem que trabalhar duro para administrar um negócio de sucesso, mãe”, digo impaciente. “Além disso, tirei uma folga a uma semana, no Havaí.”

“Sim, e todos sabemos como isso acabou”, ela murmura.

Não tenho amigas com quem posso falar sobre essas coisas. Eu trabalho demais para ter amizades de alta manutenção e, quando você está em uma posição em que consegue selecionar a equipe ao seu redor, a hierarquia das relações de trabalho amigáveis muda e fica mais difícil fazer amigos e mantê-los quando mal tem tempo de se coçar. Não tenho com quem conversar e, quando voltei da lua de mel de Harley, eu *realmente* precisava de alguém para conversar. Então, em um momento de fraqueza, liguei para minha mãe. Contei a ela tudo sobre o Havaí e minha briga com Harley, e foi realmente terapêutico. Embora seja uma decisão que estou começando a me arrepender, por ela me lembrar disso a cada cinco minutos.

“Por favor, Rose, eu não viverei para sempre, sabe? Chegará o dia em que estarei morta e você desejará ter aceitado essa oferta para o almoço.”

Eu suspiro. Confie em minha mãe para me culpar a fazer sua vontade. “É do outro lado da cidade, mãe.”

“Então é melhor você se apressar”, ela diz e desliga.

Bato o telefone no gancho, assustando uma senhora idosa comprando um monte de margaridas e alguns vasos de plantas. Ginger grita como um leitão assustado e segura a mão contra o coração. Atiro a ambas um olhar de desculpas. “Desculpem-me. Mães...”

A mulher idosa me dá um sorriso tenso, e posso dizer que está me julgando por trás de seus óculos ridiculamente grandes. Sorrio firmemente de volta e vou até Izzy, cujo cliente acabou de sair. “Você pode segurar o forte por um tempo? Minha mãe está me culpando para me fazer almoçar com ela.”

“Claro”, Izzy diz, endireitando um vaso na prateleira. “Ginger e eu garantiremos que os strippers já não estejam no momento em que você voltar.”

“Sem strippers”, eu digo, soando estranhamente como minha mãe. Tremo e tiro o avental, me perguntando se talvez deva trocar de roupa antes de sair. Eu tenho uma calça preta de pernas largas e uma blusa preta e amarela com gola canoa com listras grossas. Não tenho certeza sobre a blusa — sempre me sinto como uma abelha, não importa com o que vista — mas decido renunciar à mudança porque provavelmente eu ficaria lá em cima por horas. É melhor acabar com isso, como arrancar um curativo, porque sei que minha mãe tem algum motivo oculto. Ela nunca me convida para almoçar. Pego a bolsa debaixo do balcão e vou para a porta.

“Tudo bem, sem strippers, mas talvez eu revise as contas e veja se um certo raposa grisalho gostaria de entrar na loja para pegar seu arranjo esta semana.” Izzy pisca.

Eu não mencionei Dermot para Izzy, mas sei que ela tem uma vibe sobre nós, porque faz um esforço para me provocar assim que a porta se fecha atrás dele. Embora ele não tenha aparecido desde o nosso retorno do Havaí, o que me faz pensar que encontrou outra barista para fazer seu café da manhã. Mesmo que eu nunca tivesse pretendido acabar bêbada e em uma posição comprometedora com o homem, sinto-me responsável por sua ausência. Dermot pagou até o final do ano pelos buquês, mas ontem, quando ajeitei o buquê da Sra. Carter para enviar para casa, fiquei cheia de culpa, remorso e uma decepção doentia.

“Eu gosto de você, Izzy, mas por favor não me faça machucá-la”, digo. E eu gosto dela. Izzy é jovem, com vinte e poucos anos, com algumas tatuagens e cabelos claros. Ela tem vários piercings no rosto, e normalmente isso não é o meu caso, mas ela consegue fazer com que funcione para ela. Cabelos loucos e piercings à parte, ela é uma trabalhadora esforçada, e eu estaria perdida sem ela.

Com uma piscadela para as meninas, abro a porta e saio na calçada para pegar um táxi. Trinta minutos depois, entro no restaurante e encontro minha mãe em uma mesa sob uma janela no canto. Ela tem companhia. “Querida, você está aqui.”

“E você não está sozinha”, digo severamente, e depois olho para Harley. “Você a colocou nisso?”

Ele encontra meu olhar e levanta um olhar furioso, então encolhe os ombros. “Sabia que você não me veria de outra maneira.”

“Você é inacreditável.” Eu balanço minha cabeça.

“Rose, sente-se”, mamãe implora, olhando ao redor do restaurante lotado para os outros clientes nos assistindo. “Você está fazendo uma cena.”

Respiro fundo e me sento em frente à Harley. Minha mãe se levanta e me beija na bochecha. “Bem, agora que vocês dois estão aqui, devo ir e ajudar as meninas da loja. Vocês dois tenham um bom almoço e demorem o tempo que precisar. Vou fechar a loja hoje.”

“Mãe.”

Ela dá um aceno tilintante e flutua com uma brisa de açúcar e especiarias e Chanel N° 5. “Tchau, queridos.”

Conto até dez na minha cabeça, mas ainda quero machucá-los por me enganar nisso. Pego o vinho intocado da minha mãe — raro para ela — e engulo metade do copo em um gole, depois sinalizo para o garçom por outro. “Pensei ter dito que precisava de tempo.”

“Eu te dei um tempo; te dei uma semana inteira.” Ele diz, tomando cerveja e brincando com a condensação do lado de fora do copo. “Não vou te dar mais do que isso. Agora podemos fazer isso aqui ou na minha casa, onde é provável que haja muito mais gritos. Pessoalmente, prefiro fazê-lo aqui porque soube que este lugar tem o melhor frango da cidade.”

Não sei por que, mas isso me faz sorrir. Talvez seja porque nós dois somos tão parecidos. Talvez seja porque eu amo que ele pense na boa comida que esta cidade tem para oferecer tanto quanto eu. Ou talvez seja porque senti falta do meu amigo.

“Aí está ela.” Harley sorri, e o meu riso vacila. Ele suspira e perde o sorriso completamente. “Rose, eu não quero mais fazer isso.”

“Fazer o que?”

“Evitar um ao outro assim. Sinto sua falta. A vida é uma merda agora, sabe? É realmente uma merda, e preciso da minha melhor amiga.” Ele estende a mão e coloca a mão grande sobre a minha na mesa. “Vou me ajoelhar e implorar. Vou sacrificar um cordeiro, prometer lealdade a qualquer maldita divindade que

escolher, eu apenas... preciso de você. Ok? Seja qual for o jeito que você quiser." Ele abaixa a voz e se inclina para mais perto. "Eu não posso continuar fazendo isso. Não posso continuar olhando seu número no meu telefone e não ligar. Sei que o que fiz foi errado, ou pelo menos o jeito que fiz, mas por favor, não me afaste."

Meu coração, meu coração está sangrando, batendo contra sua gaiola de ossos e implorando para ser entregue aos cuidados de suas mãos, mas minha cabeça? Minha cabeça sabe que meu coração é um idiota. "Sinto muito por ter sido difícil para você, mas acho que preciso de um afastamento real."

"Não, não, Rose, vamos lá. Estamos falando de nós. Nós não fazemos pausas. Não somos amigos que precisam de um tempo, somos uma família e agora preciso de você." Ele diz, parecendo desesperado.

"E o que eu preciso?" Pergunto baixinho. "Isso não importa para você?"

"Ah, merda." Ele passa a mão pelo cabelo. "Sim, isso importa."

Ele olha pela janela para o tráfego que passa, mas é como se não estivesse vendo nada disso. Seus olhos estão assombrados. Ele aperta minha mão na mesa, só que agora está apertando com força o suficiente para machucar, e eu nem acho que está ciente disso.

Coloco minha mão livre em cima da dele. Os olhos de Harley se voltam para os meus. Ele afrouxa o aperto. "Ei, o que está acontecendo com você?"

"Nada." Ele pega sua cerveja e a toma de uma vez. Sua voz é rouca quando diz: "Eu não posso te perder, Rose."

É neste momento que eu percebo que minha cabeça também é uma boba, porque, por mais que tente, não posso ficar com raiva dele. Eu quero. Quero gritar e atacar com meus punhos e palavras amargas. Quero enfiar a faca em nós dois mais fundo e implorar

para que me diga o porquê. Porque ele esperou. Porque pediu que outra mulher se casasse com ele, e porque disse essas palavras outro dia porque não há como elas serem verdadeiras. Se ele não parou de me amar todo esse tempo, como pode querer se casar com Alecia?

Eu não pergunto nada disso. Eu não bato, e não enfio a faca mais fundo. Eu apenas amaldiçoo meu coração estúpido e solitário por ser incapaz de se ajudar.

"Não continue com isso, Harley. Eu mereço mais que isso", digo com lágrimas nos olhos. Vai me custar algo deixá-lo entrar de novo, mas me machucaria mais excluí-lo completamente. "E não quebre meu coração novamente."

O alívio toma conta de seu rosto, tão bonito e avassalador que é como se eu o salvasse de um esquadrão de fuzilamento. Ele pega minha mão e pressiona uma série de beijos ásperos sobre ela, dos pulsos às pontas dos dedos.

"Eu não vou", ele diz com uma respiração irregular. "Juro que nunca mais vou dar em cima de você."

Franzo o cenho, porque não foi exatamente isso que quis dizer, mas uma parte de mim sabe que é a única maneira de tê-lo em minha vida. Como um amigo. Qualquer outra coisa me leva a ficar com o coração partido novamente. Ele será meu melhor amigo, e voltarei a adorar Harley Hamilton de longe, como sempre fiz.

É melhor assim para nós dois, mesmo que pareça que meu peito foi aberto, minhas costelas separadas e meu coração foi esmagado até virar uma polpa sangrenta. É melhor assim. Mesmo que meu tolo coração discorde.

Capítulo dezesseis

Rose

Harley e eu somos complicados. Sempre fomos complicados. Desde o dia em que nos conhecemos, é algo nosso, ou talvez sempre tenha sido simples e fomos nós que o distorcemos, viramos de cabeça para baixo e confundimos o que o resto do mundo já viu. Tudo o que sei é que não existe uma Rose sem Harley ou um Harley sem Rose. Então acho que não é surpresa que tudo tenha voltado ao normal depois do almoço forçado com o melhor frango de San Francisco. *E foi realmente o melhor frango da cidade.*

Nossas vidas podem ter voltado ao normal, mas ainda sinto como se Harley estivesse escondendo algo de mim. Talvez seja o constrangimento inicial de tudo o que confessamos um ao outro quando voltamos de férias, ou talvez ele esteja pisando com cuidado, quando eu estou seguindo adiante. De qualquer maneira, posso vê-lo fazendo um esforço para me tratar com cuidado. Mas isso também veio com complicações. Amigos ou amantes, somos muito mais do que qualquer um desses rótulos que colocamos em nós mesmos — sempre fomos.

Portanto, quando meu telefone toca na sexta-feira à noite, sei quem é sem visualizar o identificador de chamadas. Estou no meio do meu episódio favorito de *Meu Casamento dos Sonhos,* pintando as unhas das mãos e dos pés, o que é algo que não consigo fazer com bastante frequência. Tenho um casamento no próximo domingo e, embora saiba que ninguém olhará na minha direção enquanto organizo o grande dia de um casal, ainda gosto de parecer no meu melhor. *Afinal, sou uma representação direta da minha marca.* Aperto o esmalte entre o primeiro e o

segundo dedo do pé e atendo meu telefone, tomando cuidado para não estragar as unhas.

"Ei, o que você está fazendo agora?"

Faço uma pausa no botão do meu TiVo. "Hum... papelada. Por quê?"

Ele ri. "Admita, você está passando esta sexta-feira sozinha, assistindo reprises de *Meu Casamento dos Sonhos*, não é?"

"Não", aperto, pressiono o botão mudo, depois pauso o programa porque vi esse episódio em particular o suficiente para saber do que Dale Tutela está reclamando.

"Qual é o seu negócio com esse programa?"

"É apenas o melhor programa na televisão sobre casamentos, Harley", digo impaciente, como se ele já soubesse disso. E deveria, porque eu contei a ele pelo menos cem vezes. "Você sabe o quanto gosto de casamentos."

"Sim, eu sei." Ouço o sorriso em sua voz, o que me faz sorrir também porque, embora não entenda, ele ainda entende. "Então ouça, você vai ficar por aí, certo?"

"Por que está me ligando? Você não me liga, você vem e me irrita até adormecer no meu sofá e eu chuto você quando o ronco fica muito alto."

Há uma batida na minha porta da frente, e endureço e digo: "Você está na minha porta agora, não é?" *Merda. Agora vou ter que estragar minha pintura.* "Eu não vou descer as escadas para deixar você entrar; estou de pijama."

"Qual?"

Olho para o pijama cor de rosa embaraçosamente lindo com *Futura Noiva* escrito nas costas e uma abelhinha no bolso da frente, para valorizar o trocadilho. Comprei a um ano em uma loja de grife. Eu não tinha a intenção de usá-lo, pelo menos até a noite

anterior ao meu casamento, mas lavar roupa nesta cidade é caro, para não mencionar demorado, e alguns meses atrás, quando fiquei sem roupa de dormir limpa no dia anterior a ida a lavanderia, puxei-o para fora de uma gaveta e ele nunca voltou. Ele vive debaixo do meu travesseiro ou no meu cesto até o dia da lavagem. Você pensaria que eu teria mais vergonha desse fato, mas ele realmente é um pijama confortável.

"Você está vestindo seu *Futura Noiva*, não está?"

"Talvez", digo lentamente, como se isso fosse uma pergunta com pegadinha.

"Bem, não é como se eu não o tivesse visto antes, mas minhas mãos estão cheias, então vou precisar que desça as escadas e me ajude com as malas."

Faço uma pausa no meu programa e jogo o controle remoto no sofá ao meu lado, desço as escadas apenas para encontrá-lo esperando na porta da minha loja com uma... equipe de filmagem? Congelo, meus olhos se arregalam como pratos. Falo as palavras: *"Que diabos?"*

Harley acena, e posso dar um tapa nele. A câmera está apontada diretamente para mim e a pequena luz vermelha pisca. Atordoada, vou para a porta e viro a fechadura, ficando atrás dela como se a janela de vidro pudesse proteger meu corpo da vista. "Harley? O que está acontecendo?"

"Rose Perry?" Um homem magro com um terno cinza e gravata roxa entra na minha loja, seguido por um operador de som e cinegrafista que quase bate em uma pequena banqueta de lavanda perto da porta.

"Por favor, tenha cuidado", digo, com certa quantidade de apreensão colorindo minha voz, porque o homem que está segurando o microfone o enreda com uma série de luzes cintilantes.

“Rose, você foi selecionada para aparecer no programa *Meu Casamento dos Sonhos*”, Slate Gray Suitdiz, e eu apenas pisco para ele em resposta, porque certamente não ouvi direito. “Harley enviou sua inscrição e Dale Tutela adorou seus projetos.”

“O quê?” Olho para a equipe e depois olho para Harley. “Do que ele está falando?”

Harley sorri como um louco. É um daqueles sorrisos do Pan, e sei que ele não está brincando comigo e não estou sendo *maluca* porque ele é um mentiroso terrível. “Ouvi dizer que eles estavam procurando um designer floral aqui em San Francisco, então apenas baixei o formulário e forjei sua assinatura.”

“Oh meu Deus”, digo sem fôlego.

“Você estará no programa, Rose.”

“Não brinca!” Eu me lanço em Harley que me pega em um abraço de urso. Envolvo minhas pernas em sua cintura e depois o beijo. Eu nem penso nisso — é tão natural quanto respirar. Não há língua, boca aberta e molhada, mas apenas uma série de beijinhos nos lábios. Minha respiração fica presa no fundo da minha garganta. O pomo de adão dele sobe e desce. Seus olhos estão derretidos e tão azuis, como lascas de água-marinha polida. Inclino-me para beijá-lo novamente, mas paro para avaliar sua reação antes que meus lábios encontrem os dele.

“Oooh, há tensão sexual nesta sala”, Gray Suitdiz. O feitiço se despedaça em um milhão de pedaços, e Harley e eu somos deixados em pé em cacos de vidro. “Você pegou isso, Graham?”

“Sim, peguei”, Graham diz.

“Você pode editar minha voz mais tarde, certo?”

“Uh-huh”, Graham diz, erguendo a câmera do ombro e pressionando um botão. A luz vermelha para de piscar.

Harley solta as mãos da minha bunda, e deslizo suavemente pelo seu corpo, estremecendo quando meus pés pousam com força no chão da mesma maneira que meu coração simplesmente bate de volta à vida.

“Não posso acreditar que você fez isso.” Olho sem jeito para meu melhor amigo. Ele olha para trás e várias segundos passam.

“Você merece”, ele diz com um encolher de ombros.

“Ok crianças, vamos deixar vocês em sua festinha de amor em apenas um momento, mas primeiro preciso...”

“Nós não somos um casal”, digo.

Ao mesmo tempo, Harley diz: “Somos apenas amigos.”

“Oh querida, eu trabalho na televisão — vocês dois não estão enganando ninguém. Já que seu amigo está aqui”, ele na verdade coloca aspas sobre a palavra amigo, “preencheu seus formulários e falsificou sua assinatura... ilegalmente, vou precisar que você preencha esses papéis e leia atentamente o contrato, rubrique cada página e assine na parte inferior. Já enviei o itinerário por e-mail para o endereço da loja. Nome adorável, a propósito.”

“Obrigada”, eu digo, mas é claro que ele não terminou, porque realmente acena para mim. Não tenho certeza se devo me trocar ou não, mas Harley me coloca entre ele e um enorme arco de corredor Birchwood que atualmente está repleto de glicínias brancas penduradas.

“Então, o casamento é uma semana a partir de amanhã.”

Pisco em confusão. “O que?”

“Você assiste o programa, certo? Harley disse que você é uma grande fã.”

“Eu sou, mas pensei que talvez essa parte fosse demorada”, explico e dou de ombros. “Você sabe? A mágica da televisão.”

“Não”, ele diz secamente.

“Está bem então.”

“Como eu estava dizendo, amanhã, a maquiagem estará aqui às 04h. Dale chegará às 05h horas em ponto. As filmagens começarão às 06h horas e precisaremos agilizar o processo, pois ele terá um voo para Nova York logo depois. Ele vai embora, e teremos todas as fotos que precisamos da sua charmosa loja antes. Durante a semana, entrarei em contato com você várias vezes para garantir que tenha tudo o que precisa e precisaremos de você no local às 06h horas, no sábado. Agora descansem um pouco — vocês não querem estar na televisão com olheiras embaixo dos olhos. Ok?”

Olho fixamente para o homem, e me pergunto se talvez eu devesse ter anotado isso.

“*Compreende*?”

“Eh... sim, *compreendo*.” Respiro fundo. “Sinto como se estivesse sonhando. Como isso é possível?”

“Ele gostou do seu trabalho. Você é sortuda; normalmente, Dale usa apenas um fornecedor. Você continuará trabalhando em estreita colaboração com eles, pois não tenho certeza de que sua pequena loja pitoresca possa atender a um pedido de dez mil rosas, mas você será a designer floral de destaque tanto para o local quanto para as flores da cerimônia.” Eu ignoro o fato de ele ter dito que minha loja é *pitoresca*, como se isso fosse um insulto, e ouço com muita atenção enquanto ele passa por mais alguns detalhes sobre as filmagens e o que esperar, e então os três saem da Darling Buds, e olho pela janela enquanto eles carregam o equipamento na van e partem.

Eu me viro e encaro Harley, e então me lanço para ele novamente, gritando como uma criança quando bato em seu peito largo. “Não posso acreditar que você fez isso.”

Ele agarra meus pulsos para afastar meus golpes e os pressiona firmemente contra seu torso antes de entrelaçar seus dedos nos meus. “Não, foi tudo você. Agora todos saberão o quão boa é no que faz. Você poderia ter seu próprio programa, Rose. Poderia ser a próxima Martha Stewart, mas sexy pra caralho e sem o tempo na prisão... ou as coisas de panificação e confeitaria.”

Sorrio, mas interiormente minha mente fica presa em um loop. Ele acabou de me chamar de sexy pra caralho? É estranho, enquanto encaro nossos dedos entrelaçados, meu coração bate duas vezes. Gentilmente mantenho minhas mãos livres e as pressiono nas laterais do meu rosto. “Oh meu Deus, eu tenho muitas coisas para fazer. Tenho que me depilar, tenho que lavar o cabelo, tenho que...”

“Toma uma bebida comigo?”

Porra, lá vai a minha desintoxicação... de novo. E eu tenho me saído tão bem. Passei o dia inteiro sem um copo de vinho. Os licores de chocolate que tomei no almoço não contam.

“Ok.” Ando na frente dele e subo as escadas para o meu loft. Ele ri e balança a cabeça previsivelmente quando vê o que eu estava assistindo. Eu apenas olho para a TV, incapaz de acreditar que meus sonhos estão se tornando realidade quando Harley entra na minha pequena cozinha e abre uma garrafa de vinho, servindo um copo para nós dois.

Duas garrafas depois, encosto a cabeça em seu ombro enquanto nos sentamos no meu pequeno sofá. Ele apenas assisti a quatro episódios do meu programa favorito — todos em nome da pesquisa, é claro — sem reclamar. Ele me puxa para perto, porém, passando o braço em volta de mim e deixando-o lá. Eu não protesto. Sinto-me elétrica, completamente viva e um pouco gelada por causa do vinho. Eu realmente preciso ir para a cama, mas não quero me mexer. Além disso, acho que ainda não consigo dormir.

“Você estará lá amanhã, certo?” Minha voz está em pânico, porque pela primeira vez me ocorre que ele pode não estar por perto para segurar minha mão. “Quero dizer, eu sei que você tem trabalho e tudo, mas ainda virá, não é?”

Ele parece estar pesando suas palavras. “Eu não sei se posso.”

“O quê?” Sento-me e olho para ele. Então grito: “Harley, preciso de você lá comigo.”

“Não, você não precisa.” Ele enfia uma mecha de cabelo atrás da minha orelha e a puxa de brincadeira, mas seus olhos estão sérios, sua expressão retraída. “Apenas pensa que sim.”

“Está maluco? Você me meteu nessa bagunça. Isto é culpa sua; não posso fazer isso sem você.”

“Eu tenho um compromisso em Santa Barbara.”

Balanço minha cabeça em descrença, porque esta é a primeira vez que estou ouvindo sobre isso. “O que?”

“Sim, é uma espécie de cliente da lista A.”

“De jeito nenhum! Nem pense nisso.”

“Eu planejei isso, na verdade. Eles estão filmando agora; tenho que entrevistá-lo antes que ele voe para Las Vegas.”

Pego a almofada entre nós e a jogo. Por pouco, quase pega nos copos de vinho na minha mesa de café antes de cair no chão. “Você está cheio de surpresas hoje. Por que não me contou isso?

“Porque assinei um acordo de não divulgação.”

“Sério?”

“Sério.” Ele me puxa para si novamente, e me inclino no calor do seu corpo. Deus, ele tem um cheiro incrível. Como frutas

cítricas, madeiras e vetiver. Sorrio, sabendo que ele ainda usa a mesma fragrância Tom Ford que comprei no Natal, seis anos atrás.

"Eu não posso acreditar que não vai me dizer", digo exasperada. "Não posso acreditar que não estará aqui amanhã para me ver cair de cara no chão."

"Rose", Harley inclina meu queixo em direção a ele, e inclino todo o meu peso na lateral do seu corpo para vê-lo melhor. "Você consegue. Você nasceu para isso."

"Espero que esteja certo, porque no momento não sei se vou te beijar ou te dar um tapa", digo enfaticamente.

"Eu sei o que eu preferiria." Ele se inclina para mais perto, então seus lábios estão a poucos centímetros dos meus.

"O que você está fazendo?" Respiro calmamente. Meu coração dispara incontrolavelmente.

Ele se aproxima ainda mais e enrosca os dedos no meu cabelo. "Cedendo pela primeira vez."

"O que isso quer..."

Sua boca bate na minha, engolindo minhas palavras. Por uma batida atordoada, estou de olhos arregalados e incrédula e depois cedo também, beijo-o de volta. Eu me movo no pequeno sofá e subo em seu colo. Os lábios de Harley são implacáveis contra os meus, suas mãos ásperas e tão boas no meu corpo, tão, tão boas.

Ele rasga a blusa do pijama. A violência desse gesto me pega de surpresa, mas quando suas mãos apertam meus seios expostos e ele chupa minha carne em sua boca faminta, esqueço tudo sobre o meu pijama favorito, agora arruinado. Com um grunhido, ele brinca comigo desde o mamilo até o pescoço e desce de novo, repetindo o movimento do outro lado, forçando-me a perder a cabeça.

“Jesus. Você parece exatamente como quando estávamos na faculdade.”

Sorrio nervosamente, sabendo que isso não é verdade, pois as mãos e a boca dele devoram mais de mim. Estou mais espessa agora, coxas, quadris, seios. Longe está o corpo magro de uma jovem mulher, e aqui para ficar, ao que parece, estão curvas, peitos e até uma pequena estria ou duas. “Nós dois sabemos que isso não é verdade.”

“Não, você está certa. Esses peitos são mais luxuosos, sua bunda mais cheia. Você é uma deusa, amor.” Ele puxa a cintura do meu pijama. Os quadris mais largos em que ele apenas afundou seus dedos calejados são a razão pela qual meu short não sai, então rapidamente desço do seu colo e o removo, desejando ter me lembrado de raspar minhas pernas, e também agradecendo aos poderes que existem pois tive o bom senso de ouvir Izzy quando ela me disse que um único pedaço precisava de uma cera.

Harley molha os lábios e desabotoa as calças, empurrando-as pelos quadris enquanto fico ali, hipnotizada por sua dureza. Ele foi um amante fantástico no passado. A primeira vez doeu pra caralho; a segunda também; mas todas às vezes depois que ele soube exatamente como se mover, onde colocar os dedos ou posicionar seu pau para que me tivesse em questão de minutos, os orgasmos continuavam chegando. Se era pelas mãos dele entre nós ou as minhas — não importava. Parece que tudo importava, pois ele me observava chegar àquelas alturas, trabalhando e esperando e saboreando aqueles momentos em que eu jogava minha cabeça para trás e choramingava enquanto pulsava em torno dele.

Mas isso foi há muito tempo, e dói pensar em quantas amantes vieram e se foram desde aquela época. Quantas mulheres ele fodeu e quantos homens eu tive desde então. O ciúme esmagador e insegurança me atingem em uma onda e pela primeira vez hesito. Nunca pensei que me encontraria nessa posição novamente, e agora que estou, minha imaginação hiperativa está arruinando tudo.

“Venha aqui”, ele diz, estendendo a mão para mim.

Dou um passo em sua direção e paro. “E se isso for um erro?”

Ele agarra meu pulso e me puxa para baixo em seu colo, deslizando as mãos para cima de ambos os lados das minhas coxas enquanto o monto. Ele amassa minha carne dos quadris até a bunda, as pontas dos dedos roçam meus lábios, forçando a respiração dos meus pulmões. “Isso parece um erro?”

“Não”, ofego.

Ele pega minhas mãos, fazendo com que eu descanse um pouco mais do meu peso nele, mas isso torna o pensamento ainda mais impossível de lidar, porque seu pau grosso está pressionado contra mim e não posso deixar de balançar suavemente em seu colo. Harley beija meus dedos. Sua outra mão aperta o meu quadril e me balança mais rápido.

“Diga-me que isso parece errado”, ele diz, quase tão sem fôlego quanto eu. “E se não puder, então cale a boca e me beije.”

Meus lábios batem nos dele. Ele enfia uma mão no meu cabelo, me puxando para mais perto. Seu pau desliza contra a minha umidade e fecho meus olhos. Ele coloca a mão entre nós e se posiciona na minha entrada. A tensão está me arruinando, e quando ele se empurra para dentro, grito porque é delicioso e tortuoso, prazer e dor.

Eu estava errada antes — agora estamos perto o suficiente, agora estamos exatamente onde deveríamos estar. Balançando meus quadris, me inclino para trás para estudar seu rosto, tão bonito, tão fodidamente bonito de partir o coração. Seus olhos brilham quando apalpa meus seios, e fecho meus próprios olhos e arqueio as costas enquanto ele bombeia em mim e esses toques, nossos gemidos, essa proximidade são tudo. *Ele* é meu tudo. Mas não é perto o suficiente para Harley. Ele não é como os outros homens com quem estive, emasculados por uma mulher por cima,

mas sabe que amo o peso do corpo dele no meu, e que me leva até lá muito mais rápido. Ele sai do meu corpo, me segurando perto enquanto passa um braço pela mesa de café, empurrando os copos e a garrafa de vinho para o chão, onde eles quebram. Eu olho, de olhos arregalados e pega de surpresa, mas sou empurrada de costas. Minha cabeça bate na superfície de madeira escura de cerejeira da minha mesa de café, com força, mas ele não se desculpa. Em vez disso, me devora, consumindo cada centímetro meu do umbigo ao pescoço, enlouquecido de fome, e quando empurra para dentro de mim novamente, é com tanta força que meus quadris levantam da mesa. Eu me contorço embaixo dele, tentando colocar um pouco de espaço entre nós, porque é muito, o ângulo, a maneira como ele está batendo em mim, a mesa nas minhas costas que é tão dura e inflexível quanto seus impulsos.

"Harley", suspiro. "Vai devagar. Qual é a pressa?"

"Foda-se", ele diz, sua respiração irregular e desesperada. "Você é tão gostosa, tão fodidamente gostosa."

Ele puxa para fora de mim e com as mãos na minha cintura, me vira de bruços, meus joelhos batem no chão. Eu gemo de surpresa, já sentindo falta do calor dele e do jeito que me esticou com força. Harley empurra meus quadris de volta para ele. Respiro fundo quando ele desliza lentamente dentro de mim novamente. Seus impulsos são mais suaves agora, e embora eu não possa ver seu rosto, é de alguma forma mais íntimo, mais intenso, apenas *mais*, especialmente quando ele me cobre com seu grande corpo e se aproxima, deslizando as mãos sobre meus seios e estômago, adorando cada polegada com mãos ágeis que conhecem muito bem meu corpo. Seus dedos hábeis encontram meu clitóris e apertam. O calor cresce dentro de mim, espalhando-se languidamente por todo o meu interior, desde as pontas dos dedos dos pés até as raízes dos meus cabelos.

"Oh, Deus", sussurro como uma oração.

“Dê-me isso, amor”, ele diz contra a minha orelha, e minha pele fica tensa com arrepios enquanto sorrio com suas palavras. “Esperei muito tempo para ouvir esses gritos saindo da sua boca novamente.”

Eu quero dizer a ele que é o idiota que foi embora. Foi ele quem quase se casou com outra mulher; ele é o motivo pelo qual está esperando o tempo que afirma, porque eu o espero desde que partiu para a universidade. Ainda estou esperando. Mas não digo nada disso porque seus dedos me tocam sem piedade e minha respiração rouba seu nome dos meus lábios quando gozo.

Tremendo, todos os nervos do meu corpo exposto e pulsando, desmorono contra a mesa. Anseio por descanso, por respirar, por ainda mais dele. Mal tenho tempo para contemplar o que aconteceu quando ele relaxa e me levanta pela cintura, carregando-me como uma boneca de pano a poucos metros da minha cama. Um momento depois, ele se deita no colchão macio e não afrouxa a minha cintura enquanto me puxa para cima dele, sua frente para as minhas costas, seu pau grosso dentro de mim, e seus braços enrolados firmemente ao redor do meu corpo, tão apertado que não consigo respirar. Eu digo o mesmo, mas ele não o solta — ele fica parado por um momento dentro de mim, debaixo de mim, ao meu redor, até me sentir lânguida, envolvida em seus braços.

Lágrimas traidoras picam meus olhos. Minha garganta forma um nó que não posso engolir de volta quando Harley move seus quadris, deslizando lentamente para dentro e para fora de mim até que ele começa a bater forte e rápido. Com respirações pesadas e irregulares, ele beija a umidade do meu rosto, e sei que ele não está ciente das minhas lágrimas. Não sei se entende o que elas significam, mas ele acaricia meu corpo com ternura e sussurra em minha orelha garantias de como sou bonita, quanto tempo me quis e como deseja que o tempo pare.

Depois que nossos corpos estão saciados e nossas respirações voltam ao normal, nossos batimentos cardíacos estão

firmes, ele nos rola para o lado e me abraça em conchinha por trás. Parece diferente. Não cheio de promessas do jeito que foi no Havaí, e não cru e suave do jeito que pareceu enquanto ele sussurrou no meu ouvido, mas de alguma forma, é como se ele estivesse jogando um muro ao nosso redor. Não, não ao nosso redor — entre nós.

Não, não, não. Por favor, não deixe que isso seja verdade.

Cautelosamente, como se eu estivesse com medo do que posso encontrar, viro-me em seus braços e passo os dedos pelos cabelos encharcados de suor na base de seu pescoço. Ele não olha para mim, não até eu colocar as mãos em ambos os lados do rosto e forçá-lo a fazê-lo.

Um milhão de palavras clamam dentro de minha mente, mas tudo o que acontece é: "Ei."

"Ei", ele responde.

"Isso foi intenso." Acaricio seu rosto, suavizando a pequena linha que se formou entre suas sobrancelhas.

"Sim." Ele me dá um meio sorriso, mas seus olhos giram com o que parece medo e arrependimento. Ele lambe os lábios. Eu sigo o movimento. Parece que Harley conseguiu seu desejo, e o tempo está parado, aguardando uma eternidade, mas está tudo errado — a luz em seus olhos, a brusquidão de sua voz, a cada segundo que parece passar como se tivesse sido substituído com uma hora.

Franzo a testa. "O que há de errado?"

Ele segura minha mão e a beija. "Nada, mas tenho que ir. Você começa cedo amanhã."

"Não, não vá."

"Eu devo." Harley tira a mão da minha e se inclina para beijar minha testa. Ele se senta e balança as pernas sobre a cama,

ficando de pé. “Você foi ótima. Eu só tenho que acordar cedo e você terá uma equipe de filmagem aqui em três horas.”

“Harley”, digo, minha decepção ressoa pelo pequeno apartamento. Ele desliza dentro da calça e veste a camisa, e então se inclina e me dá um rápido beijo na boca antes de ir para as escadas. “Harley”, digo novamente, com um pouco mais de raiva colorindo minha voz.

“Quebre a perna amanhã”, ele diz, sua própria voz tão cheia de uma emoção que não consigo identificar. Então ele vai, desce as escadas e sai pela porta da frente, e eu fico deitada na cama em que acabamos de fazer amor, segurando meu peito como se todo o meu interior pudesse cair se eu não o segurar no lugar.

Capítulo dezessete

Rose

Dezoito anos

Ser separada por linhas de Estados é uma merda. Acabei de fechar a caixa registradora, apaguei as luzes e saí para a calçada quando meu telefone começa a tocar e porque estou fazendo malabarismos com as chaves e vasculhando minha bolsa, que está cheia de livros, anotações e o laptop, que tenho usado para digitar minha última tarefa no meu curso de gestão de negócios, perco a ligação.

"Droga", sussurro para a névoa do final de setembro e descanso a cabeça na vitrine da loja — uma janela que vou limpar logo de manhã porque meu chefe é uma cadela colossal. Tranco a porta e enfio as chaves na minha bolsa, finalmente localizando meu telefone. O número de Harley aparece na tela como minha ligação perdida, e quero chorar porque a universidade é estressante, o estágio que tanto queria é ainda pior, e ele não está aqui. A vida está uma merda com a palavra PORRA escrita nela e eu realmente preciso ouvir a voz dele.

Aperto o botão de retorno de chamada. O telefone toca, mas não me incomodo em deixar uma mensagem para ele. Desde que ele saiu, há um mês, não é incomum ligarmos todos os dias. Às vezes, não consigo falar com ele entre suas aulas e as minhas e o futebol, mas fazemos o que podemos. É difícil, mas fazemos. Odeio ficar longe dele, e tenho marcado os dias no calendário até o Dia

de Ação de Graças, então quando ele me disse na semana passada que não voltaria para casa como havia prometido, fiquei destruída.

Todos nós ficamos. Em vez de passar o fim de semana em Carmel, passear pelos becos pavimentados de pedra, passar pelos chalés que agora abrigam galerias de arte e butiques, ou afundar os dedos na areia branca após o jantar de Ação de Graças, ele irá para um retiro especial de futebol fora da Louisiana, onde os melhores candidatos são escolhidos e se envolvem no final de semana com os Tigers anteriores que foram convocados para a NFL. Estou tão orgulhosa dele, mas não vou mentir — também estou com o coração partido. Sinto falta dele. Tanto que, quando ele me contou, e depois sussurrou pelo telefone que me amava, comecei a chorar.

Todo esse tempo tentei manter para mim o quanto a distância entre nós me afeta, mas uma coisa que sei sobre Harley é que não importa o quanto ele queira isso, não importa quantos anos trabalhe duro para chegar a exatamente onde está agora, se eu dissesse que queria que ele desistisse, ele o faria. Não há nada que ele não faça por mim, e sei disso, e trabalhei tanto para não ver que o que ele está fazendo me destrói, por que é o sonho dele e quem sou eu para tirar isso dele?

Abro o carro e entro, batendo no teclado do meu telefone novamente. Ele toca três vezes antes que Harley atenda, gritando no telefone junto com uma avalanche de sons — uma festa da fraternidade. “Rose?”

“Ei, você está em uma festa?”

“Espere um segundo, ok? Não consigo ouvir nada. Não desligue.”

“Eu não vou”, digo, e pressiono o telefone mais perto, porque preciso dele. Preciso dele aqui comigo. Não quero ouvir o som da voz dele através de uma linha telefônica baixa e crepitante. Eu o quero ao meu lado, em meus braços. Lágrimas grossas escapam

dos meus cílios e fecho os olhos, descansando a cabeça no encosto do banco. Cubro a boca para que ele não ouça meus soluços.

"Baby?" Ele diz: "Merda... Rose?"

Fungo e limpo a garganta na tentativa de impedi-lo de descobrir que estou me perdendo. "Estou aqui."

"Pensei por um segundo que tinha perdido você", ele diz calmamente.

"Nunca."

"Nunca é muito tempo", ele sussurra, e posso dizer que seus lábios carnudos estão curvados em um sorriso do jeito que sempre estão quando dizemos essas palavras um ao outro. Suspiro, desejando poder vê-los, desejando poder beijá-los e prová-los mais uma vez. "Longo dia?"

"O mais longo."

"Deus, sinto tanto sua falta."

"Eu também sinto sua falta." Limpo a garganta da espessura que ameaça me sufocar. "Então sua casa de fraternidade está dando outra festa?"

"Eh... não, é uma coisa de líder de torcida."

"Uma coisa de líder de torcida?" Eu poderia ter dito isso com a menor quantidade de incredulidade.

"Sim, eles tiveram algum campeonato hoje. Não podíamos estar lá porque estávamos treinando, então o treinador nos fez participar da festa de arrecadação de fundos que estão fazendo."

"Uau, parece... como um verdadeiro castigo."

"Qual é. Não seja assim."

"Como o quê?" Digo, desejando ser fumante, porque com certeza poderia usar um cigarro para acalmar meus nervos

agora. Dane-se a nicotina — vou invadir a merda do armário de bebidas dos meus pais no segundo em que chegar em casa e, se me contrariarem, vou cortar alguém.

"Toda irritada e chata."

"Bem, eu não estava ciente de que estava sendo irritada e chata." Ok, talvez esteja, mas não preciso da atitude dele sobre isso. Enquanto está festejando com seus irmãos de fraternidade a três mil quilômetros de distância, estou aqui em San Francisco, trabalhando meus dedos até os ossos na faculdade e no meu estágio, e estou surpreendentemente sozinha. Meu melhor amigo está do outro lado do país, moro com meus pais porque não posso pagar o aluguel nesta cidade, além de livros didáticos, e sinto falta dele. Não quero brigar, mas também não quero mais fazer isso.

"Rose", ele diz suavemente, dessa maneira que sempre me diz sem palavras que estou sendo irracional.

Suspiro. "Só sinto sua falta, é tudo."

"Isso não é para sempre, amor."

"Harley, tenho procurado por você", diz uma voz feminina arrastada ao fundo, e o ciúme torce como uma faca no meu estômago.

"Ei Cheyanne, você pode me dar um minuto? Estou conversando com minha garota."

Cheyanne? O que ela é, a porra de uma música do Garth Brooks?

"Eu serei sua garota. Você sabe que relacionamentos à distância nunca dão certo. Além disso, estou bem aqui e tenho ótimos peitos. Veja?"

"Não faça isso... vamos lá... não faça isso." Ele suspira. "Hora de ir para casa."

Hora de ir para casa? Oh, inferno, não, é hora de essa puta dar o fora. E por que diabos ela está mostrando os peitos?

"Rose, eu tenho que ir."

"Que porra é essa, Harley?"

"Eu... eu tenho que ajudá-la, levá-la para casa. Ela está bêbada e amo meus irmãos, mas não confio neles para não tirar vantagem dela nessa situação."

Eu sorrio como se ele estivesse brincando, porque certamente é uma piada de mau gosto, certo? Certamente meu namorado, que atualmente está do outro lado do país, não um, mas três — quatro, se você contar Nevada — Estados de distância não está se oferecendo para levar uma líder de torcida bêbada para casa depois que ela acabou de mostrar seus peitos.

"E por que você é subitamente responsável por ela, Harley?"

"Ela é uma amiga."

"Oh, ela parece muito amigável", digo.

"Ei, só estou tentando fazer a coisa certa aqui. Se fosse você na situação dela, eu ia querer alguém cuidando de você."

Ele tem razão. Sei que ele está certo, e é por isso que estou com tanta raiva. Porque mesmo que essa puta estúpida tenha tentado convencer meu namorado a me trair, mostrando seus peitos para ele, isso é maior do que meu ciúme mesquinho. Uma mulher tem todo o direito de estar tão bêbada quanto Cheyanne e atravessar uma casa de fraternidade sem que nenhum homem a toque ou se aproveite, mas esse não é o mundo em que vivemos, e posso ter o último verdadeiro cavalheiro de pé, mas sei que ele está fazendo a coisa certa. Isso não significa que eu tenha que gostar disso.

"Rose?" Harley diz suavemente.

Eu xingo. "Apenas vá. Falo com você mais tarde."

“Eu te amo.”

“Sim, eu também”, digo e desligo. Ligo o carro e paro no trânsito, indo para o leste na Hayes Street até a Maçônica. Minhas lágrimas caem até a 29Street, onde abro a porta da casa dos meus pais e subo as escadas sem dizer uma palavra a nenhum deles.

Espero que Harley ligue mais tarde naquela noite, mas ele não liga. O silêncio é ensurdecedor e sou engolida por ele. Nós nos afogamos nela, na dor, na culpa e na distância, e não tenho certeza de quando ou se voltaremos a respirar.

Capítulo dezoito

Rose

A manhã seguinte é uma tortura. A equipe de maquiagem aparece às 03h30 para me preparar, e não as 4h como Gray Suit — cujo nome é Aras, como eu aprendi com meu e-mail quando finalmente chequei depois que Harley foi embora — havia dito, e mal chego Ao chuveiro quando os ouço bater. Ainda não chequei à papelada, mas assinei mesmo assim, e entrego a um Aras confuso antes que ele requisite meu sofá para fazer algumas ligações telefônicas necessárias. Então tudo vai de mal a pior. Sou jogada em cabeleireiros e maquiagem, cutucada, espetada e forçada a vestir roupas que nunca usaria para trabalhar em um milhão de anos. Quando Dale Tutela e o resto da equipe aparecem, solto duas palavras antes que ele me silencie com um olhar enquanto aperta os dedos em um movimento 'Shiu'.

O que eles dizem sobre conhecer seus ídolos? Ah, sim, você não deveria, porque eles nunca atendem às suas expectativas. Dale Tutela não é exceção a esta regra. Na verdade, é um imbecil de primeira classe. E estou arrasada.

Também estou tentando esquecer o que aconteceu com outro idiota apenas algumas horas antes, mas estou falhando miseravelmente. Eu não entendo isso, Harley foi quem instigou a coisa toda. Foi ele quem começou, e foi quem terminou à meia-noite, quando saiu da minha casa como se mal pudesse esperar para se livrar de mim. Eu nunca deveria tê-lo deixado levar isso tão longe, mas eu queria. Eu o queria. *Deus, como o quero*.

Mesmo agora, quando sou atingida por lampejos do nosso emaranhado de suor e delícias, a sensação dele por dentro, atingindo cada parte minha e me deixando tonta com a maneira

deliciosa como ele agarrou meus quadris e entrou em mim como se soubesse que eu não quebraria debaixo dele... eu o quero. Ele sempre foi assim, desde a nossa primeira vez juntos. Ele me fode como um homem selvagem, e tem sido o homem pelo qual avalio os outros. Cada toque, cada beijo, cada impulso, com qualquer homem que eu deixei entrar no meu corpo, empalideceu em comparação com a maneira como Harley faz amor comigo.

Aquele rato bastardo. Como se minhas lembranças não tivessem sido torturas o suficiente, ele teve que ir e me dar um curso de reciclagem de prazer que colocou todos os outros momentos em vergonha.

Um dedo peludo e apertado se encaixa embaixo do meu queixo, e me afasto do choque. "Corta", Dale grita, e olho entre ele e o diretor, incapaz de acreditar que estou pensando em Harley quando deveria estar focada no aqui e agora.

"Tudo bem, descanse cinco minutos", diz o diretor, enquanto se levanta e vem até nós.

"Sinto muito", digo a ambos, e depois dou um sorriso tenso aos operadores de câmera, que estão pousando seus equipamentos. Graham, que conheci ontem à noite, me dá um aceno de queixo e os dois se aventuram do lado de fora para mais um cigarro.

"Querida, você pode ser um gênio com arranjos florais, mas não há muita coisa acontecendo entre esses olhos no resto do tempo, não é?" Dale diz, esticando o pescoço para a esquerda e para a direita como se estivesse trabalhando dobrado. "Preciso de uma bebida, um bronzeado e um homem. E alguém pode, por favor, fazer algo sobre essa bagunça." Ele acena com a mão na minha direção e se vira para a noiva, cujas flores eu criarei. Ele tem razão; sou bagunça. Ele realmente não precisa de um bronzeado, porque já se parece com um Oompa Loompa.

Deus, ele é um idiota.

“Ok, Rose, aqui está o que vamos fazer. Vamos pedir ao Dale que diga suas falas novamente e depois gravaremos as suas separadamente. A sala de corte vai arrumar e *pronto*, será como se vocês realmente estivessem conversando. Então trarei os meninos aqui, e iremos a partir daí. Rachel”, o diretor diz, apertando o braço da futura noiva. “Você está indo bem.”

“Obrigada.” Ela sorri timidamente, e seu olhar vira para mim. O sorriso diminui como uma luz apagada. “Você não vai estragar o meu casamento, vai?”

“Eu... não, claro que não”, asseguro, um pouco chocada com sua franqueza. “Eu faço isso toda hora. É o meu trabalho. Simplesmente não sou muito fã da TV.”

“Não, eu não acho que você seria com essa estrutura óssea.” Ela sorri como se não tivesse me insultado. Meu rosto fica pálido e Izzy — que estava tão animada quando eu enviei uma mensagem às 6h da manhã para dizer para ela não se incomodar em trabalhar hoje chegou dez minutos depois e fez café para toda a equipe — me dá um sorriso e um polegar para cima, e então estamos rolando novamente.

Eu me saio muito melhor ao dizer minhas falas quando Dale não está por perto e graças a Deus, porque eu poderia estar correndo um risco real de perder esse trabalho, e realmente preciso disso. A criação de um evento apresentado no *Meu casamento dos Sonhos* poderia colocar minha pequena loja no mapa, então realmente não tenho escolha a não ser me ajustar e fazer os arranjos mais requintados que qualquer planejador de casamento de reality show egoísta, narcisista e bronzeado cor de laranja já viu.

♥

Depois que as filmagens terminam, Aras se senta comigo para revisar o que é necessário, e quando devo fornecer maquetes para meus projetos e uma planta baixa. Ele me diz que os outros fornecedores associados ao show fornecerão tudo o que preciso, em

termos de flores e suprimentos, e Dale supervisionará tudo, desde roupas de cama até música e bolo, mas a cerimônia e a recepção são todas minhas. Até a noiva não se pronuncia.

Fiz arranjos florais para centenas de casamentos e eventos na área da Baía de San Francisco, então isso não é novidade, mas projetar um evento dessa magnitude me preocupa um pouco, sem mencionar minha terrível estreia nas filmagens. Provavelmente terei que fechar a loja, e a receita perdida será péssima, mas sei que será bom para os negócios em longo prazo. Eu o amo por colocar essa oportunidade no meu colo, mas também o odeio no momento.

Eu realmente poderia usar meu melhor amigo agora.

Tenho uma montanha de trabalho a fazer depois que todos saem. A loja permanece fechada, mas isso não significa que eu possa subir para a cama. Izzy ainda está aqui, e ela se prepara para ajudar a limpar sem que eu pergunte. Ela tem sido uma dádiva de Deus, e sinceramente não sei o que teria feito sem ela. Ela é uma boa amiga.

Izzy varre o chão enquanto lustro as superfícies de vidro da minha loja até que brilhem. Parece que fazer televisão é um negócio bagunçado.

"Então, onde está Harley hoje? Eu pensei que vocês haviam se beijado e feito as pazes?" Ela olha para cima da pilha de sujeira e detritos que a equipe deixou para trás.

Eu recuo. Izzy não sabe o quão irônica é essa afirmação. "Acho que ele tinha um trabalho fora da cidade."

Ela franze a testa e continua varrendo. "Oh, estou surpresa que ele não tenha reagendado. Aquele garoto moveria o céu e a terra por você."

Alguém que moveria o céu e a terra por você geralmente não sai apressado no meio da noite depois que acabou de fazer sexo, a menos que seja para trazer sorvete.

Olho do balcão que estou limpando e olho para a minha funcionária. “Ei Izzy, posso falar com você sobre uma coisa?”

Ela para sua varrição completamente e me encara. “Não estou sendo demitida, não é?”

“O quê?” Faço uma cara horrorizada. “Oh Deus, não!”

“Oh, tudo bem então.” Ela encolhe os ombros. “Diga.”

Respiro fundo, sem saber o quanto quero dizer a ela, e então isso sai da minha boca como a palavra *vomitar*. “Eu fiz sexo.”

“Muito bem.” Ela me dá um sinal de positivo.

“Não, quero dizer que fiz sexo com o Harley.”

“Oh sim”, ela diz franzindo o nariz como se achasse isso adorável. “Vocês costumavam namorar, certo?”

“Não, eu... nós fizemos sexo ontem à noite.”

“Fala sério!” Ela grita de alegria. A vassoura cai no chão e Izzy corre em minha direção, apoiando-se no balcão que acabei de limpar. “Oh meu Deus. Eu preciso de detalhes.”

“Bem, não há muito que dizer, eu acho. Estávamos comemorando sobre o programa com alguns drinques e depois nos beijamos, e depois estávamos...”

“Ficando nus.” Ela balança as sobrancelhas. Izzy tem um ótimo jogo de sobrancelhas, mas isso parece ridículo.

“Sim, só que ele me afastou depois.”

Seus olhos se arregalam como um pires. “Nãão.”

“Sim.” Concordo, fazendo uma daquelas caras *‘Eu sei, certo?’*. “Não sei o que fazer. Devo ligar para ele? Eu vou lá?”

“Não”, Izzy diz, me assustando seriamente com a carranca que ela atira em meu caminho. “Não faça nenhuma dessas coisas.”

Eu faço uma careta. “Sério?”

“Realmente”, ela garante. “Talvez ele esteja apenas pirando, sabe? Como ex são super familiares, e parece tão errado, mas pode parecer tão certo também.”

“Talvez”, concordo, mas Harley e eu estamos neste jogo há quase dezessete anos agora, e sei que ele sentiu tudo o que eu senti ontem à noite porque vi no rosto dele, senti no seu toque, e ouvi isso nas palavras que sussurrou para mim. Só não entendo por que fugiu.

“Você realmente se importa com ele, não é?”

Eu dou de ombros. “Ele é meu melhor amigo.”

Ela faz uma careta e me dá seu melhor sotaque estilo Mae West. “Não é mais, ele não é.”

“O que você quer dizer?”

“Melhores amigos não se fodem”, ela se inclina para pegar a vassoura e continua varrendo. “Está no manual.”

“Tudo bem, bem, nós somos melhores amigos que se foderam no passado, e agora somos melhores amigos que acidentalmente fizeram isso de novo”, digo, mas sei que essas palavras não são verdadeiras, porque a última a noite não foi acidental. Solto um suspiro que faz minha franja voar. “Por que você não guarda isso? Eu vou limpar o resto.”

“Eu não me importo.”

“Vá para casa, Izzy. Eu faço isso.” Pego a vassoura e faço um gesto de varrer com ela, como se fosse varrê-la se ela não se mexer. “Obrigada por estar aqui hoje.”

“Sem problemas. Eu não teria perdido a oportunidade de ver você se atrapalhar em todas as suas frases na TV nacional.”

Sorrio e digo sarcasticamente: “Você é uma boa amiga.”

“Vejo você amanhã”, ela diz. Coloco a vassoura no depósito e volta a pegar a pá, depois me agacho atrás do balcão, varrendo os detritos para dentro. “Ohhh, Rose, atenção, há uma raposa prateada farejando sua porta.”

Coloco minha cabeça por cima do balcão e encontro Dermot de pé na rua, no final da tarde, com seu terno azul meia-noite sob medida, como uma luva.

“Você é como isca de pau sexy.” Izzy sorri, e meus olhos se arregalam porque tenho certeza de que ele pode ouvi-la do outro lado do vidro. Izzy puxa a porta, a campainha toca e Dermot assente e se afasta para permitir que ela saia da loja. “Boa tarde, Sr. Carter.”

“Izzy”, ele diz em saudação enquanto atravessa meu limiar. Aliso o vestido verde esmeralda que ainda não tirei depois de fotografar. A maneira como seus olhos rolam sobre o meu corpo me faz desejar ter levado um momento para me trocar. Admito, há outra parte de mim que acha que pode ser uma boa ideia apenas tirá-lo aqui. *Cérebro mal. Cérebro muito mal.*

“Oi”, ele diz.

“Oi, para você também. Nós não o vemos há algum tempo.” Dou um sorriso melancólico, porque não posso evitar. Meu corpo sempre parece estar em alerta máximo na presença dele, e agora não é diferente. Meu coração palpita violentamente no peito, e estou achando um pouco difícil respirar, embora o vestido possa ser errado para isso.

Dermot fecha a porta da loja atrás dele e vai até o balcão, onde finjo estar muito ocupada arrumando as coisas. “Eu vim te ver por causa disso, na verdade.”

Olho para cima, perguntando-me o que isso significa exatamente. “Oh?”

“Eu vim no início do dia, mas parece que havia uma equipe de câmeras obstruindo sua loja. Eu não conseguia nem chegar perto da porta.”

“Oh, eu, eh... estamos sendo apresentados em um reality show. É um tipo de ‘ajuda porque sou uma noiva desesperada não pode planejar meu próprio casamento’.” Aceno como se esse tipo de coisa acontecesse comigo o tempo todo. “Vai ao ar na próxima temporada.”

“Você não é a noiva desesperada, não é?”

“Eu?” Eu grito: “Não, meu casamento está planejado desde os cinco anos de idade.”

Oh-oh.

Dermot levanta uma sobrancelha. Ele parece um pouco assustado. “Parabéns pelo programa. São notícias extraordinárias.”

“Bem, vamos apenas dizer que coisas boas virão.” Eu sorrio, mas sinto o peso das últimas 24h bater em mim, e de repente estou cansada. “Mas você não veio aqui por isso. Com o que posso ajudá-lo?”

“Jante comigo.”

“Como?” Pergunto, franzindo a testa.

Ele levanta as mãos como se quisesse afastar quaisquer reservas que eu possa ter. “Prometo ser um cavalheiro perfeito desta vez. Não tropeçar e esmagar você contra a minha ereção gigante.”

Caio na gargalhada, não posso evitar — a seriedade com que ele diz isso me fez rir como uma colegial. E eu não sou uma garota que ri. “Oh, vamos lá agora, sua ereção gigante não foi totalmente responsável. Minha vagina é uma ninja que provavelmente tropeçou no seu pau de propósito.”

Eu acabei de dizer isso? Jesus, você faz sexo uma vez em três anos e de repente é a Amy fodida Schumer? Controle-se, Rose.

"Obrigado pelo aviso. Vou dizer ao meu pau para estar pronto para um ataque furtivo." Ele sorri, mas seus olhos são um chocolate derretido e promessas pecaminosas. E lá vai ele de novo, sendo completamente inapropriado e sexy como sempre, enquanto faz isso.

Sorrio nervosamente. "Bem, de qualquer forma, tenho certeza de que sua esposa não ficaria muito emocionada com a ideia do seu pau e minha vagina se juntarem para jantar sozinhos... novamente."

"Ex-mulher."

Minha boca forma um *O* enquanto o meu cérebro registra o choque. "Sinto muito, eu... eu não sabia que você tinha se separado."

"Nós pedimos o divórcio no segundo em que voltamos para casa."

Engulo em seco, esperando que isso não tenha nada a ver comigo. "Mas eu tenho entregado lírios a ela pelas últimas três semanas desde que você voltou. Você não cancelou a entrega, então eu não sabia. Oh meu Deus, eu me sinto terrível."

"Você está enviando as flores para a casa." Ele assente.

"Mas e os cartões?"

"Sim, eu suponho que você poderia parar de enviar, a menos que gostaria de me escrever bilhetes de amor." Ele sorri ironicamente, e meus olhos se arregalam. "Vamos agitar um pouco a partir de agora. Acho os lírios tão tristes."

"Dermot, não precisa continuar pedindo flores para mim. Você tem sido um dos meus clientes mais valiosos e sou grata, mas eu entenderia se cancelasse esse pedido."

“Mas por que eu faria isso?”

Eu não tenho uma resposta. Talvez ele queira apreciar o perfume de flores frescas em sua casa — não há nada de errado nisso. Na verdade, eu tenho vários caras corporativos, todos os empresários solteiros, tanto quanto posso dizer, que pedem flores toda semana por esse mesmo motivo. Você não precisa ser uma mulher para apreciar a beleza da natureza. Olhe para Harley — ele vive da criação de alguns dos jardins mais requintados da cidade. “Bem, tudo bem então.”

“Tudo bem, você janta comigo?”

“Oh.” Faço uma pausa, sem saber como proceder. “Eu quis dizer, tudo bem, vou mudar um pouco esta semana. Qual é a sua favorita?”

“Peônias.”

Suspiro, porque a maioria dos homens nem sabe como pronunciar o nome dessa flor e muito menos tem a capacidade de diferenciar entre elas. Meus olhos brilham, fazendo-me sorrir como uma pessoa louca, e Dermot sorri também, mas não é um sorriso estúpido. É suave o suficiente para ter os cantos dos olhos enrugados, e intenso o suficiente para fazer com que o calor do seu olhar faça borboletas flutuarem na minha barriga. Eu rapidamente perco o sorriso e aceno. “Bem, então, eu tenho certeza de que posso inventar algo perfeito para você.”

“Eu não tenho dúvida”, ele sussurra. “Talvez você possa entregá-las em minha casa desta vez, por volta das oito horas?”

“Você é implacável.”

“Eu sou”, ele concorda. “Especialmente quando se trata de algo que quero.”

Juro que coro do pescoço até os joelhos. “Eu não posso. Sinto muito.”

Eu não poderia fazer isso com Harley. Mesmo que aquele idiota tenha acordado e saído três segundos depois que entrou em mim na noite passada, mesmo que o silêncio dele tenha me feito sentir como uma prostituta suja que acabou de cometer o maior erro da sua vida, preciso falar com ele. E, independentemente do resultado, não seria correto aceitar a oferta de Dermot porque meu coração pertence a outra pessoa, e isso não é justo. Embora eu tenha certeza de que a raposa prateada não está buscando nada além de uma boa refeição e possivelmente rolar no feno — é claro, e contar 1000 fios — cair na cama não é apenas injusto com ele, é injusto comigo. Eu me apaixono rápido e com força, sempre, e acho que já passei dos dias de sexo vazio apenas por algumas poucas horas para me sentir bem. Por mais tentador que esse homem seja, não posso jantar com ele.

"Eu não namoro meus clientes, Sr. Carter."

"Sempre posso parar de comprar flores aqui", ele diz. "Embora eu possa ter dificuldade em desistir do café."

Sorrio, porque Izzy é realmente boa. "Você é doce, mas não. Obrigada mesmo assim."

Ele não parece feliz, mas acho que sabe que não há sentido em me persuadir, então ele aceita isso graciosamente. "Acho que você está cometendo um erro, Rose. Há química aqui. Seria uma pena não explorar isso."

Talvez ele esteja certo, mas não vou me envolver nisso. Eu acho que ele vê essa teimosia dentro de mim, porque seus lábios se contraem. Ele se inclina e, para minha completa surpresa, sua mão agarra a minha nuca e me puxa para ele, sussurrando no meu ouvido: "Uma garota voluntariosa. O que eu não daria para vê-la contida e se contorcendo debaixo de mim."

Minha respiração fica presa na garganta. Dermot beija minha bochecha e me libera. Há um breve momento de pausa em que nossos olhos se encontram quando ele se afasta, e sei que ele

tem o meu número. Sei que vê o desejo nos meus olhos porque ele sorri e dá um passo para trás.

"Aproveite o seu fim de semana, Srta. Perry", ele diz, enquanto se retira. Ainda estou de pé no balcão, olhando para a sua figura enquanto ele caminha pela calçada e pula em uma Maserati cinza-metal brilhante.

Só quando vejo o carro desaparecer e caio no chão da minha loja, respiro fundo e profundamente, como se estivesse dando à luz um bebê e tentando desesperadamente ignorar os gritos solitários da minha buceta quando a ereção gigante se afasta. Em vez disso, pego meu telefone no balcão e caminho em direção à porta, trancando para a noite. Fecho as persianas e subo as escadas, onde abro uma garrafa de vinho e olho para a tela enegrecida. Três chamadas perdidas da minha mãe, uma do telefone do meu pai, o que provavelmente é apenas a minha mãe ligando do telefone dele no caso de eu evitar o número dela, mas nenhuma ligação da Harley.

Engulo uma taça inteira de Pinot Noir e ligo para o número dele antes que eu possa me convencer a não falar. Vai direto para o correio de voz, e eu ouço sua gravação rouca e suspiro enquanto penso sobre essa voz e todas as coisas bonitas que ela disse no meu ouvido na noite passada. "Harley, sou eu, Rose. Claro que você sabe quem eu sou — tenho certeza de que não precisava explicar essa parte. Quero dizer, tenho certeza de que você não esqueceu o tempo que levou para entrar em mim e depois fugir do meu apartamento na noite passada. Ou talvez tenha feito." *Oh, caramba. Eu realmente não quis dizer nada disso.* "Enfim, estou... não estou brava. Apenas me ligue de volta, ok?"

Desligo e levo minha taça de vinho para o sofá, me colocando sobre ele. Ligo a TV, pronta para assistir ao meu programa favorito, mas acho que deixa um gosto amargo na boca depois das últimas 24 horas, então me acomodo no canal Discovery e bebo... demais.

Uma garrafa de vinho depois, meu telefone olha para mim da mesa de café e eu me vejo pegando-o. Eu ligo de novo. Vai direto para o correio de voz.

"Você sabe o que? Eu menti. Estou furiosa. Estou muito, muito furiosa. Você dormiu comigo ontem à noite e depois? Acabou desaparecendo da face da terra? Quem faz isso com a melhor amiga? Você é um amigo péssimo, Harley, e um namorado horrível", retruco, e depois penso nisso por um instante. "Espere, não, você não era um namorado horrível — você era realmente muito bom nisso, mas ainda assim. Você é péssimo por não conseguir parar de dormir comigo. E tenho certeza de que a maioria das mulheres aceitaria isso como um elogio, mas você sabe o que sinto por você."

Estou surpresa ao descobrir que meus olhos estão vazando de novo, eu nem estava ciente disso, o que significa que estou muito bêbada ou... sim, vou ficar bêbada. Eu fungo. "Droga, Harley, você vai quebrar meu coração mais uma vez, não é?"

"*Bip! Sua mensagem foi gravada*", diz uma voz robótica no meu ouvido, mas ainda estou com raiva e ainda não terminei, então ligo novamente, espero o sinal sonoro e digo: "Ah, sim, vá se foder."

Desligo e jogo meu celular no sofá, abandonando o vinho pelo pote de Ben & Jerry's no meu freezer. Mergulho no sorvete como se ele contivesse minha salvação e mudo de canal. *Diga Sim para o vestido* está passando. Eu já vi esse episódio, mas assisto de qualquer maneira e me vejo chorando de novo quando prendem o véu no cabelo de uma mulher e a família reunida na sala de exibição explode em lágrimas. Coloco uma colherada de sorvete na boca enquanto lágrimas grandes e cheias percorrem meu rosto e soluço como uma mulher que acabou de perder uma grande venda de sapatos Valentino na Nordestrom.

Odeio homens. Odeio sexo. Odeio esses sentimentos suaves que tenho por dentro. Eu... *oh merda, eu vou vomitar*.

Jogo o pote de sorvete e corro em direção ao banheiro. Eu. Não. O. Alcanço. E acho seguro dizer que é a última vez que como Ben & Jerry's. O fudge de chock chunk não parece o mesmo quando desce, especialmente quando ele é afogado com uma garrafa inteira de vinho.

Capítulo dezenove

Rose

Dezoito anos

Passo pelas portas e o vejo de pé, vestindo sua camisa de futebol, com o cabelo preso para trás, flores em uma mão, uma placa da Wendy Darling na outra e um sorriso grande e estúpido no rosto. Eu sorrio como uma mulher possuída e ando em direção a ele, mas há um grupo de pessoas dando passos na minha frente enquanto descobrem para onde ir, e quando meus passos apressados não os fazem se mover rápido o suficiente, passo com um pedido de desculpas meio murmurado e grito quando pulo no ar. Harley não tem escolha a não ser me pegar, deixando cair as coisas em suas mãos para agarrar minha bunda. Eu salpico seu rosto e pescoço com beijos e então quando chego aos seus lábios, ele geme enquanto enfio a língua em sua boca. Seus lábios estão finalmente, *finalmente* nos meus.

Nós recebemos muitos olhares realmente estranhos das pessoas, e alguns até aplaudem a cena que estamos fazendo no Aeroporto Metropolitano de Baton Rouge. Deslizo por seu grande corpo, meus pés mal tocando o chão, porque sinto como se ainda estivesse voando acima das nuvens.

Sorrio para ele. “Ei, Tiger. Camisa legal.”

“Ei.” Ele se inclina e pressiona um beijo na ponta do meu nariz. “Você está aqui.”

“Estou aqui”, concordo. Ele me envolve em outro abraço com tanta força que mal consigo respirar, mas não me importo porque sinto falta de seus braços em volta de mim assim. Senti falta desse aroma apimentado da sua loção pós-barba e grama verde que sempre o acompanha fora do campo, não importa quantos banhos ele tome após o treino. Seu cabelo está úmido, e aposto que acabou de sair do campo. Pressiono o nariz na camisa dele, inspirando-o. “Roxo é realmente a sua cor.”

“Não odeie a camisa”, ele diz, passando o braço em volta do meu ombro. “Vamos lá, vamos pegar suas malas.”

Sorrio para ele. E coloco a pequena mochila no peito. “Na verdade, isso é tudo que trouxe comigo.” Ele franze a testa, claramente sem compreender. “Eu não tinha certeza se estaria vestindo roupas a maior parte do tempo em que estiver aqui.”

Ele coloca a mochila no ombro e me puxa para perto e sussurra no meu ouvido enquanto caminhamos: “Se isso não nos prendesse, eu a pressionaria contra aquela parede ali e te foderia aqui mesmo em frente a todos.”

Minhas bochechas coram, e minha buceta faz piruetas na calcinha muito cara que vesti esta manhã apenas para o nosso reencontro. Acompanho o seu grande passo galopante da melhor maneira possível e, em seguida, saímos do aeroporto, entramos em sua caminhonete e seguimos pela Rota 110.

Leva apenas catorze minutos para ir do aeroporto ao campus da LSU, mas juro por Deus que Harley passa todos os sinais vermelhos entre aqui e lá e nos leva para casa em oito.

Estacionamos em frente a uma enorme casa de fraternidade de tijolos vermelhos, com um gramado bem iluminado e imaculado. Naquele gramado primitivo, dois rapazes estão sentados nas espreguiçadeiras; eles estão bebendo em chapéus de cerveja e usando ridículos óculos de palhaço enormes. A casa em si é linda, pelo menos do lado de fora, e você nunca saberia que é o lar de vinte caras.

Harley desce da caminhonete e corre para o lado do passageiro antes que eu possa abri-la, e então me puxa da cabine e me empurra contra o veículo, beijando-me com força. Vaias sobem dos caras no gramado. Olho para eles por cima do ombro de Harley e depois ofego quando ele me pega e sinto o quão duro ele está por baixo da calça jeans. Envolvo minhas pernas nele, e Harley caminha com as mãos na minha bunda e seus lábios esmagam os meus.

"Cara", alguém diz. "Arrumem um quarto."

"Eu planejo isso." Harley sorri para mim, e tudo que consigo pensar é *sim, sim, sim, Deus, sim*! Faz muito tempo, e eu não tenho certeza se me lembro de como é o sexo.

"Eu não deixaria seu carro lá, cara", o óculos de palhaço diz. "A polícia do estacionamento vai chutar a sua bunda por isso."

"Não me importo."

"Você será rebocado", o cara grita enquanto Harley sobe na varanda e para do lado de fora da porta da frente.

"Você quer me dar uma mão aqui?" Harley sussurra, rindo enquanto cubro seu rosto e pescoço com beijos. "As minhas estão meio ocupadas."

Alcanço a maçaneta da porta atrás de mim, e então entramos, batendo em móveis, paredes e portas, e tenho certeza de que batemos em uma pessoa com quem nos deparamos no caminho para subir as escadas. Eu não ligo. Não me importo como isso me faz parecer para os irmãos de Harley; eu não me importo com o que eles ouvem ou se estão gritando idiotices no jardim da frente — tudo o que me interessa é ele. Tudo o que quero é ele.

Entramos em um quarto no segundo andar. Eu não sei se é pequeno ou grande ou se é um maldito armário de suprimentos, porque seus lábios se chocam com os meus e fecho os olhos enquanto seus dedos amassam minha bunda. Gemo e me contorço

contra ele, quebrando nossos beijos fervorosos para tirar minha camiseta e sussurrar: “Preciso de você dentro de mim agora.”

“Foda-se, baby”, ele diz, arrastando os lábios sobre o meu pescoço e seios, me devorando como se estivesse faminto esse tempo todo que estivemos separados. “Planejo me enterrar tão fundo que você vai andar engraçado esse fim de semana inteiro.”

“Hum... oi”, diz uma voz, e meus olhos se abrem para encontrar um garoto alto e meio nerd de pé a um metro de distância. Suas bochechas estão tão vermelhas quanto as minhas agora. “Você deve ser Rose.”

“Oh meu Deus”, digo, cobrindo meu peito. Deliberadamente não usei sutiã porque, embora meus peitos sejam grandes, eles ainda são empinados, e eu sei que isso deixa Harley louco quando saio apenas com uma camiseta.

“Fora!” Harley ordena, e o cara passa com um olhar nervoso, como se estivesse com medo de que a qualquer momento Harley possa rasgar sua cabeça com as próprias mãos. Não posso dizer que culpo o pobre garoto. Meu homem é meio aterrorizante quando quer.

“Prazer em conhecê-lo”, digo depois que a porta se fecha silenciosamente atrás dele, e então sou lançada através do quarto e para o que parece ser uma cama feita às pressas. Eu grito quando o grande corpo de Harley me prende, e pressiona seus quadris nos meus.

Ele desliza a mão entre nós e desabotoa o botão da minha calça jeans, me abrindo e enfiando seus dedos grossos na minha calcinha. Suas sobrancelhas se unem, e ele inclina a cabeça interrogativamente enquanto se afasta. Suas mãos saem da minha calça, e ele se recosta nos tornozelos enquanto remove meu tênis e os joga pelo quarto, então puxa o jeans pelas minhas pernas, expondo minha calcinha preta muito pequena. Ele me olha, avaliando meu corpo da cabeça aos pés. “Maldição, Rose. Você está tentando me dar um maldito ataque cardíaco?

“Não, só estou mostrando o quanto senti sua falta.” Dou-lhe um sorriso safado e deslizo o pé sobre a protuberância em suas calças. Ele pega meu tornozelo e pressiona um beijo no meu arco interno, e então alarga minhas pernas para ter uma visão melhor. No passado, isso sempre me deixava nervosa, ele estudando meu corpo tão de perto, mas eu ficaria aqui para sempre apenas para que ele me olhasse dessa maneira.

“Eu senti tanto a sua falta”, ele diz, subindo na cama e mergulhando a cabeça na minha virilha. “Tudo bem se eu rasgar a calcinha com os dentes?”

Sorrio. “O que você quiser, QB1.”

“Porra, eu adoro quando você fala sobre futebol”, ele rosna.

Harley abaixa a cabeça e me cobre com a boca, com calcinha e tudo. Eu gemo, porque é tão bom ter os lábios dele em mim novamente, e agarro um punhado de seus cabelos, puxando até que ele olha todo meu corpo para encontrar o meu olhar. Ele afunda os dentes na minha calcinha e a puxa como um cachorro com um brinquedo de morder preso na boca. Ela não rasga como ele obviamente esperou, e explodo em gargalhadas.

“Qual é o problema, QB1? Não foi possível acertar um homerun?”

“Pare”, ele diz sério. “Você está misturando suas metáforas esportivas. É embaraçoso.”

“Foda-me.”

“Oh, eu planejo. Não se preocupe.” Ele pega o fino fio de tecido preso nos dedos e puxa com força. A costura se rompe, o tecido rasga e o elástico se encaixa na pele sensível do meu quadril e na parte interna da coxa. Eu suspiro, e um vergão vermelho brilhante se forma na minha carne.

Harley pressiona os lábios na lesão. Sua língua dispara, acalmando o vergão levantado como um bálsamo. Ele passa a boca

sobre mim, separando meus lábios com a língua. Ele lambe minha umidade e geme, fechando os olhos, e não posso deixar de sorrir, porque também senti falta disso.

Minha risada baixinha rapidamente se transforma em um grito de prazer quando ele enterra a cabeça na minha buceta, fodendo-me como se eu fosse sua refeição favorita. Eu me contorço contra seu rosto, segurando seu cabelo com força suficiente para puxá-lo pelas raízes. O calor corre através de mim, e meu orgasmo começa a crescer, mas quando estou prestes a cair sobre a beira do precipício, ele se afasta, pressionando um beijo na minha coxa. Gemo de frustração, meu coração batendo furiosamente contra o peito quando Harley tira o jeans e sobe no meu corpo. Sua ereção cava na minha barriga enquanto ele apoia sua metade inferior em mim e me contorço contra ele, provando minha boca. Eu sempre amei beijá-lo logo depois, quando seus lábios e queixo estão escorregadios de mim. Envolvo as pernas em seus quadris. Harley desliza uma mão entre nós para guiar seu pau para a minha entrada e então lentamente empurra para dentro. Nossos olhos travam quando, centímetro por centímetro delicioso, ele se move para mais fundo, e posso ler exatamente o que ele está pensando, porque eu também estou pensando.

"Bem-vinda ao lar", ele diz com um sorriso.

"Oh", eu grito, enquanto ele se vai até o fundo e sinto suas bolas. "Não deveria ser eu a dizer isso, já que você está dentro de mim e tudo?"

"Foda-se, foda-se, foda-se, Rose." Ele parece quase se perder, mas seus movimentos são lentos e medidos, e sei que ele está estabelecendo um ritmo que é confortável para mim, porque se dependesse dele, teria me empurrado através da parede agora. *Não que um pouco disso não seja legal.* "Fique comigo."

Ele não está falando aqui e agora, porque estou exatamente onde deveria estar, presente e sentindo cada segundo de seu pau grosso se movendo dentro de mim. "Eu não posso."

Ele me lança um olhar de advertência e puxa quase completamente, e bate de volta, como se estivesse me punindo por essa pequena resposta. “Fique. Nós vamos conseguir um lugar, só você e eu.”

“Eu tenho a faculdade”, ofego e me contorço embaixo dele enquanto ele empurra seus quadris.

“Sério? Você... pode fazer... isso em qualquer lugar. Jesus, foda-se.” Ele suporta seu peso em uma mão e desliza a outra entre nós, acariciando suavemente meu clitóris, tão diferente de seus golpes afiados e punitivos. Ainda assim, é uma combinação inebriante, e eu arqueio as costas quando gozo, apertando firmemente em torno dele. Não sei se é a hora certa, ou se precisamos apenas de uma foda furiosa e primordial para nos reconectar, mas seja o que for, está quente e é o suficiente para derrubá-lo também. Aperto meus músculos do jeito que gosta quando ele goza em rajadas grossas e quentes.

“Foda-se, foda-se, foda-se, amor”, ele geme, respirando fundo quando goza dentro de mim. Ele cai contra mim, me enjaula com braços e pernas e aquele torso grande que parece ter ficado maior desde que ele saiu. Tudo nele parece maior, embora talvez seja apenas a distância entre nós, fazendo truques em minha mente. Eu tinha esquecido como é ser abraçada, envolvida e completada novamente enquanto estou deitada embaixo dele.

Ofegando com o hálito quente no meu ouvido, ele diz: “Se você ficasse, poderia ser assim todos os dias.”

Sorrio, mas o jeito que seu corpo se cala me diz que ele não está brincando. “Harley”

“Sinto muito a sua falta, Rose.” Ele se inclina sobre os cotovelos, nossos corpos pressionados juntos na cintura, seu pau ainda firme dentro de mim. Não consigo me concentrar. Odeio essa distância entre nós.

“Eu também, mas...”

“Então fique. Você pode conseguir um novo estágio; não é que eles não tenham floristas em Baton Rouge.”

Ele está falando sério? Este estágio pode ser um pé no saco, mas é o meu pé no saco. Eu quis estudar com Sara Lau desde que vi seus desenhos pela primeira vez na *Vogue Weddings,* seis anos atrás. Ela pode ser uma vadia, mas é um gênio, e ainda tenho muito a aprender com ela. Não fui eu quem mudou os planos — *ele* sim. A universidade da Louisiana nunca fez parte do nosso plano.

Eu não digo isso, e deixo seus comentários blasé passarem porque sei que ele está sentindo tudo de uma só vez do jeito que estou. Eu deveria estar feliz que ele quer tanto que eu fique, mas me incomoda que de repente minha carreira não seja tão importante para ele quanto a dele é para mim. Falaremos sobre isso mais tarde, sem dúvida. Por enquanto, não quero discutir, então me concentro em estar aqui com ele depois de tanto tempo separados, e fico maravilhada que nossos corpos não tenham se esquecido um do outro em nossa longa ausência.

♥

Deito-me nua na cama de Harley, exceto por seus braços em volta de mim e sua perna jogada possessivamente sobre a minha coxa, e ficamos adormecidos por várias horas. Parece certo; sinto como se estivesse em casa e nunca quero ir embora, mas algo no fundo da minha mente me diz que são apenas as endorfinas e minha buceta falando.

“Você sabe que nunca mais vou lavar esses lençóis.” Harley esconde o rosto no meu pescoço.

“Eca.”

“Estou falando sério”, ele diz, deslizando a palma da mão sobre o meu mamilo exposto. Ele abaixa a cabeça e morde a carne sensível. Eu grito, mas ele beija depois e tudo está perdoado. “Não até a próxima vez que você vier me ver.”

“Isso é seriamente nojento.”

Ele encolhe os ombros. “Diga o que quiser, mas assim eu sentirei seu cheiro toda vez que se deitar na cama. Não quero que você vá embora.”

“Já chega de conversa sobre ir embora. Acabei de chegar e você me prometeu todos as novidades de Baton Rouge, então se vista. Você me levará para jantar.” Eu saio da cama e começo a procurar minhas roupas no quarto mal iluminado.

“Prefiro ficar e foder você.”

Sorrio. “Bem, não tenho certeza se buceta é um dos quatro principais grupos de alimentos, então levante-se.”

“Adoro quando você fala sujo”, ele diz, agarrando seu pau, que já está engrossando e pronto para trabalhar.

Pego um travesseiro e dou um tapa nele. “Levante-se.”

“Eu já estou de pé”, ele diz, segurando o seu belo pau. Dedos longos deslizam sobre seu comprimento, e assisto com muita atenção. Eu também solto um suspiro, porque sei que não vou comer nada que não seja o pau dele tão cedo.

Harley me puxa de volta para a cama, onde ficamos até bem depois da meia-noite, quando corremos seminus pela casa, eu de camisa de futebol e sem calcinha e ele de bermuda, sem sapatos, sem camisa. Nós vamos ao drive-thru Five Guys no campus e conseguimos alguns olhares muito estranhos do caixa. Ela grita algo sobre o jogo de domingo enquanto nos entrega nossa comida, mas é abafada pelo sangue bombeando em meus ouvidos e pelas asas de borboletas que tomam conta da minha barriga quando Harley pressiona seus lábios nas costas da minha mão, permitindo apenas a menor dica da sua língua roçando minha carne.

Engulo três batatas fritas antes de Harley parar no estacionamento de um prédio escuro. A noite ao nosso redor é escura como breu, exceto pela luz da rua a vários metros de

distância, mas não preciso de luz para ver, por que conheço todos os ângulos e formas do rosto e do corpo dele desde os cinco anos de idade. Eu os aprendi de novo quando ele mudou na puberdade, e depois novamente quando se tornou o homem enorme e lindo que é hoje.

Ele desata o cinto de segurança e desliza pela cabine, pegando o saco de comida das minhas mãos e jogando-o por cima do ombro.

“Ei”, protesto. “Estou com fome.”

“Eu também.” Ele beija a carne sensível do meu pescoço, e passa os lábios sobre mim como se pudesse me devorar a cada beijo.

♥

Pela manhã, acordo com mãos quentes no meu corpo e a boca de Harley no meu pescoço. Gemo e me viro para o lado. Tenho dores em vários lugares e quase não está claro lá fora, então por que ele está tentando me matar?

“Deixe-me ver esses olhos bonitos”, ele sussurra, beijando meu ombro, minha clavícula e, finalmente, passando os lábios sobre o meu peito nu. Ele chupa meu mamilo com força e meus olhos se abrem quando respiro lentamente, gemendo. Eu corro os dedos pelo cabelo dele e olho para ele. “Eu tenho que ir. O treinador me fará treinar antes do treino por sair cedo ontem.”

“Não”, eu reclamo. “É hora do aconchego; como ele não sabe disso?”

“Eu tenho um jogo amanhã à noite; tenho certeza de que o tempo do aconchego é a última coisa na mente do treinador.” Ele ri sombriamente. “Você vai ficar bem aqui? Eu odeio deixá-la em uma casa cheia de irmãos de fraternidade, mas eles sabem que não devem transar com você.”

“Eu ficarei bem. Tenho lidado com idiotas indisciplinados a vida toda.”

Ele levanta uma sobrancelha. “Sério?”

“Sim, morei ao lado do pior deles.”

“Bonitinha”, ele diz, mordendo minha carne enquanto desce pelo meu torso.

“O que você está fazendo?” Sussurro, porque tenho medo que se eu falar muito alto, ele vá parar. “Não está atrasado para o treino?”

“Sim, mas o treinador pode esperar um pouco mais. Não é todo dia que acordo com esse espécime lindo na minha cama. Talvez precise examiná-lo mais detalhadamente.”

“É melhor eu ser o único espécime acordando na sua cama.”

“Sempre”, ele diz, puxando o lençol antes de me cobrir com a boca. É requintado, e quando ele me deixa com um beijo longo e duro e com o meu gosto em sua língua, acho que posso me acostumar a acordar assim todos os dias, apenas nós dois, sem pais, sem escalar através das janelas e voltar às escondidas antes de sermos pegos. Apenas nós nos perdendo um no outro por horas, como fizemos ontem à noite. Só nós.

♥

Eu não posso adiar o xixi por mais tempo, então me levanto e me alongo ao lado da cama. Meus olhos percorrem o chão em busca de minhas roupas quando a porta se abre e o cara alto e nerd que conheci brevemente ontem à noite fica na porta com a mandíbula aberta, os olhos vagando pelo meu corpo sem controle.

“Oh meu Deus”, grito e pego o lençol, envolvendo-o rapidamente no meu corpo, do peito ao tornozelo. Amaldiçoo o fato de ser branca e, com o sol da manhã entrando pela janela, ele provavelmente pode ver tudo de qualquer maneira.

“Merda! Sinto muito”, ele diz, virando-se e me dando as costas.

“O que você está fazendo aqui?” Meu tom é agudo e acusador, e acho que posso tê-lo assustado um pouco porque ele se encolhe.

“Eh, apenas tentando pegar algumas roupas.” Cobrindo os olhos com a mão, ele se vira e espia através do espaço entre o anelar e o dedo mindinho. Eu ainda estou protegida pelo lençol. *Pena que não estava*. Ele abaixa a mão. Seus olhos mergulham do meu corpo escassamente coberto até a calcinha arruinada no chão, e ele aperta os lábios com força. Então arrasta o olhar de volta para o meu rosto. “Então, eu não estou atrasado.”

“O que?”

Ele aponta para os guarda-roupas embutidos do outro lado da sala. “As minhas roupas. Eu preciso me vestir.”

Inspiro profundamente, surpresa. “Espere, este é o seu quarto também?”

“Sim”, ele diz nervosamente. “Eu... eh, Harley me pediu para ficar com o sofá enquanto você estiver aqui.”

“Oh meu Deus, sinto muito. Eu não sabia.”

Ele encolhe os ombros, e o gesto parece tão estranho enquanto está parado com as mãos inquietas ao lado do corpo e as bochechas vermelhas. “Está bem. Embora você possa não contar ao Harley que eu a encontrei nua. Ele pode... meio que bater na minha cabeça.”

Eu sorrio nervosamente. “Não se preocupe. Seu segredo está seguro comigo.”

“Obrigado, então... eu só vou pegar algumas coisas.”

“Ok. Sinto muito por termos expulsado você do seu quarto.”

“Está bem. Acontece o tempo todo.”

Meu sorriso vacila e meu coração pula uma batida. “Espere, o que?”

“Na casa, quero dizer, não neste quarto, mas nos outros. Sempre tem alguém sendo expulso e dormindo no sofá.

“Certo, é claro.”

“Harley não é assim.”

“Eu sei”, digo, embora não seja muito convincente.

“Quero dizer, muitos outros caras fariam. QB1 recebe mais bucetas do que pode suportar, mas ele não... ele não é... bem, ele não presta atenção nelas. Ele não está interessado em outras garotas. Ele se masturba muito com sua foto, mas...”

Eu sorrio e ele passa a mão no rosto.

“Ok, eu só vou...” ele se afasta e vai para o guarda-roupa, pegando um punhado de roupas sem nem mesmo olhar para o que está fazendo. Então se move para a mesa e enfia canetas e livros e um laptop dentro. “Até mais.”

“Tchau”, eu digo. A porta se fecha suavemente atrás dele. Solto um grande suspiro e caio na cama.

Essa distância entre mim e Harley me faz perder a cabeça. Eu conheço esse homem; sei que ele nunca partiria meu coração dessa maneira, então por que estou sempre esperando que algo ruim aconteça?

Capítulo vinte

Rose

Eu sempre choro em casamentos; é o que faço. É mais do que apenas a ideia de duas pessoas se unirem para fazer seus votos. É mais do que o vestido, o bolo, as flores ou a maneira como um noivo assiste com a respiração suspensa e lágrimas nos olhos enquanto sua linda noiva caminha em sua direção. É muito mais que isso. Ao longo de vários meses e, em alguns casos, anos, desenvolvo um relacionamento com a noiva, e isso se torna mais para mim do que apenas ajudar seu grande dia a ser tão bonito quanto ela imaginou que seria quando era uma menininha. É mais do que apenas um trabalho — trata-se de criar uma memória e um trecho no tempo que eles lembrarão muito tempo depois que as pétalas caírem do buquê e virarem pó, quando o noivo as enlouquecer por não tirar o lixo a cada semana.

Os casamentos na TV são muito diferentes de uma cerimônia normal. Há horas cansativas, inúmeras tomadas e o que parece ser cinegrafistas e equipe em todos os lugares, mas ainda há algo mágico neste casamento que se estende além do encantamento da TV, e é aqui no país das maravilhas das glicínias que criamos. *Nós fizemos isso*. Dale Tutela pode ser um Oompa Loompa furioso que precisa desesperadamente de um Xanax, mas ele me deu um presente com um grande orçamento e tempo na TV. Embora eu ache que Harley tenha sido o único a tornar tudo isso possível.

O casamento acontece na Legião de Honra, a melhor galeria de arte de SF. Eu fiz vários casamentos aqui no passado, e cada um foi clássico e bonito. Eu não sei como eles conseguiram reservar o local tão em cima da hora, porque normalmente eles são reservados com meses de antecedência, mas essa é a mágica de Hollywood para você.

Eu mantive a cerimônia na Legião de Honra elegante, reservada e toda branca para combinar com os enormes pilares de pedra ao nosso redor. Arranjos de rosas pendem de cada assento do corredor, e o altar está posicionado com pedestais de colunas de pedra transbordando de orquídeas brancas como neve, rosas e anêmonas, mas é dentro da Galeria Rodin onde os arranjos são realmente espetaculares, e essa é a causa atual das lágrimas que ameaçam derramar dos meus olhos. A sala inteira está cheia de glicínias em lilás pálido, rosas gelo e brancas. Os convidados jantaram sob grandes arcos, enormes vasos alinhados na mesa como peças centrais, e as estátuas bronzeadas de Rodin justapuseram a sensação feminina suave da sala. A noiva queria rosas em todos os lugares, e lhe dei isso em sua cerimônia, mas elas não eram a flor para ela.

Eu não gostei muito dessa mulher, e sei que ela não gostou de mim desde a primeira vez que nos conhecemos até o jantar do elenco e da equipe da noite passada, mas isso não importa. Porque eu vi o seu rosto quando ela viu as decorações da cerimônia e encontrou o noivo no altar, e vi o jeito que seus olhos se enevoaram e sua boca se abriu quando entrou na sala. Ela foi transportada de volta à infância quando sonhava com um dia como esse. Eu sei, porque é isso que todas as minhas noivas fazem. Elas acendem quando seus sonhos são realizados. É o que espero fazer um dia, acender como uma maldita árvore de Natal quando ando pelo corredor cercado por exuberantes peônias e orquídeas, lanternas de papel e um pôr do sol de abril — meu melhor amigo esperando no altar em um smoking, um sorriso suave em seu rosto e um brilho de lágrimas nos olhos enquanto me observa dar os últimos passos em sua direção.

Mas é um pouco difícil se casar com seu melhor amigo quando ele claramente não te ama, ou até mesmo retorna suas ligações, nesse caso. Uma semana. Foi quanto tempo dei a ele. Uma semana. Eu devo ter discado esse número mil vezes. Passei pelo apartamento dele; bati na porta. Gritei na janela dele, e nada.

Sei que é patético. Sei que sou patética, mas esse tempo todo eu não tinha desistido dele, e isso está errado. Preciso deixá-lo ir, porque ele já me libertou e fui estúpida demais para vê-lo. Tenho que deixar de lado as coisas infantis e desistir da ideia de que ele me ame de volta. E assim, com o coração pesado e a consciência culpada, no início da manhã, envio um cartão com o arranjo de Dermot com apenas uma palavra: *jantar.*

Ele ainda não ligou, e talvez seja melhor assim, mas eu tive que fazer alguma coisa.

Dale se inclina ao meu lado. Eu sorrio, mas de repente o peso da última semana aumenta em meus ombros, e ele se vacila. Ele limpa a garganta. "É uma celebração. Você deveria estar se divertindo."

"Eu estou", digo, tomando minha bebida. Tudo o que realmente quero é engolir, mas não sei, porque você nunca sabe quem está assistindo, especialmente com uma equipe de câmeras envolvida.

Ele gesticula em direção à sala com sua bebida, jogando um pouco dela no chão. Aparentemente, o Oompa Loompa não aguenta um martini. "Eu sabia que você conseguiria."

Arqueio a sobrancelha, mas acho que é melhor não dizer nada, porque mesmo que ele tenha sido um idiota completo durante as filmagens, ainda me ofereceu um benefício que nunca serei capaz de retribuir.

"Oh! E vi a filmagem que Aras fez de você e do lenhador sexy." Seus olhos se arregalam como se o pensamento o atingisse. "Nós incluiremos isso no programa."

Meu sangue fica gelado.

"Você me liga quando quiser que seu próprio casamento seja planejado." Dale volta a gesticular loucamente, pontuando suas palavras com o copo de martini como se fossem manchetes. "Faremos um acompanhamento exclusivo: a designer

floral mais sexy de San Francisco se casa com seu amor de infância."

"Parece ótimo", digo, procurando uma desculpa para ficar o mais longe possível dessa ideia. "Desculpe. Preciso de um refil."

Com as filmagens encerradas, ou a minha parte, de qualquer maneira, dou adeus aos noivos. Na verdade, ela me abraça, o que é uma grande surpresa, mas eu a abraço de volta e os parabenizo novamente, dizendo ao novo marido para ligar para a loja na segunda-feira e organizar o arranjo floral do primeiro aniversário com antecedência. Estou apenas brincando. Ainda assim, ele promete que o fará.

Saio da galeria para ligar para o Uber, mas é uma noite agradável, então fico nos degraus em frente ao prédio por um instante e olho para o céu. Algumas estrelas espiam através da cortina do nevoeiro. Não é nada como o céu em Carmel, onde se você caminha pela praia, longe o suficiente das casas, um cobertor de estrelas brilha em sua direção.

Normalmente, eu ficaria no evento até o final, mas depois de conversar com Aras, tive a certeza de que a equipe cuidará dessa parte. Além disso, decidi que mereço o direito de voltar para casa, descer do salto e me servir uma bebida muito forte.

Meu telefone toca e, por um instante, ouso sonhar que é Harley, mas não reconheço o número quando olho para a tela. Atendo, supondo que possa ser Dale ou Aras ou algum outro membro da equipe insistindo que eu volte. "Alô?"

"Rose." É Dermot. Meu coração dispara e respiro fundo.

"Oi." *Oh merda. Oh droga. Oh merda.* Não sei se estou pronta para esta conversa.

"Você estava esperando outra pessoa." Não é uma pergunta.

"Não, você só me pegou de surpresa, é tudo", digo, puxando a gola do meu vestido. O medidor de temperatura subitamente

subiu até setenta graus? “Eu não pensei que você ligaria tão cedo.”

“Não gosto de perder tempo”, ele diz. Eu já sei disso sobre ele. Suponho que foi por isso que enviei o cartão. Só que agora que ele está realmente me ligando, estou pensando melhor sobre o estado da minha saúde mental e capacidade de tomar decisões. “Onde você está?”

“Saindo da Legião de Honra.”

“Sozinha?”

“Sim, filmamos o casamento hoje para a...”

“Noiva desesperada que não tem ideia de como planejar seu próprio casamento, eu lembro”, ele diz, e algo em sua voz me diz que está sorrindo.

Sorrio e balanço a cabeça, embora saiba que ele não pode ver o gesto. “Uau, você realmente presta atenção, hein?”

“Somente quando meus interesses são despertados.”

“Então, você é um fã de reality shows?”

Ele ri. É um som sombrio que me arrepia as costas. “Meus interesses estão em você, Rose. Não tenho certeza de como posso deixar isso mais claro.”

“Oh... eu...”

“Agora, sobre o jantar”, ele diz. “Você já comeu?”

Eu não comi. Não mesmo. Peguei alguns hors d’oeuvres dos garçons enquanto eles faziam a ronda, mas não me sentei para jantar, como seria de esperar. “Não”, digo, desenhando a palavra como se fosse uma pergunta complexa. “São quase onze horas.”

“Estarei aí em cinco minutos.”

“Dermot...”

“Desligue o telefone e espere por mim, Rose.”

Suspiro e me vejo olhando para os meus Louboutins nude. Uso um vestido estampado da Ted Baker Bowkay. Em azul. Com uma estampa floral sonhadora, e a quantidade certa de cor para um casamento como esse, sem prejudicar a noiva ou o esquema de cores, mesmo que seja um pouco curto para um vestido de coquetel.

“Ok, acho que te vejo em breve.”

“Tente reduzir o seu entusiasmo”, ele diz, e sei que ele está sorrindo agora porque o ouço no tom de provocação de sua voz.

Isso me faz rir e desligo o telefone com um sorriso no rosto. Não sei o que esperar com esse homem — de um segundo para o outro, todas as trocas que já tive com ele deixam minha cabeça girando, meu coração dançando no peito e minha barriga dando um nó. E pode não ser inteligente, mas talvez seja exatamente isso que preciso.

♥

Fiel à sua palavra, a brilhante Maserati cinza de Dermot para na minha frente apenas cinco minutos depois. Eu sabia que ele morava em Seacliff, mas não sabia que era tão perto. Pego a maçaneta da porta, mas a encontro trancada. Ele estaciona o carro e sai, e eu o encaro por cima do teto, confusa. “Não vamos embora?”

Dermot caminha para o meu lado do carro. Ele veste uma jaqueta de couro marrom profunda, uma camiseta branca e um jeans preto com botas de cor castanho-avermelhada. Parece bem, mais jovem sem os ternos e a maleta. Ele passa a mão na minha cintura e se inclina para beijar minha bochecha. Tento muito ignorar a vibração no meu estômago enquanto ele sussurra no meu ouvido: “Você parece positivamente...”

“Se você disser radiante, posso ter que machucá-lo”, deixo escapar, colocando minhas mãos em seus braços para me permitir um pouco de espaço para respirar.

Ele dá um passo para trás, inclina a cabeça e sorri; aqueles quentes olhos castanhos me cravam onde estou. “Eu ia com deliciosa, mas parece que radiante também serve.”

Um arrepio percorre minha espinha, e a culpa bate em mim com o pensamento de nós dois... porra. Mesmo depois que Harley me deixou do jeito que fez, ainda parece que o estou traindo ao ver Dermot hoje à noite, o que é estúpido. Talvez a verdadeira traição esteja em mim, negando a mim mesma a oportunidade de sentir outra coisa que não desgosto novamente. Mas sou muito louca para pensar no meu melhor amigo e na maneira como ele me esmaga continuamente, deixando-me de lado como um brinquedo velho com o qual não quer mais brincar. Eu não deveria sentir nenhuma culpa. Não nos quebrei — ele fez. E tentar seguir em frente não é errado.

“Rose, o que há de errado?” Dermot pergunta, me puxando de volta para o aqui e agora.

Deixo escapar: “Eu preciso ir devagar.”

Ele levanta as sobrancelhas e diz: “Por causa do *amigo*?”

“Eu... não é...” Exalo alto e olho para a enorme fonte de água cintilante próxima. “Eu sinto muito. Sei que lhe enviei esse cartão e não pretendo lhe dar sinais contraditórios. Estou apenas...”

Ele pega minha mão e a beija, como Harley sempre fazia. Algo nele força minha respiração a ficar presa na garganta, e puxo a mão. Meu olhar encontra o confuso de Dermot e encaro meus sapatos. *Ele não pode fazer esse gesto*. Ele pode me tocar, pode beijar minha bochecha, pode deslizar a mão na minha cintura ou colocá-la na parte de baixo das minhas costas. Pode abrir portas para mim e dizer coisas extremamente inapropriadas que me fazem querer me inclinar sobre o capô do carro e ceder a ele

aqui mesmo em frente a um casamento que acabei de produzir, mas não pode fazer isso.

Talvez tenha sido uma má ideia.

"Rose", ele coloca meu queixo entre o polegar e o indicador e inclina minha cabeça em direção a ele. "Eu não sou um homem paciente. Quando quero alguma coisa, tomo, mas acabei de terminar um casamento de vinte e dois anos com uma mulher que nunca me deu seu coração. Se houver uma chance de ganhar o seu, então aprenderei a esperar."

Eu não entendo, então ponho para fora. "Por quê?"

"Porque mulheres extraordinárias não aparecem todos os dias."

Sorrio, porque é completamente brega, mas em algum lugar por dentro, uma onda de emoção se move através de mim. "Oh, você está pegando pesado, não é?"

Ele ri e abre a porta do passageiro. "Entre no carro, Rose."

Sim, e Dermot volta para o lado dele, e se senta no banco do motorista. Ele liga o motor e decola antes que meu cinto seja afivelado, e rapidamente aprendo que ele é louco por velocidade quando está ao volante. *Meninos e seus brinquedos*.

Nosso primeiro encontro não foi como eu esperava quando enviei o cartão com o arranjo dele. Ele não me levou a um restaurante chique na área da baía, mas a um armazém na 20th Street, na Mission, que abriga um bar da moda cheio de descolados. Com hambúrgueres servidos em um pão quente com sementes de gergelim — que Dermot afirma ser o melhor da cidade — e coquetéis habilmente baseados na cartela de cores Pantone, tentamos manter uma conversa, mas na maioria das vezes acabamos gritando um para o outro para sermos ouvidos sobre o barulho. Ficamos até o fechamento e, às duas horas da manhã, quando me leva para casa, ele não tenta levar as coisas adiante, nem pede para subir.

Dermot pressiona um beijo suave na minha bochecha e espera até eu abrir a porta da loja antes de voltar para o carro e ir embora. E eu finjo que não vi a luz do apartamento de Harley ainda acesa, porque se pensar muito sobre isso e por muito tempo, provavelmente desmoronarei novamente e tive uma noite boa demais para tê-la azedada por homens que pensam que sou nada menos que extraordinária.

Capítulo vinte e um

Rose

Pego o braço de Dermot enquanto subimos os degraus da Reserva Bentley. É uma noite fria de San Francisco com neblina tão espessa que você pode se perder nela. *Mas eu não estou perdida.* Atualmente, estou no braço do meu... namorado? Deus, isso parece tão juvenil, e você pode realmente nos chamar assim quando nem dormimos juntos? Faz três semanas desde o nosso primeiro jantar — sem incluir o encontro bagunçado no Havaí — e ele tem sido tão compreensivo. Ele não empurra. Nós nos beijamos várias vezes e, embora eu sempre tenha aproveitado esses momentos, ainda parece... bem, errado. Como se eu estivesse traindo Harley. Não entendo nada disso, mas sou claramente uma pessoa louca.

Adoro passar tempo com Dermot. Ele é charmoso e doce, e surpreendentemente espirituoso, sem mencionar lindo. Ele é um cara fantástico, e temos uma química que não pode ser ignorada. A única coisa que falta? Ele não é meu melhor amigo.

"Pronta?" Ele pergunta, e aceno. Ele sabe o quão apreensiva estou com isso. Fui nativa de SF a vida toda, mas hoje à noite estou atravessando o lado sombrio. Rose Perry participará de um leilão de caridade chato como os que os meus pais frequentam. *E vou de bom grado.* Depois de concordar com o convite de Dermot, desliguei o telefone e considerei ir à casa dos meus pais para que meu pai verificasse minha temperatura e sinais vitais para garantir que eu estava bem. Felizmente, não precisei consultar o Dr. Papai porque, como se vê, Dermot também tem doutorado.

Ele não é um cirurgião como meu pai; é o CEO de uma empresa de testes clínicos de células-tronco de bilhões de dólares

fundada aqui em SF. Ele conhece meu pai, eles trabalharam juntos várias vezes e, embora meu pai nunca tenha prestado muita atenção à minha vida sexual antes, sinto que essa é uma parceria pela qual ele não ficará feliz. Afinal, Dermot é apenas cinco anos mais novo que ele. O que é meio assustador, eu sei, mas eles também podem ter nascido em séculos diferentes. Dermot tem espírito jovem, aventureiro e incrivelmente sexy. E meu pai é... velho.

"Rose?" Ele sussurra, inclinando-se e pressionando um beijo na curva onde meu ombro encontra o pescoço. Como sempre, a dor começa baixa na minha barriga quando ele me toca assim.

Fecho os olhos e respiro o doce e picante aroma dele. "Estou pronta."

Dermot ri e coloca a mão nas minhas costas. "Nós nem entramos no prédio, e sua atenção já está diminuindo?"

"Bem, você pode me culpar com o quão sonhador é o meu encontro?" Ajeito sua gravata borboleta, que obviamente não precisa ser ajeitada, porque ele parece tão delicioso como sempre, e sempre um pouquinho ajustado demais. E se eu pensava que Dermot era comestível usando um jeans, camiseta e jaqueta de couro de grife, ele é devastador em um smoking.

"Sonhador?" Suas sobrancelhas franzem, e ele se inclina e murmura: "Onde está o bastardo? Eu vou matá-lo."

Sorrio e deixo que ele me leve ao salão principal. Está repleto dos sons de um quarteto de cordas e mesas organizadas elegantemente em linho preto e branco com rosas vermelho-sangue, mulheres vestidas suntuosamente e homens de smoking parecendo ridiculamente elegantes. É lindo e aterrorizante ao mesmo tempo.

"Bebida?"

"Oh Deus, sim", concordo, e Dermot pega duas taças de champanhe elegantes de um garçom próximo. Ele entrega uma

para mim e levanta a sua em um brinde, mas eu já tomei a coisa. “Desculpe.”

“Relaxe, Rose. Só ficaremos o tempo que for absolutamente necessário.”

E agora eu me sinto mal, porque sei pelos meus pais que esses ingressos não são baratos e nem a doação considerável que eles dão todos os anos. Tive sorte este ano porque os Perrys e os Hamilton decidiram fazer suas doações consideráveis do conforto da cabana em Carmel, e graças a Deus, porque tudo o que não preciso agora é que minha mãe apareça.

Dermot coloca seu champanhe em uma mesa próxima e verifica a tabela de assentos em busca de nossos nomes. Ele me leva até uma mesa meio vazia e pega a minha bolsa. “Dance comigo.” Não é uma pergunta. Dermot faz muito isso — exige, e não pede —, mas de uma maneira estranha, eu gosto.

“Quando chegamos à parte com mais bebida?”

“Quando você me mostrar que pode ser uma boa garota”, ele diz e me dá um tapinha na bunda. Giro a cabeça como se estivesse possuída, me perguntando o que diabos aconteceu, e por que ele decidiu fazer isso em uma sala cheia de pessoas. Seu sorriso de resposta me faz cambalear quando pega minha mão e me leva para a pista de dança. Está cheia de homens e mulheres da idade dele e, além dos garçons e dos músicos no canto, parece que há apenas outra mulher da minha idade, mas ela parece pertencer a *Housewives of Beverly Hills*, por isso não conta.

Coloco um braço no ombro de Dermot e uno minha mão à dele. O sorriso que ele me dá me pega desprevenida, e me encontro corando até as raízes dos cabelos porque há um mundo de promessas em seus olhos. Isso força meu coração a tropeçar em si mesmo, mas um nó de medo aperta meu interior. Olho ao redor da sala, me sentindo constrangida e deslocada e muito estranha em seus braços; como se também não pertencesse aqui. Sempre houve um lugar, uma pessoa a quem eu pertencia, mas ele não me quer,

e mesmo agora, quatro semanas depois, isso corta como uma faca. Porque poderia ter sido perfeito e real, e ele jogou tudo fora. *Ele me jogou fora.*

A mão de Dermot tira o cabelo dos meus olhos. Ele se inclina e pressiona suavemente seus lábios nos meus em um sussurro de um beijo. Engulo em volta do nó na garganta. Meus olhos ardem, mas pisco de volta a umidade.

"O que eu não daria para ser o homem consumindo seus pensamentos", ele sussurra.

Paro de dançar, olhando para ele, meus olhos implorando para que me perdoe, ou mudo de assunto ou simplesmente volto a ignorar isso como ele costuma fazer.

Ele não desvia. Seu olhar perfura o meu, e minha pele está quente e irritada por todo o lado, e quando estou prestes a mentir, eu ouço. Uma risada estridente que atinge o medo no centro do meu coração.

De olhos arregalados, agarro o braço de Dermot e nos giro, de costas para ela. Estremeço e fico parada, rezando para que ela não tenha me visto. Dermot usa uma expressão vagamente divertida. Segundos depois, sinto um tapinha em meu ombro. Expiro alto.

"Rose, querida, pensei que era você", minha mãe diz. Eu me afasto de Dermot e simulo surpresa, fingindo que não a ignorei deliberadamente. "O que você está fazendo aqui?"

Ela me puxa para um abraço e me beija, provavelmente olhando Dermot por cima do ombro. "Este é seu encontro? Sr. Carter, pensei que você fosse um homem feliz e casado."

"Divorciado, na verdade. É um prazer vê-la novamente, Sra. Perry." Dermot não se incomoda em apertar as mãos — ele a puxa para perto e dá um beijo em sua bochecha. Olho ao redor da sala e encontro meu pai em uma mesa próxima. Ele nos observa como um falcão e não está feliz. Os pais de Harley estão com ele e,

quando encontro os olhos de Rochelle, tenho que engolir a bile. Deus. Não sou eu a culpada aqui, seu filho idiota e teimoso é, e ainda assim estou cheia de culpa, vergonha e remorso, porque, assim como eu, ela sabe que essa situação é... bem, meio fodida, na verdade. Não há outra palavra para isso.

"Oh, por favor, me chame de Evelyn", mamãe diz.

"Evelyn", Dermot diz com um aceno de cabeça.

Mamãe volta sua atenção para mim. "Este vestido, oh, Rose, é impressionante. Onde você conseguiu isso? E esses sapatos, quem é você e o que você fez com minha filha?"

Passo a mão na frente do meu vestido preto sem alças da Elie Saab. É a coisa mais linda que já vi, mesmo que a fenda da coxa quase chegue ao meu quadril e me faça explodir em urticária por mostrar tanta pele. "Eles foram um presente de Dermot."

Mamãe sorri. Parece perigoso. "Sério?"

"Você está adorável também, Evelyn", Dermot diz. "Não é difícil ver de onde minha Rose herdou sua beleza."

Minha Rose. Meus pensamentos são ecoados pelo meu pai repetindo o termo carinhoso enquanto se aproxima de mamãe e olha para o meu encontro.

"Olá Herb", Dermot diz, oferecendo a mão para apertar. Meu pai encara mais efusivamente.

"Herb", minha mãe o encara, ao mesmo tempo em que digo: "Pai."

Ele aperta a mão dele, embora esteja claro que papai preferiria fazer outras coisas, como dar um soco no rosto de Dermot.

"Prazer em ver vocês dois", Dermot diz, completamente imperturbável com a grosseria do meu pai.

“Sim, o que você está fazendo aqui?” Olho para minha mãe com um olhar de *Lucy-você-não-tem-que-pedir-explicações.* A única razão pela qual decidi vir foi porque sabia que ela estaria fora da cidade. Certo, talvez essa não fosse a única razão — eu queria ver se Dermot de smoking estava à altura das minhas fantasias. O que foi simplesmente estúpido porque... Dermot. Em. Um. Smoking.

“Eu pensei que vocês iriam para Carmel?”

“Nós íamos, mas Rochelle decidiu que queria ficar perto da cidade neste fim de semana, e parecia uma pena ficar sem eles. Quero dizer, nunca fizemos isso, então aqui estamos.” Ela acena para Rochelle e Dean, então agarra meu braço e sussurra: “Ela precisava de alguma animação. Tem estado muito deprimida ultimamente.”

O que faz duas de nós.

Os Hamilton se juntam a nós, e é apenas uma grande recepção gelada enquanto apertam a mão de Dermot e Rochelle me puxa para um abraço. Ela me segura muito tempo, e isso me faz pensar se ela sabe o que aconteceu entre Harley e eu. Ela não pode saber, porque então minha mãe saberia, e isso é uma coisa que ela não teria esperado para falar comigo. Estaria na minha cara exigindo detalhes antes de Rochelle terminar a frase.

“Bem, não vamos impedir que vocês crianças dancem”, minha mãe diz. *Crianças? Ahh!* Eu me arrepio porque, novamente, Dermot não é muito mais jovem do que ela. Que é um fato que estou achando cada vez mais perturbador agora que sou confrontada com isso cara a cara.

“Eu acredito que Rose estava atrás de uma bebida, de qualquer maneira”, Dermot diz, colocando a mão nas minhas costas. Cada par de olhos diante de nós segue o movimento.

“Uma bebida. Que ideia excelente.” Mamãe diz, e eu poderia simplesmente morrer. Meu único consolo ocorre quando o organizador do evento anuncia que devemos tomar nossos lugares

porque o primeiro prato está prestes a ser servido. Exalo aliviada, porque certamente meus pais não estarão sentados ao nosso lado, apenas penso isso quando mamãe se dirige para a nossa mesa e pede a um dos casais que troque de lugar com eles para que todos possamos sentar juntos, acho que o único jeito dessa noite ser pior seria se Harley entrasse e ficasse entre Dermot e eu.

Como se ele já não estivesse entre nós o suficiente.

Mas não é isso que acontece. De certa forma, isso poderia até ser preferível, mas não, o destino deve realmente ter algo preparado para mim, porque quando os últimos convidados se juntam à nossa mesa, parece que há um impasse entre eles e Dermot.

A mulher é alta e esbelta, e tem cabelos negros brilhantes que caem pelas costas. Seus olhos são tão escuros, e seu rosto parece ter aplicado botox dentro de uma em cada centímetro da sua vida, mas não há como negar que ela é linda. Além do preenchimento labial e da pele macia como alabastro — puxada artificialmente para o que eu suponho que seja a idade dela — ela é impressionante.

Dermot, o cavalheiro, acena com a cabeça e diz: “Mireille.”

Essa é Mireille? Você tem que estar brincando comigo. Não apenas a ex-esposa dele tem essa aparência, mas o nome dela soa como poesia quando sai da língua dele?

“Dermot”, ela o cumprimenta com um sotaque francês, dando um passo à frente até que eles estejam lado a lado e o beije nos lábios. Ele vira a cabeça e dá um passo para trás.

“O que você está fazendo aqui?” Ele diz secamente.

“Você sabe como odeio perder um evento de caridade”, ela diz, e depois me olha por cima do ombro dele. “E quem é essa? Uma aluna do seu laboratório?”

“Esta é Rose”, ele diz, e acho que pela primeira vez na história ele parece um pouco confuso. “Minha namorada.”

Não é menos estranho quando ele diz isso. Certamente não é a poesia *Mireille* que rolou tão maravilhosamente de sua língua.

Ela ri. “Vocês americanos e suas etiquetas. Por que você não pode simplesmente dizer que esta é Rose, minha amante? Ou essa é Rose, a mulher com metade da minha idade com quem estou transando?”

Olho para o rosto não impressionado do meu pai e desejo desesperadamente poder derreter no chão.

“Já chega”, Dermot retruca. Mireille sorri. É mesquinho e ainda assim incrivelmente bonito. *Eu a odeio*. É ilógico, visto que foi ele que pediu o divórcio, mas é tudo a mesma coisa. Mireille se vira, como se apenas se lembrasse de seu encontro e o apresenta como seu amante James, ou como os franceses aparentemente dizem: “James, que também tem metade da *sua* idade e quem *estou* fodendo.”

Dermot não espera até que ela termine essa frase antes que de puxar a cadeira para mim. Sento-me prontamente, meio com medo de ganhar uma surra por não obedecer rápido o suficiente. A francesa e seu cachorrinho ocupam as cadeiras à nossa frente e todos os olhos se fixam em mim e Dermot.

É por isso que eu não deveria ter provocado o destino, porque não importa o quão ruim você acha que as coisas são, elas podem sempre, *sempre* piorar.

Capítulo vinte e dois

Rose

Dermot para em frente ao meu apartamento e encaro o para-brisa e a garoa sempre presente que persegue San Francisco nessa época do ano. Ele não fala; sei que é a minha vez. Sei que preciso convidá-lo para entrar — mas acho que não posso. Toda vez que beijo esse homem, toda vez que sinto suas mãos em mim, e toda vez que penso em dormir com ele, vejo Harley.

Quatro semanas e nem uma ligação, nada de mensagens, nada. E isso dói pra caralho porque implorei para que não partisse meu coração novamente, e ele o fez.

"Eu me diverti muito hoje à noite", digo, porque é o esperado. Prevejo uma risada ou um sorriso irônico dele — nós dois sabemos que é uma mentira descarada —, mas nenhum de nós está rindo. O jantar com meus pais e sua ex-esposa não foi um *grande momento*. Nem mesmo perto disso.

Dermot desliza a mão na minha coxa, empurrando o tecido do meu vestido para o lado até minha perna inteira ficar exposta pela fenda generosa. Quero me afastar e me aproximar. Dedos limpos e bem cuidados traçam padrões suaves na minha carne. Eu me contorço, porque apesar das reservas que minha cabeça tem, meu corpo gosta muito de Dermot.

Lentamente, ele coloca a mão na minha coxa. Minhas pálpebras fecham e meus lábios se abrem. Seu toque é sensual, e não é a primeira vez que acho que ele seria um excelente amante. "Rose, me convide para entrar."

"Eu não posso", respiro, e deito a cabeça contra o encosto de cabeça de couro macio. Dermot se move, inclinando-se para beijar

minha bochecha, mas sua exploração não termina aí. Ele passa os lábios pela minha mandíbula, pescoço e ao longo da minha clavícula, parando logo acima do meu decote. Solto um gemido quando ele mordisca a carne macia sobre o meu vestido. Sua mão livre agarra a lateral do meu pescoço enquanto a da minha coxa sobe mais alto e traça a parte externa da minha calcinha. Suspiro, empurrando meus quadris para frente, até que aquele calor delicioso se espalha pelo meu interior. Ele se agarra ao lóbulo da minha orelha e todo o meu corpo fica elétrico, e então me lembro da última vez que me senti assim, e o rosto de Harley aparece espontaneamente em minha mente.

Afasto abruptamente a mão de Dermot. “Eu não posso. Sinto muito.”

“Rose...”

“Eu... oh, Deus, sou um caso perdido.” Enterro o rosto em minhas mãos, incapaz de acreditar na minha própria estupidez. Esse homem, esse homem lindo e incrível, me quer, e eu o quero, mas quero mais meu melhor amigo. *Que porra há de errado comigo?*

“Você não está pronta”, Dermot diz suavemente, como se respondesse à minha pergunta silenciosa.

“Eu sinto muito.”

“Está bem. A culpa é minha.” Ele puxa minhas mãos para longe do meu rosto, seu polegar roça minha bochecha. “Você me disse que queria ir devagar. E tocar você no banco da frente do meu carro como um adolescente excitado não é devagar.”

“Dermot, eu...”

Ele agarra meu rosto com a mão e me puxa para mais perto, pressionando um beijo na minha testa. “Shh... eu posso esperar. Agora entre antes que comece a chorar.”

Eu concordo. “Obrigada por hoje à noite. Pais e ex-esposas à parte, eu gosto de passar tempo com você, Sr. Carter.”

“Eu gosto de passar tempo com você também, Rose”, ele diz, e não há dúvida em sua voz, não há raiva ou decepção, o que me faz pensar por quê? *Por que ele ainda está aqui?* Faz semanas, e esse pequeno encontro é o mais próximo que ele já esteve de me deixar nua embaixo dele.

Isso não é justo. Não posso continuar puxando Dermot e me torturando por um homem que claramente não me quer e não me respeita o suficiente para ter uma conversa sobre o que aconteceu conosco.

“Vou esperar até você entrar”, Dermot diz, tirando-me dos meus pensamentos.

Preciso dizer a ele por que não vou pedir a ele que suba. Preciso explicar que tenho medo de que, se eu dormir com ele, não sentirei nada. Não poderei fingir que posso deixar Harley e eu no passado. Não digo a ele, porque sou fraca. Sou uma pessoa horrível. Não digo a ele porque sou egoísta e todas as coisas que deixo não ditas se acumulam ao meu redor, em camadas, empilhadas, uma verdade horrível em cima da outra, até que me cercam como um forte.

“Bem, boa noite.” Inclino-me no carro para beijar sua bochecha e inspiro o doce perfume masculino de sua colônia: âmbar, sândalo e uma pitada de alcaçuz. Por um instante, penso em subir em seu colo para terminar o que ele começou, mas não o faço. Em vez disso, sussurro: “Dermot, você gostaria de tomar uma bebida e nada mais?”

Ele solta uma risada sem humor. “Gostaria de confiar em mim mesmo para dizer que sim, mas, como se vê, minha criptonita é uma mulher bonita apaixonada por outro homem, então não; acho que, para salvar meu próprio coração, não vou subir hoje à noite.”

Lágrimas picam meus olhos, e não posso olhar para ele enquanto digo: “Oh.”

Ele recolhe uma gota de água salgada que escorre pela minha bochecha. “E eu esperei que você me corrigisse.”

“Estou tentando não ser... apaixonada por ele, quero dizer”, digo baixinho, e pela primeira vez em semanas sinto a menor sensação de alívio. “Eu realmente estou.”

“E eu estou tentando fazê-la esquecer tudo sobre ele, mas parece que sou uma distração fraca.”

“Não diga isso.” Aperto a mão no meu rosto e o beijo. Minhas lágrimas encharcam sua pele.

“Não se sinta mal, Rose.” Ele sorri solenemente. “É a minha sorte na vida me apaixonar por mulheres que não podem me amar de volta.”

Quero dizer a ele que não é verdade, que sou eu quem está arruinada. Eu sou a culpada, mas tudo o que sai é: “Eu só... preciso de tempo.”

“Então eu vou esperar.”

Dou-lhe um sorriso triste, respiro fundo e abro a porta. Não olho para a rua em direção ao apartamento de Harley e não olho para o carro enquanto corro do lado do passageiro para minha loja e mexo nas chaves na fechadura. Abro, entro e me encosto à porta enquanto o carro de Dermot ruge pela rua vazia. E então a chuva começa; gotas pesadas batem nas vitrines da minha loja. Minhas lágrimas incham com isso, assim como minha raiva e minha tristeza.

Eu dormi com meu melhor amigo. Cedi, embora soubesse que isso me machucaria. Estraguei tudo, mas pensei que significava mais para ele. Pensei que valeria mais do que esse tratamento silencioso que ele está me dando. Quero saber o porquê e acho que mereço uma explicação, porra.

Nesse segundo, decido que parei de evitar. Cansei de esperar. Limpando os olhos, abro a porta e saio à noite sem sequer me preocupar em fechá-la atrás de mim.

A chuva bate na minha cabeça, encharcando rapidamente minhas roupas, forçando meu rímel a correr nos meus olhos e me encharcando até os ossos, mas continuo correndo para o apartamento dele. Quando estou na calçada abaixo da janela dele, grito na noite: "Harley! Eu sei que você está em casa, seu idiota. Suas luzes estão acesas; você nunca deixa as luzes acesas quando sai. Você sabe como eu sei disso? Porque conheço você. Eu sei que você prefere economizar energia porque é exatamente quem você é. E você me conhece. Por que você atendeu minhas ligações? Por que você estragou tudo?"

Não há nada da janela. Quem sabe? Talvez eu esteja sendo afogada pela chuva, e ele não possa ouvir nada. "Você me arruinou. Você ainda está me arruinando, mesmo que tenha prometido que não iria." Inclino-me contra a fachada de tijolos do prédio. "Eu gostaria que isso nunca tivesse acontecido. Gostaria de nunca ter te conhecido." Estou soluçando abertamente agora. Toda a minha bravata se foi, lavada pela chuva que bate implacavelmente no meu corpo trêmulo. "Estou namorando alguém. Quase dormi com ele... não, isso não é verdade. Eu nem cheguei perto, por que você quer saber o que aconteceu quando ele me tocou hoje à noite? Pensei em você. É tudo o que faço, penso em você e não posso... gosto muito dele. Ele é um homem bom, um homem melhor que você, porque nunca me machucaria do jeito que você faz. Você partiu meu maldito coração."

Eu me inclino contra a parede, sentindo como se meu peito se abrisse, sentindo como se eu não tivesse coração porque ele roubou de mim. Ele o quebrou em mil pedacinhos, e eu sou a tola que permitiu.

"Vou dormir com ele. Vou seguir em frente porque não há nada para mim aqui. Você me quebrou, Harley. Talvez ele seja o único a me recompor novamente."

Afasto-me e volto para a frente da loja aberta. Estou tremendo quando subo as escadas e tenho certeza de que tem mais a ver com o choque do que com a chuva. Depois de todo esse tempo, ainda esperava que ele pedisse desculpas, que se apressasse e me abraçasse e me dissesse que tinha estragado tudo, implorasse meu perdão, mas é claro que fantasia e realidade são duas coisas diferentes.

Não me incomodo em tomar banho e me aquecer. Não me incomodo em tirar a maquiagem, secar o cabelo ou até mesmo remover o vestido encharcado. Apenas arranco meus saltos arruinados e subo na minha cama, me envolvo no edredom onde choro por tanto tempo que todo o creme para hemorroidas no mundo não será capaz de reduzir meus olhos inchados pela manhã.

Amanhã será um novo dia. Vou sair da cama, colocar um rosto corajoso e esquecer que Harley Hamilton era algo mais do que um garoto que conheci desde a infância. Vou esquecê-lo do jeito que Peter Pan tantas vezes esquecia Wendy. Afinal, todos nós temos que crescer algum dia.

Capítulo vinte e três

Rose

Dezoito anos

O rugido quando os Tigers correm para o campo é ensurdecedor. Pensei que tinha visto fanáticos por futebol — com meu pai e Harley, o jogo é religião em nossas famílias —, mas isso é completamente diferente. Eles levam o futebol muito a sério aqui no sul, e a emoção de ver meu homem entrar naquele campo é intoxicante, mas rapidamente se torna brutal nos primeiros 15 minutos. A equipe tem suas bundas entregues a eles depois que seu linebacker médio leva uma pancada na cabeça e deve ser levado para fora do campo. E as coisas pioram a partir daí. A rivalidade entre os Tigers e os Ole Miss é antiga e hoje à noite é como se os dois lados estivessem jogando sujo.

No final, eles conseguem uma vitória nos últimos 15 minutos, com os Tigers lutando muito e uma pontuação de 23 a 20. Quando o jogo termina e os jogadores apertam as mãos, os Tigers são cercados por líderes de torcida, e Harley não é exceção. De fato, uma delas chega ao ponto de puxá-lo para si e pressionar um beijo forte em seus lábios. Eu vejo vermelho. Por dentro, é claro, porque estou tentando muito não prejudicar sua vitória, mas dói pra caralho. Os olhos de Harley procuram os meus na multidão. Eles me encontram, e a careta em resposta me diz que sabe que estou chateada.

Uma hora depois, sento-me na arquibancada, curtindo o silêncio do estádio vazio e a noite morna. É difícil acreditar que é

outono aqui; mal há um pouco de frio no ar. Se fosse em SF, eu estaria coberta por uma nuvem de névoa.

Passos soam nas arquibancadas do estádio atrás de mim e me viro, meio que esperando que um cara aleatório venha me expulsar, mas é Harley. Ele se senta no banco e bate o ombro no meu. “Ei.”

“Parabéns.”

Ele sorri largamente, olhando para o campo da sua casa. “Obrigado.”

“Eu te beijaria, mas aparentemente alguém me venceu nisso”, digo.

O sorriso de Harley desaparece. “Cheyanne estava apenas empolgada.”

“Bem, pelo menos ela não estava descobrindo os peitos dessa vez.”

“Aqui vamos nós”, ele diz, deixando escapar um sopro de ar. “Eu sabia que não tínhamos terminado essa conversa.”

“Não, você está certo, não terminamos.” Eu o encaro. “O que aconteceu naquela noite?”

Harley balança a cabeça. Seus lábios formam uma linha tensa e ele não olha para mim. “Por que você simplesmente não apenas diz o que nós dois sabemos que está pensando, Rose?”

“Por que você não tenta ser honesto para variar?”

“Você está brincando comigo?” Ele diz, exasperado. “Tudo o que já fiz foi ser honesto com você, mas ainda está determinada a fazer sombra sobre isso, então eu tenho que perguntar — quando parou de confiar em mim?”

Recuo como se suas palavras fossem um tapa na cara. “Bem, na época em que você me disse que eu não era boa o suficiente.”

“Você fumou algo em casa? Quando eu te disse que você não era boa o suficiente?”

“Você me deixou”, acuso, e minhas palavras ecoam pelo estádio vazio, e ecoa de volta para nós.

“Sim, para nos dar uma vida melhor.”

“Não, você partiu por você. E essa distância está nos matando, Harley. Eu não quero mais fazer isso. Não posso. É tão difícil. Não consigo respirar sem você e estou me transformando em algo que não quero ser. Alguém que não achava possível ser. Eu não posso mais fazer isso.”

“Eu sei que é difícil agora, mas nem sempre será assim. Você pode terminar o ano e mudar para cá.”

“Não quero morar em outro lugar. SF é minha casa. Você não entendeu? Você mudou o livro de jogadas, não eu!” Grito, levantando-me. “Tínhamos planos, e você os mudou, e estou feliz por você, estou mesmo. Ver você hoje à noite? Eu estava muito orgulhosa, mas estamos defendendo equipes diferentes.”

“O que você está dizendo?”

“Eu quero ir para casa. Por favor, leve-me ao aeroporto.”

“Não! Eu não vou te levar a lugar nenhum.” Ele se levanta, se elevando sobre mim. “Você está deixando um beijo de merda com uma líder de torcida que eu nem instiguei ficar entre nós? Eu não vou te levar para o aeroporto. Vou te levar para casa.”

Eu me mexo para empurrá-lo, mas deveria saber que ele nunca deixaria isso para lá. Ele agarra meus ombros com força e estuda meu rosto. “Você vai sentar e falar comigo até que essa merda na sua cabeça seja resolvida.”

“Você está me machucando”, gemo. Harley estremece, como se o pensamento lhe causasse dor física, e afrouxa o aperto. “Essa coisa toda está me machucando. Me matou ver você se afastar,

mas deixei você ir porque sabia que era isso que queria. Agora é hora de você fazer o mesmo por mim."

"Isso é besteira", ele zomba. "Você não quer sua liberdade mais do que eu quero lhe dar. Não vou levá-la ao aeroporto."

"Eu vou ligar para um táxi."

"Rose, não. Eu tenho você por mais três dias." Ele enfia meu cabelo atrás das orelhas, segura meu rosto entre suas mãos grandes e beija minha testa. Sua voz está embargada pela emoção quando diz: "Não tire isso de mim. Fique. Por favor?"

"Por quê? Para que possamos continuar nos machucando ainda mais quando chegar a hora de sair?" Eu digo em volta do nó na garganta. "Alguns dias não mudam nada, Harley. Na quarta-feira, será apenas pior, porque teremos que passar por isso novamente."

Ele passa a mão pelos cabelos e se inclina para trás como se estivesse exasperado. "Eu não entendo por que estamos passando por essa merda em primeiro lugar." Ele balança a cabeça e dá um passo para trás. "Diga-me, o que diabos está acontecendo aqui, porque eu não tenho uma maldita pista."

"Só precisamos ficar sozinhos — você aqui na Louisiana e eu? Eu preciso estar em casa. San Francisco é minha casa."

"Você sai agora e nós terminamos", ele avisa, e aqueles brilhantes olhos azuis detêm tanta raiva. Raiva, que eu nunca pensei que ele poderia direcionar a mim.

Deus, isso me mata, especialmente depois de ele vencer o jogo desta noite. *Mas você não pode vencer tudo.*

Dou-lhe um sorriso lento e esmagador e vou embora.

"Merda, eu não quis dizer isso. Rose, volte."

"Parabéns pela vitória, Tiger", digo através das lágrimas, e desço correndo as escadas.

“Porra, Rose!” Ele grita, mas não vem atrás de mim.

Eu sei que criei isso, mas de alguma forma o fato dele me deixar ir embora torna tudo muito pior. Quero subir correndo as escadas, cair contra seu peito grande e dizer que retiro tudo, mas não o faço. Em vez disso, corro pelas portas do estádio e pego um táxi que está esperando, e digo ao motorista para me levar ao aeroporto.

No carro, ligo para meus pais e peço que eles reorganizem meus voos, e não me preocupo em voltar para a fraternidade para pegar minhas coisas. Eu tenho minha bolsa, meu telefone e minha identificação, e é tudo o que realmente preciso. Uma hora depois, estou embarcando em um voo para Los Angeles e choro o caminho todo para casa.

Nunca, em um milhão de anos, imaginei que terminaríamos assim. Por mais tentador que tenha sido apenas ficar em Baton Rouge, não mudarei meus planos por ele e não esperaria que ele desistisse dessa bolsa por mim. Ele ganhou, ele merece, e mesmo que pudéssemos resolver as coisas, estaríamos encarando a mesma coisa novamente quando ele se tornasse profissional. E não há como voltarmos a sermos amigos agora, não depois de termos sido muito mais. Não depois que vi meu futuro com ele.

Não perdi meu amante esta noite, perdi meu melhor amigo, minha alma gêmea e um pedaço de mim. Um pedaço de mim sempre ficará na Louisiana, porque foi aí que parti meu próprio coração.

Capítulo vinte e quatro

Harley

Lavo o vaso sanitário e limpo a boca com as costas da mão, cambaleando até a cadeira perto da janela porque estou cansado da visão da minha cama. Eu queria que Rose estivesse aqui. Sempre que estava doente quando criança, não era minha mãe que eu procurava, mas uma pequena loira que morava ao lado. Eram suas mãos frias que acariciavam minha testa quando a febre chegava, e seu rosto sorridente me olhava enquanto eu estava deitado na minha cama, afundando na minha própria miséria. Ela fingia ser minha mãe, do jeito que Wendy fingia ser de Peter. Sempre brincando de fingir, uma vida inteira disso, e agora não é diferente.

Eu gostaria que ela viesse agora, mas tornei isso impossível. Eu a empurrei para longe e para quê? Nós dois estamos infelizes por causa disso. Claro, só estou sabendo do que minha mãe me diz. Não tive coragem de encará-la desde que a deixei nua em sua cama com aquele brilho recém-fodido em suas bochechas. Ela sempre foi a coisa mais linda que já vi, maquiada, não maquiada, vestida, despida, mas particularmente amo seu cabelo bagunçado na cama e o rosto sonolento. Quando ela se vira e olha para mim como se eu tivesse acabado de chutá-la por acordá-la? Deus, ela é a coisa mais linda do mundo.

"Rose", sussurro para o meu apartamento vazio. *Jesus Cristo, preciso de uma bebida.* Mas, ao pensar em mais veneno entrando no meu corpo, meu estômago se contrai novamente. Não, não preciso de álcool; só preciso dela. Com exceção do meu tempo na Louisiana, este é o maior tempo que estive longe dela, e dói pra caralho.

Fecho os olhos e, quando acordo, estou no chão duro, encostado na parede. Ainda devo estar sonhando ou fodidamente alucinando, porque momentos depois acho que ouço a voz dela fora da minha janela,

"Eu gostaria que isso nunca tivesse acontecido. Gostaria de nunca ter te conhecido," ela diz, e meu coração bate forte no peito quando começo a pensar que talvez não esteja alucinando, afinal. Porque se estivesse, por que diabos a imaginaria gritando comigo do lado de fora da minha janela? Se estivesse alucinando, não teria perdido minhas entranhas para o deus da porcelana inúmeras vezes hoje à noite, e Rose estaria aqui, nua, montando meus quadris e saltando para cima e para baixo em meu pau. O que significa que ela realmente está do lado de fora da minha janela e estou no inferno, porque a dor na voz dela dói mais do que a dor no meu corpo.

"Estou namorando alguém", ela diz, e foda-se se isso não parece uma faca no estômago. Sangue corre em meus ouvidos. Giro o pescoço para ouvi-la sobre a chuva torrencial. "Vou dormir com ele. Vou seguir em frente porque não há nada para mim aqui. Você me quebrou, Harley. Talvez ele seja o único a me recompor novamente."

Não, não, não. Aperto os olhos firmemente fechados. *Não.*

Levanto-me determinado a ir até ela, embora todos os músculos do meu corpo gritem. Dou três passos, mas caio de bunda, e o som dos passos dela fugindo do meu apartamento ecoa pela rua vazia.

Talvez ele seja o único a me recompor novamente.

Ela está brincando, porra? Eu não sei quem é esse cara, e uma parte de mim quer deixá-la ir, deixá-la ser feliz, mas outra parte quer sufocar a vida do bastardo. Pena que não posso me mover para me salvar.

Estudo meu tapete de perto, contando os fios como se tivesse todo o tempo do mundo. O pensamento dela com outro homem me deixa fisicamente enjoado, e vomito por todo o tapete felpudo. Eu criei isso; sou a causa disso. Eu quis isso.

Então, por que dói pra caralho?

Capítulo vinte e cinco

Rose

Dezoito anos

Coloquei meus pertences na cama de solteiro no quarto que dividíamos na cabana e olho para a cama do outro lado. Aquela que deveria guardar as coisas de Harley. Aquela que deveria ter meu melhor amigo. Este é o primeiro Dia de Ação de Graças que tivemos sem ele. E é uma merda.

Desde que me lembro, dividimos este quarto nos feriados. Ficávamos sentados conversando até altas horas da noite e, quando ficamos um pouco mais velhos, eu ficava acordada ainda mais só para vê-lo adormecer. Eu costumava sonhar em sair da minha cama, atravessar o quarto e acordá-lo com um beijo, mas nunca tive coragem de fazer isso. Estava sempre muito preocupada em arruinar nossa amizade, e para quê? De qualquer forma, foi tudo para o inferno. Nossos pais costumavam dizer que não havia Rose sem Harley, nem Harley sem Rose. Isso ainda é verdade, pelo menos para mim. Não há Rose sem Harley porque ela morreu naquela noite em Baton Rouge.

Não tenho notícias dele desde que saí. Quando saí do avião, tinha trinta e duas ligações perdidas. Trinta e duas. Não ouvi nenhuma delas. Não pude. Ele não me ligou depois disso, e não liguei para ele. Dói demais. Assim como este quarto e os jardins onde ele fez um baile improvisado, e o tapete em frente à lareira, onde ele tirou minha virgindade. Essas paredes estão cheias de tristeza e arrependimento agora, e nós fizemos isso.

Pego meu livro e saio, passando pelos meus pais com seus rostos tristes e o silêncio que enche a sala toda vez que entro, como se eles estivessem com medo de explodir como uma bomba-relógio a qualquer segundo. Ignoro os jardins da frente onde dançamos sob as estrelas e, em vez disso, vou para a velha rede no pequeno quintal, que o pai de Harley pendurou entre duas árvores frondosas e enormes há dois natais. Testo sua força primeiro com os braços e, quando decido que parece bom, pulo, aterrissando desajeitadamente, com as pernas no ar acima da cabeça. Depois de algumas tentativas vacilantes de me recompor e me sentir confortável, agradecendo a Deus o tempo todo que estou sozinha e Harley não está aqui para ver minha tentativa sem graça de subir em uma rede, me acomodo com o meu livro.

Leio a mesma maldita página oito vezes. Não é minha intenção, mas assim que me sinto à vontade no silêncio, todos na casa decidem sair e, quando os pais se reúnem, é barulhento e geralmente acompanhado de muita bebida e várias rodadas de pôquer.

Acabo enjoada de ler a mesma linha de *O Morro* dos *Ventos Uivantes* — Heathcliff é um idiota — repetidas vezes, então deixo o livro cair no meu peito e fecho os olhos. É bom estar aqui, mesmo que doa. O ar fresco e salgado, o silêncio, a paz e, embora existam milhares de lembranças da Harley em todos os lugares, ainda é tão bonito quanto destruidor de almas.

♥

Acordo com um sobressalto e puxo o livro do peito e olho para a mesa que os pais estavam ocupando. O cheiro das costelas de churrasco de Dean está no ar, mas todo mundo se foi.

“Obrigada por me acordar, mãe”, digo, atirando punhais no chalé, como se meu brilho de raios gama pudesse cortar através das paredes. Tento me sentar, mas esqueço que estava dormindo em uma rede e acabo caindo de bunda no chão.

“Oh!” Jogo Heathcliff nos arbustos próximos. “Heathcliff do caralho.” Lágrimas picam meus olhos e então me transformo em um bebê, porque é tudo demais. As lembranças deste lugar, estar aqui sem ele — tudo.

“Ei, então, não foi inteiramente culpa dele”, uma voz, *sua* voz, diz atrás de mim. Ainda como se estivesse em algum sonho terrivelmente cruel, evocado por todas as lembranças que a casa armazena como um cofre. “Rose?”

Não, não é um sonho. Esfrego as mãos no rosto, enxugando as lágrimas. Tenho certeza de que estou manchando a sujeira e tudo mais nas minhas bochechas também, mas contanto que ele não me veja chorar, estamos bem. Lentamente me viro e o encaro. “O que você está fazendo aqui?”

“É Ação de Graças”, ele diz, como se isso fosse explicação suficiente. Faz dois meses desde que o deixei em Baton Rouge, mas cada segundo que se passa desde parece uma vida inteira.

“Mas você tinha aquele campus.”

Ele assente solenemente. “Eu desisti.”

“O quê?” Meu peito dói com as batidas frenéticas, meus pulmões também, mas não consigo respirar.

“Eu saí.”

“Por quê?” Pergunto com raiva, porque se ele não está levando a coisa que nos separou a sério, então qual foi o objetivo disso tudo? As longas noites, eu rasgando meu coração quando me despedi, ele na Louisiana — tudo isso. Qual foi a porra do ponto?

“Eu amo o jogo. Não há nada melhor do que pisar naquele campus, mas não parecia mais um jogo.” Ele baixa a voz e sorri suavemente. Eu não sorrio de volta. “Não tinha a mesma alegria. Eu não sentia isso.”

“Então você jogou tudo fora? Apenas desistiu?”

Ele encolhe os ombros. “Não posso fazer algo que não amo, Rose. Eu mudei para horticultura.”

“O quê?”

“Gosto de sujar as mãos”, ele diz, como se isso fosse um fato que eu já deveria saber. “Alguns dias atrás, saí da casa da fraternidade, vi os amplos gramados e magnólias e decidi que queria uma carreira diferente.”

“Mas você tem trabalhado para ir para a NFL desde sempre.”

“O futebol caiu no meu colo. Eu sempre fiz isso porque adorava, porque todo mundo me disse que deveria, porque era bom nisso, mas mesmo que tivesse sorte o suficiente para me tornar profissional, onde isso me deixaria quando eu tiver trinta anos e duas artroplastias do joelho? Amo aquilo, mas não o suficiente.”

“O que seus pais disseram?”

“Papai gritou muito. E muito alto. Estou surpreso que você não tenha ouvido, na verdade. Seus argumentos se tornaram bastante escassos. Acho que arruinei o fim de semana de todo mundo.”

“Não de todo mundo.” Dou-lhe um sorriso triste.

“Você quer ficar bêbada comigo na minha caminhonete?”

“Não acho que seja uma boa ideia.”

“Por favor? Não quero voltar lá e começar tudo de novo.”

Solto um suspiro e passo a mão pelo meu cabelo despenteado. “Tudo bem, mas você me levará para a praia. Não vou mais beber no estacionamento da loja de bebidas Lopez e ficar nua em sua caminhonete.”

Ele sorri inquieto. Acho que devo adiar a conversa sobre ficar nua a partir de agora.

Ele se afasta e eu o sigo. *Nenhuma novidade aí.* Quando atravessamos o portão da frente, Harley abre a porta do passageiro primeiro. Estou prestes a subir quando ele me pega pela cintura e me puxa em sua direção. Por um momento, acho que ele vai me beijar. Ele esfrega o polegar na minha bochecha. Olho para ele, incerta, querendo mais do seu toque e querendo me afastar, mas ele levanta a ponta do polegar, mostrando-me a sujeira que ele limpou do meu rosto. “Agora você está perfeita.”

Deus me ajude. Minha barriga faz coisas malucas e meu coração bate duas vezes mais rápido. Eu não quero, mas bate. Ele se vira, caminhando para o lado da caminhonete, e fico lá olhando as marcas de seus sapatos no chão, me perguntando como voltamos a algo daqui, quando dói toda vez que ele me toca.

Com um aviso dele, subo na caminhonete e olho o para-brisa, para o sol poente, enquanto ele acende no horizonte. Evito olhar para Harley quando estacionamos no Scenic, mas não saímos da caminhonete porque há muitas pessoas por perto e somos menores de idade e não podemos beber. Harley me entrega uma cerveja do cooler no chão sob nossos pés, e ele bate sua lata contra a minha.

“A novos começos”, ele diz, embora pareça bastante triste.

Conversamos sobre muitas coisas, incluindo a faculdade, minha carga horária, onde estou morando agora — ele fica surpreso ao descobrir que ainda estou no meu antigo quarto e, sim, isso me faz sentir como uma perdedora da série A, mas o aluguel na cidade não é barato. Ele não fala sobre futebol ou Louisiana. Uma parte de mim odeia isso, que eu saí da vida dele por quase dois meses, mas que pareça muito mais tempo. Não sei nada sobre o que ele está fazendo agora, quem são seus amigos e o que faz com seu tempo livre desde que deixou o time, mas não o pressiono em busca de respostas porque conheço meu melhor amigo. Ele diz o que acha que você precisa saber quando precisa saber e nada mais. Felizmente para mim, isso tem sido praticamente tudo desde os cinco anos de idade. Acho que sempre

gostei disso nele — que me deixasse entrar, que eu tinha o privilégio de conhecer os segredos de Harley quando ninguém mais sabia. Mas é uma droga estar do outro lado. Na verdade, dói tanto que quero sacudi-lo e exigir que fale. Não, porque ainda não estamos lá.

O silêncio cai sobre o carro pela primeira vez, e olho para a praia vazia e as ondas negras além. Está escuro agora, e olho para o halo de luz do poste, lembrando da última vez que estivemos nesta caminhonete. Ondas de calor sobem no meu rosto e pescoço quando me lembro do jeito que suas mãos e boca me devoravam.

Harley me entrega outra cerveja, e a aceito com gratidão. As bebidas estão quentes. Esta é a minha terceira, ou quarta, e estou vagamente consciente de que devemos parar ou acabaremos tendo que passar a noite aqui, ou pior, ligar para nossos pais para nos buscar.

Os olhos de Harley estão em mim. Esperando — eu acho — que eu encontre seu olhar. Finjo não perceber. “Por que você estava chorando?”

“O que?”

“Na cabana. Você estava de joelhos na terra, chorando.”

“Eu não estava”, protesto, mas sinto seus olhos queimando em mim.

“Rose”, ele diz naquele tom que usa quando preciso fazer sentido.

Olho para ele e decido dar a verdade. Se nada mais, ele merece pelo menos isso de mim. “Porque em todos os lugares que fui, te vi, só que não te vi porque você não estava lá, era apenas o fantasma da sua memória me provocando. Estava chorando porque sinto falta do meu melhor amigo.” Respiro fundo e encontro seu olhar, embora mal possa expressar as palavras. “Sinto sua falta.”

“Eu também sinto sua falta”, ele diz, como se estivesse com pressa de me dizer que não sou a única a sofrer.

“Sente?”

“Claro que sim”, ele diz, e aparentemente isso é o suficiente para mim, porque me jogo nele, subindo em seu colo no pequeno espaço e colocando meus lábios nos dele. Minha bunda se apoia na buzina, e sua língua desliza na minha boca, encontrando a minha com igual vigor. As mãos de Harley percorrem meu corpo, cavando em meus quadris, apertando meus seios, puxando meus longos cabelos loiros para trás para expor a linha do meu pescoço à boca dele.

Desesperada e faminta por mais dele, seguro seu rosto em minhas mãos e trago seus lábios de volta aos meus. Ele solta um gemido, e eu igualo, levando mais dele em minha boca. Alcanço entre nós no espaço apertado e afago sua ereção através do jeans. Seus lábios roçam os meus com força suficiente para machucar. Não me importo que machuque — tudo o que me interessa é que senti sua falta, que o quero aqui na cabine da caminhonete, no estacionamento. Desabotoo seu zíper e o puxo livre, e então acaricio ao longo de seu lindo pau e trago meus lábios de volta aos dele.

“Rose, hmmm.” Minha boca contra a dele afoga suas palavras, e rio um pouco e acelero meu ritmo. “Rose... espere.”

“O que? Isso é muito duro? Desculpe, estou me empolgando. É que senti tanto a sua falta.” Salpico seu queixo com beijos, acariciando-o mais devagar.

“Rose, eu não posso.” Seu pomo de Adão sobe e desce. Sua mão agarra meu antebraço e gentilmente me puxa para longe dele.

“Por quê?” Digo, sem fôlego.

“Eu tenho uma namorada.”

Eu tenho uma namorada. Quatro pequenas palavras que rasgam meu mundo inteiro. Elas parecem saltar no carro, cortando o ar entre nós, cortando dentro de nós, dentro de mim. Todo o ar sai dos meus pulmões às pressas, e minha cabeça gira com a confissão, e talvez um pouco da cerveja também.

"Oh", digo pateticamente enquanto deslizo do seu colo e caio pesadamente no meu assento.

Eu tenho uma namorada.

Nem sei como lidar com essa informação, então não lido. Acho que uma parte de mim se torna catatônica. Eu não choro. Não digo uma palavra. Apenas olho pela janela através do vidro embaçado.

"Merda, me desculpe. Eu não queria te contar assim. Não deveria ter deixado isso chegar tão longe." Ele descansa a cabeça no volante. "Ah merda, não queria te contar assim. E certamente não trouxe você aqui para..."

"Está tudo bem", digo distraidamente, porque tenho medo de que, se não ficar bem, vou desmoronar, ou pior, vou começar a gritar com ele porque estou com muita raiva. Eu nunca estive tão irritada. Nunca me senti mais traída. Nós tivemos uma briga. Quero dizer, foi uma grande briga, e ele tentou ligar, mas eu presumi que tentaria mais e por mais do que apenas um dia. Eu pensei que, embora o deixasse ir, um dia ele encontraria o caminho de volta para mim. Mas estava errada. E isso é tanto para mim quanto para ele, porque também não lutei por nós.

Eu tenho uma namorada.

Uma pequena frase que me faz querer morrer.

"Rose", ele começa.

Viro o rosto para a janela e sussurro: "Leve-me de volta para a casa, Harley."

“Sinto muito”, ele diz calmamente.

Ele está arrependido. Ele sente muito. Não lamenta nem a metade mais que eu, e agora não há nada a ser feito sobre isso. Ele não voltou para casa por mim. Não sentiu minha falta, porque tem uma namorada.

No momento em que entramos na entrada da casa, estou fervendo. Saio do carro antes que Harley pare. Em segundos ele está em mim, agarrando meu braço.

“Não me toque”, digo, enquanto giro.

“Rose...”

“Foda-se! Eu te amei. Eu ainda te amo”, cuspo as palavras como se fossem veneno. “Eu parti por você para que não tivesse que escolher entre mim e o futebol, e você desistiu de nós dois.”

“Eu sei, eu sou um idiota. Por favor, apenas fale comigo.”

“Você me deixou pensar que havia uma chance para nós novamente. Voltar aqui, e me beijar?” Eu jogo minhas mãos em exasperação. Meu coração aperta até que sinto que não consigo respirar. “Deus, você não pode deixar de partir meu coração, pode?”

“Ei, eu também te amei”, ele diz bruscamente. “E me quebrou quando você se afastou.”

“Bem, quão conveniente você encontrou alguém para ajudá-lo a se juntar novamente”, digo causticamente. “Em apenas dois curtos meses depois de terminar comigo. Posso dizer que significou muito para você.”

“Você se afastou de mim, lembra?”

“Deixei você porque não queria impedi-lo, não porque parei de te amar ou porque estava procurando substituí-lo por outra pessoa”, digo, sentindo como se meu peito morresse um pouco mais a cada palavra que sai da minha boca.

“Ninguém poderia substituí-la, Rose.”

“Ela já o fez.” E me afasto e abro a porta de tela. Ela bate contra a parede de tijolos e sei que devo ficar quieta. Não preciso que mamãe ou Rochelle saiam para tentar acalmar as coisas conosco. Chocolate quente e alguns Kumbayas não consertarão isso. Estamos destruídos, despedaçados, desintegrados em areia e poeira sob seus pés.

Entro na cabana quando ouço uma rodada de palavrões sair da boca de Harley. A porta da caminhonete se abre e bate, mas ele não liga a ignição. Também não entra na sala. Não sei onde ele vai dormir. Eu sei que não será ao meu lado. Foi embora o som confortável e tranquilizador de sua respiração enquanto dormia na cama do outro lado do quarto, uma cama tão perto da minha de quando éramos mais jovens, jovens demais para saber o que isso significava, ou o que essas lembranças significariam para nós mais tarde na vida, esticaríamos os braços sobre o espaço das camas e daríamos as mãos enquanto adormecemos.

Nada disso será o mesmo. O Dia de Ação de Graças nunca mais será o mesmo. Este chalé nunca mais será o mesmo, porque não somos iguais e nunca mais seremos.

Capítulo vinte e seis

Rose

Eu me sinto horrível, e não é só porque estava na rua na chuva derramando meu coração para ele e esperando — não, implorando — que ele abrisse a porta e me deixasse entrar. É mais do que provável que seja porque fui para a cama encharcada, e foi assim que fiquei a noite toda. Hoje de manhã, mal consigo levantar a cabeça do travesseiro.

Tudo dói. Minha cabeça está cheia de neblina e meu nariz escorre como uma torneira. Inclino-me e desligo o alarme. É domingo; Eu deveria estar no mercado de flores coletando flores para as promoções desta semana, mas não posso fazê-lo. Pego meu telefone; não sei por quê. Todos os dias, durante um mês, não há ligações e mensagens dele, mas hoje de manhã me surpreendo ao ver duas ligações perdidas. Olho de soslaio para a tela e ligo para o número para recuperar minhas mensagens de voz. Uma voz computadorizada me diz que tenho duas novas mensagens e passo a da minha mãe direto para a segunda.

A voz suave e quente de Dermot enche o fone de ouvido. “Rose, é Dermot. Obviamente.” Ele suspira. “Não consigo parar de pensar em você. Fui um idiota. Deveria ter levado você até sua porta. Deveria ter aceitado essa oferta por uma bebida, e apenas uma bebida. Desculpe-me. Porra, eu odeio essas coisas. Não há necessidade de me ligar de volta, a menos que queira, e quero que você ligue.” Sorrio um pouco para mim mesma, porque é possível que Dermot seja ainda pior ao falar com o correio de voz do que eu. “Merda, eu nem estou fazendo sentido. Como faço para colocar isso de forma mais sucinta? Eu sei que seu coração pertence a outra pessoa, mas eu sou...”

Bip.

A mensagem o interrompe. *Eu sou o que? O que ele ia dizer?* Sem parar nem por um instante, aperto o botão 'retornar chamada' e dou alguns espirros enquanto espero tocar. Ele provavelmente está correndo ou tomando café da manhã com um cliente ou ganhando um prêmio Nobel. Inferno, talvez esteja caminhando em Muir Woods. O que quer que ele esteja fazendo, aposto que é algo ativo, porque não consigo entender como o homem pode ter quase idade suficiente para ser meu pai e ainda ter um corpo assim. Faço uma anotação mental para ingressar em uma academia, porque de alguma forma duvido que ele esteja sentado comendo um pote de Ben & Jerry todas as noites.

"Rose", ele responde, parecendo um pouco sem fôlego. No fundo, algum tipo de máquina zumbe.

"Você está no meio de alguma coisa?"

"Não, apenas caminhando. Você está bem? Sua voz soa terrível."

"Eu me sinto terrível", admito, odiando que, embora esteja um pouco sem fôlego, ele ainda parece bem, quanto a mim? Parece que enfiei aquele pote de Ben & Jerry no nariz. "Eu fui pega na chuva na noite passada depois que você me levou para casa."

"Você saiu do seu apartamento?" Ouço a menor sugestão de acusação em seu tom.

"Sim. Eu tinha algumas palavras para dizer a um amigo."

"Entendo", ele diz, tão calmo e senhor de si. Gostaria de poder ver aquele rosto bonito, vislumbrar aqueles olhos castanhos quentes que parecem revelar tudo e nada. "Então, o que posso fazer por você, Rose?"

"Não sei. Eu só... queria ouvir sua voz."

Ele ri, mas não tenho certeza se acha isso engraçado ou irônico depois da noite passada.

“Eu sei que você já se machucou antes, e não te culparia se quisesse apenas reduzir suas perdas agora e um... um... atchim!”

“Você está doente”, ele sussurra.

“Não é nada.”

“Não é nada. Vou lhe dizer uma coisa — salve esse pensamento. Vou limpar minha agenda e estarei aí em vinte minutos.”

“Você mantém uma programação aos domingos?”

“Claro. Todo mundo não tem?”

“Não”, digo automaticamente, e então percebo que meus domingos geralmente estão cheios de mercados de flores, inventário, pedidos on-line e qualquer outra coisa que possa tornar minha semana um pouco mais fácil. “Na verdade, sim, acho que sim.”

“Vejo você em breve.”

“Dermot, não venha. Estou ranhosa e nojenta.”

“Eu estarei aí em breve”, ele repete, um pouco mais firme desta vez. “Não discuta, doce Rose, você não vai ganhar.”

“Dermot”, digo antes que ele possa desligar. “Você pode trazer sorvete?”

“Claro”, ele diz e desconecta. Recuo contra meus travesseiros e suspiro, e então me ocorre que provavelmente pareço horrorosa, então me levanto e tomo banho, escovo os dentes e visto um suéter e uma legging. Normalmente, não consideraria usar algo assim em torno dele, mas acho que só há uma maneira de descobrir se ele está falando sério comigo: fazer com que me veja no meu pior. Embora possamos precisar de vinho para isso.

Quase meia hora depois, uma batida vem do andar de baixo e me arrasto para fora da cama, meus músculos protestando contra cada movimento e praticamente gritando comigo quando uso as escadas. Dermot está do outro lado do vidro, de suéter, jeans — provavelmente de grife que custam mais de um mês de trabalho para mim — e um blazer cinza-carvão. O homem certamente sabe se vestir. Nas mãos, ele faz malabarismos com duas grandes sacolas listradas em preto e branco. Meus olhos se concentram no rótulo e percebo que ele foi até Soma por isso. E não apenas isso, mas comprou sorvete da melhor sorveteria da cidade. Calor enche meu peito.

"Oi", ele fala.

"Oi", digo, me sentindo um pouco melhor agora que ele está aqui.

"Deixe-me entrar", ele diz. Dou uma risadinha zombadora porque ele está certo, preciso deixá-lo entrar, e não apenas porque está parado na minha porta com sorvete que provavelmente está derretendo. *Eu preciso deixá-lo entrar*. Tenho que me arriscar com esse homem lindo, porque ele não quebrou meu coração, e se sentimentos de intuição são algo para seguir, ouso dizer que ele nunca o fará.

Afasto as fechaduras e ele entra, saindo da névoa da manhã. Orvalho se agarra ao seu cabelo quase grisalho, e quero passar meus dedos por ele, quero sentir o cheiro da umidade que se acalma com sua pele e colônia, mas acho que é meio assustador e não o quero deixar doente, então não faço. Em vez disso, deixo que entre na loja, fecho e tranco a porta atrás de nós.

"Estou feliz que você veio", digo, liderando o caminho até as escadas.

"Eu também. Não sabia que tipo de sorvete você gostava, então comprei um pouco de tudo."

“O quê?” Eu me viro e o encaro com uma expressão duvidosa. "Meu freezer não é tão grande.”

“Eu não queria que ficasse desapontada.”

Continuo subindo as escadas, virando uma vez que chego ao topo para ver seu rosto. “Ok, o que há de errado com você?”

Sua testa franze como se ele não entendesse a pergunta. “Desculpe?”

“Tem que haver algo errado com você. Você é lindo, gentil, atencioso e é bem-sucedido — que mulher em sã consciência não gostaria disso?”

Ele ri. “Diga-me você.”

Faço uma pausa, respiro fundo e olho nos olhos dele, realmente olho. Tenho muito a dizer e não faço ideia por onde começar, mas suponho que um pedido de desculpas seja um lugar tão bom quanto qualquer outro. “Dermot, me desculpe pela noite passada.”

Ele dá um passo à frente e me afasto da escada para deixá-lo subir. Percebo que é a primeira vez que ele está realmente colocando os pés no meu apartamento, mesmo que namoremos há semanas. “Não precisa se desculpar.”

“Sim, preciso.”

“Você quer me mostrar onde colocar essas coisas?”

“Certo, desculpe. Aqui,” digo, e o conduzo para a pequena cozinha. As sacolas mal cabem no balcão, e não sei onde diabos vou guardar esse sorvete porque meu freezer é muito pequeno, a menos que eu use o cooler lá embaixo.

Dermot abre o freezer, guardando alguns potes de sorvete caseiro caro.

Pego o sabor de chá verde Matcha da sacola e o seguro no peito. Ele levanta uma sobrancelha e parece que está guardando essas informações para mais tarde, mas assim que termina de encher meu freezer — com exceção de três potes, incluindo o que eu estou segurando, encaixa dentro — ele tira das minhas mãos e puxa outra sacola. Esta contém frutas frescas, pãezinhos de canela, bagels e um pequeno recipiente de sopa. “É cedo. Eu não tinha certeza se você tinha tomado café da manhã ou não, mas todo mundo deveria tomar sopa de galinha com macarrão quando está doente.”

“Você é como minha fada madrinha sexy agora.”

“Não sei se as palavras ‘sexy’ e ‘fada madrinha’ devem ser usadas na mesma frase, mas gosto de ser meticuloso.” Ele sorri, e algo me diz que não está falando sobre ser um escoteiro. “Agora, deite-se. Os pacientes devem estar na cama.”

Minha barriga dá uma cambalhota e o calor sobe em minhas bochechas. Pelo menos posso culpar o rubor da minha febre. Sento-me no sofá, porque ainda não tenho certeza de que estou pronta para pular na cama com Dermot, mas me sinto um pouco estranha por tê-lo cuidando de mim em minha própria casa. É claro que ele não se sente da mesma maneira, porque coloca a comida na mesa de café na minha frente, junto com um gole de brandy do meu armário da cozinha.

“Brandy?” Pergunto.

“Minha mãe sempre jurou que Brandy é para dor de garganta.”

Sorrio para isso. Gosto do fato de ele ter uma mãe e uma vida inteira sobre a qual não sei nada. Ele é um mistério para mim, e um que não me importo de descobrir. “Onde ela está agora?”

Ele tira o blazer e o coloca sobre a poltrona. Espero que se sente, mas ele atravessa a sala e se senta no sofá ao meu lado. Embora meu nariz esteja entupido, posso sentir o cheiro da

sua loção pós-barba. É intoxicante. Tão adulta e madura, mas não abafada, e nada como vetiver, verde e cítrica. “Ela faleceu há dez anos.”

Meu sorriso vacila. *Como eu não sabia disso?* Como não perguntei a ele sobre seus pais? Sou uma péssima... namorada. Sou egoísta e não empática, e passei esse tempo todo concentrada no que estava atrás de mim, que esqueci de olhar para o futuro. Eu não conseguia ver um futuro fora daquele que imaginava com Harley. Mas há um futuro, não apenas um com meu melhor amigo. “Oh, Dermot. Sinto muito.”

“Ela tinha enfisema. No final, foi mais fácil vê-la partir do que vê-la lutar,” ele diz, e caramba, se isso não apenas quebra meu coração. A ideia de que alguém que você ama pode sofrer tanto que é mais fácil vê-lo morrer do que lutar.

“Isso deve ter sido horrível.” Pego um lenço de papel e assuo o nariz. Posso ter enxugado discretamente as lágrimas que também brotavam nos cantos dos meus olhos.

“Foi.” Ele faz uma pausa e sorri, como se estivesse se lembrando dela com carinho. “Ela fumava esses delicados cigarros de mentol importados a vida inteira, convencida de que não poderiam matá-la porque estava fumando metade do que uma pessoa comum faria.”

“Isso é terrível.” Fungo.

“Isso é a vida.”

Concordo, embora não tenha certeza se estou livre para comentar. Eu nunca perdi alguém próximo a mim, além da minha avó quando tinha treze anos de idade. Minha mãe pode me enlouquecer, mas perdê-la me mataria.

“E seu pai?” Estou quase com medo da resposta, mas quero aprender mais sobre ele, e não acredito que demorei tanto tempo para descobrir isso.

“Ele também se foi, quando eu era apenas um garoto”, ele me dá um sorriso sombrio. “Eu tenho uma irmã e uma sobrinha que moram nos arredores da cidade que raramente tenho tempo para ver por causa do trabalho.”

“Você deveria ter um tempo com elas.”

“Eu deveria”, ele concorda e limpa a garganta. “Deveria cuidar de você e estou aqui fazendo com que se sinta pior.”

“Gosto de aprender mais sobre você.” Mordo meu lábio inferior, na tentativa de esconder meu sorriso. Dermot estica a mão e passa o polegar sobre minha bochecha.

“Gosto que pergunte.” Seu olhar fica derretido e meu rosto fica quente, minha pele se arrepia por toda parte, e engulo em seco. Minha cabeça dói, mas tenho certeza de que não é apenas a febre que está fazendo sentir assim. Olho para longe, procurando uma fuga.

“Devemos assistir a um filme?” Pergunto, muito rapidamente.

“Desde que coma algo primeiro.” Ele gesticula em direção à mesa de café cheia de comida.

Um sorriso lento se espalha pelo meu rosto. “Você é insistente, hein?”

“Oh, Rose, você não tem ideia.” Ele sorri, e há algo muito sexy e sinistro nele, mas depois se foi. “Eu não gosto de ver garotas bonitas perdendo nada.”

“Eu mal estou perdendo tempo.”

“Você é incrível. Seu corpo é incrível. Eu gostaria que ficasse assim.”

“Ok Sr. Mandão.” Pego um rolo de canela quase do tamanho da minha cabeça e tento me esconder atrás dele, porque estou corando novamente. Mordo um pouco apenas para acalmá-lo. Não

é que eu não queira comer na frente dele; já estivemos em vários jantares e não sou uma dessas garotas que tem vergonha de comer. SF tem alguns dos melhores restaurantes, food trucks e mercados de agricultores do país, e não tenho medo de experimentar todas as delícias gastronômicas que a cidade oferece. O problema está mais na minha garganta, sinto como se tivesse engolido lâminas de barbear. A única comida que quero comer quando estou doente é sorvete.

Coloco o doce na mesa e sinto o olhar que Dermot me dá. "Dói na minha garganta", explico sem olhar para ele. Passo rapidamente minhas opções de visualização recomendadas no Netflix, com medo de que ele veja como sou louca por casamento, e assisto a um filme que parece robusto e masculino, se esse filme existir. Ele pega o controle remoto de mim, o leva para o menu principal e escolhe *Amor a toda prova*. Eu olho em choque.

"Você não se importa, não é?"

"Claro que não", digo, porque é Ryan Gosling.

Dermot pega a colher e meu sorvete da mesa de café e os entrega para mim. Eu os agarro avidamente e acaricio o pote como se fosse meu, meu precioso. Ele parece divertido, mas não diz nada, apenas pega meus tornozelos e coloca meus pés em seu colo.

"O que você está fazendo?" Não tenho certeza de em que momento do nosso relacionamento estamos agora. Quero dizer, amo a sensação da mão dele nas minhas costas, amo a boca dele na minha, mas meus pés no colo dele?

"Quieta", ele ordena, e imediatamente calo a boca porque ele os esfrega com movimentos suaves e seguros, e parece divino. *Talvez estejamos neste momento, afinal.*

"Você não precisa fazer isso", digo, porque sinto que deveria. Não porque realmente quero que ele pare.

Ele se vira para me encarar com impaciência e agarra meu tornozelo, me puxando para mais perto no sofá para que minhas

pernas estejam no colo dele agora, e minha bunda esteja nivelada com o lado dele. “Rose, nós não nos conhecemos bem, mas se há uma coisa que odeio, é falar durante um filme. Então cale a boca, coma seu sorvete e aproveite minhas mãos em seu corpo.”

Isso faz meus olhos se arregalarem como pratos. *Suas mãos no meu corpo*? “Suas mãos no meu corpo?”

Como se ele sentisse que as palavras não eram suficientes para transmitir seu significado, suas mãos fortes suavizam meu músculo da panturrilha e gemo, um pouco mais alto do que talvez devesse, porque os profundos olhos de chocolate de Dermot se tornaram predatórios novamente, e sou atraída por seu olhar. Engulo em seco, e o homem sorri. *Bastardo*.

Com uma mão, ele pega o sorvete de mim e o coloca na mesa de café. Sua outra mão desliza para cima da minha panturrilha e me puxa mais para baixo do sofá e quando me solta, ele sobe no meu corpo, colocando-se no espaço entre as minhas pernas. Seus braços me prendem nos dois lados da minha cabeça e ele se inclina para me beijar.

“O que você está fazendo?”

“Com o que se parece?”

“Você vai ficar doente”, aviso.

“Eu não me importo”, ele sussurra e pressiona sua boca na minha. No começo, tento me afastar, porque não consigo entender o que ele vê em mim agora com meus olhos lacrimosos, meus cabelos em um nó bagunçado no topo da minha cabeça e meu nariz vermelho. Tento resistir, mas não posso porque esse homem deslumbrante e doce veio correndo no segundo em que liguei, e é bom ser a prioridade de alguém pela primeira vez. Então, mesmo sabendo que ele provavelmente ficará doente também, eu o beijo de volta.

A mão de Dermot desliza para debaixo do meu suéter. Seu toque é suave e fresco contra a minha carne quente. A palma da

mão roça no meu peito, o laço do meu sutiã não fornece proteção contra as mãos dele, e meus mamilos endurecem e formam dois picos duros. Ele balança os quadris contra mim e me contorço, o calor delicioso me envolve do núcleo para cima. Sua boca devora a minha; ele aperta minha carne sensível e me afasto porque não consigo respirar. “Dermot...”

“Você está certa, eu deveria parar.”

“Não. Quero você mais perto,” ofego, pegando a barra do suéter e levantando-a sobre a cabeça. Ele tira o resto do caminho, mas seus olhos procuram os meus como se estivesse incerto. “Eu quero você.”

Ele sorri e, tão rápido quanto apertar um botão, o homem passa a mão pelas minhas costas e me vira de bruços. Suspiro em choque quando ele me puxa pelos quadris e desliza minhas leggings e calcinha por cima da minha bunda. O ar frio corre pelo meu corpo e estou completamente exposta a ele. Choque e febre me deixam atordoada, e não ouso mexer um músculo.

Sou recompensada com uma língua quente e molhada mergulhando em mim. Solto um suspiro agudo, e Dermot me move para que meu torso esteja dobrado sobre o apoio de braço do pequeno sofá e minha bunda seja oferecida a ele para ser tomada. Sua boca inteira me devora, e se não parecesse tão incrível, eu poderia ter tido as boas graças para me envergonhar. Tremo enquanto tento manter o equilíbrio e não cair sobre a beira do sofá, como se isso fosse possível, considerando o aperto que Dermot tem nos quadris.

Sua língua banha minha pele repetidamente. Ele é implacável, impiedoso, e acho que ele está fora de controle porque quanto mais mantém suas ministrações, mais estou perto de gozar e mais ele me ordena que não. Eu gemo quando o orgasmo se constrói dentro de mim, destruindo meu corpo e me fazendo sentir como se tivesse perdido o controle completo sobre meu corpo. E quando estou perto, ele desliza dois dedos grossos dentro de mim

e os prende no meu interior em um movimento de 'vem cá', atingindo meu ponto G. Sua língua desliza sobre mim novamente, mas não no meu clitóris. Desta vez, toda a sua boca avidamente come minha buceta e bunda, e gozo com tanta força que é como se por um momento deixasse de existir. Êxtase. Essa é a única palavra para isso.

Ofego. Todo o meu corpo fica mole quando desmorono no sofá, mas parece que Dermot não está interessado em me deixar descansar porque sobe em minhas costas, esfregando sua barba contra minhas nádegas, despertando minha pele para a agonia agridoce dela. Sinto a umidade deixada para trás muito tempo depois que sua boca deixa minha pele. Seu corpo magro e musculoso paira sobre o meu.

"Eu esperei muito tempo para fazer isso", ele diz friamente. Meus músculos internos se contraem novamente, enviando mil pequenos tremores secundários através de mim. "Você tem gosto de um fodido anjo, Rose. Tão malditamente doce e tão gostosa."

Jesus. Ele é tão vocal. De alguma forma, saber que tem a boca suja me deixa muito mais atraída por ele. Ele mói contra mim, e até vestido eu posso sentir o quão duro está. Eu gemo, e ele levanta meu suéter pelas minhas costas e por cima da minha cabeça, então agarra um punhado áspero dos meus seios através do sutiã que estou usando. Ele não se incomoda em tirá-lo.

"Eu quero foder esses peitos. Quero ver meu gozo se espalhar por eles mais tarde, mas primeiro vou enterrar meu pau dentro de sua buceta doce e te foder até que me implore para parar." Ele me aperta com força, e sua boca beija meu pescoço com a mínima sugestão de dentes.

"Oh", gemo, envolvendo meu braço em seu pescoço e puxando minhas costas contra sua frente.

Atrás de mim, ouço o rasgar de um pacote de papel alumínio enquanto Dermot desvia o corpo, abre a calça e coloca o

preservativo. Sua palma repousa entre as minhas omoplatas, e ele me empurra para baixo enquanto se guia para dentro.

"Oh foda", ele resmunga, enquanto entra centímetro por centímetro. Estou pronta e encharcada, mas ainda o agarro com força, contraindo minhas paredes ao redor dele para que ofegue. "Jesus, Rose, pare ou gozarei muito mais cedo do que você quer que eu faça."

Para pontuar suas palavras, sua mão desce sobre minha bunda e ofego, pulando um pouco embaixo dele e me contorcendo com minha carne ardente. "Fique quieta, querida, ou farei de novo."

Não posso ficar parada, embora. Meu cérebro me diz, mas meu corpo se move porque não posso tê-lo dentro de mim e não me contorcer. Quero mais, mais calor, mais afago e mais golpes da mão dele. Então balanço os quadris para frente e para trás. Ele rosna, e essa mão desce sobre minha bunda novamente, golpeando ainda mais forte do que da última vez.

"Oh Deus", choramingo. "Novamente."

Ele faz isso de novo. Na verdade, perco a conta de quantas vezes ele me golpeia, porque os golpes suaves e frios de sua mão na minha carne ardente acalmam como um bálsamo, e seus impulsos me fazem perder a cabeça. Gozo repetidamente até perder a conta, e perder o foco em tudo ao meu redor.

Dermot me puxa para cima contra ele. Sua mão está na minha garganta quando entra em mim, e tremo de joelhos enquanto ele se fica em uma posição ajoelhada no meu sofá, levando-me com ele. Eu me inclino contra seu corpo rígido, a mão na minha garganta agora acaricia suavemente meu rosto, meu cabelo e meus seios enquanto ele morde minha orelha. Não sei por que, mas me sinto vazia e saciada, crua e entorpecida. Muitas emoções clamam por minha atenção — não sei se sorrio histericamente ou choro. Tudo o que sei é que quero dormir e quero

que Dermot me abrace como se isso significasse algo para ele, porque o último homem que deixei entrar no meu corpo não o fez.

Como se pudesse sentir isso, ele se move no sofá, removendo o preservativo e descartando-o, e então me levanta e me leva para a cama. Ele me puxa em cima dele, minhas costas contra sua frente.

"Eu não tenho controle em torno de você", ele sussurra sonolento contra a minha orelha. "Não pude evitar. Porra, Rose, o jeito que você ganhou vida sob minha mão... tão linda."

Reverentemente, ele acaricia meu corpo, dos quadris até o peito. Serpenteia os dedos entre minhas coxas e acaricia a carne molhada, prestando atenção especial ao meu clitóris. Eu me contorço contra ele. Meus músculos se contraem. "Deixe-me cuidar de você."

Eu não protesto. Gozo forte quando ele sussurra no meu ouvido as coisas doces e brutais que quer fazer comigo. Sinto como se estivesse descendo das maiores alturas. Meus pés mal tocam o chão, e ainda estou com medo, com medo de que ele vá embora, com medo de deixá-lo entrar — com medo de que em algum momento eu caia, e ninguém esteja lá para me pegar.

♥

Quando acordo, estou sozinha.

Há uma nota no travesseiro. Olho de soslaio para o céu escuro e me pergunto que horas são. Tarde, com certeza. Dormi o dia todo? Pego a nota e a leio com os olhos turvos.

Rose,

Você é incrível. Quero jantar amanhã à noite, na minha casa, você nua e esparramada na minha mesa de jantar às 20h em ponto.

Não se atrase, ou haverá outra surra no seu futuro.

D.

Puta merda. *Uau. Apenas Uau.*

Eu estava ciente dele me puxando para mais perto, me abraçando e beijando meu pescoço e bochecha e me dizendo o quão perfeita eu era, como me queria, enquanto entrava e saía do sono. Embora eu não saiba quanto tempo ele ficou, sei que acordei várias vezes com seu calor nas minhas costas, e toda vez ele parecia me envolver mais apertado em seus braços que o anterior.

Agora, pressiono as mãos contra a cabeça para evitar a dor de cabeça. Eu sofro de necessidade ao ler a nota mais uma vez. A ideia de estar com Dermot novamente é emocionante e aterrorizante, e não sei se estou com medo ou aguardando ansiosamente às 20h.

Largo o pedaço de papel. Ele voa para o travesseiro ao lado da minha cabeça e sorrio enquanto adormeço novamente.

♥

Dermot não vem tomar café da manhã na manhã seguinte e estou um pouco decepcionada. Sei que temos planos para o jantar hoje à noite, mas estou nervosa e cheia de expectativa ansiosa e nada me acalma. Claro, isso poderia ter algo a ver com as duas xícaras de café que Izzy me preparou esta manhã.

Deslizo minha caneca vazia em sua direção novamente com um sorriso tímido. Ela me dá uma expressão confusa, então um sorriso presunçoso ilumina seu rosto e ela grita sobre o guincho estridente da máquina que espuma o creme: “Você transou no fim de semana.”

Meus olhos se arregalam quando olho para o grande número de clientes esperando seu café. Todos olham para mim, e então seus olhos se voltam para Izzy como zumbis caçando um cérebro novo. Um dos hipsters está realmente de queixo caído. “Não transei.”

“Você transou”, ela grita. “Alguém abalou o seu mundo; está escrito por todo o seu rosto, e você está andando como se tivesse tomado uma boa surra. Harley apareceu depois de tudo?”

Sinto uma pontada de arrependimento quando ela menciona o nome dele. “Não.”

“Então quem?” Ela diz; seu sorriso aumentando. “Oh meu Deus, o Raposa prateada?”

“O nome dele é Dermot.”

“O nome dele deveria ser *Sim, por favor*. Você tem que me contar tudo. Quando isso aconteceu? Não achei que você gostava dele.” Ela coloca o jarro de aço inoxidável no balcão e começa a criar sua obra-prima. Ainda não descobri como ela faz pequenos padrões de flores na espuma, mas cada um é diferente. Ela os entrega aos clientes que aguardam, três de cada vez, e continuo cuidando do caixa.

Ainda há uma fila no meio da porta, então sei que não conseguirei dizer a ela que darei detalhes mais tarde. Ela provavelmente interromperia toda a produção de café até que terminasse, e não podemos nos dar ao luxo de perder seus negócios, por isso afasto meu corpo dos clientes.

“Hum... nós meio que namoramos há algumas semanas.”

“E você não me contou?” Ela bate o copo de papel, derramando café pelas laterais. Olho para o próximo cliente; é o cara hipster zumbi. Ele nem parece notar. Apenas pega o copo e o leva ao rosto, colocando espuma na barba aparada, mas estranhamente despenteada, depois fecha os olhos e geme em êxtase, então sai da loja.

“Eu não sabia o quanto havia para contar.”

“Bem, claramente há algo a dizer, porque você andou de pernas cruzadas a manhã toda.”

“Eu não andei.” *Eu não andei. Andei?* “Eu disse a ele que estava presa a outra pessoa.”

Ela levanta uma sobrancelha para mim. “Ok, estou entediada agora. Quando o sexo aconteceu?”

“Eu fui ao apartamento do Harley”, deixo escapar.

“E agora estou confusa.”

“Fui até lá depois do meu encontro com Dermot no sábado à noite. Fiquei em sua janela gritando com ele... na chuva.”

“Você o que?”

“Não sei; simplesmente não aguentava mais o silêncio entre nós. Estava com raiva e pensei que se o confrontasse, algo aconteceria.”

“E aconteceu?”

“Acabei com um resfriado.” Dou de ombros e pego o dinheiro das próximas três pessoas na fila enquanto Izzy lhes entrega seu café.

“Você vai começar o sexo em algum momento?” Izzy faz uma cara impaciente.

“Você...” Faço uma pausa e olho para a fila. Só restaram duas pessoas — uma de meia-idade, de moletom e camiseta, e a outra, um cara loiro alto, de terno azul-marinho. Os dois estão absorvidos em seus telefones, então abaixo a voz e digo: “Você já teve alguém que lhe desse palmadas?”

“Oh Deus, ele é um maníaco por controle também?” Ela faz beicinho, como se eu tivesse balançado um pedaço de doce na frente do seu rosto e comi. “Você sabe que se o deixar ir, sinta-se livre para enviá-lo em meu caminho. Amo esses tipos alfa dominante.”

“Eu concordo”, diz a mulher em roupa de treino.

“Eu também”, diz o terno marinho, sem levantar os olhos do telefone.

Coro e sorrio sem jeito para os clientes antes de voltar minha atenção para minha funcionária. Então decido que devo pelo menos parecer que estou fazendo algo agora que a fila diminuiu, então pego minha agenda sob o balcão. Olho as páginas, vendo, mas não absorvendo nada. “Eu realmente gosto dele, Izzy, mas estou...”

“Ainda estou com o Harley, eu sei”, ela diz. “Você sabe que às vezes o que queremos não é a melhor coisa para nós.”

Faço uma pausa na leitura de nossos compromissos e olho para ela. “É isso que você pensa sobre o que Harley é? Que ele não é bom para mim?”

“Eu apenas acho que ele tem você a tanto tempo, de muitas maneiras — amigos, não amigos, amantes, amigos novamente e amigos que fodem— que acho que ele tomou isso como garantido. Você tem que fazer o que é melhor para você. Se isso significa seguir em frente com o fantástico Sr. Raposa e esquecer Harley, então que assim seja. Você não pode estar à sua disposição e estar ligada a ele para sempre, Rose. Eventualmente, algo tem que acontecer. Você tem que deixá-lo ir.”

Ela está certa. Odeio isso. Já cheguei a essa conclusão, é claro, mas odeio que demorou alguns meses para ver o que eu não havia prestado atenção na vida. Talvez nunca tenhamos visto o que era melhor para nós até que o estrago já estivesse feito, até que os corações já estivessem partidos sem nenhuma maneira de uni-los. Quão difícil essa falta de previsão se tornou para mim.

Capítulo vinte e sete

Rose

Dezoito anos

Pela manhã acordo tarde. É a primeira vez que não acordei com o nascer do sol no Dia de Ação de Graças, mas mesmo sem eu acordar a casa inteira, as mães se levantaram e estão na cozinha, preparando o peru para o jantar.

Deito-me na cama e ouço o barulho de panelas e frigideiras, as mães conversam sem parar e os pais reclamam que seu barulho está interferindo no jogo. Eu não posso me esconder neste quarto para sempre, e depois de dez minutos cantando baixinho 'não há lugar como o lar' enquanto calço e bato meus calcanhares juntos — e provavelmente machuco os tornozelos — eu me levanto. Tomo banho, visto jeans e uma camiseta velha e desço as escadas. Eu não me incomodo em fazer nada com meu rosto ou cabelo, porque quem se importa, certo? Certamente não Harley. Ele tem uma namorada. Rato *bastardo*. Além disso, nenhuma maquiagem no mundo poderia esconder o fato de que meus olhos estão inchados e praticamente fechados.

"Oh, querida, você está péssima", minha mãe diz enquanto me sento à mesa da cozinha.

"Obrigada, mãe", murmuro, enterrando a cabeça nos cotovelos.

"Você está sentindo alguma coisa?" Ela coloca a mão fria na minha testa para verificar a temperatura.

“Estou bem.”

“Eu não acho que Rose esteja com febre”, Rochelle diz, acenando com a cabeça em direção à janela.

Sei sobre que ela está se referindo sem ter que olhar, mas ainda assim, faço de qualquer maneira. Pela janela da sala, o vejo fechando o portão da frente. Seus movimentos são rígidos e ele parece péssimo. Ele veste a mesma camiseta cinza e calça jeans que usava ontem, e seu cabelo está despenteado de sono. Respiro fundo porque olhar para ele dói, e dou as costas para a janela antes que ele possa me notar.

O olhar preocupado que nossas mães compartilham não passa despercebido, mas eu as ignoro, descansando a cabeça na dobra do cotovelo novamente. Eu só tenho que passar por esse final de semana, só isso. Não é que ele pretenda ficar para sempre, porque Harley tem uma namorada e tenho certeza de que vai querer voltar para ela. Sou golpeada pela incerteza. E se por algum destino cruel ele a trouxesse à minha cidade? E se eles se mudarem para SF e eu for forçada a passar todas as férias com os dois, fingindo que não quero lhes dar uma espetada com meu garfo? *Não, Harley não faria isso*, digo a mim mesma, mas o medo atinge meu coração, porque o Harley que eu conhecia não é o mesmo cara que abre a porta da frente da casa.

Acho que não posso evitar isso para sempre. Nossas famílias são... bem, família. Faço uma promessa para mim mesma naquele momento, no próximo ano, irei para Maui no Dia de Ação de Graças. Sozinha.

Eu não posso evitar. Levanto a cabeça e assisto Harley entrar. Ele tira seu All Stars e o coloca na sapateira que costumávamos tentar quebrar quando crianças. Seus olhos encontram os meus, e ele atravessa a sala e senta no banquinho ao meu lado. Agitada, levanto-me e corro pela pequena cozinha, recolhendo uma tigela, uma colher e uma caixa de cereal e volto ao balcão. Harley também se levanta e começa a mexer nas coisas:

uma caneca, uma lata de café moído na hora, o açucareiro. Nossas mães ficam perplexas, enquanto nossos pais, que estão sentados no sofá da sala de estar em plano aberto, nos mandam parar porque não conseguem ouvir o jogo. Normalmente, Harley e eu estaríamos assistindo com eles, entretidos no sofá como fazemos todos os anos desde os sete anos de idade, mas não há mais aconchego no futuro. Harley está na frente da geladeira, procurando suco ou creme ou seu coração morto e frio, não tenho certeza qual, mas o fato de que está bloqueando o meu caminho me irrita.

"Com licença", eestalo.

Harley se vira para mim, como se eu estivesse interrompendo uma reunião clandestina muito importante que está tendo com o conteúdo da geladeira. Ele recua um pouco como se quisesse me deixar entrar, e quando pego o leite, seus dedos chegam primeiro e envolvem a garrafa. Tento arrancá-lo de suas mãos, mas ele o segura firmemente e o leva ao peito. E então o rato bastardo abre a tampa e engole o resto.

"Seu idiota."

"Desculpe. Eu não sabia que queria isso", ele diz, limpando o bigode de leite que tanto quero lamber. Mesmo agora.

"Harley", Rochelle repreende.

"Há outro na geladeira", mamãe diz, como se o imbecil não o tivesse bebido de propósito.

"Está bem. Não estou com fome de qualquer maneira. Passo por ele com pressa porque é a coisa mais estúpida, mas lágrimas estão se formando nos meus olhos. Não por causa do leite, apesar de ter sido um golpe idiota total, mas pela dor no peito, pela escuridão que temo que me engolirá por inteira se não puder simplesmente abraçá-lo, ou fazer com que ele me abrace e me diga que, embora nós tenhamos terminado, vamos ficar bem. *Mas não estamos bem.* Nós dois tomamos decisões que nos levaram a esse

ponto, e somos idiotas egoístas. O que fiz poderia parecer altruísta, deixá-lo para que ele não fosse retido, mas não foi. Eu poderia ter desistido dos meus estudos; poderia ter me mudado para a Louisiana e aberto uma loja lá, mas não queria deixar minha cidade. *Então o deixei.* E, por sua vez, ele me deixou por outra pessoa.

Ando pelo corredor até o meu quarto e fecho a porta firmemente atrás de mim. Ele não tem um bloqueio por conta dos nossos pais insistindo que não precisamos de um, pois nosso relacionamento só se tornou romântico um ano atrás. Eu gostaria que houvesse uma maneira de trancar a porta, mas então me pergunto qual é o sentido. Harley não virá atrás de mim — por que viria? Quando Harley quer algo, se certifica de que o recebe; é assim que sei que ele não viria atrás de mim quando deixei a Louisiana. Porque apesar de tudo o que disse, ele não me queria o suficiente.

♥

Outra hora se passa até minha porta se abrir e fechar suavemente. Minhas costas estão para a porta, então não vejo quem é, mas não preciso — eu o sinto. Sempre pensei que, quando lia isso nos romances ou quando via a protagonista de um filme se virar, porque ela sentia os olhos de seu amante nela, era uma besteira completa. Mas sei que é Harley atrás de mim porque conheço aquela sensação de agitação na barriga e sei que o cheiro de frutas cítricas e especiarias se misturam com um pouco de suor. E conheço essa presença porque conheço a energia dele melhor que a minha. É reconfortante, mesmo que ele seja a causa da minha mágoa, e essa não é a definição de ironia?

“Vá embora”, imploro pateticamente. “Por favor? Não posso mais brigar com você.”

Ele não responde, mas ouço as molas do colchão gemerem em protesto quanto ele se deita no colchão. Até isso me faz chorar, porque ele não vai embora, e parece que Harley nunca está feliz a

menos que esteja me atormentando. Eu soluço e não consigo parar. Ele não me toca; por um longo tempo não diz nada, e isso me deixa agradecida e zangada ao mesmo tempo.

“Eu não sei como nos consertar”, ele diz, exalando suavemente. “Não sei como não ter você na minha vida.”

“Eu não sei como tê-lo na minha”, admito.

Harley suspira, e um tempo depois a cama range quando ele se levanta e atravessa a porta. “Eu sei que dói agora — acredite, também sinto— mas espero que possa encontrar uma maneira de ficar bem comigo, conosco, novamente, porque você é minha família, Rose. Você é isso. Tudo está fodido agora, mas não posso viver minha vida sem você.”

“Saia”, sussurro, e tenho orgulho de que minha voz não soe tão quebrada quanto me sinto. “Apenas saia.”

Ele sai, fechando a porta atrás de si, e por um segundo acho que o ouço cair contra ela, mas então seus passos soam nas tábuas desgastadas do chão e estou sozinha de novo.

Mamãe vem me buscar para jantar algumas horas depois. Eu digo a ela que não estou com fome, mas ela insiste então eu como, e ela não sai do quarto até que eu a esteja seguindo. Eu não consigo nem olhar para Harley. Sento-me no lugar vazio ao lado do meu pai e silenciosamente agradeço à minha mãe por garantir que pelo menos não estejamos sentados juntos este ano. Mesmo estando muito perto dele agora.

Após o jantar, os pais retiram as cartas e se preparam para o pôquer, como acontece todos os anos. Não consigo pensar em ter que passar mais um segundo com Harley, então peço licença e vou para o meu quarto. Momentos depois, sua caminhonete sai da entrada. Não sei para onde ele está indo e não me importo. Quanto antes sairmos e deixarmos este fim de semana e nosso caso de amor e nossa infância para trás, melhor será.

Capítulo vinte e oito

Rose

Estou do lado de fora da casa de Dermot. É enorme, uma residência de fachada branca de quatro níveis que lembra o renascimento francês. Está em um terreno do lado de um penhasco com vista para o oceano, em Sea Cliff. Eu sabia que Dermot tinha dinheiro, isso é óbvio pela maneira como ele se comporta, nas roupas que veste, no carro que dirige, mas isso é... isso é intimidador pra caralho. Meus pais são pessoas inteligentes e trabalhadoras. Eles moram em uma bela casa e dirigem bons carros, e minha mãe usa tudo de grife, por isso não é como se eu tivesse crescido em uma casa pobre, mas olhando para a mansão de Dermot, decido que estou definitivamente no ramo errado e preciso voltar à escola para aprender como me tornar CEO e fundadora de uma empresa de testes clínicos de células-tronco de bilhões de dólares.

Também não entendo por que, se mora aqui, ele atravessa a cidade para ir a um bairro pobre e comprar seu café na minha loja em Noe Valley? Não pode ser porque temos o melhor café de toda a cidade. Izzy é boa, mas com esse tipo de dinheiro, Dermot poderia pagar mil Izzys para buscar grãos de café embebidos em ouro e moídos por mãos virgens dos Andes peruanos.

Não sei quanto tempo fico parada olhando a brilhante casa branca, mas a porta da frente se abre e Dermot se apoia no batente da porta com uma camisa branca de botão enrolada nas mangas e calça preto-carvão, cinto preto, sapatos pretos, e sem gravata. Ele passa a mão pelos cabelos grisalhos, e me parece que não tenho ideia de como me aproximar dele agora. Eu o beijo? Jogo-me nele, ou apenas sou casual? Não tenho ideia de qual é a resposta adequada quando cumprimentamos um homem no dia seguinte

depois de ele espancá-la no seu sofá e te foder sem sentido. Tudo o que sei é que quero mais. Eu nem sei o que mais quero — o sexo incrível definitivamente, mas a surra? Eu não sei. Eu sei que quero saber mais sobre ele, de onde é, como se tornou tão bem-sucedido, qual é a sua comida favorita. Assiste futebol? Tocou na escola? Era um nerd ou fazia parte da multidão? Ele realmente gosta dos eventos de arrecadação de fundos com socialites fúteis que os frequentam? Bateu em Mireille, sua deslumbrante ex-esposa? Esse pensamento me deixa tonta, e leva um tempo antes que perceba que Dermot acabou de dizer alguma coisa.

Balanço a cabeça, como se pudesse limpar esses pensamentos que embaçam meu cérebro. “O que?”

Ele está tão calmo e casual, encostado no batente da porta, como se soubesse que vou comer na palma da sua mão no minuto em que cruzar esse limiar. “Eu perguntei se você planeja ficar aqui a noite toda?”

Sorrio timidamente. “Estou pensando sobre isso.”

“Eu não vou morder, Rose.”

“E se eu quiser?” Pelo que parece, surpreendi a nós dois com esse comentário, porque o olhar de Dermot passa de glacial para quente em dois segundos.

Respiro fundo e passo por ele, mas ele estende a mão e agarra meu braço com força, inclinando-se para sussurrar, “Você tem alguma ideia do quanto sonhei em vê-la esparramada na minha mesa de jantar o dia todo? É muito perturbador, Rose. Eu tive que deixar nada menos que duas reuniões para resolver minha ereção gigante.”

Eu sorrio, mas claramente isso é errado, porque o olhar de Dermot me queima onde estou. Ele guia minha mão para sua virilha, mostrando-me o quão sincero foi com essa última declaração. “Deus, eu não posso me segurar com você.”

“Então não faça.”

A porta se fecha atrás dele com um baque retumbante, e eu puxo. Dermot agarra a minha nuca do meu. Eu suspiro e fico arrepiada. Seu toque é firme, mas terno, enquanto ele me leva pelo corredor em direção à sala de jantar. A vista é incrível: um panorama da Ponte Golden Gate, Oceano Pacífico e Marin Headlands, e sinto uma sensação arrepiante de paz ao observar o nevoeiro pairar sobre a ponte. Uma enorme mesa de jantar com espelho antigo e cadeiras estofadas cinza sálvia está diante de nós. Uma das extremidades está organizada para dois com cristal fino e comida chinesa, e o restante é deixado nu. Deslizo as mãos pela superfície brilhante enquanto Dermot me inclina sobre a mesa com a mão espalmada contra a minha espinha. Eu vou de bom grado, nós se formam no meu estômago e uma pequena pitada de medo no coração. Eu o deixo deslizar o meu vestido e me foder sem sentido ali mesmo em sua requintada mesa de jantar, com a neblina e o Pacífico como nossas testemunhas.

E quase nem penso em Harley.

Capítulo vinte e nove

Rose

Dezoito anos

Quando concordei em ir junto com meus pais ao chalé para o Dia de Ação de Graças, foi sob a condição de que eles me levassem de volta a SF antes do sábado. Tenho que trabalhar neste fim de semana e meu carro está na loja e incapaz de fazer a viagem de duas horas e meia até Carmel e voltar. Minha mãe insistiu que isso não seria um problema e que ela me levaria, mas na sexta-feira, é um problema enorme. Infelizmente para mim, Harley voltará para SF esta tarde e 'faz sentido' que eu pegue uma carona com ele. Sei que esse é o plano de nossas mães para que voltemos a conversar, mas não vai funcionar. Não tenho mais nada a dizer ao homem, por isso, quando eles me empilham em sua caminhonete com meus pertences, fico teimosamente em silêncio durante todo o percurso até a cidade.

Harley entra no quintal de seus pais e abro a porta antes que o carro pare completamente e pulo para fora. Pego minhas coisas da carroceria da caminhonete e ando pela calçada até a entrada da minha casa. É só quando chego à minha porta da frente que percebo que não trouxe minhas chaves. Eu estava com meus pais; não tinha planejado sair mais cedo e agora estou trancada fora de casa. Bato a cabeça contra a porta e suspiro, enquanto a porta do carro bate. Olho para Harley, que está me observando de perto enquanto se inclina contra a caminhonete.

"Esqueci minhas chaves", explico.

Ele sorri. “Parece que você está presa comigo um pouco mais, então.”

Balanço a cabeça. “Minha janela. Está fechada, mas desbloqueada. Só preciso entrar no seu quarto.”

Ele sorri tristemente. “Faz um tempo desde que ouvi isso.”

“Apenas não. Por favor, não finja que tudo é do jeito que era, porque não é. E nunca será.”

Sua boca forma uma linha dura, e ele se vira e se dirige para a porta da frente. “Vamos.”

Quando chegamos lá dentro, ele chega às escadas diante de mim e sobe nela três degraus de cada vez. Eu amaldiçoo seus longos passos e tento correr com ele do jeito que costumava, como se houvesse a possibilidade de ganhar dele. Agora não é diferente, e quando entro no quarto o encontro subindo no peitoril, como já fez um milhão de vezes antes. Ele desliza seu grande corpo pela minúscula moldura da janela, atravessando o espaço vazio entre nossas casas e empurra o vidro.

Que não se move.

“Não está abrindo”, Harley grita.

“Tem que estar. Está desbloqueada.”

“Você ainda deixa sua janela destrancada?”

Dou de ombros como se isso não significasse nada, como se não fosse um convite para ele vir para mim sempre que se encontrasse em casa. Quando voltei da Louisiana e aventurei-me para o meu quarto, minha janela estava fechada. Parecia errado, como se fosse apenas mais uma porta se fechando para nós dois, e embora eu me sentisse infeliz por fazê-lo, deixei que permanecesse fechada, mas nunca havia trancado esse trinco por um dia na minha vida e nunca planejei isso.

“Sempre esteve desbloqueada”, digo tristemente.

“Talvez sua mãe tenha trancado desta vez. De qualquer maneira, não entraremos nessa casa a menos que seus pais venham com uma chave, ou você queira quebrar a janela e acionar os alarmes.”

Minha mãe nunca viria, alegando que é a oportunidade perfeita para mim e Harley resolvermos nossas coisas, e meu pai teria gatinhos se eu quebrasse uma janela e chamasse o segurança em um fim de semana de férias. Então, resignada, caio com força na cama de Harley.

Sempre amei este quarto. Não é a decoração ou o fato de que é o oposto do meu; é tão intrinsecamente ele. O cheiro, a cor das paredes — até a roupa de cama é Harley, sem exageros e um pouco rústico estilo lenhador para um garoto do ensino médio.

Aliso as mãos sobre a colcha xadrez e sorrio para mim mesma, lembrando o quão suave essa flanela era contra meu corpo nu nas poucas vezes em que fiquei impaciente esperando que ele viesse até mim e entrei pela janela dele. Mesmo estando longe o tempo todo, Rochelle manteve exatamente do mesmo jeito, apenas tirando os lençóis e o edredom para lavá-los a cada poucas semanas, caso ele voltasse para casa.

“Você se lembra da última vez que estivemos aqui? Na noite anterior à minha partida e fizemos uma bagunça infernal nos lençóis?”

“Eu me lembro.” Sorrio com carinho pelas lembranças.

“Aquela foi uma noite boa.”

“Tivemos muitas boas noites”, eu digo, e o sorriso sai do meu rosto.

Harley também, voltando-se com uma expressão séria. “Vamos. Venha tomar uma bebida comigo.”

“Porque isso funcionou tão bem da última vez?”

“Eu prometo que não vou deixar você me beijar de novo... ou tocar meu pau.”

“Você é um idiota”, digo, jogando o travesseiro nele. Não posso deixar de rir um pouco também, porque nunca fui tão sincera com ele. Embora pudesse ter escapado pelo espaço entre nossas casas uma ou duas vezes, Harley sempre foi a pessoa a iniciar o sexo.

Eventualmente, depois que eu superar o desgosto daquelas palavras que ele me disse quando o peguei na caminhonete e agarrei seu pau, provavelmente vou considerar isso engraçado, mas não consigo superar a dor disso.

“O que mais você vai fazer?” Sua boca se inclina nos cantos, o começo de um sorriso de Pan se forma. “Esperar na porta, no frio, só para me evitar?”

“Talvez”, brinco. “No que diz respeito às ideias, não seria a minha pior.”

“Não, não seria”, ele concorda, e sei que ele está falando sobre a minha decisão de terminar, porque nos trouxe exatamente aqui. Então, novamente, Harley está vendo outra pessoa agora, então quem sabe? Talvez daqui a dois, três, quatro anos ele esteja me agradecendo por me afastar primeiro, quando se ajoelhar para propor casamento a sua namorada.

“Como ela é?”

“Quem?”

“Sua namorada.”

“Nada como você”, ele diz, muito rapidamente. A faca torce no meu estômago porque não sei se isso é melhor ou pior.

“Qual é o nome dela?”

“Emma.”

“E como Emma é?”

Harley passa a mão pelo cabelo, agora está mais longo. Combina com ele, descansando logo acima dos ombros em um daqueles cortes desgrenhados de Jared Padalecki. “Rose, o que você está fazendo?”

“Eu só quero saber. Contamos tudo sempre.”

“Isso foi antes.” Ele balança a cabeça e olha para a janela. “Ela é insignificante.”

Eu sorrio sem humor. “Insignificante? Mas não o suficiente para jogar fora o que você tem com ela? Não é como comigo.”

Ele esfrega a mão sobre o rosto. “Ela não é insignificante — essa foi a palavra errada. Ela é importante para mim.”

“Mas não é tão importante quanto eu?”

“Ninguém nunca será tão importante quanto você.”

“Certo, mas não sou importante o suficiente para esperar. Não sou importante o suficiente para voltar.” Engulo com força em torno do nó na garganta. “Você a ama?”

O temperamento de Harley queima quando ele encontra meu olhar. “Rose”

“Você a ama?”

“Eu não sei.” Ele passa a mão pelo cabelo. Um tempo depois, ele cai de volta em seu rosto. Anseio por alcançá-lo e tocá-lo, mas esse não é mais o meu lugar. “Sim. Acho que sim. Quando estou com ela, sou um homem diferente, mas quando estou aqui com você, sou... sou eu.”

“Deus”, suspiro. “Isso é muito pior.” Novas lágrimas picam meus olhos. Cubro o rosto, como se pudesse esconder meu tormento ou o desespero que sinto neste momento.

Como se eu pudesse esconder alguma coisa desse homem.

“Eu sei.” A tristeza engasga sua voz, tornando as palavras quase impossíveis de ouvir. Harley me puxa para perto, me dobrando nos braços, me segurando do jeito que já fez mil vezes antes, mas desta vez é infinitamente diferente.

Desta vez, é o nosso fim.

Eu choro em seu peito grande. Isso dói, tê-lo por perto, tê-lo me abraçando após esses meses solitários e intermináveis, mas também é catártico. Sim, ainda estou brava. Estou furiosa com ele e uma parte de mim sempre fica brava, assim como ele sempre fica bravo comigo por fazer isso conosco em primeiro lugar.

Primeiro o amor é sempre difícil de superar. Tem sido assim desde o início dos tempos, e não vai terminar comigo e Harley. Não sei para onde vamos daqui. Eu gostaria que não tivéssemos que ir a lugar algum. Queria que ele ficasse, queria que me escolhesse, mas sei que não vai, porque em algum lugar ao longo do caminho nos tornamos pessoas diferentes. Nós mudamos. Não para melhor, nem para pior — acabamos de mudar. Nós crescemos. O garoto que nunca quis crescer, sim. E isso custou tudo o que éramos.

“Eu poderia tomar essa bebida”, digo, afastando-me dele, mas ele me puxa novamente e pressiona um beijo suave nos meus lábios. Por um momento, estou atordoada, e então começo a entender. Não é um beijo romântico — é um adeus.

Soa com um novo amanhecer, um em que Harley não é o centro da minha Terra e não sou o centro da dele, e, assim, estou perdida. Não estou mais amarrada a este homem. Não sou mais o futuro dele — sou o passado dele e ele é o meu. Mas isso é tudo o que somos. Ex-amantes. Amigos? Talvez um dia, mas por enquanto somos apenas duas pessoas que se agarram a tanto tempo que esquecemos que não éramos as duas únicas a existir. Esquecemos que não éramos um todo, mas duas peças separadas.

Isso vai me matar, mas tenho que deixar Harley Hamilton, porque ele já me deixou. E não há nada mais triste do que uma mulher agarrada a um fantasma.

Capítulo trinta

Rose

Dermot e eu caímos em um ritmo estranho durante as próximas duas semanas. Nós raramente saímos juntos. Uma parte de mim se pergunta sobre isso, e a outra parte não pensa muito quando ele coloca a boca e as mãos em mim. Ficar em casa significa que podemos ficar nus, e é isso que fazemos.

De manhã, ele se foi antes de eu acordar, citando exercícios ou trabalho no laboratório, e encontro uma nota romântica no travesseiro e um café na mesa de cabeceira. Nas noites em que ficamos na casa dele, acordo com um maldito bufê de café da manhã... sozinha. Tento não ficar desapontada com isso; nós dois somos pessoas muito ocupadas, e entendi que para possuir uma casa como essa, você tem que trabalhar muito. Portanto, mesmo que quase nunca saiamos, não há dúvida de que estamos nos tornando cada vez mais sérios.

Já falei com a irmã de Dermot várias vezes e, embora ainda não nos conheçamos pessoalmente, gosto muito dela. Nós duas o incomodamos constantemente sobre reservar um tempo para sua sobrinha bebê. Mamãe me persegue com perguntas sobre Dermot e eu quase todos os dias. Acho que ela está feliz por eu não passar meus fins de semana sozinha, mas meu pai não está feliz por eu namorar um colega de trabalho, muito menos um que é apenas cinco anos mais novo. Acho que quando penso assim, também não estou tão feliz.

Mas Dermot é um homem muito diferente do meu pai. Ele é jovem no coração, aventureiro e incrivelmente sexy. E também está atrasado, mas eu também estou. Dermot reservou uma mesa em um restaurante francês na área de Bay, trinta minutos após o voo

dele aterrissar de Los Angeles, e estou tão atrasada que acabei de enviar Izzy e Ginger para casa. Ele deveria ter chegado dez minutos atrás e eu ainda não tomei banho ou arrumei meu cabelo e maquiagem, sem mencionar que não encontrei algo para vestir.

Entro na sala frigorífica e coloco um buquê de rosas na prateleira, depois me encosto à estante de metal e respiro. Como em todas as empresas, a preparação para o Dia de Ação de Graças e o Natal é caótica. Izzy, Ginger e eu não paramos de correr o dia todo.

Verifico meu telefone, que por acaso está convenientemente apoiado na prateleira da sala onde eu o deixei e está quase sem bateria. São 19h10. *Merda*. Dermot vai me matar... ou me bater. *Eu gosto bastante da ideia dessa segunda opção.*

A campainha acima da porta toca e levanto o pescoço, ouvindo sinais do meu homem. Ele sabe onde me encontrar, e como não consigo ouvir um par de sapatos de couro muito caros atravessando as tábuas do piso, reviro os olhos, sabendo que terei que lidar com algum hipster irritante que fala humm e ahhhs e gasta vinte dólares em um buquê. Eu realmente preciso começar a trancar minha porta.

"Estamos fechados", digo da sala fria.

Nada.

Então saio e deixo a porta bater atrás de mim, limpando as mãos no avental e desejando pra caralho que não tivesse que lidar com isso agora. Essa é a questão da floricultura — as pessoas pensam que são todas rosas e flores com cheiro bonito, mas não é. É uma bagunça, é trabalho, e às vezes fede completamente, e não importa o quanto tente, não consegue tirar o cheiro de flores podres de você.

"Estamos fechados", digo de novo, exasperada ao virar e ver Harley parado no meio da minha loja. Ele parece péssimo — pálido,

com olheiras e magro. Quero ir até ele, mas meus pés ficam colados firmemente no chão. “O que você está fazendo aqui?”

“Eu estava na vizinhança.” Minha testa franze com isso. Ele está sempre no bairro; mora a poucas portas de mim.

Engulo de volta o pânico crescente na minha garganta, porque algo está errado, algo está muito errado. Este não é o meu Harley. “O que há de errado?”

“O que está certo?” Ele me dá um pequeno sorriso dolorido e dá um passo em minha direção, mas levanto a mão para ele parar. “Eu tive que vir te ver.”

“Você teve que vir me ver? Seis semanas, Harley. Não vejo você há seis semanas e, de repente, você teve que me ver? A propósito, você parece uma merda.”

Ele sorri com isso. Na verdade sorri. *Bastardo*. “Sinto-me assim também.”

“Bom.” Ele se encolhe, e suavizo meu tom e digo: “O que fez com você mesmo?”

Ele ignora a pergunta e se aproxima. “Podemos conversar?”

“Tenho um encontro.”

Sua testa franze e ele bate as juntas dos dedos no balcão. “Com quem?”

“Com Dermot.”

Harley balança a cabeça, mordendo o lábio antes de nivelar os olhos em mim. “O traidor, Rose? Sério? Por que ele?”

“Ele nunca a traiu e nada aconteceu. Ele pediu o divórcio no segundo em que chegaram em casa”, digo causticamente. “Você sabe o que? Nem sei por que estou justificando alguma coisa para você. Dermot não foi quem me fodeu e não retornou minhas ligações. Meu melhor amigo fez isso.”

O pomo de adão dele balança. “Rose.”

“Você sabe que eu nunca poderia te acompanhar e seu maldito transtorno bipolar quando se trata de mim”, digo e imito sua voz, “Eu quero você; eu não quero você; Qual é, Harley? Estou ficando um pouco enjoada e cansada de estar no final das suas cordas de marionete.”

“Eu quero você, Rose. Sempre quis você. Desde o dia em que me empurrou naquela caixa de areia, eu não quis mais nada, mas...”

“Então por que diabos faria isso comigo?” Minha voz falha até ficar estridente e não soa como a minha voz, mas algum tipo de grito infantil. “Como pôde fazer isso comigo? Conosco? Sabia o que eu sentia por você.”

Ele assente sombriamente, mas não encontra o meu olhar.

“Por quê?” Exijo em um soluço. “Que razão você poderia ter para partir meu coração depois que pedi para que não fizesse isso?”

“Porque estou doente.”

Tudo para. Assim que as palavras saem da boca dele. Tudo. Somente. Para. E sei, eu sei no meu coração e até a última célula que compõe tudo de mim, que é a verdade.

“Seminomas em estágio IIB.”

“O que isso significa?” Cubro a boca. Tenho certeza de que ele não está mais falando inglês e silenciosamente imploro para que explique ou me diga que está brincando. Talvez eu esteja sonhando. Talvez isso seja um sonho terrível e tudo o que preciso fazer é apenas acordar.

“Eu tenho câncer testicular, Rose. Fiz uma cirurgia para removê-lo, mas ele se espalhou para os meus linfonodos. Então agora recebo um coquetel de quimioterapia em minhas veias a cada três semanas.”

“Cirurgia?” Sussurro, e ele assente gravemente. “Quando?”

“Na manhã seguinte que fiz amor com você.”

Um suspiro horrorizado escapa da minha garganta e o empurro com força. Ele tropeça. “Seu imbecil! Você me deixou pensar que estava me evitando, mas estava em uma cirurgia? Todo esse tempo você esteve doente?” Um estranho som animal rasga o meu peito e minhas pernas saem de baixo de mim.

Harley me pega em seus braços. Ele afunda no chão e me embala em seu colo, e então as lágrimas vêm. Gotas grossas e gordas caem no meu colo, encharcando o avental, e mesmo que ele tenha acabado de me dizer que está doente, sinto como se eu estivesse morrendo. Não sou mais a soma das minhas partes, mas estou despedaçada, destruída, arruinada. Sou um milhão de pedaços quebrados e espalhados ao vento.

Quando encontro minha voz novamente, ela fica quieta e cheia de culpa por todas as coisas terríveis que disse sobre ele, todos os pensamentos horríveis, todo o ódio e a raiva. “Por que você escondeu isso de mim?”

“Vamos lá, Rose. Eu não poderia fazer isso com você. Não sabia como lhe contar.”

“Então por que agora?”

Ele solta um suspiro, e seus ombros caem quando cai contra mim, e eu sei o motivo sem ele ter que me dizer.

Porque ele não acha que vai conseguir.

♥

Deito-me na minha cama, envolta nos braços de Harley. Sua camisa embaixo de mim está encharcada. Eu não sabia que uma pessoa poderia chorar tanto. Não sabia que era possível ter um fluxo interminável de lágrimas que simplesmente não

secam. Aparentemente, eu não sabia de nada. Não me lembro de como chegamos aqui. Não me lembro muito das últimas horas.

"Eu não poderia dizer adeus", Harley sussurra, seus lábios nos meus cabelos, sua voz grossa de emoção. "Nunca conseguiria dizer adeus a você. Eu não pude fazer isso aos dezoito anos e não posso fazer agora."

"Então não diga", choro em seu peito. Ele leva minha mão em seus lábios e a beija, e parece tão certo. Do jeito que sempre é. "Não me deixe, Harley. Não ouse me deixar."

"Vou tentar pra caralho não fazer isso", ele diz, seu tronco tremendo agora, e sei que está chorando também.

Durante a noite, dormimos, e quando acordo por volta das três da manhã, pisco para o dossel acima da minha cabeça, sem saber se estou acordada ou ainda sonhando. Harley fez um forte de cobertor ao nosso redor, como costumava fazer quando éramos crianças. Sorrio para sua obra-prima com as luzes cintilantes que ele tirou de um frasco na minha estante. Ele olha para mim e diz: "Você não deveria acordar ainda."

"Volte para a cama."

"Em um minuto. Não sei quanto tempo levarei até conseguir fazer outra coisa," ele diz, e seu rosto enruga por apenas um segundo, um tempo tão pequeno que eu poderia ter perdido se tivesse piscado os olhos. "Eu quero que seja perfeito."

"É perfeito porque você está aqui."

"Rose",

"Não, amanhã. Falaremos mais sobre isso amanhã. Por enquanto, só quero passar a noite em nosso forte, longe de..." paro, incapaz de dar um nome. Incapaz de dizer a temida palavra C que levou tantas almas bonitas muito antes do tempo. Esse C não pode ter essa alma. Não vou deixar. Eu venderia a minha própria antes

de deixar essa doença tomá-lo. “Venha aqui.” Estendo o braço em direção a ele.

Ele amarra o último lençol e sobe na cama. O tecido se cai atrás dele como se fosse uma porta, fechando-se contra o mundo exterior. É como eu queria que fosse... Deus, como gostaria de voltar a várias horas atrás e não ouvir as coisas que ele disse, mas não posso. Não conheço nenhum detalhe e não quero agora. É muito cru, muito real. Não consigo pensar assim. Não consigo pensar em Harley, meu Harley, doente e pálido em uma cama de hospital, seus músculos definhando, a luz daqueles lindos olhos indo embora. Não aceito isso. Então, quando ele se senta ao meu lado, subo em seu colo e seguro seu rosto em minhas mãos, memorizando cada centímetro daquela mandíbula teimosa e seu nariz levemente torto a partir daquele momento em que ele o quebrou no campo no ensino médio. Olho aqueles perfeitos olhos azul-marinho e respiro sua respiração e me inclino, beijando-o na boca.

Suas mãos afundam na carne dos meus quadris. “Ei, ei, ei.”

“O que? Isso dói?”

“Não, mas não vim aqui para isso.”

Franzo a testa. “Você não quer?”

Ele tira uma mecha de cabelo errante do meu rosto e levanta as sobrancelhas enquanto inclina a cabeça em direção à virilha. Sob o algodão macio da minha calcinha, sinto sua ereção pressionando contra mim. O olhar que ele me envia me avisa que não é uma questão de não querer.

“Qual é o problema então?”

“Eu só acho que devemos ir devagar. Acabei de lhe dizer que tenho câncer e...”

Corto-o novamente esmagando meus lábios nos dele e empurrando minha língua tão profundamente em sua boca que

provoca um gemido. Sua mão vem ao redor do meu bíceps e ele me afasta. “Rose, amor, pare.”

“Por que você pediu que ela se casasse com você?”

“Não faça isso...”

“Quando partiu para a Louisiana, você me fez uma promessa — lembra?” A pergunta é retórica, porque sei que ele se lembra da mesma maneira que eu, mas Harley assente da mesma forma. “Você disse que quando voltasse, colocaria um anel no meu dedo. Sei que tudo mudou e não somos assim há anos, mas por que Alecia? Por que não eu?”

O silêncio nos rodeia. Isso nos engole até que finalmente ele diz: “Eu não poderia.”

“É porque não me amava o suficiente? Ou por que você me amava demais?” Pergunto, e sei que minhas palavras atingiram o ponto, porque é como se eu pudesse identificar o segundo em que seu coração se parte.

Ele passa a mão na minha testa, afastando os cabelos do meu rosto. “Eu estava apavorado, Rose. Alecia estava no consultório médico quando descobri, e foi o momento mais assustador da minha vida. Tudo no que conseguia pensar no caminho de casa era no seu rosto e como isso a destruiria quando lhe dissesse. Entrei em pânico. Alecia disse sim. Foi uma merda. Eu a machuquei, me machuquei no processo e machuquei você. E eu nunca quis te machucar.”

“Então por que pediu a outra mulher para tomar o meu lugar?”

“Porque não me importei em partir o coração dela.” Ele segura minha cabeça em suas mãos e pressiona seus lábios na minha bochecha. “Mas com certeza me importo em quebrar o seu.”

“Então não quebre agora.” Beijo sua testa, nariz, queixo e lábios. “Fique comigo, Harley Hamilton. Lute pra caramba, e

vença, e depois coloque um anel no meu dedo, porque estou esperando por vinte e cinco malditos anos para casar com o meu melhor amigo."

Capítulo trinta e um

Rose

De manhã, ouço a chave deslizando na porta no andar de baixo e rolo. Hoje não quero lidar com o mundo, mas aparentemente o mundo tem outros planos, porque minha mãe canta e me vejo acordada e piscando no telhado de nosso forte.

"Querida, você está acordada? Encontrei um belo cavalheiro esperando à sua porta. É muito rude não atender ao telefone, Rose."

Oh Deus, Dermot. Esqueci tudo sobre o nosso encontro. Ah Merda. Onde está o meu telefone?

"Merda." Sento-me. O peso de tudo o que aconteceu se instala em meus ombros. Subo cuidadosamente sobre Harley para que ele não acorde e envolvo o lençol em meu corpo. Estou usando uma camisa de seda que vesti ontem à noite para me sentir confortável, e Harley, sendo Harley, nunca dorme com nada, então, embora não tenhamos feito nada, ainda estou usando poucas roupas para enfrentar minha mãe e Dermot.

Saio do forte e fico cara a cara com Dermot e minha mãe. Os traços de Dermot estão cheios de preocupação, mas mamãe está olhando com os olhos arregalados para o forte, porque tenho certeza de que sabe o que isso significa.

"Eh... oi. O que está fazendo aqui?"

"Meu voo de Los Angeles estava atrasado. Ninguém entrava ou saia de SF por causa do nevoeiro. Não consegui falar com você no seu celular."

“Oh, acho que ainda pode estar trancado no frigorífico. Por que você não tentou o telefone da loja?”

“Sim”, Dermot diz, e sei que pareço culpada. Mamãe senta-se na poltrona, com uma expressão extasiada, assistindo nossa conversa se desenrolar. Harley boceja e rola na cama, fazendo o forte de cobertor balançar. “Ele está aqui, não está?”

“Ele...” Eu paro. Meu coração aperta dolorosamente, porque mesmo se disser que nada aconteceu entre Harley e eu na noite passada, eu estaria mentindo. Podemos não ter tido relações sexuais, mas guardei o que restava do meu coração e entreguei a Harley para guardar em segurança. Eu o amo, nunca parei de amá-lo e, a julgar pelo olhar no rosto de Dermot, quebrei seu coração no processo.

Ele balança a cabeça. “Jesus Cristo, eu deveria ter previsto isso.”

“Dermot, eu não quis dizer nada disso”, digo, implorando para que ele não se afaste de mim antes que possa explicar. “Nós não dormimos juntos.”

“Mas você o deixou voltar.”

Realmente não é uma pergunta, mas aceno pela mesma coisa. Sinto como se tivesse enfiado uma lâmina no peito dele. Dermot tem um talento especial para amar mulheres que não podem amá-lo de volta, e sou apenas mais alguém que o ferrou. Embora possa sentir a raiva controlada vibrando nele, ele coloca meu rosto em suas mãos e beija minha têmpora. “Adeus, Rose.”

“Dermot...” começo, mas o que há para dizer? Eu sinto muito? Não é você, sou eu? São apenas palavras, e acho que ele sabe disso tão bem quanto eu.

Ele desce as escadas, desaparecendo da minha linha de visão. Um momento depois, a porta da loja se fecha silenciosamente atrás dele.

Eu solto um sopro de ar e olho para minha mãe. Ela está olhando atrás de mim para o farfalhar no forte. Embora eu saiba que nada do que aconteceu foi culpa dela, poderia ter sido bom ter um aviso, então Dermot não se veria diante disso. Suponho que ela não soubesse que eu não estava atendendo as ligações do meu namorado enquanto outro homem ocupava minha cama.

Harley vem atrás de mim e puxa minhas costas contra sua frente. Eu não tenho certeza de onde suas roupas terminaram na noite passada e, a julgar pela maneira como minha mãe o olha, levanta uma sobrancelha e engole o sorriso, ele ainda está completamente nu. Eu olho para minha mãe, e ela finalmente para de olhar tempo suficiente para estudar minha expressão e entender.

“Certo, é melhor eu ir.” Ela tem o telefone e, se ainda não o fez, sei que vai mandar uma mensagem para Rochelle como uma mulher louca, no segundo em que sair. “Tchau, queridos.”

Ela nos manda um beijo e desce as escadas o mais rápido que seu Jimmy Choo a leva. Eu estava errada; ela não manda mensagem, mas fala, gritando: “Aconteceu, aconteceu finalmente”, antes mesmo de sair da loja.

Harley aperta mais minha cintura, inclinando-se para pressionar um beijo suave no meu ombro. “Você está bem?”

“Sim, eu só... Deus, isso é péssimo, sabia? Sentir que está partindo o coração de alguém.”

“Eu sei, amor.” E suponho que sim. Ele me arrasta de volta para a cama e caímos nela, quase derrubando as paredes de nossa casa improvisada.

“Talvez estejamos velhos demais para fortes e contos de fadas”, digo melancolicamente, aconchegando-me em seu peito.

“Ninguém é velho demais para contos de fadas”, Pan responde de volta.

Capítulo trinta e dois

Rose

Acordo com o corpo de Harley encostado no meu, com o braço em volta da minha cintura e a cabeça apoiada no meu travesseiro, e sei que ele não está dormindo porque sua respiração é superficial e não está encarando o telhado do meu apartamento. Rolo e encontro tristes olhos azuis.

"Bom dia", digo. Ele traça padrões na minha clavícula e no meu peito, circulando minha aréola. Eu me contorço e afasto a mão dele.

"O que fará hoje?"

"Hum, você está olhando para mim." Estico-me na cama e bocejo. A mão de Harley desliza entre as minhas pernas e aperto minhas coxas com força. Ele não se move contra mim, apenas descansa lá, no 'lugar dele'. Um lugar para aquecer as mãos, ele disse uma vez. *E me deixa louca.*

Ele passa os dedos pelos cabelos e fecha o punho, esperando até que está a poucos centímetros do meu rosto antes de abrir a palma da mão e vários fios de cabelo caírem no meu edredom floral.

"Oh, Harley."

"Eu sabia que isso aconteceria. Estou chegando à minha terceira sessão de quimioterapia, então é meio que um fato, e não quero me agarrar a ele apenas por uma questão, sabe? Por que prolongar o inevitável?"

"Quer que eu corte seu cabelo?" Pergunto, o pânico aumenta em minha voz.

“Raspar, na verdade?”

“Tudo isso?”

“Sim, Rose.” Ele sorri e beija minha testa. “Geralmente é o que significa ‘raspar’. Você acha que ainda me achará atraente sem cabelo?”

“Você está de brincadeira? Estaremos no mesmo campo de jogo pela primeira vez, e você e eu podemos finalmente estar em igualdade de condições.”

“Eu não sei. Sou muito bonito com a cabeça careca,” Ele zomba e bato em seu peito. Ele estremece um pouco, e mordo meu lábio, preocupada por machucá-lo.

“Quando você quer fazer isso?”

“Agora. Só vamos nos vestir e ir à minha casa. Não vamos caber no seu banheiro minúsculo.”

Faço beicinho, e ele me puxa para mais perto. “Enquanto estamos no assunto da merda do câncer, você acha que pode liberar algum tempo em sua agenda para mim amanhã? Há algumas pessoas que quero que conheça.”

“Claro.”

“Legal. Traga um estômago forte, no entanto.”

Franzo a testa, sem saber o que ele quer dizer com isso, mas aceno de qualquer maneira. “E não use sapatos chiques.”

“Você me conhece mesmo? Possuo um par de sapatos de salto e só os comprei para o seu estúpido pseudo casamento.”

Não conto a ele sobre os saltos de estilista caros que Dermot me deu.

“Claro. Por um minuto, pensei que estava conversando com uma garota de verdade.”

“Foda-se, Hamilton.”

“Tudo bem”, ele diz, e rola em cima de mim. Ele gira os quadris. Seu pau rígido pressiona contra mim e permito que me leve onde quiser, mas muito rapidamente ele se afasta. “Cabelo primeiro.”

Faço beicinho e saio da cama atrás dele. Não quero fazer isso. Não no seu cabelo bonito. Mas o câncer não se importa com o que queremos.

O câncer pode ir se foder por trazer sua merda para o nosso mundo.

♥

De pé atrás de Harley, encontro seu olhar no espelho. “Tem certeza?”

“Sim. Apenas faça.”

Aperto os dedos em torno do peso da tesoura na minha mão e ligo o barbeador. Ele vibra alto, e meus ossos doem tanto com o aperto forte que os nós dos dedos ficam brancos.

“Faça isso, Rose.”

Corro as mãos pelo comprimento de seu cabelo lindo. Cabelos que puxei em meus dedos enquanto seu rosto estava enterrado entre minhas coxas; cabelos que por tanto tempo foram sua glória máxima, lindos — só de olhá-los fazia você querer passar as mãos por ele. Durante muito tempo, o cabelo de Harley tem sido uma das coisas que mais amei nele, e acho que estou tendo mais dificuldade com isso do que ele.

“Vamos, amor. Antes que eu perca a coragem.”

“Certo, desculpe.” Sorrio, mas por dentro estou morrendo. É apenas um corte de cabelo, mas representa muito mais. Por fora, ele não parece tão doente; tem olheiras profundas sob os olhos devido à falta de sono, e não consegue manter seu regime de

condicionamento físico, não do jeito que costumava fazer, então nas seis semanas em que ele se foi da minha vida, perdeu muita massa muscular, fazendo seu rosto parecer magro, mas com isso de lado, você não pode dizer que ele tem um câncer, olhando para ele. Portanto, mesmo que seja apenas um corte de cabelo, é infinitamente mais.

Levanto as lâminas para a cabeça dele. Ele não vacila quando as lâminas cortam os primeiros fios. Nem se encolhe quando a parte de trás está pronta. Em vez disso, vira a cabeça para o lado e ri porque parece que fez isso uma vez no ensino médio, quando o time de futebol raspou um lado do cabelo. Ele o usou assim por uma semana inteira, apenas para mostrar a eles o quanto isso não importava e como eles não o tinham perturbado.

Eu levanto o barbeador novamente e começo pela frente, e quando termino, ele me puxa para cima dele e me beija com força na boca. Ponho a tesoura de lado no balcão do banheiro e corro as mãos sobre o couro cabeludo recém-barbeado, maravilhada com a aparência estranha e como isso faz seu rosto parecer um pouco mais redondo, sua mandíbula teimosa um pouco mais proeminente e aqueles lindos olhos brilham.

Ele se afasta e sussurra: “Ainda sexy?”

“Havia alguma dúvida?” Eu o beijo nos lábios novamente. Os pontos em que sua cabeça está sem cabelo dão a ele um pouco de vantagem. “Eu gosto disso. Tudo o que precisa agora é de um punhado de tatuagens e pareceria ter saído da série *Prison Break*.”

Ele ri e se mexe debaixo de mim. Eu pulo do colo dele, com medo de machucá-lo. Ele se levanta, enviando uma torrente de longas madeixas para o chão do banheiro e me levanta na penteadeira, derrubando várias garrafas de loção pós-barba e óleo de barba. Golpeio uma mecha de seu cabelo que faz cócegas no meu pescoço. Seus lábios encontram os meus novamente, e seguro seu rosto em minhas mãos enquanto ele desabotoa minha camisa e aperta meu peito através do sutiã.

Harley disse que a quimioterapia só o deixa fraco nos dias após o tratamento e, embora eu queira me reconectar tanto com ele, não tenho certeza se é a coisa certa a fazer. Eu não quero parar, não se ele estiver em forma o suficiente para continuar, e não se for uma das últimas vezes... *não. Eu não pensarei assim.* Harley vai vencer essa coisa. Ele prometeu. Daqui a cinco, dez, vinte anos, estaremos fazendo exatamente isso, quando nossa pele estiver cedendo e nosso rosto estiver enrugado e desgastado por uma vida bem vivida. Ele vai me foder assim, talvez na cozinha da nossa casa, ou no chão, na cama — não importa aonde.

"Ei, onde você foi agora?"

"Eu..." engulo o nó na garganta e fecho os olhos. Isso não impede que as lágrimas escapem pelos cantos. Harley se afasta e, por um segundo, acho que ele pode sair, então envolvo minhas pernas em seus quadris e agarro seu bíceps, sentindo os músculos fortes que já se desgastaram tanto em apenas algumas semanas. "É melhor lutar contra isso."

Ele passa a mão sobre a cabeça, a testa franze em confusão por um instante, enquanto seus dedos não encontram resistência e deslizam por seus cabelos agora muito curtos. Ele engole em seco e olha para os restos de seus cabelos nos azulejos brancos. "Rose..."

"Não, eu quero dizer isso. Não posso..."

"Não mais", ele diz segurando meu rosto e inclinando-se para colocar um beijo suave nos meus lábios. "Preciso de você aqui comigo, não aqui com o meu câncer."

"Eu sinto muito."

Ele abaixa a cabeça e olha diretamente nos meus olhos quando diz, "Tudo bem. Só podemos fingir que sou um cara normal e isso não é uma foda por pena?"

"Isso não é uma foda por pena," digo confusa.

“Bem, talvez não seja para você...”, ele para com um sorriso, e faço uma cara chocada e dou um tapa no seu braço. Ele se encolhe e depois se inclina sobre o pequeno banheiro, puxa a cortina do chuveiro e abre a água. “Preciso que estejamos aqui, um com o outro. Preciso que você finja que não estou doente e que ainda sou o cara que teve um papel de protagonista em todos os seus sonhos molhados.”

“Seu burro. Eu nunca fantasiei com você.”

“Você não fantasiou?” Ele faz uma careta. “Jesus, isso dói pra caralho, Rose, porque eu passava todos os dias desde a adolescência usando minhas meias esportivas enquanto pensava na sua bunda gloriosa pulando no meu pau.”

Bato nele novamente, mas desta vez ele me pega no meio da palmada e passa a mão pelo corpo dele, enfiando-o nas calças, onde sua ereção pressiona a minha palma. Ele espera até eu encontrar seu olhar antes de dizer: “Preciso que isso seja sobre nós.”

Aceno e deslizo para fora do balcão, forçando-o a dar um passo ou dois. Tiro a blusa e a deixo cair no chão, e então saio da calça jeans, chutando-a no armário atrás de mim. Levanto a camisa dele, e juntos a puxamos por cima da sua cabeça e a jogamos no chão com o restante do cabelo. Deslizo as mãos ao redor de seu pescoço enquanto ele me puxa para si, e Harley tira a calça jeans, arrastando-nos em direção ao chuveiro, onde o ajudo a sair delas. Ele me leva para o chuveiro e a água morna nos cobre. Alcançando o chuveiro do suporte, eu o mantenho para baixo, lavando os cabelos de seu corpo, passando minhas mãos sobre a extensão suave de seu peito.

Ele me disse que os pelos do corpo começaram a cair nos primeiros dias de quimioterapia. Eu sempre preferi um pouco de pelos no peito dos homens, não um tapete completo ou qualquer coisa do tipo, mas Harley sempre teve cabelos no peito e eu adorava passar minhas mãos sobre ele quando tantos outros caras

depilavam tudo. Harley perder o cabelo não o torna menos atraente para mim. Eu sempre o quis, não importando se ele ganhasse 100 quilos ou perdesse todo o seu cabelo para quimioterapia. Acho que essa é a definição de amor verdadeiro, não é? Amar alguém exatamente como é, falhas e tudo.

Mas Harley nunca teve falhas aos meus olhos, embora tenha um gosto horrível por noivas substitutas e seja teimoso como um touro. Uma vez que coloca algo em sua cabeça, não há como tirá-lo. Mais ou menos como agora, quando me puxa para mais perto e mergulha a cabeça para beijar meu pescoço. Ele segura meus seios e leva o mamilo na boca.

Já posso ver o cansaço nos olhos dele, mas não tento detê-lo ou influenciar suas ações. Em vez disso, coloco o chuveiro de volta no suporte e o desligo. Tomando a mão dele, o conduzo pelo banheiro sem me preocupar em me secar. Ele apalpa minha bunda enquanto atravesso a extensão de seu apartamento. Tenho certeza de que há cabelos presos na parte inferior dos meus pés, mas não me importo. Subo na cama e espero de quatro, minha bunda no ar, pronta e esperando. Harley geme e passa o dedo pela minha abertura. Ele paira sobre mim, sua ereção projetando-se contra a minha região lombar enquanto sussurra em meu ouvido: “Não que eu não ame essa visão, mas quero ver seu rosto.”

Estiro o pescoço para trás e o beijo. Beijos lentos e profundos, como se tivéssemos todo o tempo do mundo. Harley me vira, desliza a mão sob as minhas costas e nos move para cima da cama, seus quadris descansando entre as minhas coxas. Ele passa os lábios pelo meu pescoço, beijando meus seios, puxando um dos mamilos entre os dentes. Deslizo uma mão entre nós e o guio para dentro de mim, agonizando lentamente, centímetro por centímetro, até que seu pau grosso me preenche e ele está enterrado ao máximo. Ele balança dentro, atingindo o meu extremo, e salpico seu rosto e pescoço com beijos enquanto ele mantém esse ritmo lento e suave. Não sei se isso é para mim ou para ele, ou porque está cansado, mas não me importo porque cada vez com ele é

diferente e novo e nada nunca foi tão bom quanto ter Harley dentro de mim, como me entregar para o homem que amo.

Quando nós dois estamos cansados e ele está dormindo profundamente, saio da cama. Não quero deixar o calor de seu abraço, mas não quero que ele tenha que encarar outro lembrete de como seu corpo está mudando quando acordar, então entro suavemente no banheiro e ajeito alguns fios do seu cabelo glorioso. Pego um elástico no armário do banheiro e o amarro, colocando-o de lado para enfiar na bolsa quando terminar aqui. Pode parecer assustador pra caralho, mas esse cabelo é tanto meu quanto dele e, embora também goste de seu novo visual raspado, essa é uma parte da Harley que não estou disposta a deixar passar ainda — talvez nunca.

Capítulo trinta e três

Rose

Entro na enfermaria da oncologia segurando a mão de Harley e vejo os rostos doentes sorrindo para nós. *Ele não pertence a esse lugar. Ele não está doente como eles*, minha mente me diz. *Isso deve ser algum tipo de piada cruel.*

Mas não é uma piada; não há nada engraçado sobre o câncer. Embora pareça que Harley não concorda, porque, ao entrar na sala, ele beija uma nada entusiasmada enfermeira e troca insultos com um enfermeiro alto sobre a última vitória e ataque dos *Ole Miss* contra os *Tigers*. Ele me apresenta a ambos e eles compartilham um olhar levemente surpreso, mas acho que conversaram sobre mim e pensaram que talvez Harley estivesse me inventando.

Existem várias estações instaladas ao redor da sala com poltronas reclináveis, TVs e telas de privacidade, mas ninguém está nelas. Todos os pacientes parecem estar sentados em círculo em grandes poltronas com intravenosas nos braços e gotejamentos e monitores móveis ao lado. Quando a enfermeira diz a Harley para se sentar, para minha surpresa, ele não vai para um dos estandes improvisados, mas para o meio da sala com os outros pacientes. É como se estivéssemos de volta ao ensino médio de novo — ele é o quarterback mais amado por todos e sou apenas, bem... eu. Ele conhece todo mundo. Todo mundo o conhece e, aparentemente, todo mundo também me conhece, a julgar pela maneira como me cumprimentam... e usam meu nome enquanto fazem isso.

O punho de Harley bate no punho de um garoto que provavelmente não tem mais de dezesseis anos. Ele tem um rosto

magro. Está pálido e magro demais, sem um único fio de cabelo na cabeça brilhante e lisa. “Belo cabelo.”

Harley sorri timidamente e passa a mão sobre a cabeça raspada. “Obrigado. Ouvi dizer que o corte careca seria a moda do inverno.”

Os olhos do garoto se fixam em mim, e então seu olhar rola apreciativamente sobre o meu corpo, descansando nos meus seios. *Sério*? “Cara, você não estava brincando.”

“Eu disse que ela era gostosa”, Harley diz com um sorriso. “Agora pague.”

Assisto horrorizada quando o garoto levanta um braço fino e agarra a carteira da mesa ao lado de uma pilha de revistas antigas da *Rolling Stone* com páginas amareladas, com orelhas e capas rasgadas. Ele pesca vinte dólares e entrega para Harley. Meus olhos se arregalam. *Ele não pegou o dinheiro desse garoto doente?*

“Humm, você vai chorar, garoto bonito?” Harley provoca, e bato com força no seu peito. Ele olha para mim. “Ei. Que diabos, Rose?”

Eu apenas olho para trás e dou a ele uma cara de *Está de brincadeira?*. “Eu comprei uma coisa para você”, Harley diz, e puxa uma longa caixa preta do bolso de trás. Deve ter ficado escondido embaixo do suéter dele, porque é a primeira vez que o vejo. Há um logotipo na frente — *TAINT*, escrito em uma fonte branca e em negrito, cercada por respingos. O rosto do garoto fica em branco, sua mandíbula fica frouxa e seus olhos se arregalam como pires.

“De jeito nenhum, porra! De jeito nenhum!”, o garoto grita, e a enfermeira muito doce que Harley beijou no rosto — ironicamente — com uma expressão muito desagradável se afasta do posto de enfermagem.

“Olha a língua”, ela diz com uma voz estrondosa.

O garoto cobre o rosto; ele ainda não pegou a caixa de Harley. “Carissa, foda-se, você sabe o que é isso?”

A mulher em questão caminha em nossa direção e o garoto pega a caixa do Harley, passando a mão com reverência pela parte externa da caixa antes de abri-la. “Parece baquetas para mim, querido. Uma delas eu vou empurrar onde o sol não brilha, a menos que você fale baixo. As pessoas estão tentando evitar a morte aqui.”

“Puta merda, elas estão assinadas.” Ele olha para Harley, que está mostrando o seu sorriso de Pan. “Caralho cara, elas estão assinados pelo próprio Zed Atwood”, ele canta. “O Ceifador pode me pegar agora e eu não daria a mínima, porque segurei as baquetas do fodido Zed Atwood em minhas mãos.”

“Mmmhmm”, ela diz, e vira as costas para ele. Carissa aponta para Harley enquanto ele se senta em um lugar vazio em frente ao garoto. “Isto é culpa sua.”

Ele pisca. “Apenas tentando alegrar o seu dia, Carissa.”

“Oh, querido, a única coisa que iluminaria meu dia seria me livrar de todos vocês”, diz ela, e eu a encaro horrorizada. “Volto em um minuto com seu coquetel antes da medicação.”

Sento com força no assento ao lado de Harley, e ele coloca a mão grande na minha coxa e dá um aperto tranquilizador. Um enfermeiro chega e pega o sangue de Harley e me diz que verificará se todas as suas células brancas estão estáveis, então Carissa retorna com um monitor móvel e um gotejamento. Olho para a bolsa; há uma etiqueta com o nome de Harley e o medicamento prescrito, e por um momento sinto como se todo o ar tivesse sido sugado para fora da sala. Não consigo respirar e não posso sair, então olho para o lado enquanto a enfermeira insere a agulha no braço de Harley e pressiona uma série de botões na máquina.

Com um sorriso tenso, volto minha atenção para o garoto. Ele acaricia a madeira batida das baquetas que Harley lhe deu, e seus olhos ficam lacrimosos.

“Styx, cara”, Harley diz. “Você conhece as regras.”

Ele assente e olha sério nos olhos de Harley quando diz: “Você é bem legal, cara.”

Harley assente, como se isso fosse algo que já soubesse, mas há um sorriso tenso e o pomo de adão dele balança quando limpa a garganta. “Rose, este é o Styx. Ele está me incomodando desde o meu primeiro ciclo de quimioterapia.”

“Somos amigos da quimioterapia”, Styx diz. “É como amigos, só que não gays.”

“Mas muito bagunçado, certo?”

“Só quando Jan está aqui”, Styx diz, inclinando a cabeça em direção à mulher idosa ao lado dele, que eu pensava estar dormindo, mas rapidamente percebo que não está, porque ela mostra o dedo médio e fecha os olhos novamente.

Os meninos riem, e o olhar de Styx pousa em mim novamente. “Espero que você tenha gozado em um copo antes de começar a quimioterapia, cara, porque seus bebês seriam como querubins ou algo assim.” Olho para Styx, incapaz de acreditar que ouvi direito. “Ela é muda? Qual é o problema, querida? O câncer pegou sua língua?”

Olho para Harley. “Esse garoto é de verdade?”

“Styx? Sim, ele é meio idiota.” Ele entrelaça seus dedos nos meus. “Eu deveria ter te avisado.”

“Nah, você está com ciúmes, não está nem aí, pegando cadelas e vivendo a vida agitada.” Ele ri, fazendo um gesto de mão preguiçoso que o envolve, e então esse riso rapidamente explode em um acesso de tosse.

“Você está bem, cara?”

“Sim”, ele diz, e então pega o balde aos seus pés e vomita nele. A reação do corpo dele é tão violenta que quase não sei o que fazer, então eu fico sentada aqui com as mãos sobre a boca em choque quando a enfermeira se aproxima e dá um tapinha nas costas dele. Styx se encolhe para longe de seu toque, e a enfermeira levanta as mãos e verifica o gotejamento. “Ok, deus do rock, você terminou de qualquer maneira. Vamos levá-lo de volta ao seu quarto.”

Styx assente, mas não diz nada. Ele apenas se recosta na cadeira quando a máquina ao lado dele é desligada e a agulha é gentilmente puxada do seu braço.

“Detonem, fodidos! Vejo vocês no próximo round.” Ele balança a caixa de baquetas no ar para nós, e a enfermeira o tira da sala.

Olho para o rosto solene de Harley e caio em lágrimas. Ele segura meu queixo com a mão que não tem o acesso e inclina meu rosto para ele, balançando a cabeça suavemente. “Não, amor. Não há choro nesta sala. Este é o único lugar para chegarmos e estamos com outras pessoas que sabem como é lutar nesta guerra. Não há choro aqui, apenas idiotas, risadas... e às vezes vômito.”

“Eu sinto muito. Não posso fazer isso”, digo e corro pelas mesmas portas que Styx acabou de sair. Eu sei que Harley não pode me seguir porque está ligado a uma IV, e sei que estou sendo egoísta, mas não posso evitar. Não posso vê-lo passar por isso. Não posso assistir a um garoto de dezesseis anos tendo a vida drenada e ficar ali brincando, como se isso não estivesse acontecendo.

Doente do estômago, desmorono contra a parede, e um tempo depois Carissa me encontra. “Você está bem, querida?”

“Não!” Soluço, cobrindo o rosto com as mãos porque me sinto como uma idiota completa. “Como você faz isso todos os dias?”

Ela sorri, mas o sorriso não atinge seus olhos. “Uma menina tem que ganhar seu salário.”

“Não atinge você?”

“Cada um, mas essa sala é o único lugar em que entram e não são esmagados pela pena. Aquela sala é o refúgio deles. É o único lugar em que podem ir para saber que não estão sozinhos e que todos sabem o que está acontecendo dentro de suas cabeças. É por isso que Styx faz sua quimioterapia sem seus pais. E Harley vem aqui sozinho desde que seus ciclos começaram. Porque não há ninguém para confortar. O fato de que ele está compartilhando isso com você agora é enorme, então você tem duas opções garota: ou enxuga os olhos e coloca a bunda lá dentro e dá a ele o inferno por tentar terminar com você, ou espera aqui até que ele termine.“

Aceno e deslizo as mãos sob os olhos para secar as lágrimas, e a sigo de volta para dentro.

Quando entro na sala, todos ficam quietos. Harley parece perdido em pensamentos, e Jan ainda está de olhos fechados. Sento-me ao lado dele e ele agarra minha mão e aperta. Eu aperto de volta, com força.

“Você está bem?”

“Sim, estou apenas...”, olho para Carissa, que se inclina contra o posto de enfermagem novamente, me olhando com uma sobrancelha levantada. “Só espero que você se apresse para que eu possa comprar um Big Mac.”

Carissa ri. Harley também, e então ele pega o balde e vomita. *Ainda bem que sou uma idiota simpática.*

“Com queijo extra”, digo, e não sei se o tremor que percorre seu corpo é ele perdendo o resto de suas entranhas, ou se está rindo em seu balde de vômito forrado com plástico. O uivo de riso de Carissa praticamente derruba o teto sobre nossas cabeças e, quando termina, ela acena para mim e começa a papelada.

♥

Depois que voltamos para o apartamento dele, eu o coloco na cama e deito ao seu lado, mas enquanto Harley dorme profundamente, não consigo nem fechar os olhos sem vê-lo suado e vomitando, sem ver o rosto daquele garoto Styx quando segurava aquelas baquetas nas mãos.

Não posso estar aqui agora. Então, o mais silenciosamente possível, me levanto, me visto e saio. Vou para a casa dos meus pais, a apenas alguns quarteirões de distância, e normalmente não ando por SF à noite sozinha, mas hoje à noite minha cabeça não está realmente no jogo.

Bato na porta dos pais. Eles estão dormindo, é quase meia-noite, afinal, mas arranho, uivo e imploro para que eles me deixem entrar.

A porta da frente se abre e caio nos braços do meu pai e soluço. Minha mãe também está lá, acariciando meu cabelo, me perguntando o que há de errado, mas não tenho palavras para eles além de: “O que está certo?”

Então, não digo nada além de bobagens absurdas. Meus pais me abraçam como se eu tivesse cinco anos de novo. Como se esse câncer estivesse dentro de mim e não no homem que amo. Desde que Harley finalmente falou sinceramente comigo sobre sua doença, Rochelle e Dean disseram aos meus pais. Eu realmente não conversei com nenhum deles sobre como me sinto. Não conversei com ninguém, porque não é sobre mim. Agora, deitada no sofá e meu pai afastando os cabelos do meu rosto enquanto mamãe me faz chocolate quente na cozinha, me permito deixar escapar um pouco do que tenho sentido nos últimos dias. E leva um bom tempo até que tenha forças para soltar tudo dentro que estava lá dentro e pedir aos meus pais que me levem para casa.

Papai é quem que me leva de volta para Harley. “Eu sei que essa não é a vida que vocês queriam. Não é o que você deveria ter,

e não é certo que isso tenha acontecido com qualquer um de vocês. Não é justo", meu pai diz, me assustando quando agarro a maçaneta para abrir a porta do carro. Ele é um homem de poucas palavras; proferiu talvez quatro durante todo o tempo em que fiquei deitada no sofá deles chorando. Giro no meu lugar para vê-lo melhor. "Se pudesse tirar isso de vocês dois, eu tiraria."

Eu dou um sorriso triste para ele.

"Você vai precisar ser forte para ele, abóbora."

"Eu sei."

"Não acho que sabe. Você precisa dar a esse garoto uma razão para não desistir quando estiver cansado e quiser apenas ficar no chão."

"O quê?" Pergunto, sem saber por que ele está me dizendo isso. Nunca me passou pela cabeça não estar lá para ele —só queria saber antes. Eu gostaria de não ter perdido tempo ficando com raiva dele quando tudo que queria era amá-lo, fazê-lo me deixar entrar.

"Eu não lhe dei um motivo para ficar", ele sussurra, e levo um tempo para perceber que ele está falando sobre sua irmã, que morreu de esclerose múltipla aos 23 anos.

"Pai, você não poderia tê-la salvado."

"Eu não tentei. Apenas aceitei, sabia? Os médicos dizem uma coisa e é quase como se o que eles dissessem fosse finito. Ela viverá até vinte e não mais, eles nos disseram. Ela viveu mais três anos, mas não tinha nada mais nela. Eu sei que ela lutou, assim como ele. Garanta que ele lute por cada maldito segundo."

"Eu vou", sussurro e aperto sua mão. Ele me puxa para um abraço, e então saio na chuva e subo as escadas para o prédio de Harley.

Meu pai espera enquanto mexo com as chaves na fechadura e empurro para dentro. Com os ossos cansados, subo as escadas devagar, abro o apartamento de Harley e me movo o mais silenciosamente possível. O cheiro acre de vômito atinge meu nariz e engulo a bile. Amanhã, vou me certificar de trazer muitas flores da loja, mas por enquanto tiro a roupa e vou para a cama ao lado dele. Com cuidado para não o acordar, rolo para o meu lado, dando-lhe as costas.

Sua mão se estende e me puxa para mais perto. “Onde você foi?”

Suspiro. “Para a casa dos meus pais.”

“Isso ajudou?”

“Sim, ajudou.”

“Bom”, ele murmura sonolento, e seu corpo fica relaxado contra o meu enquanto seu ronco suave enche o quarto.

O sono ainda não vem para mim, e agradeço a Deus por Izzy e Ginger estarem cuidando da loja porque não consigo imaginar ter que ir trabalhar e cumprimentar clientes assim. Sorrio silenciosamente para mim mesma, como se o trabalho importasse. Como se alguma coisa importasse quando minha razão de viver está morrendo de câncer.

Capítulo trinta e quatro

Rose

O Dia de Ação de Graças vem e vai, e passamos as férias em Carmel, como todos os anos, embora desta vez seja carregado de medo e indecisão. Todo mundo tenta agir normalmente, para afastar nossas preocupações do que o futuro reserva, mas está lá nos olhares roubados no rosto de Harley, em nossos pais que concedem sua discussão anual sobre de quem é a vez de cortar o peru, permitindo que Harley o faça, e pela maneira como Rochelle desmorona quando pensa que não estamos olhando.

Como a loja está coberta e poucas pessoas em SF se casam no Dia de Ação de Graças, ficamos mais uma semana no chalé depois que nossos pais vão para casa. Harley se sente bem. Passamos um tempo na praia. Falamos sobre mudar para Carmel permanentemente, sobre como conseguir um cachorro e sermos daquelas pessoas que deixaram a cidade e a corrida de ratos para trás. É uma benção. Sem hospital, sem exames de sangue, sem exames de PET[1] e sem quimioterapia. Sem câncer. Pelo menos, é o que fingimos.

Mas todas as férias terminam e, ao atravessarmos a enfermaria da oncologia para o próximo tratamento de Harley, tenho um pressentimento ruim. Nas últimas três semanas, as palavras do meu pai ricochetearam na minha cabeça, e reforço a falsa coragem e a prendo no peito como se fosse uma armadura. Eu até penso em várias novas coisas para alimentar Styx, mas quando entramos na sala o tom é completamente errado, e até Carissa — que parecia tão imóvel quanto uma montanha há três semanas em

[1]A sigla PET vem do inglês e traduzida significa **"Tomografia por Emissão de Pósitrons"**. Esse é um exame que revela alterações no metabolismo celular.

seu comportamento — parece uma bagunça. Ninguém diz nada, e tenho uma terrível sensação de que sei o que está por vir.

"Onde está Styx?" Harley olha ao redor da sala. O tremor em sua voz me diz que ele já sabe, assim como eu.

"Sente-se, Harley", Carissa diz. "Vou pegar seus remédios."

"Onde está Styx?"

"Ele se foi."

"Foi como saiu do hospital em uma viagem de um dia ou morreu tipo morto?" Sua voz está em tom febril agora.

Carissa apenas olha para ele. Ela não precisa dizer mais nada.

"Não!" Harley afunda na cadeira, enterrando a cabeça nas mãos. "Não!"

"Ei", digo, estendendo a mão para ele. Ele bate na minha mão. Dói. Ele a agarra e a pressiona nos lábios, salpicando meus dedos com beijos.

"Sinto muito, sinto muito." Sua voz falha, e então todo o seu peito treme. "Porra! Ele era apenas uma criança."

"Eu sei", sussurro para ele. Eu gostaria de saber o que dizer. *Deus, é tão fodidamente injusto.*

"Foda-se o câncer!" Ele diz. Isso é ecoado por Jan, que está sentada no mesmo local em que esteve da última vez que estivemos aqui.

"Foda-se o câncer", Carissa concorda solenemente, entregando a Harley o par de baquetas que ele deu ao garoto três semanas atrás. "A mãe dele pensou que você deveria tê-las de volta."

"Não, elas são dele. O que diabos eu farei com elas?"

“Aprenda a tocar bateria e o irrite na vida após a morte”, Carissa diz com um encolher de ombros, mas até sua voz está embargada de emoção.

“É um pouco tarde para aprender alguma coisa”, ele murmura e solta minha mão.

O setor de quimioterapia fica quieto pelas próximas seis horas. Parece que todo mundo sente a perda desse garoto, inclusive eu, que o vi apenas uma vez. Quando vamos embora, Carissa nos puxa para o lado e nos diz que o funeral de Styx é na segunda-feira, e ela espera que estejamos lá. Eu prometo a ela que iremos.

Em silêncio, andamos pelo hospital. O cheiro acre de alvejante e doença dificulta a respiração, e quando deixo Harley na entrada para pegar o carro em um canto do estacionamento onde ele não pode ver ou ouvir, eu me perco. Dobro-me duas vezes contra a caminhonete dele e puxo grandes porções de ar em pulmões, e elas não são suficientes. Engasgo, sem oxigênio, sufocando minha tristeza pelo que ele passou e pelo que está por vir.

Ele prometeu. Ficará tudo bem, porque Harley me prometeu que não desistiria. Ele lutará. Ele vencerá.

O mais terrível é que Styx provavelmente prometeu a alguém também. Às vezes, não importa o quanto tentemos, não podemos deixar de quebrar nossas promessas.

Capítulo trinta e cinco

Rose

Uma semana depois do Natal, Harley se senta à janela do apartamento, olhando a fria noite de inverno. É estranho vê-lo tão abatido pela doença. Ele está pálido, as bochechas afundadas, tão diferente do atleta forte e saudável que conheci a vida toda.

Ele está de mau humor e retraído desde o funeral de Styx, e eu não consegui parar a sensação de que ele cansou de falar, de sentir e de adoecer, e talvez até cansou de mim, e isso me consome tanto quanto o câncer a absorvê-lo.

“Posso pegar alguma coisa para você?” Seco os pratos e os guardo, esperando por uma resposta, mas não consigo. Ele apenas continua olhando pela janela. “Harley?”

“O quê?” Ele volta sua atenção para mim, com os olhos vazios.

“Você está bem?”

“Estou bem”, diz ele, impaciente.

Suspiro e dou-lhe as costas, encostando as mãos no balcão. Luto contra as lágrimas porque nenhum de nós tem forças para isso esta noite.

“Ok”, digo com uma respiração trêmula. Eu tenho medo que se disser mais do que isso, vou quebrar.

“Estou apenas cansado, Rose”, ele diz suavemente, mas as palavras são vazias. “Destruir todas as células do corpo faz isso com você.”

“Eu sei.” A raiva cresce dentro de mim até que não pode ser contida, e volto a guardar a louça, porque na verdade é terapêutico bater as coisas. Fazer barulho e dizer, *estou aqui e não serei ignorada porque é mais fácil para você*. Não estou doente, então talvez não tenha o direito de julgar, mas ele não está tentando. Não está se abrindo para mim; ele está apenas desligando. “Estou aqui, lembra? Não saio do seu lado nenhum único dia, nem por um segundo, e não pretendo fazê-lo, mas gostaria que você falasse comigo.”

“E dizer o quê?” Ele estala, fazendo-me largar a tigela na minha mão. Ela se estilhaça no chão, e os pedaços quebrados picam meus pés quando ricocheteiam nos azulejos e pousam ao meu redor. “Que todos os dias eu me sinto cada vez pior? Você quer saber o que está na minha cabeça agora? Estou preocupado em não chegar ao Natal. Foda-se, estou preocupado *em* chegar ao Natal.”

Cubro a boca com a mão para impedir que o soluço escape, mas ele sai de qualquer maneira. “Como você pode dizer isso?”

“Porque, Rose, estou cansado.” Ele fecha os olhos, e uma lágrima escapa deles. “Estou tão fodidamente cansado.”

“Então você está desistindo? Que tal lutar? Que tal vencer essa coisa como prometeu?”

“Você não pode lutar contra um monstro que está determinado a matá-lo.”

“Do que você está falando?” Pergunto, incrédula. “Você tem lutado. Tem seguido o tratamento. Você fez a quimioterapia...”

“E se espalhou de qualquer maneira.”

“O que?”

“O Dr. Hanson ligou hoje. Ontem fui vê-lo enquanto você estava no trabalho. Eu fiz outro exame de PET, iluminado como o

maldito Rockefeller Center em dezembro.” Ele passa a mão trêmula sobre a cabeça careca. “Está espalhado, Rose. Está em toda parte.”

Não aguento mais. Com um grito que rasga do meu peito e não soa nem remotamente humano, sento pesadamente no chão, entre os cacos da louça e meu coração partido. Nem sinto isso cortando minha carne até Harley me puxar dos destroços e pegar o pano de prato para estancar o sangue. “Shh, amor. Sinto muito. Eu não quis te contar assim. Eu... foda-se!”

“Você não pode me deixar, Harley. Você prometeu.”

“Eu sei.” Ele pressiona seus lábios nos meus cabelos e me inclino para ele, chorando tanto que nenhum som sai.

“Prometa-me. Prometa que vai lutar.” Sei que não é justo da minha parte exigir isso. Sei que ele não quer morrer mais do que eu quero, mas não posso ser a única lutando por nós. Pego a camisa dele e o puxo para mim, soluçando em seu peito como uma criança com um joelho machucado. “Prometa.”

Ele me abraça, mas não promete nada, porque nós dois sabemos que ele não pode cumprir.

Capítulo trinta e seis

Rose

“Nove-um-um, qual é a sua emergência?”

“Rua 24, 3920. Meu namorado não está respirando”, grito ao telefone em pânico.

“3920? Ok, qual é o seu nome, senhora?”

“Rose.”

“Rose”, ela repete, tão calma. *Por que ela está tão fodidamente calma?* “Você diz que seu namorado não está respirando — onde ele está agora?”

“Ele está na cama.”

“Ele está na cama. Você pode movê-lo para o chão?”

“Eu não... sim, apenas, oh meu deus, Harley. Por favor acorde. Por favor.” Respiro fundo e ponho o telefone no chão enquanto o arrasto da cama. Ele bate no chão com um baque. Estremeço.

“Senhora, senhora, você está aí?” A voz da mulher diz do receptor, e pego o telefone e coloco no viva-voz.

“Estou aqui.”

“Já estamos a caminho, ok? Farei o máximo que puder para ajudá-la por telefone. Você sabe como fazer RCP?”

“Sim, meu pai é médico. Por favor, se apressem.”

“Estamos no virar da esquina. Você está indo muito bem, Rose. Quero que comece as compressões, dois dedos acima do

esterno, e quero que coloque a palma da outra mão logo acima dos dedos, ok?"

"Eu sei. Apenas, por favor, se apressem", imploro. Entrelaço os dedos do jeito que meu pai me mostrou e começo as compressões, contando até trinta na minha cabeça. Respiro em sua boca frouxa. "Vamos lá, vamos lá." Repito esse ciclo repetidamente. *Trinta, dois, trinta, dois.*

"É isso aí, Rose, você está indo muito bem. Você provavelmente já pode ouvir as sirenes agora."

"Sim, posso ouvi-las."

"Continue fazendo RCP até que cheguem aí, ok?"

"Não desligue", eu digo, entrando em pânico porque se essas sirenes não são realmente para nós ficarei sozinha aqui.

"Não vou desligar; vou ficar no telefone com você." A batida na porta me assusta e grito. Não quero deixá-lo. "Você pode chegar à porta e destrancá-la para os paramédicos da ambulância, Rose?"

"Eu não quero deixá-lo."

"Eu sei, mas ele está em ótimas mãos, ok? Você só precisa deixá-los entrar."

Com lágrimas correndo em minhas bochechas, cambaleio e corro para a porta, abrindo-a rapidamente. Os paramédicos me fazem perguntas enquanto começam a RCP. Meu cérebro parece estar colado e não consigo responder às perguntas deles. Agora que não sou eu quem está tentando salvar sua vida, não posso fazer nada além de encarar seu corpo imóvel e implorar para que ele não me deixe.

Eu pairo ao lado dos paramédicos e meu melhor amigo com as mãos segurando meu cabelo, esperando até que a equipe do hospital me comunique algo, qualquer coisa, que faça sentido.

“Precisamos intubar”, a paramédica diz ao parceiro. Me sinto mal do estômago. Minha cabeça está nadando. Estou esquecida. Não sei o que está acontecendo até que eles enfiam um tubo na garganta dele e bombeiam ar nos pulmões com uma bolsa.

“Ele está respirando?”

“Precisamos levá-lo ao hospital, senhora.”

“Ele está respirando?” Agarro seu ombro e a forço para olhar para mim.

“Por favor, remova sua mão”, ela diz. Ela é como um robô, sem nenhum sentimento. E não há nada que eu possa fazer, além de assistir enquanto eles o levantam em uma maca e o tiram de mim.

Sinto como se estivesse vendo isso acontecer com outra pessoa e não comigo, nem com ele, nem conosco. Eu os sigo escada abaixo, sem me preocupar em fechar a porta do apartamento de Harley, e fico ali completamente alheia a todos e tudo, menos à ambulância que leva Harley com luzes e sirenes piscando.

Mamãe abrirá a loja para mim hoje, então não é surpresa que ela esteja do outro lado da rua se perguntando o que diabos está acontecendo e vendo a ambulância ir embora. Ela quase é atropelada ao competir com um carro enquanto atravessa a rua em minha direção. “O que aconteceu?”

“Ele parou de respirar.” Com essas palavras, paro de respirar também, ou pelo menos parece que sim.

Ela segura meu rosto em suas mãos, forçando-me a olhá-la. “Rose, olhe para mim. Ele vai ficar bem.” Mamãe remove o casaco e joga em volta dos meus ombros. “Vamos lá, vamos te vestir.”

“Não.” Afasto-me dela. “Eu preciso estar com ele, eu preciso...”

“Querida, é dezembro. Você está parada no meio da rua tremendo e de camisola. Venha se vestir, calce os sapatos e eu vou levá-la ao hospital.”

“Estou com medo, mãe. E se ele me deixar?”

“Shh, não podemos nos dar ao luxo de pensar assim. Agora vamos, menina querida, se recomponha. Venha se vestir.”

Concordo com a cabeça e deixo que ela me leve de volta pelas escadas, mas me sinto em pânico no segundo em que coloco os pés no limiar. Eles estarão perto do hospital agora. Eu deveria estar lá ao lado dele.

Coloco as roupas que ela pega para mim e me sento pesadamente na cama. Não tenho certeza se confio nas minhas pernas para me segurar. Meu corpo inteiro treme. Preciso me mover. Preciso ir — precisamos ir. Mas não consigo me mexer. Não consigo pensar. Olho os lençóis amarrotados e tomo uma nota para trocá-los, porque até eles cheiram a doença e derrota.

“Não posso perdê-lo”, sussurro.

“Eu sei”, ela diz, me apertando com força. O telefone dela toca e, do outro lado da linha, consigo distinguir a voz de pânico de Rochelle enquanto mamãe responde suas perguntas da melhor maneira possível.

Com as mãos trêmulas, tento amarrar meu cabelo para trás do meu rosto, mas continuo derrubando o elástico até que mamãe aparece atrás de mim e assume. Ela não está mais ao telefone, e amarra meu cabelo, se inclina e me beija na testa. “É hora de ir, querida.”

Aceno e a sigo escada abaixo, lembrando de fechar a porta atrás de mim neste momento. Em mais quinze minutos, chegamos ao hospital St. Luke. Pego a maçaneta da porta; Estou tremendo tanto que são necessárias três tentativas antes que possa sair. Não espero mamãe estacionar o carro; Não posso. Preciso saber o que está acontecendo com ele. Eu preciso estar com ele.

A mãe e o pai de Harley já estão aqui e sinto uma estranha sensação de culpa quando Rochelle corre até mim, me pedindo informações. *Eu não consegui ajudá-lo*. Não tenho respostas, só tenho mais perguntas e lembranças embaçadas do que aconteceu. Dean continua exigindo respostas da enfermeira na triagem, mas nos mandam sentar. A espera é angustiante.

Meu pai vem direto de seu turno em um hospital diferente e espera conosco. Ele ainda está vestindo seu jaleco branco e recebe vários olhares estranhos da equipe.

Horas depois, o médico de Harley vem e nos diz que ele teve um derrame pleural maligno, que meu pai explica é um acúmulo de líquido entre os pulmões e a parede torácica. Ele diz que eles fizeram uma toracotomia por tubo e, graças a deus, o papai está aqui para explicar todos esses termos porque, se não estivesse, provavelmente eu chutaria a bunda desse médico... nem todo mundo foi para a faculdade de medicina. Papai diz que ele teve um tubo inserido no peito para drenar o excesso de líquido. Ele está estável e respira por conta própria, mas apenas Rochelle e Dean podem vê-lo.

"E Rose?" Dean pergunta. "A namorada dele?"

"Sinto muito. No momento, é apenas a família imediata", o médico responde.

Suspiro como se todo o ar tivesse deixado meus pulmões, porque somos uma família. Sempre fomos uma família, e não deveria ser assim. Não deveria ser Rose e os pais; deveria ser Harley e Rose. Somos uma família, ele e eu.

"Apenas vão", digo a eles, porque mesmo que esteja me matando não o ver, prefiro que pelo menos alguém esteja lá com ele em vez de discutir aqui.

Mamãe e papai me oferecem café e chá, lanches e água, mas não quero nada disso. Já se passaram duas horas desde que Rochelle e Dean entraram para vê-lo, e quando eles voltam pelas

portas da UTI, finalmente sinto como se pudesse respirar novamente.

Rochelle me abraça e diz: “Ele está pedindo por você.”

“Está?”

Ela assente. “A primeira coisa que ele disse: ‘Onde está Rose?’”

Rochelle me leva pelas portas da UTI, apesar dos olhares gelados que a recepcionista do posto de enfermagem nos lança.

Harley está em uma sala fechada com janelas por todos os lados. Olho para ele através do vidro e caio em lágrimas. Seus olhos estão fechados, seu rosto está pálido e seu queixo está relaxado com o sono. Ele tem um tubo de oxigênio preso ao redor das orelhas que fica embaixo do nariz, mas pelo menos não está entubado como antes. Há, no entanto, um tubo grosso que se projeta do seu peito, e o fluido é drenado lentamente para dentro de uma bolsa coletora. É muito fluído.

“Talvez eu deva esperar.”

“Não, querida, entre”, Rochelle diz, passando a mão pelo meu cabelo.

Abro a porta e entro na sala. As luzes brilhantes intensificam a pele pálida de Harley, e o brilho de seu rosto me assusta. Quando acordei esta manhã, ele não tinha essa aparência. Tinha olhos brilhantes e estava literalmente em posição de atenção quando demos um beijo de bom dia. Harley queria fazer amor; eu não tinha certeza de que era uma boa ideia, mas não demorou muito para ele me convencer do contrário. Então, quando ele se queixou de um pouco de aperto no peito, saí da cama e fui ao banheiro para me refrescar, e quando voltei, ele não estava respirando.

Entro na sala o mais silenciosamente possível, tentando não o acordar quando Rochelle se arrasta atrás de mim. Seus olhos

abrem apenas uma fresta e seus lábios se levantam em um meio sorriso.

"Oi", eu digo, sabendo que provavelmente dói falar depois do tubo de intubação. "Você realmente me assustou muito essa manhã." Pego a mão dele na minha. Ele dá um aperto fraco.

"Vou deixar vocês um pouco em paz", Rochelle diz e sorri para nós dois. Pela primeira vez, dou uma boa olhada no rosto dela. Está assombrada. Sombras escuras se formam sob seus olhos, que estão vermelhos e inchados. Sei que o filho dela acabou de ser internado na UTI, mas há algo que ela não me contou.

"Rochelle..."

"O que foi, querida?"

Sem saber o que dizer, apenas estreito os olhos. "Você está bem, certo?"

"Estou bem, não se preocupe comigo." Ela sai antes que eu possa fazer mais perguntas. Meu estômago afunda. Não quero pensar em todas as coisas que ela não está dizendo. Acho que não consigo aguentar outro golpe hoje. Eu só quero esse tempo com Harley, então seguro a mão dele e conto histórias de quando éramos mais jovens, histórias que ele sabe de cor porque estava lá em cada segundo glorioso, e o que realmente quebra meu coração é saber que todos os gloriosos segundos do fim serão encurtados em cerca de cinquenta anos. Ele está me deixando. Eu sei disso agora. E estou triste demais para esconder como me sinto. Estou crua e destruída, derrotada por sua doença, e sou fraca demais para esconder dele, então deixo minha cabeça cair na palma da mão e choro livremente.

"Te amo... Wendy", ele sussurra.

"Eu também, Harley." Não tenho coragem de chamá-lo pelo apelido, porque estou muito velha para contos de fadas.

♥

“Eu pensei que você disse que me levaria para casa”, murmuro, enquanto papai entra em seu caminho. Não estou brava. De qualquer forma, é bom estar aqui no conforto de meus pais e da casa em que cresci. Não acho que poderia ficar sozinha esta noite de qualquer maneira. Haverá muito tempo para isso no meu futuro.

Mamãe me leva para dentro da casa e para a cozinha, onde me senta e me faz chá e sanduíches de queijo grelhado como fazia quando eu era criança. Como um pouco, bebo um pouco e engulo grandes quantidades de água para substituir os líquidos que perdi hoje. Houve uma grande quantidade de choro.

Enquanto ela me leva para o meu quarto, sou atingida por um milhão de memórias diferentes de Harley subindo na minha janela, me colocando na minha cama, jogando bolas na parede quando eu estava tentando estudar, e as memórias mais recentes de nós fazendo amor antes de ele partir para a Louisiana.

Subo na cama em que dormia quando criança, com a mesma capa de edredom. Mamãe a lava semanalmente, mesmo que eu não tenha dormido em casa desde que me mudei. Ela me beija na testa e me abraça, apagando a luz, mas não consigo adormecer porque fecho os olhos e algo não está certo. Olho para a janela e, apesar de saber que está fechada há anos, que é o fim do inverno e que Harley não chegará tão cedo, porque está deitado em uma cama de hospital com uma doença que o está matando, caminho suavemente e a abro. Uma rajada de ar gelado me bate no rosto, e respiro profundamente enquanto olho para sua própria janela fechada. Sei que não significa nada, porque nenhum de nós ocupa esses quartos há anos, mas ver a janela totalmente fechada é como um tapa na cara.

Eu me afasto e volto para a cama, ouvindo o som dos meus pais se movendo em silêncio sobre sua casa, nossa casa, e finalmente adormeço nas primeiras horas da manhã ao som da minha cidade acordando.

Capítulo trinta e sete

Rose

De manhã, desço para tomar café da manhã e minha mãe tropeça para chegar até mim e me apertar com força. “Minha querida garota, Rochelle ligou. Harley está muito melhor; ainda há muito líquido nos pulmões, mas ele está sentado e está comendo um pouco. Isso não é maravilhoso?”

“Oh meu Deus, por que você não me acordou? Temos que ir.”

“Não, eles não deixarão visitantes entrar por mais duas horas. Sente-se, tome um café e coma algo. Fiz suas panquecas favoritas com carinhas de chocolate.”

Atiro a ela um olhar irritado. “Mãe, eu não como panquecas de chocolate desde os doze anos.”

“Bem, você comerá hoje.”

“Eu realmente só quero chegar ao hospital.”

“E fazer o que? Andar como um gato em um telhado quente por mais duas horas?”

“Mãe, meu namorado quase morreu ontem. Eu não preciso de café. Não preciso de panquecas com sorriso ou sermões, só preciso vê-lo.”

“Querida, não há nada para você fazer lá. Além disso, eu vou dirigir para você e quero panquecas e café.”

“Vou chamar um Uber.”

Ela suspira. “Você não vai desistir disso, vai?”

“Não, eu realmente não vou.”

“Tudo bem, deixa eu me vestir e irei levá-la, mas vou embrulhar algumas para comer enquanto esperamos”, ela diz, e anda pela cozinha na velocidade de um caracol, reunindo comida suficiente para nos alimentar durante uma expedição pelo Congo por um ano inteiro. Uma vez que ela enche a garrafa térmica e joga um pote de café instantâneo tamanho viagem na bolsa junto com vários pacotes de açúcar, ela caminha até a porta da frente, pegando as chaves no caminho.

Não posso arrastá-la para fora da porta e entrar no carro rápido o suficiente, então é claro que ela leva um tempo olhando o batom no espelho retrovisor antes que eu perca toda a paciência com ela. “Mãe!”

“Estou indo, estou indo.” Ela diz, me dando um olhar severo enquanto coloca o carro em marcha à ré.

Quando chegamos ao hospital, a enfermeira nos diz que não podemos vê-lo por que o horário de visitas começa em 45 minutos. Minha mãe revira os olhos e me lança um olhar de ‘eu te disse’. É o período mais longo da minha vida.

Quando finalmente nos dizem que podemos passar, Rochelle já está no quarto. Eu beijo a bochecha de Harley e passo meus braços em volta dele, atenta aos vários tubos e fios presos ao seu corpo. “Como você está se sentindo?”

Ele aperta minha mão. “Como se eu... tivesse lutado três rodadas com... o Mike Tyson. E você?”

Odeio que ele ainda esteja sem fôlego, e me preocupo que o tubo que eles inseriram na parede torácica não esteja funcionando, mas a bolsa presa ao tubo está quase cheia, então eles devem ter feito algo certo.

Não quero que ele veja minha preocupação, então minto entre os dentes. “Eu estou perfeita agora.”

“Você... sempre está... perfeita.”

Sorrio. “E você sempre me deixa maluca. Fico feliz em tê-lo de volta, Pan.”

“O garoto... que... nunca morre.”

“Vamos continuar assim, ok?” Eu digo, passando as mãos sobre sua cabeça careca. Ele assente e fecha os olhos, e não sei se ele está apenas cansado ou gostando do meu toque. “Então, quando ele pode voltar para casa?” Pergunto isso a Rochelle, para que Harley não tenha que ter dificuldade em respirar para falar.

“Vai demorar pelo menos uma semana ou duas, imagino”, Rochelle diz, mas assim como ontem sei que há algo que ela não está me dizendo.

“O que? O que você não está dizendo?” Olho entre eles e depois para minha mãe.

Rochelle respira fundo. “Nós discutimos isso com Harley e seus médicos e todos decidimos que uma unidade de cuidados paliativos é a melhor escolha para ele a partir de agora.”

Recuo como se ela tivesse me dado um tapa. “Uma clínica de cuidados paliativos? Não! Ele não vai para lá. Só se vai a essas unidades para morrer.”

“Rose, já se espalhou por toda parte”, Rochelle diz em voz baixa.

“Então, faremos outra rodada de quimioterapia.”

“Ele não vai melhorar, querida, eu gostaria que fosse diferente — acredite em mim. Mas Harley está morrendo. Ele sabe disso, nós sabemos disso, mas você...”

“Eu sei que o prognóstico não é bom, mas ainda há coisas que não tentamos. Pesquisas clínicas, terapia de reposição de células-tronco...”

“Rose... não”, Harley diz, apertando minha mão com força.

Lágrimas salgadas derramam sobre meus cílios, e puxo minha mão da dele. “Você prometeu, lembra? Naquele dia no trampolim quando me beijou — você disse que iríamos juntos. Você prometeu.”

“Nós éramos... crianças bobas”, Harley diz, e agora há lágrimas em seus olhos também. “Se eu... pudesse... mudar isso...”

“Você pode. Pode escolher lutar. Me escolha, Harley. Nos escolha.”

“Querida”, mamãe diz, apertando gentilmente meu ombro.

“Eu não entendo por que nenhum de vocês está lutando.” Saio de seu aperto e me viro para as duas. “Vocês sentam lá como se tudo tivesse dito e feito. Nenhuma de vocês se importa com o que acontece com ele?”

“Rose!” Mamãe grita.

“O quê?” Respondo e vejo não apenas Rochelle chorando, mas minha mãe também.

“Deem-nos... um minuto”, Harley diz, sem fôlego. Rochelle assente, e minha mãe, que já estava de pé, segura seu braço e elas saem da sala. Olho para Harley, cujo sorriso suave desfaz toda a raiva dentro de mim. “Venha sentar...” Fecho os olhos e balanço a cabeça. “Por favor.”

Sento-me, puxando a cadeira para mais perto da cama para não atrapalhar os fios presos ao seu braço e dedos, e o tubo de oxigênio enganchado sob o nariz.

Ele coloca a mão de volta na cama, com a palma para cima, e eu a pego. “Não estou... melhorando.” Balanço minha cabeça, mas ele continua falando. “Escute... apenas escute. Eu não vou sair... daqui. É aqui ou uma unidade tratamento paliativo, e não

quero estar... cercado por médicos e fios. Quero... quero o amor da minha vida lá quando eu for."

"Então volte para casa", imploro.

"Não... não vou fazer isso... com você."

"Harley..."

"É isso que quero."

"E o que eu quero?" Procuro seu olhar, buscando até o menor vislumbre de esperança neles. Não há nenhum. "Eu não tenho uma opinião?"

"Não... desta vez." Ele sorri, e mesmo quando lágrimas caem de seus olhos, ele me dá aquele sorriso provocador que já vi um milhão de vezes. "Eu ficaria... se pudesse. Ficaria para sempre... se tivesse uma escolha... só para você não ter que... passar por isso."

"Eu não posso fazer isso sem você. Você é meu melhor amigo. Como passo um único dia sem te ver?"

"Já fez isso... antes. Você... conseguirá novamente."

"Você morto é muito diferente de viver a quatro Estados de distância", respondo. Harley se encolhe e soluço e aperto sua mão. "Eu sinto muito."

"Está tudo bem... eu entendo, mas você... tem que me deixar ir." Ele estremece enquanto inspira tremulamente. "Eu disse a você que apenas... partiria seu coração, não disse?"

"Repetidamente", concordo entre soluços.

"Porque você não quis ouvir..." Ele ri e eu também, mas não há humor nisso, apenas um som desesperado e patético, porque o universo é cruel. Deus é cruel, e o câncer é uma merda.

Ainda não é a hora. Não pode ser. Há muitas coisas que não fizemos juntos, muita vida que não vivemos — viagens, casamento e bebês. Ainda há muitas coisas a fazer e o tempo continua nos

derrubando a cada passo. Ainda não terminamos. *Ainda não podemos terminar.* "Casa comigo?"

Ele balança a cabeça lentamente. "Não."

"Por quê?"

"Porque você merece mais... do que ser viúva aos trinta anos."

"Deve ser minha escolha, assim como morrer é a sua."

O rosto de Harley se fecha. Ele engole em seco. "Entenda uma coisa. Esta não é uma maldita escolha. Esta não é a minha escolha. Eu só sei quando desistir e você... precisa aprender a fazer o mesmo." Ele aperta minha mão, mas é tão fraco. Ele estremece, e sei que até esse pequeno movimento lhe causa dor. "Eu nunca vou... melhorar, Rose. Meus órgãos estão... se desligando; não há volta... disso. Essa não é... minha escolha. Minha escolha seria... dar a você o grande... casamento chique... que sempre quis."

Sua respiração entra e sai de seus pulmões. Eu sei que o está machucando e quero dizer a ele para parar, mas não posso. É egoísta, eu sei. Mas preciso ouvir essas palavras agora, no caso de nunca ter a chance de ouvi-las novamente.

"Eu esperei muito tempo e agora... não resta mais tempo." Lágrimas caem de seus olhos e deito a cabeça na palma da sua mão, e encaro o rosto do homem que amo. "Eu desperdicei... cada segundo que já tive com você, porque acreditava que... era invencível. Acreditava que tínhamos o para sempre... o câncer tinha outras... ideias."

"Então me dê o que restou. Por favor?" Imploro em uma expiração irregular. "Por favor? Tudo que eu sempre quis desde os cinco anos de idade foi me casar com meu melhor amigo. Você ainda pode me dar isso."

"Rose, não. Você merece algo melhor."

“Não há nada melhor do que isso. Se esse é todo o tempo que me resta com você, é isso que quero. Nós podemos fazer isso aqui. Esta tarde. Tudo o que quero é ser sua esposa, Harley Hamilton.”

“Você sabe... deveria ser eu?”

Minhas sobrancelhas franzem em confusão. “O que?”

“Aquele... quem pediu. Era... para ser eu.”

“Sim, mas você meio que é péssimo em fazer qualquer coisa em tempo”, digo. Ele ri e liga o gotejador de morfina para que eu saiba que é hora de deixá-lo descansar. “Harley, você... você acha que se tivéssemos mais tempo do que tivemos, teríamos feito isso?”

“Sempre foi com você... que eu deveria... me casar.”

Uma risada sufocada me escapa. “Eu pensei que isso me faria sentir melhor, mas não faz. Nós dois perdemos muito tempo. O maior erro que já cometi foi me afastar de você.”

“O maior erro que já cometi... foi assistir você partir.”

“Antes tarde do que nunca, certo?”

“Certo... eu amo você, Rose. Mesmo só com um... testículo e morrendo... de câncer... eu serei o filho da puta... mais sortudo na face da... terra.”

“Não tão sortudo quanto eu.” Serei a mulher mais sortuda do planeta até que o câncer o mate, mas cada segundo que passarei como sua esposa será igual a uma vida de felicidade.

Capítulo trinta e oito

Rose

Estou vestindo um vestido vintage de tafetá marfim, de silhueta A com mangas três quartos com botões e bolsos escondidos. Amo vestidos de bolso. O vestido era da minha mãe e está pendurado no armário dela desde que me lembro. Não é o vestido Vera Wang dos meus sonhos; meus pés não estão enfeitados com as lindas sandálias Jimmy Choo *Viola 110* com as borlas de penas de avestruz brancas; meu cabelo não está preso em um penteado bagunçado do jeito que sempre imaginei; e meu buquê não é de peônias, rosas e astilbes rosas, e sim um monte de margaridas murchas da loja de presentes do hospital. Não é um casamento em abril no Conservatório de Flores de San Francisco, e eu não me importo.

Nossos pais estiveram por toda a cidade coletando meu vestido e sapatos, os anéis e o terno de Harley, que tiveram que ser alterados pelas mães com uma tesoura do posto de enfermagem para acomodar o tubo de toracotomia. Dean até subornou um Juiz da Paz que conhecia com ingressos para o próximo jogo dos Mariners para que ele nos casasse em uma cerimônia apressada na maca.

"Rose, repita comigo", começa nosso novo Juiz da Paz favorito.

A mão de Harley dispara para agarrar a minha, e olho rapidamente para ele, surpresa. "Você não precisa... fazer isso."

Eu sorrio e aceno. "Não preciso, mas quero muito."

O celebrante nos dá um sorriso gentil e diz: "Vamos prosseguir?"

Eu concordo.

“Com este anel, eu te desposo.”

“Com este anel, eu te desposo.” Coloco o anel no dedo de Harley e recito meus votos após o juiz; então, quando é hora de fazer o mesmo, ele se atrapalha. Ele empurra o anel no meu dedo, e tento não chorar com o quão fraco ele está, com o quão frágil estão aquelas mãos grandes e bonitas que costumavam me segurar e me levar à beira do prazer com alguns movimentos firmes e precisos. Mordo o lábio; é tudo o que posso fazer para não cair na frente dele, e não quero isso para hoje. Não quero isso para ele, e mesmo estando em um quarto de hospital, não quero que minhas lembranças desse dia sejam manchadas pelo quão doente ele está.

Então sorrio largamente, e as lágrimas caem de qualquer maneira, mas não dou espaço para sua dor. Haverá tempo para isso nos próximos dias, meses e anos, mas não agora. Hoje não.

“Agora eu vos declaro marido e mulher. Você pode beijar a noiva”, diz o Juiz de Paz, e para isso Harley tem forças, mesmo que sua respiração falhe antes que ele possa aprofundar o beijo e precise se afastar, sentando-se abruptamente na beira da cama.

“Harley”, digo, preocupação torce minha voz.

“Eu estou bem, amor.” Ele aperta minha mão e diz para eu não me preocupar.

“Parabéns, querida.” Mamãe se aproxima e me envolve em um abraço enquanto papai e os pais de Harley o parabenizam, e eu sorrio como uma idiota absoluta, porque, embora tenha medo do que está por vir, acabei de me casar com meu melhor amigo, o amor da minha vida. Não foi o casamento que sempre sonhei, mas é o dia mais feliz da minha vida, exatamente como eu sabia que seria.

♥

A enfermeira leva todo mundo para fora alguns minutos depois de dizermos o sim. Ela quer verificar os sinais vitais dele e está preocupada se sua emoção foi demais, mas acho que ela sabe que nosso tempo é precioso e, tanto quanto amo nossa família, quero aproveitar o máximo de tempo possível com meu novo marido.

Harley está em um quarto privado agora, fora da UTI, mas o líquido em sua cavidade pleural parece estar aumentando, apesar das tentativas dos enfermeiros de drená-lo com o tubo de toracotomia. As enfermeiras levaram outra maca para o quarto dele, para que eu possa deitar ao lado do meu marido na noite de núpcias. Não haverá lua de mel para nós, nem consumação do nosso casamento, mas isso não importa. Tudo o que importa são nossas mãos unidas, toques carinhosos e beijos roubados entre respirações irregulares. Minhas lágrimas finalmente caem em uma torrente, e as dele também, porque é assim que sempre fomos — quando não estamos enlouquecendo um ao outro, somos tão loucos de amor que dói pra caramba.

Agora, ele enxuga as lágrimas que caem espessas e rápidas pelas minhas bochechas. “Chega de lágrimas... por mim, Rose... minha linda... esposa.”

Sorrio ao ouvir isso. “Ok.” Concordo, mas acho que nós dois sabemos que não estou falando sério.

“Morrer seria terrivelmente...”

“Não”, imploro, cobrindo seus lábios com a minha mão.

Ele se inclina para frente, beijando minha testa, e fecho os olhos. “Quando eu me for... quero que você... encontre outra pessoa... para amar.”

Faço uma careta para ele. “O que?”

“Agora não. Dê... pelo menos um mês... antes de você... tirar o meu... anel do seu dedo.” Ele ri, mas é um som quebrado. “Encontre alguém para amar, Rose. Encontre alguém... que lhe dê

o tipo de vida que... eu gostaria de poder lhe dar. Encontre alguém que roube seu coração... e não o quebre como eu."

"Você não..."

"Ainda não, mas eu irei. Quando eu me for, será como se... eu tivesse chegado... e arrancado esse coração lindo... direto do seu peito. Eu sei disso... você sabe disso. Mas quando... eu me for, quero que encontre um homem... que junte essas peças."

"Não quero falar sobre isso." Balanço a cabeça. "Por favor, não posso falar sobre isso."

"Prometa-me."

"Não."

"Rose... eu preciso que você o faça."

"Tudo bem, eu prometo, mas nunca o amarei do jeito que te amo."

Ele sorri então, não presunçoso, mas triste quando diz: "Eu sei. Eu gostaria de poder... agradecer a ele, quem quer que seja esse sortudo. Eu meio que quero... dar um soco nele também, por tocar... minha esposa, mas... quero ver você feliz de novo e amada."

"Eu estou feliz."

"Se você pudesse... ver seu rosto agora... saberia que isso não é verdade, mas você será um dia. Mesmo se for daqui a cinco meses... ou daqui a cinco anos, você será... amada, Rose, e esse sortudo... filho da puta não sabe... o quanto eu o odeio agora, mas diga a ele... faz isso por mim?"

"Harley?"

"Por favor? Diga a ele que eu te amei primeiro... e que é melhor ele cuidar de você. É melhor que aproveite todas as oportunidades... para te amar direito, porque o homem que daria qualquer coisa por você... nunca teve a chance. Diga a ele que se

eu pudesse... eu mudaria... o céu e a terra para ser o único a... abraçar você todos os dias. Eu passaria por mil cânceres... pela chance de ficar, mas não posso. Então... você diz a esse filho da puta sortudo que... eu te amei primeiro, e que é melhor ele te tratar direito... ou eu vou performar... alguma porcaria de fantasma como ele nunca viu."

"Eu vou. Vou dizer a ele." Estou ofegando com tanta força que não consigo respirar, não consigo ver através das lágrimas.

Harley passa o polegar pela minha bochecha e sorri. "Não chore... é o seu... dia de casamento."

"Então pare de me fazer chorar", digo. Ele assente e coloca minha cabeça debaixo do queixo. Ele tenta alcançar o indicador de seu gotejamento de morfina, mas erra, então eu o aproximo para ele. Ele entra e sai do sono por um tempo, e eu o abraço o mais perto possível, sem interromper seu descanso ou o tubo de oxigênio em seu rosto.

"Te amo... Wendy", ele sussurra, quando eu acho que está dormindo. "De agora até... o fim do para sempre."

"Para sempre é um tempo muito longo."

"Sim."

Capítulo trinta e nove

Rose

Meu marido, Harley Hamilton, morreu dormindo às 03h23 da manhã. Nós estivemos casados por exatamente doze horas e elas foram as melhores e as piores horas da minha vida. Uma equipe médica enorme entrou na sala, mas suas tentativas de ressuscitá-lo falharam e o médico declarou sua hora da morte doze minutos depois. Eu subi de volta na cama ao lado dele e fiquei lá por algum tempo, estudando seu rosto. Eu não vi como o câncer devastou seu corpo, mas, em vez disso, vi como ele sempre foi para mim — pele bonita e dourada, maçãs do rosto altas, uma mandíbula e lábios teimosos que eu queria beijar para sempre. Perfeito em todos os sentidos. Ele sempre foi perfeito. Ele era o amor da minha vida, e agora se foi e, apesar do que disse, eu sabia que mentia. Não direi a nenhum homem as coisas que ele pediu, porque nunca amarei ninguém o suficiente para deixá-lo tomar o lugar do meu marido.

Beijo seus lábios, permanecendo lá, sentindo o quão suave são e o quanto já estão frios. Eu beijo sua testa e cada dedo em suas mãos devastadas pelo câncer antes de me levantar e me despedir dele. Deixo o corpo dele no mesmo hospital em que me casei com ele apenas doze horas atrás.

Ando pelas ruas do outro lado da cidade, desorientada, de coração partido e completamente destruída. Eu ando e ando até voltar para o apartamento dele. Entro e afundo no chão onde desmorono.

Passa mais uma hora ou mais até eu rastejar pelo chão de madeira e subir em sua cama desfeita. Ainda cheira muito a ele, embora ele não estivesse aqui por uma semana. Tudo aqui cheira

a ele, então me enrolo nos lençóis e finjo que são seus braços, e choro.

Em um dia, casei e perdi meu melhor amigo, o único homem que já amei, o único homem que provavelmente amarei. Perdi tudo e não espero ser inteira nunca mais.

Harley está morto, e pretendo passar o resto da minha vida aqui nesta cama, na cama dele. Não preciso de mais nada, porque tudo que eu amava se foi, e esse é o mais próximo que chegarei dele novamente. O garoto que roubou meu coração com tanta certeza quanto o verdadeiro Peter Pan roubou o de Wendy; o menino que foi minha salvação e meu salvador, meu tormento e meu herói em todos os sentidos da palavra, se foi.

Pan finalmente cresceu, e o mundo é um lugar mais solitário por causa disso.

Capítulo quarenta

Rose

Três meses depois

O peso de perder meu melhor amigo ainda me esmaga todos os dias. Não deixei o apartamento dele para dormir no meu próprio, porque não há nada dele lá dentro, e há muito dele aqui. Muito, mas não consigo me livrar de uma única coisa. Rochelle e Dean também não conseguem, então, embora provavelmente não seja a opção mais saudável, continuamos vivendo como se Harley estivesse fora da cidade a trabalho.

O episódio de *Meu casamento dos sonhos* foi ao ar no mês passado e minha mãe queria organizar uma festa de 'A estreia da Darling Buds na TV', mas eu não consegui assistir. Eu sabia que não conseguiria vê-lo vivo e saudável, mostrando aquele sorriso perfeito de Pan quando pulei em seus braços — eu mal estava aguentando. Em vez disso, vesti seu suéter favorito, fiquei bêbada e adormeci em seu armário, cercado por roupas que ainda cheiram a ele.

Correspondências endereçadas à Harley chegam a cada poucos dias, e não penso muito nisso. Exceto pelo envelope grosso e pesado que seguro na mão. Está marcado como confidencial e não tem retorno para o remetente. Não sei se devo abrir a correspondência do meu marido depois que ele faleceu ou não, mas costumo fazê-lo às vezes para resolver algumas contas que ele tem com o negócio de paisagismo ou cartas do seu contador. Acho que a polícia pode vir me prender se precisar, mas eu serei amaldiçoada

se eles cortarem minha TV a cabo. *Diga sim para o vestido* está em sua décima quarta e melhor temporada, afinal.

Pegando o abridor de cartas que comprei de Natal para Harley, enfio na lateral do envelope e abro. Olho para o papel timbrado e franzo a testa. Eu não entendo, e meu olhar dispara pela página, engolindo palavras que não assimilo até minha terceira leitura.

Querido Harley,

Estamos escrevendo para informá-lo que o depósito de esperma que congelamos e armazenamos em nossas instalações está prestes a ser reintegrado em nossos sistemas. Informe-nos se deseja continuar a alugar espaço em nossos freezers no prazo de catorze dias a contar da data de emissão desta carta. Caso contrário, a amostra será destruída.

Atenciosamente,

Clínica de Fertilidade da Baía de San Francisco.

Minhas mãos tremem enquanto leio a carta várias vezes e me sento com força na cama. Então leio mais uma vez e apenas olho para a página com lágrimas escorrendo pelo rosto. Ele nunca me falou nada sobre isso, mas acho que fez o depósito antes de começar a quimioterapia. E isso dói. Deus, machuca, porque sempre sonhei um dia em ter bebês com aquele homem, mas não assim. Não os quero assim, então, esquecendo o quão tarde é, pego o telefone e ligo para o número no papel timbrado.

Três toques depois, passa para uma mensagem automática dizendo para eu deixar meu nome e número e que eles retornarão minha ligação durante o horário comercial. Não me importo em deixar uma mensagem. Em vez disso, jogo o telefone na cama e olho para o pedaço de papel agora amassado na minha mão. Então eu o rasgo em um milhão de pedaços e afundo no chão ao lado da cama. A dor oca em meu intestino retorna, a que eu tanto tentei ignorar por tantas semanas agora. Ela está de volta e é tão real

quanto no dia em que ele morreu. Estou tão crua, tão exposta como estive no dia em que ele deixou este mundo, e eu o odeio por isso de novo.

"Por que você me deixou?" Choro para a sala vazia, mas como sempre, como esperado, não recebo resposta. Ele não está aqui comigo do jeito que todo mundo sempre diz que os mortos estarão. Isso de 'eu ficarei com você para sempre; eu sempre estarei com você em espírito' é besteira. Ele não está aqui, ele se foi, e nada o trará de volta. O buraco no meu estômago nunca vai sarar porque estou vazia. Estou incompleta. Inferno, sem Harley, eu nem sou uma pessoa real. Apenas um zumbido. Como uma concha. A casca vazia de uma mulher que perdeu a vontade de fazer qualquer coisa no dia em que seu marido morreu. E ainda pior é que estou bem com isso. Essa é a parte verdadeiramente comovente de tudo — que não foi apenas Harley quem morreu naquele dia. Eu morri ao lado dele.

Capítulo quarenta e um

Rose

Dois dias depois, estou na loja me preparando para fechar quando a campainha acima da porta toca. Suspiro e saio da sala fria para encontrar um mensageiro de bicicleta em pé, esperando impaciente que eu o atenda. “Posso ajudar?”

“Sim, você é Rose Perry?”

“Agora é Hamilton, mas sim, meu nome de solteira é Perry.”

“Entrega.”

Balanço a cabeça. “Eu não pedi nada.”

“Olha, senhora, eu não pergunto quem pede ou não a merda que faço. Tudo o que sei é que preciso subir na Market Street antes das seis da tarde. Então, se você é Rose Perry, assine o maldito formulário.”

“Tudo bem”, eu digo, fazendo um gesto para pegar a sua coisinha e caneta. “Eu sei que você está apenas entregando os pacotes, mas não te mataria se fosse legal.”

Ele levanta uma sobrancelha e estoura seu chiclete como se fosse um adolescente entediado. “Tenha um bom dia.”

Reviro os olhos e o sigo até a porta, fechando-a com força e baixando a trava para garantir que ninguém mais entre. Giro a placa de aberta para fechada e puxo a pequena persiana sobre a porta. Então rasgo o pacote. Não há nota, mas quando chego à pequena sacola retiro uma caixa de DVD transparente. Olho o disco em branco e espero não ter acabado com o infeliz destinatário

do vídeo de *O Chamado* enquanto subo as escadas para o meu apartamento.

Trabalho no andar de baixo todos os dias, mas parece que há uma eternidade desde que estive aqui, como evidenciado pela espessa camada de poeira no gabinete da TV. Coloco o disco no DVD player, localizo o controle remoto e fico em frente à TV, esperando que algo aconteça.

A tela pisca algumas vezes, e então me deparo com o rosto de Harley. Um grito gutural me escapa, e cubro a boca e caio de joelhos, rastejando para mais perto da tela. Ele parece bem, seu rosto cheio e não com a tez cinzenta e magra que tinha no último mês antes de morrer.

"Ei, Rose", ele diz, dando-me um sorriso e um pequeno aceno. "Então, se você está assistindo isso, significa que não estou mais aí para atormentá-la. Desculpe-me por isso. Eu disse que bolas azuis acabariam me matando." Ele ri de sua própria piada terrível. Lágrimas escorrem sobre minhas mãos que estão pressionadas com tanta força no meu rosto que não consigo respirar.

"Então aqui está o acordo. Agora você provavelmente está filmando seu episódio de *Meu casamento dos sonhos*, e eu? Atualmente, estou em um quarto de hospital prestes a remover um testículo. Tenho que dizer, eu meio que queria que você estivesse aqui para segurar minha mão, mas não sabia como lhe dizer e não queria acabar com o seu grande dia, então aqui estamos, você na loja e eu em um vestido de hospital que mostra minha bunda nua para o mundo. Eu posso ou não ter mostrado a bunda para minha enfermeira." Ele balança as sobrancelhas e ri. Aperto a mão no meu peito porque esse simples gesto dói muito.

Harley exala um suspiro longo e prolongado. "De qualquer forma, não sei o que acontece depois disso. Não sei se vou te contar tudo ou se vou guardar isso para mim e aguentar o máximo que puder — tudo o que sei é que eu te amo. Eu te amo desde que

tínhamos cinco anos e você me empurrou na areia. A noite passada foi... foi tudo. Sempre foi tudo quando estou com você." Ele molha os lábios e olha para as mãos no colo. Eu já o vi fazer isso um milhão de vezes, e ainda assisto com fascinação extasiada, como se fosse a primeira.

"Eu cometi muitos erros ao longo do caminho, mas amar você nunca foi um deles. Então, se você está assistindo isso e de fato morri, eu sinto muito, amor." Ele chora e minhas lágrimas transbordam enquanto pressiono a mão contra a tela para acariciar seu rosto. "A boa notícia é que, um pouco mais cedo hoje, eu me masturbei em um copo, eles queriam ter certeza de que eu tinha um plano backup para preencher a terra com os pequeninos Harleys, caso o problema surgisse e eu não conseguisse meus nadadores de volta depois da quimioterapia, então... a Clínica de Fertilidade da Baía de San Francisco mantém meu esperma como refém até você decidir se quer ter alguns enrrugadinhos comigo." Ele coça a barba por fazer.

"Porra, eu não achei que isso seria tão difícil. Sei que isso é loucura — acredite, nem tenho certeza de que você vai falar comigo novamente depois que estou prestes a te deixar de fora, mas você precisa saber que não fiz isso para machucá-la. Eu fiz isso para libertar você de mim. Porque não suporto o pensamento de você ficar sozinha pelo resto da vida se eu não passar por isso. Então aí está, meu esperma está esperando que você o resgate." Ele ri. "Jesus, isso parece doentio, não é? Se fosse para ser do meu jeito, faríamos isso da maneira antiga e você nunca teria visto esse vídeo, mas não sei se vou conseguir o que quero." Ele balança a cabeça e olha para suas mãos que descansam em seu colo. "Talvez seja egoísta, um esforço de última hora para me imortalizar em sua vida para sempre, uma maneira de amarrá-la a mim para sempre, mas de qualquer maneira, está lá, mesmo que eu não esteja."

Ele respira fundo e limpa a garganta. "Bem, tenho que ir. Algum idiota está prestes a arrebentar uma das minhas nozes, e eu gostaria de poder dizer que não estou tremendo de medo, mas

estou.” Suas sobrancelhas se enrugam, seus olhos cheios de lágrimas, que ele limpa com as costas de sua mão. “Apenas saiba que eu te amo, sempre te amei e sempre a amarei. E se você acabar assistindo isso e eu estiver de fato morto, estarei te esperando, Wendy. Segunda estrela à direita. Estarei te esperando.”

A tela fica preta e eu a encaro por muito tempo e, em seguida, pego o controle remoto e passo novamente, só para ver seu rosto e ouvir sua voz. Não é o mesmo que tê-lo aqui, longe disso, mas passo a noite no chão, ao lado da TV, repetindo o disco sem parar, e imagino que ele está aqui comigo, até que finalmente, com suas palavras em meus. ouvidos e meu coração tão arruinado e cru como no dia em que ele morreu, subo na minha cama sozinha.

♥

De manhã, com a cabeça limpa e o coração pesado, tomo uma decisão que mudará minha vida para sempre, mas realmente não há outra escolha a ser tomada. Meus amigos e familiares podem vê-la como não avançando com a minha vida, mas para mim é um gigantesco passo à frente — não é chafurdar no passado, estagnado e imutável, mas é um passo em direção à vida que sempre desejei com Harley, apenas com um elemento crucial ausente: ele.

Epílogo

Rose

Seis anos depois

"Peter, cuidado com a garotinha", grito através de um parque movimentado.

"Jane, tenha cuidado", diz uma voz enquanto as crianças colidem na caixa de areia e caem em uma pilha de lágrimas e membros se debatendo. Peter se levanta e oferece uma mão à menina. Ela pega e ele a puxa para cima, apenas quando ela está de pé, e seu vestido rosa pálido é suavizado por seus dedinhos gordinhos, ela se vira para ele.

"Seu idiota!" Ela grita e empurra meu filho de volta. Ele cai de bunda e eu recupero o fôlego, porque em vez de discutir ou gritar com ela, ele sorri, e por um segundo meu coração para. Ele é tão parecido com o pai que, por um momento, fico impressionada.

Por um instante, fico colada ao local e me vejo correndo em direção a eles, exatamente quando um homem do outro lado da caixa de areia grita: "Jane, não!"

Eu me inclino e ajudo Peter a se levantar. Tiro a areia de seus braços e dou-lhe uma olhada. "Você está bem, querido?"

"Sinto muito", diz o homem atrás de mim, e eu fico imóvel porque reconheço essa voz. "Rose?"

Calor sobe nas minhas bochechas porque estou agachada, minha bunda está no ar e eu realmente espero que não por isso

que ele me reconheceu. Lentamente me endireito e me viro para encará-lo. “Dermot, o que você está fazendo aqui?”

Há um pouco mais de cinza no cabelo dele agora, algumas linhas finas ao redor dos olhos, mas ele ainda está tão bonito quanto sempre, me dando aquele sorriso encantador. “Estávamos apenas matando algumas horas no parque.”

“Eu vejo isso. E quem é essa?” Pergunto, apontando para a garotinha segurando firmemente o jeans dele.

“Essa é Jane. Minha sobrinha.” Ele dá um tapinha no ombro dela e um olhar severo. Lembro-me de estar na extremidade receptora dessa expressão uma ou duas vezes, e ela ainda consegue puxar uma emoção de mim. Ele pergunta: “Que está muito arrependida de ter empurrado seu garoto.”

“Desculpe”, Jane diz, parecendo qualquer coisa, menos arrependida.

“Tudo bem”, Peter diz, e eu corro os dedos por seus cachos loiros macios.

“E quem é esse?” Dermot pergunta.

“Este é Peter, meu filho.”

Seu sorriso diminui um pouco. “Eu não sabia que você estava casada agora.”

Eu aceno de novo. “Por seis anos.”

“Ele é um homem de sorte”, Dermot diz. Meu rosto se enruga, e engulo a picada de lágrimas enquanto elas enchem meus olhos. Seis anos depois e ainda não ficou mais fácil.

“Ele era, e eu era uma mulher ainda mais sortuda”, eu sussurro, mais para mim do que para ele. As sobrancelhas de Dermot franzem e seus olhos procuram os meus. Ele abre a boca, mas balanço a cabeça e silenciosamente imploro para ele não falar

isso. Ele olha para Peter e assente, e eu dou-lhe um sorriso tenso. “Bem, é melhor seguirmos em frente.”

“É claro”, Dermot diz, descansando as mãos nos pequenos ombros da sobrinha. “Foi muito bom ver você, Rose.”

Eu sorrio. “Você também.”

Pego a mão do meu menino e o conduzo pelo parque. Ele caminha pela calçada e canta para si mesmo, e coloco meu suéter nos ombros para afastar o frio de janeiro que rodeia esta cidade.

Peter para de andar e olha para mim. “Mãe?”

“Sim, querido?”

“Aquele homem era meu pai?”

Paro e olho para o meu filho, sendo empurrada por trás enquanto os pedestres passam por nós. “Não querido. Harley é seu pai.”

Ele morde o lábio inferior e olha para os pés com uma expressão perturbada. “Eu sei, mas você olhou para ele do jeito que às vezes olha as fotos de papai.”

Solto uma risada nervosa. “Dermot é um velho amigo.”

“Você vai se casar com ele?”

“Não, Peter.”

Ele pega minha mão e aperta. “Tudo bem se você fizesse isso. Casar, quero dizer. Não quero que você fique sozinha.”

“Não estou sozinha, bobo. Eu tenho você.”

“Sim”, ele concorda. “E aposto que você estava muito sozinha antes de eu aparecer.”

Estremeço, porque ele está certo, eu estava, mas não estou mais. Respiro fundo e engulo minha tristeza.

“Eu estava; meu coração estava partido.” Eu me agacho e seguro seu rosto em minhas mãos. “Mas você, homenzinho, você o consertou.” Ele coloca seus dedinhos gordinhos sobre os meus e sorri. É dolorosamente familiar, e sou tele transportada para trinta anos atrás para um playground diferente nesta cidade, quando um garoto sorriu para mim da mesma maneira e levei apenas um segundo para me apaixonar por ele.

Eu me inclino para frente e beijo o cabelo de Peter, pego a mão dele e começo a caminhar para casa pelas ruas da cidade que amo. Uma cidade cheia de lembranças de um garoto de cabelos castanhos com olhos azul-marinho e a garota ao lado que o amava. “Agora vamos lá ou vamos nos atrasar. Vovó Evelyn fará o jantar e Vovó Rochelle fará a sobremesa de chocolate que você gosta.”

“Mãe”, Peter diz. “Eu meio que gostei do cabelo dela.”

“De quem?” Olho para ele confusa. “Da vovó?”

“Não, da Jane. Ela tem cabelo de princesa. Talvez eu possa entrar sorrateiramente em sua janela como Pan e roubá-la para a Terra do Nunca.”

“Bem”, digo com uma risada calma. “Seria uma aventura muito grande.”

